

VOLUME 7

ANO 2012

LINGUÍSTICA

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

CENTRO DE LINGUÍSTICA
DA UNIVERSIDADE DO
PORTO

FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DO
PORTO

LINGUÍSTICA

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Diretora:

Ana Maria Brito (Universidade do Porto)

Secretariado Editorial:

João Veloso (Universidade do Porto)

Conselho Científico:

Alexandra Guedes Pinto (Universidade do Porto)
Ana Cristina Macário Lopes (Universidade de Coimbra)
Ana Maria Martins (Universidade de Lisboa)
António Leal (Universidade do Porto)
Belinda Maia (Universidade do Porto)
Carmen Matzenauer (Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul)
Clarinda Azevedo Maia (Universidade de Coimbra)
Claudia Brescancini (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre)
Cristina Martins (Universidade de Coimbra)
Fátima Henriques da Silva (Universidade do Porto)
Fátima Oliveira (Universidade do Porto)
Fernanda Irene Fonseca (Universidade do Porto)
Francisco Lacerda (Universidade de Estocolmo)
Georges Kleiber (Universidade de Estrasburgo)
Gerd Wotjak (Universidade de Leipzig)
Gianpaolo Salvi (Universidade Eötvös Loránd, Budapeste)
Graça Rio-Torto (Universidade de Coimbra)
Ignacio Bosque (Universidade Complutense de Madrid)
Ildikó Szijj (Universidade Eötvös Loránd, Budapeste)
Inês Duarte (Universidade de Lisboa)
Isabel Galhano Rodrigues (Universidade do Porto)
Isabel Margarida Duarte (Universidade do Porto)
Jean-Pierre Angoujard (Université de Nantes)
João Costa (Universidade Nova de Lisboa)
Joaquim Brandão de Carvalho (Universidade de Paris 8)
Krista Varantola (Universidade de Tampere)
Lluís Payrató (Universidade de Barcelona)
Luís Filipe Cunha (Universidade do Porto)
Maria Clara Barros (Universidade do Porto)
Maria da Graça Lisboa Castro Pinto (Universidade do Porto)
Maria Helena Mateus (Universidade de Lisboa)
Maria Helena Paiva (Universidade do Porto)
Maria João Freitas (Universidade de Lisboa)
Marina Vigário (Universidade de Lisboa)
Norval Smith (Universidade de Amsterdão)
Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)
Rogério Ponce de León Romeo (Universidade do Porto)
Sónia Frota (Universidade de Lisboa)
Thomas Hüsgen (Universidade do Porto)
Tjerk Hagemeier (Universidade de Lisboa)
Violeta Demonte (Universidade Autónoma de Madrid)

LINGUÍSTICA

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

VOL. 7, 2012

FICHA TÉCNICA

Linguística
Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto
Vol. 7, 2012

ISSN: 1646-6195

Periodicidade: Anual

Diretora:
Ana Maria Brito

Secretariado Editorial:
João Veloso

Editores:
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
e Centro de Linguística da Universidade do Porto

Capa:
José Osswald

Impressão e acabamentos:
Invulgar - Artes Gráficas

Depósito Legal:
248653/06

Tiragem:
200 Exemplares

Os artigos publicados estão sujeitos a “peer review”.

Esta edição é integralmente financiada por:
Centro de Linguística da Universidade do Porto

O Centro de Linguística da Universidade do Porto é uma Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PEst/LIN/UI0022/2011).

A Revista está registada no DOAJ e Latindex e está indexada na base de dados Fonte Académica.

<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id191&sum=sim>

SUMÁRIO

Espaço da direção.....	5
Artigos	
Copular alternation in Spanish and Catalan attributive sentences <i>Juan Maria Brucart</i>	9
As segmentações não convencionais da escrita inicial: um estudo sobre o troqueu silábico e sua relação com o ritmo linguístico do PB e do PE <i>Ana Paula Nobre da Cunha</i>	45
Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu <i>Fátima Oliveira, António Leal</i>	65
Saramaccan, A very mixed language: Systematicity in the distribution of function words? <i>Norval Smith</i>	89
Apuntes para un análisis etnográfico, crítico y multimodal: sobre algunos géneros discursivos de presentación y oferta <i>Lluís Payrató</i>	101
“Vou buscar ali, ali acima!” A multimodalidade da deixis no português europeu <i>Isabel Galhano</i>	129
Everybody knows English? Language use in the world of learning <i>Krista Varantola</i>	165
Code switching in student-student interaction: functions and reasons! <i>Rita Amorim</i>	177
Recensões	
P. Backley: An Introduction to Element Theory <i>João Veloso</i>	199

K. D. Harrison: When Languages Die: The Extinction of the World's Languages and the erosion of Human Knowledge <i>Joaquim Barbosa</i>	205
B. D. Samuels: Phonological Architecture: A Biolinguistic Approach <i>Pedro Martins</i>	209
P. Sleeman & H. Perridon (Eds.): The Noun Phrase in Romance and Germanic. Structure, variation and change <i>Ana Maria Brito</i>	217
M. Vihla: Medical Writing. Modality in Focus <i>Maria da Graça Lisboa Castro Pinto</i>	223
Varia Recordando Rosa Virgínia Mattos e Silva <i>Ana Maria Brito e Clara Barros</i>	233
Instructions to Authors.....	235

Espaço da Direção

O presente número de *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* reúne textos de Linguística (nas áreas da Sintaxe, da Fonologia, da Semântica e da Crioulística) e outros que se situam em áreas interdisciplinares.

José Maria Brucart analisa a seleção de verbo copulativo (em particular *ser / estar*) nas orações atributivas do Espanhol e do Catalão, numa perspetiva sintático-semântica.

Ana Paula Nobre da Cunha quer demonstrar a relevância do troqueu silábico na inserção de espaço dentro dos limites da palavra ou na supressão de espaço entre fronteiras vocabulares no Português Brasileiro e no Português Europeu.

Fátima Oliveira e António Leal analisam o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo em Português Europeu, identificando, em particular, as condições que estão na base da leitura iterativa desse tempo verbal.

Norval Smith estuda o Saramaccan, um dos crioulos falados no Suriname e geralmente considerado de base lexical inglesa e portuguesa, analisando palavras funcionais de origem portuguesa.

Seguem-se quatro textos que, de diferentes modos, se situam no cruzamento de várias áreas científicas mas todas tendo como ponto de partida a linguagem em relação com outra realidade: a imagem, o gesto, a educação e a política linguística, a aprendizagem.

Lluís Payrató analisa alguns textos escritos e imagens do quotidiano na confluência entre a Etnografia da Comunicação e a Análise de Discurso.

Isabel Galhano estuda a multimodalidade da *deixis* na interação face a face, em particular os *gestos de apontar*, cruzando a Análise do Discurso, a Análise Conversacional, a Linguística Interacional, a Etnografia da Comunicação e os Estudos do Gesto.

Krista Varantola analisa o uso do Inglês como língua global de comunicação na educação superior do ponto de vista histórico e pragmático, discutindo os efeitos do uso de uma “língua franca” na vida universitária.

Finalmente, Rita Amorim, a partir de uma experiência de ensino do Inglês, analisa o modo como os falantes que aprendem uma língua estrangeira resolvem os problemas de falta de léxico, usando o *code switching*.

Seguem-se cinco resenhas de obras recentes em várias áreas da Linguística ou em disciplinas afins.

Esperamos que este número da Revista suscite interesse e tenha bom acolhimento por parte da comunidade linguística e seja, uma vez mais, a prova da vitalidade da Linguística e das Ciências da Linguagem na Universidade do Porto e no Centro de Linguística desta Universidade.

Ana Maria Brito
julho de 2012

Artigos

Copular alternation in Spanish and Catalan attributive sentences*

José María Brucart

josepmaria.brucart@uab.cat

Universitat Autònoma de Barcelona, Spain

ABSTRACT. This paper deals with copular selection in Spanish and Catalan attributive clauses. We develop an analysis of the copular alternation that is based on the relation of coincidence. Locative attributives, the class of copular sentences that has received less attention in the literature, are analyzed in detail. It is concluded that locative attributives express an abstract path; that is, a terminal coincidence relation between a figure (the entity that is located) and a ground (the location). The use of *estar* in these sentences is justified by the fact that this copula has an interpretable terminal coincidence feature that can license its uninterpretable counterpart in the attributive clause. Nevertheless, *ser* –the default copula– can also co-occur in locative attributives when the notion of bounded path is already incorporated in the entity that is being located. This is the case in Catalan, which uses a –a preposition that expresses a limit– instead of *en* –a central coincidence preposition. The copula *ser* also appears in the location of eventive entities and in path noun constructions. The terminal coincidence feature of *estar* can also superimpose a delimiting aspectual boundary to the attributive relation when there is no uninterpretable terminal coincidence feature to value in it. In these cases, evidential and sensorial readings are conveyed. Finally, a possible analysis is sketched for the differences in the selection of the copula between Spanish and Catalan with participles and perfective adjectives. It is suggested that the selection of *estar* in these cases may be due to the fact that both classes have a weaker functional structure in Spanish than in Catalan.

KEY WORDS. Attributive sentences, copular verbs, locative attributives, aspect, terminal coincidence, individual-level and stage-level predicates.

* This paper is a reduced and substantially revised version of two previous talks given at the *V Encuentro de Gramática Generativa*, held at the Universidad Nacional del Comahue (General Roca, Argentina) in July 2009, and at the inaugural session for the 2010 edition of the *Màster de Ciència Cognitiva i Llenguatge* (Bellaterra, Universitat Autònoma de Barcelona, Spain) in November 2010. The Spanish version of the first contribution appeared in the proceedings of the conference as Brucart (2010). I am grateful to the audiences of both presentations for their insightful and helpful comments. Special thanks are also due to Antonio Fábregas for his valuable remarks regarding a previous manuscript, and to Gemma Rigau for providing me with relevant data for Catalan. Needless to say, all remaining errors are attributable only to me. This research has been funded by the Ministerio de Economía y Competitividad of the Spanish Government (project FFI2011-29440-C03-01) and the Generalitat de Catalunya (project 2009SGR-1079).

1. Introduction

The existence of an attributive system with two copular verbs (*ser* and *estar*) is one of the most characteristic features of Iberian Romance languages. From a typological perspective, having more than one copula is by no means a strange phenomenon: many languages in the world share this trait, as is widely attested in the literature (see for instance Pustet 2003). However, multi-copular systems can be organized following different functional criteria. In some cases (as in Lakota or Akan), the opposition expresses the contrast between ascriptive and identificational attributives. In others (Irish, Japanese), there is at least one copula specifically linked to locative or temporal attributives. In all the above-mentioned cases, the line dividing the use of the corresponding copulas seems clear-cut: there is a complementary distribution between them and a given attribute can generally be combined with a single copula only. By contrast, the multicopular system of Iberian Romance shows a more complex behavior, as in many cases the copular alternation with the same attribute is possible, giving rise to subtle differences in the meaning of the sentence that are not easy to characterize in an overall theory.¹ As Maienborn (2007: 240-241) rightly points out,

It has been repeatedly claimed —and Pustet (2003: 49ff) subscribes to this view— that the general principle underlying the alternation between the copulas *ser* and *estar* is that *ser* is used for permanent properties while *estar* is reserved for temporary properties. Yet, despite its popularity, hispanists have always emphasised that this generalisation can be nothing more than a mere rule of thumb for selecting *ser* or *estar*. It must be admitted that all attempts to expand this rough correspondence into a full-fledged explanation of the *ser/estar* puzzle have failed up to now.

The aim of this paper is to move a step forward in the understanding of the opposition between *ser* and *estar*. We will focus our attention on copular locatives, a subset of attributives that, despite presenting interesting

¹ Pustet (2003) mentions Barasano, Ndyinka, Limbu, Maltese and Nigerian Pidgin as languages that have a copular system similar to the Iberian Romances, based on the opposition between permanent and temporary properties. But it is highly doubtful that this is the core distinction between the two copulas in Iberian Romance, as has been pointed out by many linguists (cf. Marín 2010).

alternations in the realization of the copula, has been studied much less in the literature than adjectival attributives. The data analyzed will correspond mainly to Spanish, but we will also study some contrasts with Catalan that give additional support to our proposal. The basic idea we will adhere to is that *estar* includes an interpretable feature of terminal coincidence that is processed by the computational system in two possible ways: (a) as a means to license an uninterpretable feature of the same nature in the attributive predication, or (b) by adding an external delimiting aspectual boundary to the attributive relation. In the first case, an agreement relation is established between *estar* and the attributive predication, which predicts the close correlation between this copula and the perfective or temporary lexical content of certain attributes. In the second, it is the very copula itself that introduces an aspectual delimitation in the state denoted by the attributive relation, giving rise to all the readings that cannot be directly accounted by the lexical nature of the attribute.

It must be emphasized that our proposal assigns a unitary analysis to *estar*, but its concrete impact in the interpretation of the copular sentence is conditioned by the nature of the attributive relation. As opposed to *estar*, our analysis conceives *ser* as an aspectually unmarked copula, but, given the existence of *estar* in the system, the presence of the former can coerce a lexically perfective attribute like *casado* ('married') into a secondary, unbounded interpretation.

The paper is organized as follows: in §2 we will focus on the data provided by locative and temporal attributives and will propose our analysis to capture the complex distribution of copulas in these constructions; in §3 we will consider the particular behavior of event and path nominal phrases with respect to copular selection in locative attributives; and, finally, §4 will draw on the main conclusions of the study. In §§ 2.3 and 3.3, two interesting asymmetries between Spanish and Catalan that remained unexplained will be analyzed and reduced to the tenets of our proposal.

For reasons of space, we do not include a critical revision of previous proposals seen in the literature. The reader will find a comprehensive overview of them in Brucart (2010), Fábregas (2012), Leonetti (1994) or Holtheuer (2011).

2. The analysis of locative attributives

In the study of copular alternation, locative attributives have received less attention in the literature than adjectival attributives. However, in order to properly establish the boundary between *ser* and *estar*, it seems important to study locative uses of *estar*, as they were the original basis for its development as a copular verb.² Strictly speaking, it would be unfair to say that the study of locative attributives has been systematically neglected in the literature. Authors like Demonte (1979), Franco (1984), Zagona (2011), Fábregas (2012) or Camacho (2012) have devoted a fair amount of attention to this subclass of copular sentences. But it is true that priority has been given to the study of adjectival attributives. Holtheuer (2011: 34) justifies this focus as follows:

[...] it is the ‘copula + adjective’ construction that is the most interesting to be investigated because while it is relatively easy to predict which verb must be used in locative, nominal and prepositional phrases, explaining the choice of *ser* and *estar* in adjectival predicates is rather complex.

However, locative attributives pose interesting challenges to any explanatory theory of copular alternation. In fact, it has been frequent in the grammatical tradition to state that they do not take part in attributive constructions and to analyze the locative complement not as an attribute, but as an adjunct, which implies admitting the existence of predicative uses of *ser* and *estar*. In this approach, *ser* would be a predicate of existence with a meaning equivalent to that of *suced*er (‘to happen’) or *tener lugar* (‘to take place’), whereas *estar* would adopt the meaning of *hallarse* (‘to be situated’), *ubicarse* (‘to be located’) or *situarse* (‘to be situated’).³

² In her study of the corpus of Portuguese notarial documents from the Monastery of Santa Maria de Alcobaça (dating from between the 13th and 16th centuries), Carvalho (2010: 349) points out that “the verb *estar* prevailed first over the verb *ser* in locative attributive structures and only later in transient attributives” [translation mine: JMB]. The same conclusion arises from Spanish and Catalan data: see Falk (1979) and Vañó-Cerdá (1982). Clements (2006: 163) also considers this to be currently the basic meaning of *estar*: “In modern Spanish, the core meaning of *estar* is ‘to be located’, the essential notion here being locate in space”.

³ Clements (2006: 162-165) neatly separates locative uses of *ser* and *estar* from attributive ones. For this author, the verbs of the first class of sentences are main intransitive predicates. Fernández Leborans (1999) also distinguishes intransitive from attributive uses of copulas, although she mentions in passing the possibility of unifying the two values under the heading of attributives.

Nevertheless, the predicative analysis of locative attributives is difficult to sustain, as it seems obvious that the location or temporary anchorage constitutes a property that can be attributed to certain entities, as is shown by the fact that these kind of complements can function as secondary predicates:

- (1) a. El jefe quiere a Luis *en su despacho* a las seis
the boss wants Luis in his office at six
'The boss wants Luis to be in his office at six o'clock'
- b. Con tu madre *en casa*, nos divorciaremos
with your mother in home CL divorce-FUT-1PL
'If your mother lives with us, we will get divorced'
- c. En la pantalla del ordenador estoy viendo a María *en Tokio*
on the screen of the computer am seeing Mary in Tokyo
'On the screen of the computer, I can see Mary in Tokyo'
- d. Prefiero esos altavoces *en la pared de enfrente*
prefer-1SG those loudspeakers on the wall opposite
'I prefer those loudspeakers on the opposite wall'

Moreover, many locative complements have been lexicalized and are usually used as attributes:

- (2) *en cama* ('sick'), *en la luna* ('absent-minded'), *en vilo* ('on tenterhooks'), *en ascuas* ('on tenterhooks'), *en cueros* ('naked'), *en horas bajas* ('downhearted'), *en baja forma* ('unfit'), *a punto* ('ready')

Since locative complements can function as secondary predicates, it seems natural to accept that they can also be attributes of copular sentences. Their distribution parallels that of stage-level predicates, as shown by (1a-c).⁴ It is true that the entities that usually appear in predications like (1)

⁴ On the distinction between individual-level predicates (ILPs) and stage-level predicates, see Diesing (1990) and Kratzer (1995). The context of (1d) accepts both ILPs and SLPs, due to the fact that the complement of *prefer* can denote imaginary entities with any class of properties different than the real ones: *Lo hubiera preferido más alto* ('I would prefer him to be taller'). For an updated analysis of the copular alternation in terms of the contrast between ILPs and SLP, see Arche (2006).

are mobile, but it is not impossible to find the same syntactic pattern with fixed inanimate entities:

- (3) a. Con el auditorio en el centro de la ciudad, el público aumentará
with the auditorium in the center of the town, the public
will increase
'With the auditorium in the center of the town, the public will
increase'
- b. Con el auditorio a 50 metros de su casa, Juan lo tiene fácil para
ir a los conciertos
with the auditorium at 50 m from his house, Juan it has easy to
go to the concerts
'With the auditorium 50 meters from home, it is easy for Juan to
go to the concerts'

Spanish uses *estar* to localize either mobile or fixed entities in the most natural version of locative attributives.⁵ Instead, in Portuguese a distinction is established in locative attributives between movable and fixed entities. For the latter *ficar* ('to stay') is used, as shown in the following sentences, taken from Duarte (2003: 540)⁶:

- (4) Port. a. O João está em casa logo à tarde
the João is_{estar} in home later in the afternoon
'João will be at home later this afternoon'
- b. O livro está em cima da estante
the book is_{estar} on top of shelf
'The book is on the shelf'

⁵ It must be noted, however, that with both kinds of individuals –but, most frequently with fixed entities– *ser* is also possible. In § 3.2 we will argue that this is a different pattern of locative attributives that requires additional conditions to be licensed.

⁶ As in Spanish, *ser* is also possible in Portuguese locative attributives, provided that the subject has an event interpretation (i) or is associated with a path reading, as in (ii-iv):

- i. O jogo é na casa do adversário ('The match is on the opposing team's field')
- ii. O hotel é na praia ('The hotel is on the beach')
- iii. A casa é mais adiante ('The house is further ahead')
- iv. O castelo é em Portugal ('The castle is in Portugal')

Examples (ii-iv) taken from a website (http://en.wikibooks.org/wiki/Portuguese/Contents/Ser_and_estar).

- c. A Torre de Belém fica em Lisboa
the tower of Belem stays in Lisboa
'The Tower of Belem is in Lisbon'

Although *estar* is not used in Portuguese locative attributives with subjects that express fixed entities, it is important to note that the alternation that exists between *estar* and *ser* in these Spanish constructions is the same as that attested in Portuguese between *ficar* and *ser* and that the unavailability of *estar* in these contexts does not imply a generalized use of *ser*:

- (5) Sp. a. Ese barrio {está/ es} a tres kilómetros de aquí
that neighbourhood is_{estar/ser} at three kilometers from here
'That neighborhood is three kilometers from here'
Port. b. Esse bairro {fica/ é} a três quilômetros daqui
that neighborhood stays/ is at three kilometers from-here
'That neighborhood is three kilometers from here'

2.1. The structure of attributive constructions and the copular contrast

Since Stowell (1983), it has generally been assumed that the structure of attributive sentences includes a small clause that includes the subject and the attribute. In this analysis, copular sentences are viewed as atelic unaccusatives. The preverbal position of the subject is obtained by means of internal merge of the small-clause argument into [Spec, TP]:⁷

- (6) a. [_{TP} Luis es [_{vP} es [_{aP} Luis feliz]]]
b. [_{TP} Luis está [_{vP} está [_{aP} Luis contento]]]

An obvious advantage of this analysis is that it regards the predication formed by the subject and the attribute as a constituent and it therefore

⁷ We use the label *aP* in (6) to reflect the idea that the projection that heads the small clause is a functional projection of the category that corresponds to its predicate –in the case at hand, an adjective, but it could be *pP* or *nP*. Hence, the counterpart of *aP* in sentential predications is *vP*. However, for expository reasons, later we will unify the labeling of the functional head of the attributive small clause using the notion of Relator (R).

allows number and gender agreement between the two to be treated as a local structural relation. The raising of the subject to [Spec, TP] is frequently associated with Case valuation, but given that Iberian Romance languages allow free inversion of the subject, the explanation cannot be sustained on Case grounds with any degree of certainty.⁸

An aspect that is much debated in the literature is the internal structure of small clauses. Some linguists (such as Moro 1997) advocate for a direct predicate-argument relation in these constructions. Others (such as Bowers 1993) argue that a functional projection must exist that establishes the relation between the two components of the predication, in line with anti-symmetric requirements (Kayne 1994).

Bowers (1993) was the first to propose that all predications must have a functional head. He proposed to term it *PredP* (predication phrase), a precedent of *vP*. Only in some cases is the functional predicative head independently lexicalised, as in (34b), where the preposition *por* functions as a relational link between the subject and predicate of the small clause. In contrast, in (34a), with the same meaning, the corresponding head is covert:

- (7) a. Considero a [Miguel \emptyset un buen amigo]
 consider-1SG to Miguel \emptyset a good friend
 ‘I consider Miguel a good friend’
 b. Tengo a [Miguel *por* un buen amigo]
 have-1SG to Miguel for a good friend
 ‘I consider Miguel a good friend’

In the same vein, Den Dikken (2006) proposes including a relational element in all small clauses, which he calls *relator*. This unit, which is the functional head of the predicative projection, takes a complement as internal

⁸ The difficulty that *ser* sentences allow postcopular subjects has been presented by Gallego & Uriagereka (2009) as deriving from the categorial-thetic distinction in attributives. These authors argue that subject inversion is only possible with *estar*: *Estará el hombre tonto* (‘The man must be feeling silly’). However, the modalized nature of the hypothetical future casts doubts on this example, as it would be possible to conceive the subject inversion as the result of the raising of the copula to a higher modality projection in the functional structure of the sentence. On the other hand, while it is true that subject inversion with *ser* is more difficult than with *estar*, some cases of the former are attested: *Era yo muy joven* ‘I was very young’ (Excélsior, 05/09/2000); *Era yo pequeña* ‘I was little’ (Oral corpus, Conversation 3, University of Alcalá de Henares); *Era yo muy amigo de Yandiola* ‘I was a close friend of Yandiola’ (Pedro Ortiz-Armengol, *Aviraneta o la intriga*). These examples are taken from CREA database, searched 05/20/2012.

argument and a subject in its specifier position:

(8) [_{RP} Miguel [_R Ø/ *por* [un buen amigo]]]

Den Dikken considers the copula the realization of R in attributive sentences (a *linker* between subject and attribute). His proposal reflects the traditional intuition that copulas are non-semantic elements that function as carriers of temporal morphemes of the clause. Our analysis departs from this idea, as we assume that the copula is derivationally merged above the predicative small clause, in *vP* or, as proposed by Zagona (2008), in a projection *AspP*. Our decision is based on two reasons: (a) the existence of two copulas in Iberian Romance languages, with aspectual differences between them, and (b) the alternation between *ser* and *estar* in locative attributives.

Since we do not treat copulas as direct instantiations of R, it is necessary to clarify how we characterize the functional head R of the small clause. Some authors (Uriagereka 2001; Zagona 2008; Gallego & Uriagereka 2009) have proposed to analyze *estar* as the result of merging *ser* with an abstract preposition. In the last of these references, this element is characterized as being a preposition of terminal coincidence.⁹ This prepositional component would be the reason for the differences between the two copulas in Iberian Romance languages:¹⁰

(9) *estar* = *ser* + P_T

We will endorse a part of this proposal, namely we will assume that

⁹ The notions of central and terminal coincidence come from cognitive grammar (Talmy 1978) and were introduced into generative grammar by Hale (1986). In this seminal study, it is shown that a significant number of grammatical contrasts in Warlpiri (an Australian aboriginal language), embracing phenomena as different in principle as Case, aspect, predication and complementizer systems, can be reduced to the opposition between central and terminal coincidence. Coincidence is defined as a spatial, temporal or identity relation between two elements, one functioning as a figure and the other being a ground. In central coincidence, the figure coincides with the ground at the center of the trajectory. In terminal coincidence the figure and the ground do not coincide at the center of the trajectory, so the path is convergent or divergent.

¹⁰ The idea of regarding *estar* as the result of merge between *ser* and a preposition is reminiscent of Benveniste's (1960) proposal of deriving *avoir* ('to have') from the combination of *être* ('to be') and a preposition in order to explain the alternation in French between *J'ai un livre* ('I have a book') and *Le livre est à moi* ('The book is mine', lit. 'The book is at me').

In § 3 we will show that in (11a) the terminal coincidence relation is licensed inside the attributive clause. As a consequence, the copula that emerges is the unmarked one: *ser*. Therefore, (11a) has in common with (10) the fact that the realization of the copula directly derives from the attributive relation. By contrast, in (11b) the copula introduces a content (terminal coincidence) that is not present in the underlying predicative relation, coercing the predicate to be interpreted as delimited and triggering either evidential or aspectual reading¹¹:

- (13) a. La película estuvo divertida
the film was_{estar} funny
'The film was funny'
b. Luis estuvo estudiando toda la tarde
Luis was_{estar} studying all the afternoon
'Luis was studying all afternoon'
c. La manifestación está en la Plaza del Senado
the demonstration is_{estar} in the square of-the senate
'The demonstration is at Senate Square'

The distribution of the facts presented in (10) and (11a) derives from a regular mechanism of valuation of features. In particular, we will assume that R_T has an uninterpretable feature $[uR_T]$ that must be valued by means of a relation with an interpretable feature of the same sort contained in the specifier of its own projection (11a) or, when there is none in it, in the head of the higher functional projection, which is the position where the copula is merged (10a). Likewise, the main characteristic of *estar* is that it

¹¹ Obviously, (13b) is not an attributive sentence. As we limit our analysis to attributives, we only take into consideration aspectual uses of *ser* and *estar* in order to show that a unified theory of copular alternation should integrate them. *Estar* is likely merged in (13b) in a different position, probably higher in the functional structure of the clause, but what is important to highlight here is that its contribution is essentially the same: establishing a delimitation over the central coincidence relation expressed by the gerundive clause. As opposed to *estar*, *ser* cannot coerce a terminal coincidence relation into an unbounded reading. However, in the following example, taken from *Diario de Navarra* (01/17/2012) *ser* is anaphorically related to a previous terminal-coincidence attributive: *Según ha asegurado, en ese momento Javier Martínez "estaba muy contento, como era siempre"* ('As she has declared, at that moment Javier Martínez "was very happy, as he always was"'). However, it would not be possible to say **Javier Martínez era siempre contento*. In (13c), *estar* introduces a secondary delimitation into the attributive small clause, so that the sentence only refers to an internal phase of the demonstration event.

contains an interpretable feature of terminal coincidence [iR_T] that is able to value its uninterpretable counterpart in R_T , if there is one. But if such a counterpart is absent, it can also superimpose a delimited reading over the lower predication (11b). Besides *estar*, the elements that can license the feature [uR_T] are event and path nominal phrases in [Spec, RP].

To sum up, our analysis regards *ser* as the unmarked copula and conceives *estar* the carrier of a terminal coincidence relation. Therefore, the only difference between the two copulas lies in the feature [iR_T] included in *estar*. On the other hand, the contribution of the copula to the global interpretation of attributive constructions is substantial, since it is the element that fixes the stative interpretation of the attributive relation. In languages with only one copula, like English, this is its fundamental function (cf. *John was/ became tired*), since its presence is not directly linked to the feature valuation of the relational element that heads the attributive relation.

2.2. Locative attributives as terminal coincidence constructions

One important aspect of our proposal that needs to be independently justified is the characterization of locative attributives as terminal coincidence constructions. This assumption might sound strange, as the typical preposition occurring in these constructions is *en* ('on, in'), clearly a central coincidence element. In fact, Zagona (2008, 2011) suggests that *en* is the preposition that licenses the presence of *estar* in these constructions. But it is worth noting that locative attributes can also contain other prepositions expressing not only central, but also terminal coincidence (in many cases, they form part of axial constructions that express scales):

- (14) a. Tu hermano está en Lisboa
 your brother is _{*estar*} in Lisbon
 'Your brother is in Lisbon'
- b. La casa está a 100 metros del mercado
 the house is _{*estar*} at 100 meters from the market
 'The house is 100 meters from the market'
- c. El concierto es a las tres
 the concert is _{*ser*} at the three
 'The concert is at three'

- d. El concierto es en el auditorio
the concert is_{ser} in the auditorium
'The concert is in the auditorium'

Unlike Zagona (2008, 2011), we do not assume that the preposition *en* ('in, on') is the unit that licenses the presence of *estar* in locative attributives. Consequently, we do not consider it the phonological instantiation of R in these clauses. The existence of constructions where *en* is combined with *ser*, as in (14d), shows that the presence of this preposition does not automatically trigger the appearance of *estar*. In our opinion, the prepositions heading the attribute in (14) express the localization of the limit that corresponds to the abstract path that R represents by means of the terminal coincidence feature.

So let us now focus our attention on the preposition *en* ('in' on'), which prototypically expresses central coincidence. Alternations such as the ones in (15) will be relevant for our argumentation:

- (15) a. El ladrón entró {en/ a} la casa
the thief entered {in/ at} the house
'The thief entered the house'
- b. Voy en ca doña Manuela a unas pruebas
go-PRES-1SG in house Mrs. Manuela to some tests
'I am going to Mrs. Manuela's house to do some tests'
(Eladia González, *Quién como Dios*)
[Colloquial use in some Spanish dialectal variants]
- c. El polideportivo está {en /a} las afueras
the sports-center is_{estar} {in/ at} the outskirts
'The sports center is {in/ at} the outskirts'
- d. Estamos {en puertas/ a las puertas} de una nueva era
are_{estar} -1PL {on gates/ at the gates} of a new era
'We are at the gates of a new era'

However, before analyzing the contrasts in (15), it is worth making some observations about the meaning of certain prepositions. In the literature on English, it is commonly accepted that prepositions like *in*, *on*, *under* or *behind* are ambiguous between a directional and a locative meaning, as in (16):

(16) a. Oscar jumped in the lake

b. He kicked the ball under the table

In the directional reading of *in* and *under*, the PPs headed by these prepositions denote the endpoint of a path whose origin is external to the lake and the table, respectively. So Oscar is outside the lake when he jumps and the ball is not under the table at the moment of kicking. In the locative interpretation, the events take place entirely in the lake and under the table, respectively.

However, Gehrke (2007) convincingly argues against the idea that the origin of the ambiguity in these cases is in the locative preposition. For her, the directional reading is made possible by the fact that the verbs *to jump* and *to kick* include the notion of a directional path in their meaning. Therefore, the ambiguity is strictly syntactic. If the PPs in (16) denote the goal of the path, the directional reading is obtained. Instead, if they refer to the event localization, the locative interpretation arises. So the difference is ultimately structural: in the first case the PP is an argument selected by the predicate; in the second, it is an adjunct.

Taking this into account, we can consider again the examples in (15). Although there is no ambiguity in these cases, we think that they reproduce the same pattern. This is straightforward in (15a, b), since the verb includes the notion of directed movement. In these examples, the directional preposition *a* ('to') can be commuted to the locative *en* ('in', 'on'), without affecting the directional interpretation of the sentence. In our opinion, (15c, d) reproduce the same phenomenon: the copula *estar*, by means of its feature [iP_↓], licenses the path interpretation of the event and makes possible the presence of the central coincidence preposition *en* heading the locative complement. Zagana (2011) notes that there is an incompatibility between the notion of path and the presence of *estar*.¹² We think that this results from the fact that the element that denotes the notion of abstract path in these constructions is the copula itself and, as a result, the attribute can contain a central coincidence element that represents the goal of the path, as happens in movement verbs.

¹² However, such incompatibility apparently needs some qualification, since in cases like *El monumento está tres kilómetros río arriba* ('The monument is three kilometers upstream'), *La casa está al otro lado del río* ('The house is on the other side of the river') or *La fuente está a la derecha del mirador* ('The fountain is to the right of the viewpoint') the locative attribute is vectorial and denotes a point or region on the basis of a path.

A basic question that must be answered in our analysis is how the notion of path is justified in locative attributives. As already noted, we are not talking about a physical path, which would imply material displacement of the subject, but rather about an abstract path, whose motivation is to locate a figure (the subject) by associating it with a ground (the entity included in the attribute) by means of a terminal coincidence relation.

An interesting property of *estar* attributives is that they admit temporal adjuncts expressing either duration (*durante X tiempo*, 'for X time') or culmination (*en X tiempo*, 'in X time'). The compatibility with the latter shows that the state that they refer to begins at a point in a path that is interpreted as a preparatory phase:¹³

- (17) a. Estaremos en París en tres horas
be_{estar}-FUT-1PL in Paris in three hours
'We will be in Paris in three hours time'
b. Estuvo lista en media hora
was_{estar}-PAST-3SG ready-FEM in half hour
'She was ready in half an hour'

2.3. An apparent counterexample in Catalan and the contrast between *en* and *a*

An important difference between Spanish and Catalan attributive sentences concerns the selection of the copula in locative sentences. Catalan uses *ser* in these constructions, as opposed to Spanish:

- (18) a. Cat. En Joan és a casa/ Sp. Juan está en casa
Joan/ Juan is_{ser/estar} at/in home
'Joan/ Juan is at home'
b. Cat. La taula és a la cuina/ Sp. La mesa está en la cocina

¹³ It is also possible to attest cases of *ser* attributives that admit the temporal adjunct *in X time*: *Será ciudadano alemán en media hora* ('You will become a German citizen in half an hour'), spoken by an immigration officer to someone applying for German nationality. However, forcing a reading of result state is far more difficult with *ser* than with *estar*.

the table is _{ser/estar} at/in the kitchen

'The table is in the kitchen'

c. Cat. París és a França/ Sp. París está en Francia

Paris is _{ser/estar} at/ in France

'Paris is in France'

Catalan uses *ser* for localizing individuals, either animate (18a) or inanimate (18b, c), fixed (18c) or movable (18a, b).¹⁴ Obviously, it would be nonsensical to suppose that the Catalan locative attributives have the opposite characteristics from Spanish ones, ILPs in the former case and SLPs in the latter, or that the former are imperfective and the latter, perfective. Any account expressed in these terms would be absolutely arbitrary.

In order to have a better approach to the Catalan data, it is worth considering the following contrasts:

(19) a. Cat. En Joan és {a/ *en} casa

Joan is _{ser} {at/ *in} home

'Joan is at home'

b. Cat. La taula és {a/ *en} la cuina

the table is _{ser} {at/ *in} the kitchen

'The table is in the kitchen'

c. Cat. En Joan està en plena joventut

John is _{estar} in full youth

'John is in full youth'

As (19c) shows, Catalan also has the locative preposition *en*, but it tends to be incompatible with *ser*. In this example, the preferred copula is *estar*, although instances with *ser* are also attested. Presumably this is due to the fact that the attribute of this sentence includes an idiom (*en ple(na) X*, 'in full X') that obligatorily contains the preposition *en*. Therefore, there

¹⁴ A qualification is in order here. In Valencian, a southern variant of Catalan, locative attributives take *estar* and the preposition that heads the attribute is *en*, like in Spanish. It is interesting to note that the combination of *estar* with *a* is not attested in this variant. This reinforces the idea that there is a correlation between the copula and the preposition.

are two concomitant differences between Spanish and Catalan in locative attributives: the copula and the preposition that heads the attribute.

There is no agreement in the literature when it comes to characterizing the semantic import of the preposition *a*. Morimoto (2001: 75) assigns the description in (21) to it, in comparing the minimal pair of (20):

- (20) Juan tiró la pelota {en/ a} la papelera
Juan threw the ball {in/ to} the wastepaper-basket
'Juan threw the ball {in/ to} the wastepaper basket'

- (21) *A*: function of path of destination. The area indicated by the object or place of reference expresses the point of arrival of the path.

Demonte (2011) also assigns directional content to this preposition. By contrast, Fábregas (2007: 178) argues against the idea that *a* properly denotes a path and points out that it is the lexical directional meaning of the verb that licenses the directional interpretation in (20). For this author, *a* is the Spanish equivalent not to the English *to*, but rather to *at*, whose meaning is the contact with a boundary:

- (22) Locative *a* denotes a place relationship where the figure is in contact with (at least) one point of the boundary of the ground.

Indeed there are many instances of PPs headed by *a* that indicate contact with a limit (*al lado* 'next to', *al borde* 'on the verge', *al límite* 'on the edge', *al margen de* 'on the fringe', *al final* 'at the end', *al máximo* 'to the utmost'). Moreover, combined with elements that express direction, *a* can head vectorial phrases (*a la derecha* 'to the right', *al norte* 'to the north').

Likewise, Huddleston & Pullum (2002: 650) characterize *at* in English as a locative preposition, together with *in*, which expresses contention, and *on*, which denotes support. The peculiarity of *at*, according to these authors, is that the denotation of a punctual location is conceived as the result of an implicit path:

The preposition *at* provides a particularly clear example of the processes of abstraction

involved in the expression of spatial relationships. The function of *at* is to describe two entities as having precisely the same spatial location, each entity being construed as a point. This means that some degree of idealisation is inevitably inherent in its use. [...] There is further evidence for saying that *at* involves the notion of path. A sentence like *The cyclists are at Dijon* would be only natural if Dijon were one of the series of points on a journey (such as the Tour de France cycle race). Otherwise, the size of a city like Dijon in relation to a group of cyclists would make it much more natural to conceive of the city as a container rather than as a point (hence *They took this photo when they were in Dijon*).

Following Fábregas (2007) and Huddleston & Pullum (2002), we will take the idea that though *a* does not directly denote a path, it implies one by the fact that its content includes the notion of contact with a boundary of the ground. The intimate relation between *a* and the notion of path is also made evident in contrasts like (23), where the verb is covert due to deictic recoverability:

- (23) a. Sp. Ese libro, en el tercer anaquel
this book, on the third shelf
'That book is on the third shelf/That book goes on the third shelf'
- b. Sp. Ese libro, al tercer anaquel.
this book, to-the third shelf
'That book goes on the third shelf'
- c. Cat. Aquest llibre, a la tercera lleixa
this book, to the third shelf
'That book is on the third shelf/That book goes on the third shelf'

Note that (23a) can express the path that the hearer has to take in order to get the book's current location or the path to follow in order to put away the book, for instance, in a library. In the first reading, the book is not associated with the displacement, since it is possible to conceive (23a) as the instruction given by a librarian to a reader that has asked her how to find a certain book. By contrast, (23b) only allows the interpretation associated with the movement of *the book*. As predicted by the account we are proposing, in the corresponding Catalan sentence with *a* (23c) both interpretations are possible.

We think that what licenses the use of the unmarked copula *ser* in

Catalan in locative attributives is the implicit notion of path associated with the preposition *a*, as represented in (24), where $\sqrt{\quad}$ stands for the valuation of the corresponding uninterpretable feature:

- (24) a. Sp. *estar* + *en* = Cat. *ser* + *a*
 b. Sp. $[_{VP} \textit{estar} [_{IRT}] [_{RP} \dots [_{R'} R_T [_{\sqrt{URT}}] [_{PP} \textit{en} \dots]]]]$
 c. Cat. $[_{VP} \textit{ser} [_{RP} \dots [_{R'} R_T [_{\sqrt{URT}}] [_{PP} \textit{a} [_{IRT}] \dots]]]]$

In (24b), the insertion of the copula *estar* values the uninterpretable terminal coincidence feature in the head of the attributive relation. By contrast, in (24c) the presence of the preposition *a*, which implies the existence of a path in the interpretation of the sentence, values the uninterpretable feature in the functional attributive projection and, as a consequence, the copula that is selected is *ser*. In parametric terms, the contrast between Spanish and Catalan derives from differences in the prepositional system: whereas in Catalan the preposition of contact *a* can denote the goal of the abstract path that is intrinsic to the locative attributives, Spanish only admits the presence of this preposition when the attribute itself includes an axial construction¹⁵:

- (25) a. *Juan {está/es} a París
 Juan is _{estar/ser} at París
 Intended meaning: 'Juan is in París'
 b. Juan está al final de la fila
 Juan is _{estar} at-the end of the line
 'Juan is at the end of the line'

In (25b), the appearance of *a* is due to the fact that the attribute expresses a point in the linear scale denoted by *fila*. In Catalan, the corresponding sentences would both contain *a*: *En Joan és a París*, *En Joan és al final de la fila*. If our approach is on the right track, the fact that Catalan usually makes

¹⁵ It is worth noting that in (23b), where the preposition *a* is the only element associated with the notion of path, it is necessary to conceive it as denoting a physical displacement of the entity, as opposed to (23a), with the preposition *en*.

use of *ser* in locative attributives is due not to a different conceptualization of these constructions in aspectual terms, but rather to differences concerning the licensing of the uninterpretable terminal coincidence feature contained in the attributive relation.

Our approach manages to also integrate several cases presented by Masullo (2008), in which a gerundive construction can function as the attribute of a locative construction:

- (26) a. El Decanato está {subiendo/ bajando} la escalera
 the Dean's-Office is _{estar} {going-up/ going-down} the stairs
 'The Dean's Office is {up/ down} the stairs'
- b. El teatro está llegando al río
 the theater is arriving at-the river
 'The theater is just before you get to the river'
- c. *La farmacia está corriendo a la esquina
 the pharmacy is running to the corner
 Intended meaning: 'The pharmacy is at the point reached by running to the corner'

The contrast in (26) shows that these kind of attributes are only licensed if they include a verb of inherently directed motion (Levin & Rappaport-Hovav 1995). Manner of motion verbs, like *correr* in (26c), cannot satisfy the requirements imposed by the construction, presumably because they lack the directional component that is crucial to form an axial construction. The lack of directionality in (26c) avoids the possibility of interpreting the attribute as locative.¹⁶ On the the other hand, the directional component encapsulated in the lexical content of the verb in (26a, b) allows an interpretation of the attribute as referring to the limit of a path, which licenses its use as a locative

¹⁶ The only possible interpretation would be the one that corresponds to a progressive periphrasis, where *estar* focusses an internal phase of the event denoted by the movement predicate. But this interpretation is not possible in (26c), because a movable subject would then be needed, as in *Luis está corriendo a la esquina* ('Luis is running to the corner'). Note that the relation that characterizes the gerundive clause in the last example is of central coincidence, whereby the function of *estar* in this case is not checking a terminal coincidence feature in the attribute, but superimposing its own aspectual mark over the gerundive clause in order to focus an internal phase of the event (progressive interpretation).

attribute.

The data in (26) are interesting because gerundive clauses have usually been characterized as central coincidence constructions, as opposed to participial clauses, which are intrinsically perfective. Relying on the analysis of Jackendoff (1990), Masullo (2008) assigns the following lexical relational structure to (26a, b), where VIDM stands for a verb of inherently directed motion and XP is the functional projection that hosts the gerundive affix:

$$(27) \left[_{PP} \left[_{P'} AT_i \left[_{XP} \left[_{X'} -ndo \left[_{VP} (PRO_{arb}) VIDM \left[_{PP} SOURCE-PATH-GOAL_j \right] \right] \right] \right] \right] \right]$$

In (27), the function of the covert preposition AT consists in allowing the gerundive clause to be interpreted as a locative attribute. In our analysis, the overt licenser of this interpretation is the copula *estar*, which is the unit that values the terminal coincidence relation feature that is characteristic of locative attributives.

3. *Ser* with locative and participial attributes

3.1. The role of event subjects in the selection of the copula

A common topic in the grammatical tradition is the idea that the properties of the attribute affect copular selection. But the influence of the subject in the selection of the copula has been the object of less interest. However, the latter factor is also important in locative attributives: when an event nominal is located in time or space, the copula that is selected in all Iberian Romance languages is *ser*. When the subject indistinctly admits an eventive or an individual interpretation, the contrast is easy to see:

- (28) a. La firma del acuerdo será {el próximo jueves/ en el paraninfo}
 the signing of-the agreement will-be_{ser} {the next Thursday/ in the main-hall}
 'The signing of the agreement will take place {next Thursday/ in the main hall}
- b. La firma del acuerdo está sobre la mesa
 the signature of the agreement is_{estar} on the table
 'The signature of the agreement is on the table'

In (28a), the DP subject denotes an event that will take place on a specific date and at a specific place. In its turn, the same DP in (28b) refers to the document which has been signed. The copula selected in each case is different, with *ser* in the event interpretation of the subject and *estar* in the individual reading. In her pioneering work, Demonte (1979) pointed out this contrast and yet since then only a few papers have dealt with this phenomenon in Spanish. These include Franco (1984), Salazar (2004), Brucart (2005) and Romero (2009). Leonetti (1994: 196) also refers to it and proposes an explanation in terms of the contrast between ILPs and SLPs:

It is not unreasonable to argue that the spatio-temporal localization of an event constitutes a property or defining characteristic of that event or, in other words, an individual quality, not a stage quality. This seems to be the reason why *estar* is not used in these cases.

[Translation mine: JMB]

Our approach capitalizes on Leonetti's account, which attributes the difference in the copula to the event nature of the subject in (28a). In particular, we will follow Resnik (2010) in supposing that event nominals include an aspectual projection in the functional structure of their DPs. (29a) is the underlying structure that she proposes for the event nominalization *la publicación de best-sellers* ('the publication of best sellers'), (29b) corresponds to simple event nouns, as *la conferencia de Juan* ('Juan's lecture'), and (29c) corresponds to non-event nouns, like *una conferencia de 20 páginas*¹⁷:

- (29) a. [_{DP} la [_{nP} [_{n'} -ción [_{AspP} [_{Asp'} Asp [_{vP} [_{v'} -a- [_{vP} [_{v'} PUBLIC- [_{DPgen} de
 best-sellers]]]]]]]]]]]
 (Event nominalizations: Resnik 2010: 159)
 b. [_{DP} la [_{nP} [_{n'} n [_{AspP} [_{Asp'} Asp [_{vP} [_{DPgen} de Juan] [_{v'} CONFERENCIA]]]]]]]]

¹⁷ The structures in (29) are based on the tenets of Distributed Morphology (Halle & Marantz 1994), which regards categorizers (*nP*) as functional projections of the corresponding roots (\sqrt{P}). On the properties of the different classes of event nominals, see Grimshaw (1990), Alexiadou, Haegeman & Stavrou (2007: 477-546) and Resnik (2010).

(Simple event nouns: Resnik 2010: 171)

c. $[_{DP} \text{ una } [_{nP} [_{nP} [_{n'} \text{ n } [_{\sqrt{P}} [_{\sqrt{P}} \text{ CONFERENCIA}]]]]]] [_{pp} \text{ de 20 páginas}]]]$

(Non-event nouns: Resnik 2010: 171)

Locating an event in space or time implies the same terminal coincidence relation between a figure, which in this case is the event, and a ground, which corresponds to the temporal or spatial coordinates. But the differential property of events with respect to individuals is that these coordinates are intrinsic to them. We can formalize this intuition by supposing that event nominals include an event variable in their lexical content that values the uninterpretable feature R_T of the attributive relation by means of a specifier-head relation. Likely, the position that hosts this feature is the head of the aspectual projection that singles out the structure of this class of nominals in (29):

- (30) a. El auditorio está en el centro de la ciudad
 the auditorium is_{estar} in the center of the town
 ‘The auditorium is in the center of the town’
 $[_{\sqrt{P}} \text{ está}_{[iRT]} [_{RP} [_{DP} \text{ el } [_{nP} \text{ auditorio } [_{\sqrt{P}} \text{ auditorio}]]]]] [_R \sqrt{uR}_T [_{pp} \text{ en el centro de la ciudad}]]]$
- b. El concierto es en el auditorio
 the concert is_{ser} in the auditorium
 ‘The concert is in the auditorium’
 $[_{\sqrt{P}} \text{ es}_{[iRT]} [_{RP} [_{DP} \text{ el } [_{nP} \text{ concierto}_{[iRT]} [_{AspP} \text{ concierto}_{[iRT]} [_{\sqrt{P}} \text{ concierto}]]]]]]] [_R \sqrt{uR}_T [_{pp} \text{ en el auditorio}]]]$

The delimiting feature of the event nominal localizes the event in all its extension. With movable events, it is possible to focus an internal phase of the event using *estar*, which introduces a delimited subinterval of the event, as in (31a):

- (31) a. La manifestación {es/ está} en las Ramblas
 the demonstration is_{ser/estar} in the Ramblas
 ‘The demonstration {is in/ goes down} the Ramblas’
- b. Un tramo del recorrido de la manifestación es en las Ramblas
 a leg-of-the route of the demonstration is_{ser} in the Ramblas

- ‘One leg of the demonstration route is in the Ramblas’
 c. Una parte de la manifestación está en las Ramblas
 a part-of-the demonstration is_{estar} in the Ramblas
 ‘One part of the demonstration is on the Ramblas’

The *estar* variant seen in (31a) denotes a leg of the demonstration route. The event feature of the subject values the terminal coincidence feature of the relator, but it is necessary to resort to the aspectual copula *estar* in order to express a subinterval of the entire event. The copula in (31b) is *ser*, since the notion of event subinterval is syntactically expressed in the subject by means of a partitive relation. Note that, as predicted, the same pattern requires *estar* if the subject is individual: *Un tramo de la carretera está en obras* (‘A stretch of the road is under construction’). The same situation holds in (31c), due to the fact that *una parte de la manifestación* (‘a part of the demonstration’) refers to a subset of the demonstrators and consequently the subject does not have eventive import.

As regards the temporal localization of events, the selected copula is also *ser*: the temporal attribute denotes the moment when the event starts or its entire interval of duration, as (32a) shows¹⁸:

- (32) a. La visita es {a las seis/ de seis a nueve/ hasta las nueve}
 the visit is_{ser} {at the six/ from six to nine/ until the nine}
 ‘The visit is {at six/ from six to nine/ until nine}’
 b. El concierto está {en la segunda parte/ en sus inicios}
 the concert is {in the second half/ in its beginnings}
 ‘The concert is {in the second half/ just beginning}’

Since (32b) denotes a subinterval of the entire duration of the event, the copula *estar* is needed in order to introduce a secondary delimitation.

¹⁸ Camacho (2012) proposes an aspectual account of the copular alternation that relies on the idea that *estar* has an uninterpretable inchoative feature that must be valued by the attribute. To explain the use of *ser* with event nominals, he assumes that these kind of nouns include in their functional structure a durative feature that intervenes between the copula and the attribute, blocking the emergence of *estar* by minimality principles. For a critical review of Camacho’s theory, see Fábregas (2012).

3.2. Copular alternation with path nominals

So far, we have seen that the localization of an individual entity triggers the presence of *estar* in Spanish. However, in the sentences in (33) the copula is *ser*, albeit the subject apparently has an individual import:

- (33) a. El aeropuerto es por ahí
the airport is_{ser} by there
'The airport is that way'
b. El decanato es enfrente
the dean's-office is_{ser} in-front
'The Dean's office is across the street'
c. La parada de taxis es en la próxima esquina
the stop of taxis is_{ser} in the next corner
'The taxi rank is at the next corner'
d. Los recursos son en la planta tercera
the appeals are_{ser} on the floor third
'The appeals office is on the third floor'

This pattern is very productive and is attested in all Iberian Romance languages, but its use is constrained by pragmatic conditions. In the first place, it usually implies a prior request for information about the location of the corresponding place by the hearer. Moreover, the subject typically denotes a place where certain activities or services take place. Third, the use of these sentences requires that the utterance situation be deictically anchored to the entity that is spatially located. Finally, the sentence denotes the route that the hearer must follow to reach the goal of the path.

If *ser* is commuted by *estar* in these sentences, the notion of route is weakened and the new construction becomes an ordinary locative attributive.¹⁹

Path copular sentences can also be used in questions, provided that the deictic anchorage is given:

¹⁹ In (33a) the presence of the preposition *por* would preserve the notion of path in the *estar* version. In fact, in *El aeropuerto está por allí* ('The airport is over there') the attribute can be interpreted either as denoting a path or as expressing an approximate location.

- (34) –¿Dónde es su casa? / –En aquella cumbre
 where is her house on that peak
 –‘Where is her house?’ –‘On that peak’
 (J.A. Lira, *Medicina andina. Farmacopea y rituales*) [example taken
 from CREA database, searched 05/20/2012]

The attributes of these sentences can express either a path, as in (33a), or its goal, as in (33b-d). In its turn, the subject must denote an entity with a fixed physical location, so that a sentence such as *El decanato es en el piso de arriba* ('The dean's office is on the next floor') contrasts with **La decana es arriba* ('The dean is upstairs'). This last sentence can be acceptable to some speakers if the meaning of the subject is coerced to denote the dean's office. A similar coercion has been performed in (33d), where the subject is interpreted as denoting an administrative service, whereas in *Los recursos están en la planta tercera* ('The appeals are on the third floor') the subject can also express a set of legal documents. As Salazar (2004: 2504) correctly points out, these subjects denote "a physical location in which events take place that usually are featured by prototypically human entities".

The localist interpretation that corresponds to the subject in these constructions seems to be related to the deictic component that characterizes them. Alexiadou, Haegeman and Stavrou (2007: 128) propose to split DPs into an ordered array of functional projections, in line with similar proposals made by Rizzi (1997) with respect to CP. In particular, they propose to distinguish two DP layers in the following terms:

The highest DP layer, DP1, is the locus of that part of the interpretation of the nominal projection that encodes discourse/pragmatic aspects of its interpretation; for example, it may encode concepts such as familiarity, referentiality and deixis. The lower DP, DP2, expresses determination, i.e. definiteness, indefiniteness and so on.

We will suppose that the highest DP is the projection that hosts the features permitting the localist interpretation of the subject. Therefore, both readings of a DP like *los recursos* ('the appeals') would correspond to the structures in (35):

- (35) a. $[_{DP2} [_{D2'} \text{ los } [_{NP} \text{ recursos}]]]$ individual interpretation
 b. $[_{DP1} [_{D1'} \text{ LOC } [_{DP2} [_{D2'} \text{ los } [_{NP} \text{ recursos}]]]]]$ localist interpretation

Whereas (35a) gives rise to the interpretation of *los recursos* as a set of legal expedients, example (35b) reflects the localist interpretation of the same sequence ('the office where the appeals are presented'). In (35b) the localist component of the DP is phonetically covert, but it is crucial in the copular selection. In keeping with the analysis presented so far, we will assume that the deictic variable that these DPs incorporate includes an interpretable terminal coincidence feature that values its uninterpretable counterpart in the head of the attributive relation. As a consequence, the copula that is selected is *ser*:

- (36) $[_{VP} \text{ son } [_{RP} [_{DP1} [_{D1'} \text{ LOC } [_{IRTI} [_{DP2} [_{D2'} \text{ los } [_{NP} \text{ recursos}]]]]]]] [_{R'} \sqrt{R}_T [_{pp} \text{ en la planta tercera}]]]$

The contrasts in (37) are particularly telling:

- (37) a. La autopista {es/ está} a 20 kilómetros
 the highway is _{*ser/estar*} at 20 kilometers
 'The highway is at 20 kilometers from here'
 b. A la autopista {son/ *están} 20 kilómetros
 to the highway are _{*ser/*estar*} 20 kilometers
 'It is 20 kilometers to the highway'
 c. La autopista {es/ está} por ahí
 the highway is _{*ser*} by there
 'The highway is that way'
 d. A la autopista {es/ *está} por ahí
 to the highway is by there
 'The way to the highway is over there'

In (37a), the subject can alternatively receive the interpretation of path or that of individual. The corresponding copulas are *ser* and *estar*, respectively. The meaning of path in the attribute is related to the presence of the preposition *a*. In (37b), the copula agrees with the measure phrase, due to the fact that the

preposition expressing the notion of path heads the referential element in the attributive relation. In this case, the notion of path in the referential component of the attributive relation is overtly realized. The unavailability of the *estar* version derives from the fact that the measure phrase is not referential and it is consequently not possible to use it as the subject of a standard attributive relation. (37c, d) reproduce the same pattern, but it is worth noting that in (37d) the verb takes its default form in singular, since both elements of the attributive relation are PPs and hence the agreement is not possible. Although the MeasP agrees with the copula, it cannot occupy the preverbal position: *20 kilómetros son a la autopista. This is probably due to the fact that the PP is the only element that has referential import in this sentence.

To sum up: the notion of path is crucial for licensing the presence of the copula *ser* in the constructions just considered. The interpretable terminal coincidence feature assigned to the subject of the attributive relation values the uninterpretable feature of the same sort that characterizes all locative attributives. The existence of a path component in the attributive relation is manifested in the attribute *or*, in extreme cases, in the subject itself. The structure of these sentences is represented in (38a, b), whereas (38c) corresponds to the common locative pattern with *estar*:

- (38) a. [_{VP} es [_{RP} [_{DP1} LOC_[RT] [_{DP2} la autopista]] [_{R'} R_{T[√uRT]} [_{PP} a 20 km]]]]
 b. [_{VP} son [_{RP} [_{PP} a_[RT] la autopista] [_{R'} R_{T[√uRT]} [_{MeasP} 20 km]]]]
 c. [_{VP} está_[RT] [_{RP} [_{DP2} la autopista] [_{R'} R_{T[√uRT]} [_{PP} por ahí/ a 20 km]]]]]

3.3. Another source of interlinguistic variation: perfective adjectives

In § 2.3 we have studied the different behavior of Spanish and Catalan with respect to copular selection in locative attributives. In this paragraph, we will take a quick look at another source of variation between the two languages: perfective adjectives and participles. Whereas Spanish always uses *estar* in these cases, Catalan selects *ser*.²⁰ The contrasts in (39) exemplify

²⁰ García Méndez (2008) provides a list of 39 participial adjectives that form their corresponding attributives with *ser* in Portuguese and with *estar* in Spanish. Among them are *afectado* 'affected', *coberto* 'covered', *dedicado* 'dedicated', *dividido* 'divided', *formado* 'formed', *influenciado* 'influenced', *infectado* 'infected', *orientado* 'oriented', *obrigado* 'obliged', *povoado* 'populated' and *recomendado* 'recommended'. It should be noted that in all cases the Catalan version admits *ser*, although there are also attested variants with *estar*, possibly due to the influence of Spanish. Portuguese *morto* 'dead' and *vivo* 'alive' combine with *estar*, as in Spanish, whereas *louco* 'insane' can take *ser*, as in Catalan.

the differences between Spanish and Catalan:

- (39) a. Sp. *María está muerta*/ Cat. *La Maria és morta*
 *María is*_{estar/ser} *dead*
 ‘*María is dead*’
 b. Sp. *El cielo está nublado*/ Cat. *El cel és núvol*
 *the sky is*_{estar/ser} *cloudy*
 ‘*The sky is cloudy*’

It is interesting to note that the data in (39) are in some sense reminiscent of the situation that we studied in § 2.3 concerning the use of *ser* in Catalan locative attributives. In both cases, Catalan opts for *ser* –the aspectually neuter copula– in constructions that are unequivocally perfective. We suggest that the underlying reason explaining these cases is the same that allows the emergence of *ser* in other perfective sentences: the valuation of the feature [uR_⊥] inside the attributive small clause. If this route is taken, it seems natural to focus on the aspectually marked nature of the attribute. In fact, the adjectives that show interlinguistic variation pertain to two subclasses: participial adjectives, which incorporate the suffix that is characteristic of this non-finite verbal form, and perfective adjectives, which express a bounded situation. So, in the examples of (39), *muerta*, *morta* and *nublado* are participial adjectives, but *núvol* is a perfective adjective, since it does not include any participial inflection.²¹ Both classes have two remarkable properties: (a) they have unaccusative import –i. e., their subjects are internal arguments– and (b) they are aspectually perfective. Taking this into account, we can conjecture that these elements have a more complex structure than other adjectives. In particular, it is necessary to reflect that the attributive relation is established in these cases with the internal argument of the predicate. The contrast seen in (40) is telling in this regard:

- (40) a. Sp. *María es muy limpia*/ Cat. *La Maria és molt neta*
 *María is*_{ser/ser} *very neat*

²¹ The corresponding participial form in Catalan is *ennuolat*. Bosque (1990) studies the differences and relations between perfective adjectives and participial adjectives in Spanish. This author shows that many truncated participles, perfective adjectives without participial inflection but lexically related to verbs (like *calmo* ‘calm’, *nublo* ‘cloudy’ or *canso* ‘tired’), have been replaced by the corresponding participle forms.

'Mary is very neat'

- b. Sp. La casa está muy limpia/ Cat. La casa és molt neta
the house is _{estar/ser} very clean
'The house is very clean'

In (40a), the subject of the predication represents the external argument of the attribute. Since between the two there is a central coincidence relation, the copula selected in Spanish and Catalan is *ser*. By contrast, in (40b) the attributive relation is established between the adjective and its internal argument. In this case, the copular selection differs: Spanish takes *estar*, since the relation is of terminal coincidence, but Catalan also chooses *ser*, despite the fact that the aspectual relation is just the opposite. One way to account for the difference is to suppose that perfective adjectives and participles have a functional aspectual projection above their lexical layer, as in (41) and (42), respectively:

- (41) a. Sp. El vaso está lleno/ Cat. El got és ple

the glass is full
'The glass is full'

- b. $[_{RP} \{ \text{el vaso/el got} \}] [_{R'} R_{[uRT]} [_{AspP} X_i [_{Asp} Perf] [_{AP} [_{A'} \{ \text{lleno/ple} \} \&P_i]]]]]$

- (42) a. Sp. María está muerta/ Cat. La Maria és morta

Maria is _{estar/ser} dead
'Maria is dead'

- b. $[_{RP} \{ \text{María/la Maria} \}] [_{R'} R_{[uRT]} [_{PrtP} XP_i [_{Prt'} Prt] [_{LVP} [_{L'} \{ \text{muerta/morta} \} \&P_i]]]]]$

It seems natural to suppose that the head of the aspectual projections AspP and PrtP in the above structures contains a feature $[iR_{\downarrow}]$ that is able to value its counterpart in the head of the attributive relation. This would explain the selection of the copula *ser* in Catalan in these cases. The obvious question that arises is why Spanish chooses *estar* in the same situation. Two possible answers come to mind. The first one is that Spanish permits valuing the terminal coincidence feature inside the attributive clause, but only when the interpretable feature is external to the attribute itself. As the functional projections AspP and PrtP in (41) and (42) form part of the extended lexical projection of the perfective adjective and the participle, the recourse to *estar*

is needed. The second, more radical, possibility consists in supposing that in Spanish perfective adjectives and participles have lost their aspectual functional projections when they are used attributively and have become pure adjectives, so that the structure corresponding to *lleno* and *muerto* would be as in (43):

- (43) a. [_{AP} XP [_{A'} lleno \times P]]
b. [_{AP} XP [_{A'} muerto \times P]]

An important difference concerning (42a) is that the Catalan version can be indistinctly interpreted as denoting a state or an event, whereas Spanish only allows the first reading. The example in (44) is a headline published by the web journal *Vilaweb* (06-26-2009):

- (44) Farrah Fawcett, un dels àngels de Charlie, és morta
'Farrah Fawcett, one of Charlie's Angels, is dead'

The Spanish version of (44) would require replacing *ser* with the auxiliary *haber*: *Farrah Fawcett [...] ha muerto*. Catalan would also accept *ha mort* with the same meaning as (44). The interesting point here is the fact that in Spanish the copula *ser* can only co-occur with participles in passive sentences. If we assume, as seems straightforward, that it is in passive sentences that the functional structure of the participle is most fully manifested, the Spanish data would come directly from the fact that only in passives would the terminal coincidence feature [_{iR_i}] be present in the extended projection of the participle.

We are aware that this is a sketchy and preliminary proposal and that a more extensive empirical study will be necessary to test the hypothesis. In particular, it would be crucial to draw the boundary between adjectives taking *ser* and *estar* in Catalan and Portuguese.

5. Conclusions

The main conclusions of this study are the following:

- (a) *Estar* is a copula that contains a terminal coincidence interpretable feature that prompts an abstract path interpretation.
(b) *Ser* is the default copula that appears whenever there is no need

to value an uninterpretable feature of terminal coincidence in the attributive relator.

- (c) *Ser* is compatible with attributive relations of terminal coincidence provided that this feature has been valued inside the attributive small clause. In locative attributives, such a situation is found when the subject of the attributive relation has either an eventive or a path interpretation.
- (d) Spanish is more stringent than Catalan in allowing the co-occurrence of *ser* with terminal coincidence attributive relations.

REFERENCES

- Alexiadou, A., Haegeman, L. & Stavrou, M. 2007. *Noun Phrase in the Generative Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Arche, M. J. 2006. *Individuals in Time. Tense, Aspect and the individual/ stage distinction*. Amsterdam: John Benjamins.
- Benveniste, É. 1960. *Être et avoir dans leur fonction linguistique*, *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*. 55: 113-134.
- Bosque, I. 1990. Sobre el aspecto en los adjetivos y los participios. In: I. Bosque (Ed.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Cátedra, 177-214.
- Bowers, J. 1993. The Syntax of Predication. *Linguistic Inquiry*. 24: 591-656.
- Brucart, J. M. 2005. Las construcciones atributivas de localización. In: L. Santos Río, J. Borrego Nieto, J. F. García Santos, J. J. Gómez Asencio & E. Prieto de los Mozos (Eds.). *Palabra, norma, discurso. En memoria de Fernando Lázaro Carreter*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 167-185.
- Brucart, J. M. 2010. La alternancia *ser/ estar* y las construcciones atributivas de localización. In: A. Avellana (Ed.). *Actas del V Encuentro de Gramática Generativa*. Neuquén: Editorial Universitaria del Comahue, 115-152.
- Camacho, J. 2012. *Ser and estar: the Individual/ Stage-level distinction and aspectual predication*. In: J. I. Hualde, A. Olarrea & E. O'Rourke (Eds.). *The Handbook of Hispanic Linguistics*. Malden: Wiley-Blackwell, 453-477.
- Carvalho, M. J. 2010. A variação *ser/estar* num corpus alcobacense medieval. *Diacrítica*. 24/1: 349-372.
- Clements, J. C. 2006. *Ser-estar in the Predicate Adjective Construction*. In: J. C. Clements & J. Yoon (Eds.). *Functional Approaches to Spanish Syntax. Lexical Semantics*,

- Discourse and Transitivity*. New York: Palgrave Macmillan, 161-202.
- CREA. *Corpus de referencia del español actual*. Madrid: Real Academia Española. <http://corpus.rae.es/creanet.html>
- Demonte, V. 1979. Semántica y sintaxis en las construcciones con *ser* y *estar*, *Revista Española de Lingüística*. 9: 133-171.
- Demonte, V. 2011. Los eventos de movimiento en español: construcción léxico-sintáctica y microparámetros preposicionales. In: J. Cuartero Otal, L. García Fernández & C. Sinner (Eds.). *Estudios sobre perífrasis y aspecto*. München: Peniopo, 16-42.
- den Dikken, M. 2006. *Relators and Linkers. The Syntax of Predication, Predicate Inversion, and Copulas*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Diesing, M. 1992. *Indefinites*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Duarte, I. 2003. A família das construções inacusativas. In: M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 507-548.
- Fábregas, A. 2007. An Exhaustive Lexicalization Account of Directional Complements, *Tromsø Working Papers on Language & Linguistics: Nordlyd*. 34: 165-199.
- Fábregas, A. 2012. *A Guide to IL and SL in Spanish: Problems, pending issues and a proposal*. Ms. (to be published in *Borealis*, 1).
- Falk, J. 1979. Visión de norma general versus visión de norma individual. *Studia Neophilologica*. 51: 275-293.
- Fernández Leborans, M. J. 1999. La predicación: las oraciones copulativas. In: I. Bosque & V. Demonte (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 2357-2460.
- Franco, F. 1984. "Ser" y "Estar" + Locativos en español. *Hispania*. 67: 74-79.
- Gallego, Á. & Uriagereka, J. 2009. Estar = Ser + P. Paper presented at the *XIX Colloquium on Generative Grammar*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- García Méndez, M. J. 2008. La construcción 'Ser + Participio': rasgos característicos y diferenciadores en los estudios contrastivos de español – portugués. In: A. Moreno Sandoval (Ed.), *Actas del VIII Congreso de Lingüística General*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 795-814.
- Gehrke, B. 2007. Putting Path in Place. In E. Puig-Waldmüller (Ed.), *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, 11. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 244-260.
- Grimshaw, J. 1990. *Argument structure*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Hale, K. 1986. Notes on World View and Semantic Categories: Some Warlpiri Examples. In: P. Muysken & H. van Riemsdijk (Eds.). *Features and Projections*. Dordrecht: Foris,

233-254.

- Halle, M. & Marantz, A. 1994. Some key features of Distributed Morphology. In: A. Carnie & H. Harley (Eds.), *MITWPL 21: Papers on phonology and morphology*, Cambridge (Mass.): MITWPL, 275-288.
- Holtheuer, C. 2011. The distribution of *ser* and *estar* with adjectives: A critical survey. *Revista Signos*. 44 (75): 33-47.
- Huddleston, R. & Pullum, G. K. 2002. *The Cambridge Grammar of the English Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Jackendoff, R. S. 1990. *Semantic Structures*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Kayne, R. S. 1994. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Kratzer, A. 1995. Stage-Level and Individual-Level Predicates. In: G. Carlson & F.J. Pelletier (Eds.). *The Generic Book*. Chicago: University of Chicago Press, 125-175.
- Leonetti, M. 1994. *Ser y estar: estado de la cuestión*. *Barataria*. 1: 182-205.
- Levin, B. & Rappaport-Hovav, M. 1995. *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Maienborn, C. 2007. On Davidsonian and Kimian states. In: I. Comorovski & K. von Stechow (Eds.). *Existence: Semantics and Syntax*. Dordrecht: Springer, 107-130
- Marín, R. 2010. Spanish adjectives within bounds. In: P. Cabredo Hofherr & O. Matushansky (Eds.). *Adjectives: Formal analyses in syntax and semantics*. Amsterdam: John Benjamins, 307-332.
- Masullo, P. J. 2008. *The Syntax-Lexical Interface. Prepositionalizing Motion Verbs in Spanish*. Ms. University of Pittsburgh.
- Morimoto, Y. 2001. *Los verbos de movimiento*. Madrid: Visor.
- Moro, A. 1997. *The Raising of Predicates: Predicative NPs and the Theory of Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pustet, R. 2003. *Copulas. Universals in the Categorization of the Lexicon*. Oxford: Oxford University Press
- Resnik, G. 2010. *Los nombres eventivos no deverbales en español*. Doctoral dissertation. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- Rizzi, L. 1997. The Fine Structure of the Left Periphery. In: L. Haegeman (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.
- Romero, J. 2009. El sujeto en las construcciones copulativas. *Verba*. 36: 195-214.
- Salazar, V. 2004. *Ser y estar en expresiones locativas*. In: M. Villagrande (Ed.). *Actas del V Congreso de Lingüística General*. Madrid: ArcoLibros, 2495-2506.
- Stowell, T. 1983. Subjects Across Categories, *Linguistic Review*. 2: 285-312.

- Uriagereka, J. 2001. Adjectival Clues. Paper presented at the *5th Hispanic Linguistic Symposium. Acquisition of Spanish & Portuguese*. University of Illinois at Urbana-Champaign.
- Vañó-Cerdá, A. 1982. *Ser y estar + adjetivos. Un estudio sincrónico y diacrónico*. Tübingen: Gunter Narr.
- Zagona, K. 2008. *Ser and estar differ in both structure and aspectual features*, presented at *Chronos 8. International Conference on Tense, Aspect, Mood, and Modality*, University of Texas at Austin.
- Zagona, K. 2011. *Ser and estar: Phrase structure and aspect*. In: C. Nishida & C. Russi (Eds.). *Selected Proceedings from Chronos 8*. Amsterdam: Rodopi, 1-20.

As segmentações não convencionais da escrita inicial: um estudo sobre o troqueu silábico e sua relação com o ritmo linguístico do PB e do PE¹

Ana Paula Nobre da Cunha
apncunha@gmail.com

Centro de Letras e Comunicação, UFPel (Brasil)

ABSTRACT. This paper aims to show, from the description and analysis of unconventional segmentations of words in texts, the relevance of the syllabic trochee in the insertion of space within the limits of the word (hypersegmentation) or in the removal of space between word boundaries (hypossegmentation), as well as its relationship with the linguistic rhythm of Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). The data analyzed in this study were drawn from texts produced spontaneously by children in the writing acquisition process in Brazil and Portugal. The analyses, based on the Bisol's proposal (2000), point to the fact that unconventional segmentations of words, both in BP and in EP, show similar results regarding the relevance of the syllabic trochee as an important motivator of hyper and hyposegmentations. The main difference between these two varieties of Portuguese is related to evidence of linguistic rhythm in the written language, due to the directionality with which the clitic associates itself to a content word: proclitic in BP and enclitic in EP. That analysis, particularly, is based on Abaurre and Galves (1998).

KEY-WORDS. Writing acquisition, unconventional segmentations, syllabic trochee, linguistic rhythm.

RESUMO. A partir da descrição e análise de segmentações não convencionais das palavras no texto, este artigo tem como objetivo demonstrar a relevância do troqueu silábico na inserção de espaço dentro dos limites da palavra (hipersegmentação) ou na supressão de espaço entre fronteiras vocabulares (hipossegmentação), bem como a sua relação com o ritmo linguístico do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). Os dados analisados neste estudo foram retirados de textos produzidos, de maneira espontânea, por crianças brasileiras e portuguesas, em fase de aquisição da escrita. As análises,

¹ Este artigo retoma parte das análises apresentadas na tese de doutoramento da autora (Cunha 2010), a qual teve orientação da Prof^a. Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda (Universidade Federal de Pelotas/Brasil) e co-orientação, durante o período de seis meses de estágio na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, do Prof. Dr. João Veloso. Dedico este trabalho a esses dois professores, cujas orientações, cada uma à sua medida, foram fundamentais para a elaboração e conclusão da tese.

fundamentadas na proposta de Bisol (2000), apontam para o fato de que as segmentações não convencionais das palavras, tanto no PB como no PE, apresentam resultados semelhantes quanto à relevância do troqueu silábico como importante motivador de hiper e hipossegmentações. A principal diferença entre essas duas variedades do português está relacionada a evidências de ritmo linguístico na escrita, devido à direcionalidade com que o clítico se associa a uma palavra de conteúdo: proclítico no PB e enclítico no PE. Essa análise, em particular, fundamenta-se em Abaurre e Galves (1998).

PALAVRAS-CHAVE. Aquisição da escrita, segmentações não convencionais, troqueu silábico, ritmo linguístico.

1. Introdução

Ao longo dos últimos anos, vem se consolidando o número de pesquisas que abordam a estreita relação entre a escrita inicial, produzida de forma espontânea, e aspectos do conhecimento linguístico infantil, haja vista trabalhos como os de Abaurre (1987, 1990, 1999), Capristano (2003, 2004), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004, 2010), Miranda (2007, 2008, 2009) e Tenani (2004, 2006), dentre outros. O presente estudo insere-se nesse campo de pesquisa, pois parte de dois pressupostos básicos: i) as segmentações não convencionais da escrita inicial podem ser motivadas, dentre outros fatores, pela formação de constituintes prosódicos, e ii) as segmentações não convencionais da escrita inicial podem apresentar evidências de ritmo linguístico.

Estudos sobre a tipologia rítmica do português não são, ainda, consenso entre foneticistas e fonólogos, principalmente quando se toma o pé métrico para a determinação do acento da palavra. Com a intenção de fornecer argumentos fonológicos para os estudos sobre o ritmo do PB, Bisol (2000) enfatiza a importância do troqueu silábico no sistema fonológico, partindo da análise de processos como a redução vocálica, o acento, a haplogia e o sândi vocálico.

Quanto à motivação prosódica, em dados de segmentação não convencional da escrita, conforme Cunha (2010), tanto nos textos de crianças brasileiras quanto nos de crianças portuguesas, a maior parte das hipersegmentações ocorre, dentre outros aspectos, por influência do pé métrico portador do acento principal, em especial, o troqueu silábico. No que concerne às hipossegmentações, particularmente as que se formam devido à junção entre um clítico e uma palavra fonológica, os resultados do

PB e do PE apresentam uma significativa diferença, a saber, a direcionalidade com que o clítico une-se à palavra de conteúdo: proclítica no PB e enclítica no PE. Tal diferença, segundo Cunha (2010), nos remete a evidências de ritmo linguístico na escrita. A análise desses dados, em particular, está fundamentada em Abaurre e Galves (1998).

Com base na relação fala/escrita, nos argumentos de Bisol (2000) e de Abaurre e Galves (1998), dentre outros, este trabalho tem o objetivo de demonstrar, no PB e no PE, a partir da descrição e análise de dados de segmentação não convencional, a relevância do troqueu silábico na inserção de espaço dentro dos limites da palavra (hipersegmentação) ou na supressão de espaço entre fronteiras vocabulares (hipossegmentação), e sua relação com o ritmo linguístico dessas duas variedades do português.

2. Os dados analisados

Para este estudo, especificamente, foram selecionados alguns dados² retirados de textos³ produzidos por crianças brasileiras e portuguesas, em fase de aquisição da escrita. Os sujeitos brasileiros eram crianças com idades entre 6 e 12 anos, que cursavam, à época das coletas, as quatro primeiras séries do ensino fundamental de duas escolas de Pelotas/RS/BR (sul do Brasil), uma pública e outra particular. Os sujeitos portugueses, eram crianças entre 6 e 9 anos, de três primeiros anos do ensino básico, de dez escolas públicas, situadas em cidades adjacentes ao Porto/PT (norte de Portugal). Embora se tenha um número bastante significativo de textos, esta pesquisa é de cunho qualitativo, portanto, os dados serão apresentados na medida em que sirvam como exemplos dos fenômenos analisados, sem tratamentos estatísticos ou quantitativos.

3. As segmentações não convencionais das palavras no texto

Segmentar um texto em palavras não é tarefa elementar para a criança

² Os dados de segmentação não convencional estão grafados exatamente como se encontram nos textos infantis, preservando, portanto, a forma de escrita das crianças.

³ Os textos foram coletados por meio de Oficinas de Produção Textual, cujo principal objetivo era a obtenção de textos criativos e o mais espontâneos possíveis. Essa metodologia aplicou-se tanto no Brasil quanto em Portugal, a fim de que se pudesse garantir a possibilidade de comparação entre os resultados. Todos os textos pertencem ao BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Escrita-FAE-UFPEL).

que está em fase de aquisição, uma vez que é a escrita que a coloca, concretamente, diante da necessidade de segmentar em palavras o que ela entende como um contínuo de sinais acústicos. Essa dificuldade deve-se tanto porque a fala é usada como importante referência para a aquisição da escrita (Kato 2001), quanto porque as crianças têm dificuldades em conceituar *palavra*, em especial, estruturas que possuem apenas uma ou duas letras (Ferreiro & Pontecorvo 1996).

Comparando a fala com a escrita, sem que se reduza esta a uma transcrição daquela, é natural que, no início da aquisição, a criança apresente tendência a escrever com um número mais reduzido de segmentações e que, gradativamente, no decorrer do processo, comece a segmentar mais o texto. A instabilidade em conceituar palavra leva a criança a entendê-la, muitas vezes, como um enunciado e não como uma unidade gramatical ou semântica. Durante esse processo, hipóteses sobre os limites das palavras são testadas, deixando transparecer para a escrita, em certos casos, o conhecimento linguístico da criança acerca da fonologia da língua, particularmente, da fonologia prosódica.

De acordo com Cunha (2010), o espaço inserido dentro dos limites da palavra ou o suprimido entre as fronteiras vocabulares, tanto nos dados do PB quanto do PE, podem ser motivados, dentre outros fatores, pelos constituintes prosódicos⁴. Para este trabalho, destacam-se as hiper e hipossegmentações motivadas pelo constituinte pé métrico, especificamente, o troqueu silábico, ou pé trocaico.

4. O acento e o troqueu silábico

Antes das sílabas formarem uma palavra fonológica elas devem se agrupar em pés, cuja principal característica é a relação de dominância entre duas ou mais sílabas (Nespor & Vogel, 1986). Segundo as autoras, o estudo do pé métrico é de fundamental importância em pesquisas que investigam sobre o acento prosódico, pois possibilita a identificação de sílabas tônicas e átonas no interior da palavra e, também, nas sequências de maiores proporções.

⁴ As segmentações não convencionais da escrita são analisadas, neste trabalho, à luz dos constituintes prosódicos, conforme proposta de Nespor & Vogel (1986).

O pé métrico binário, de um modo geral, é estruturado de forma a ter uma sequência com uma sílaba relativamente forte e outra relativamente fraca. A proeminência, à esquerda ou à direita, varia de língua para língua. No português, segundo Bisol (1994, 1996), as sílabas podem ser estruturadas em pés binários construídos com cabeça à esquerda – troqueu silábico –, contando-se da borda direita da palavra. Esses pés têm a seguinte representação: (* .), na qual a sílaba forte é indicada pelo asterisco e a mais fraca pelo ponto, conforme os exemplos em (1), os quais apresentam palavras paroxítonas, regra geral do português.

(1) bala	borboleta	colete
(* .)	(* .)(* .)	(* .)
(* .)	(*)	(*)

Bisol (2000: 404) interpreta o PB como uma língua de ritmo misto, ou seja, “uma língua de ritmo acentual e silábico, com forte propensão para o último”. Para fundamentar sua argumentação, a autora enfoca processos fonológicos que salientam o papel do troqueu silábico como um dos elementos básicos do ritmo do PB, tais como: a) redução e a queda da vogal em proparoxítonas; b) atribuição do acento primário e secundário; c) resultados de aplicação da haplogogia; d) bloqueio da degeminação e da elisão.

5. O troqueu silábico nas segmentações não convencionais

Nesta seção, apresentamos, nas duas variedades do português, dados de hiper e hipossegmentação, a partir dos quais pretendemos analisar a influência do troqueu silábico e sua relação com outros processos fonológicos que porventura estejam envolvidos nas segmentações não convencionais das palavras.

5.1. Hipersegmentações

Os dados a seguir apresentam estruturas muito semelhantes, tanto no PB quanto no PE, no que diz respeito à influência do troqueu silábico como importante motivador da inserção de espaço indevido dentro dos limites da palavra; razão pela qual analisamos simultaneamente as duas variedades do português.

Tanto no PB quanto no PE, são dois os tipos de hipersegmentação mais frequentes entre os dados analisados, a saber, a inserção de espaço que resulta em um clítico e uma palavra fonológica (2), e a que resulta em duas palavras fonológicas (3), conforme exemplos que seguem.

- (2) **PB:** *a onde* (aonde) / *em bora* (embora) / *su bimo* (subimos) / *xa mado* (chamado)
PE: *a migo* (amigo) / *as neiras* (asneiras) / *de pressa* (depressa) / *a quele* (aquele)

Consideramos, neste trabalho, como palavra fonológica não só aquela que possui significado lexical, mas também, conforme Cunha (2004), todas as estruturas que apresentam um acento primário. Portanto, nos dados em (2), as estruturas resultantes à direita são palavras fonológicas, nesses casos, dissílabas e paroxítonas, evidenciando, assim, a forte influência do troqueu silábico.

Nos dois primeiros dados do PB, assim como em todos do PE, podemos considerar que a inserção do espaço tenha ocorrido, também, devido ao reconhecimento, por parte da criança, dos clíticos “a”, “em”, “as” e “de”. Ainda nos dois primeiros dados do PB, pode ter havido a identificação das palavras lexicais “onde” e “bora”, essa última como redução de “embora”, usada na fala coloquial brasileira. No entanto, nos dados *su bimo* e *xa mado*, do PB, parece ficar mais claro que o troqueu silábico é o motivador da segmentação, visto que as sílabas deixadas à esquerda – *su* e *xa* – não são clíticos da língua e tampouco *bimo* ou *mado* são palavras lexicais, mas, sim, troqueus silábicos. Nos dados do PE, embora todas as palavras que ficam à esquerda sejam clíticos, apenas “pressa”, das estruturas que ficam à direita, poderia ser considerada como palavra lexical. As demais – *migo*, *neiras*, *quele* – podem facilmente ser reconhecidas como um troqueu silábico.

Nas hipersegmentações em (3), da inserção do espaço resultam duas palavras fonológicas, já que podemos constatar, em cada uma delas, a presença de um acento. Em ambos os dados, no PB e no PE, observa-se a divisão de uma palavra polissílaba em duas palavras dissílabas e paroxítonas. Em se tratando da noção de palavra, Abaurre (1991) aponta essa estrutura como a preferida das crianças em fase de aquisição da escrita.

- (3) **PB:** *mara vilha* (maravilha) / *verda deiro* (verdadeiro) / *perso nagem* (personagem)
PE: *capo chinho* (capuchinho) / *entre tanto* (entretanto) / *desfar ssado* (disfarçado)

Embora, em (3), todas as estruturas resultantes da hipersegmentação sejam troqueus silábicos, podemos considerar também que no dado *mara vilha*, tenha havido, por parte da criança, o reconhecimento do nome próprio “Mara”, como outro fator de motivação para a inserção do espaço, porém, nos demais exemplos do PB, o pé trocaico parece ser o mais importante motivador da segmentação, visto que as palavras formadas não possuem significado lexical.

A presença do sufixo indicador de diminutivo, no primeiro dado do PE, pode ser, também, uma forte motivação para a inserção do espaço. Segundo Bisol (1996), alguns sufixos, como *-mente* ou *-zinho*, podem ser considerados palavras, uma vez que possuem acento primário. No segundo dado do PE – *entre tanto* –, as duas palavras que se formam, além de serem pés trocaicos, possuem significado no léxico. As demais estruturas – *capo*, *desfar*, *ssado* –, porém, não são palavras lexicais, mas troqueus silábicos, e embora não deixemos de reconhecer que a estrutura *ssado* apresenta semelhança com a palavra lexical “assado” ou mesmo com o nome do rio português “Sado”.

5.2. Hipossegmentações

Os dados de hipossegmentação apresentam, nas duas variedades do português, uma significativa diferença no que diz respeito às estruturas que envolvem um clítico e uma palavra de conteúdo⁵. Enquanto no PB, as hipossegmentações são formadas, na sua maioria, pela junção de um clítico a uma palavra fonológica, nessa ordem, no PE, ao contrário, a estrutura hipossegmentada forma-se devido à falta de espaço entre uma palavra fonológica e um clítico. Portanto, apresentaremos as análises desses dados separadamente.

⁵ Devido à relevância dessa diferença, para a análise do ritmo, optou-se por não apresentar, neste artigo, análises de outros tipos de hipossegmentações senão as que relacionam um clítico a uma palavra fonológica.

Os dados que seguem – do PB – são hipossegmentações resultantes da juntura entre um clítico e uma palavra fonológica, formando, na maioria das vezes, palavras polissílabas, nestes casos específicos, compostas por quatro sílabas. As hipossegmentações apresentadas em (4) são formadas por dois pés binários, do tipo troqueu silábico.

- (4) a. *omenino* (o menino) c. *miacordava* (me acordava)
b. *cimcontrava* (se encontrava) d. *mesequeso* (me esqueço)

Em (4.a), o clítico “o”, por princípio, átono, com a reestruturação das sílabas, dentro da estrutura hipossegmentada, passa a receber um acento secundário (Collischonn 1994). Embora haja, nos textos analisados, diversos dados desse tipo, nos quais as hipossegmentações são formadas apenas pela juntura do clítico à palavra fonológica, formando dois pés troqueus, optamos por enfatizar, neste artigo, as hipossegmentações que apresentam processos fonológicos nas fronteiras de palavras, por acreditarmos que tais processos são evidências importantes da formação de pés trocaicos.

Dessa forma, nas demais hipossegmentações, apresentadas em (4), ocorrem reestruturações silábicas por meio de processos de sândi vocálico – degeminação e ditongação –, os quais favorecem, nesses dados, a manutenção de estruturas de pés trocaicos. Sem os processos de reestruturação, ao unir o clítico à palavra fonológica, haveria um número ímpar de sílabas, ocasionando, de acordo com Collischon (1994), a possibilidade de ritmos alternantes, decorrentes da variação na implementação do acento secundário. Em (5), demonstramos como essas estruturas passam de ritmo alternante para ritmo binário, em decorrência dos processos de sândi.

- (5) a. se.(en.con.) tra.va ~ (se.en.) con.tra.va > (cim.con.) tra.va
 (* .) (* .) (* .)
b. me.(a.cor.) da.va ~ (me.a.) cor.da.va > (mia.cor.) da.va
 (* .) (* .) (* .)

Como podemos observar, em (5.a), a hipossegmentação se mantém com uma formação de dois pés trocaicos, mesmo após à junção do clítico,

devido ao processo de degeminação⁶ (“s[e] [e]ncontrava” > “s[e]ncontrava” > *c[i]mcontrava*). Enquanto em (5.b), os dois troqueus são mantidos graças ao processo de ditongação (“m[e] [a]cordava” > *m[ia]cordava*).

Na hipossegmentação em (4.d) – *mesequeso* –, encontramos uma diferença no processo, pois, levando-se em conta apenas a degeminação, essa estrutura, ao contrário das anteriores, resultaria em uma palavra de três sílabas (“m[e] [e]squeço” > *m[e]squeço*). Propomos, portanto, duas possíveis análises, conforme apresentamos em (6).

- (6) a. (me.es.) que.ço > me.[se].que.ço > (me.se.) que.so
(* .) (* .)
b. (me.es.)que.ço > m[e]s.que.ço > me.s[e].que.ço > (me.se.)que.so
(* .) (* .)

Em (6.a), podemos considerar que na palavra de conteúdo “esqueço” tenha havido uma metátese entre os segmentos de sua primeira sílaba, [es] > [se], devido à influência do processo de alfabetização, em que a criança inverte a sequência de segmentos na sílaba, em busca da estrutura canônica, CV. Em (6.b), podemos concluir que, após uma degeminação, houve uma epêntese de [e], para formação de mais uma sílaba que completaria o pé binário. Dessa forma, as análises que apresentamos em (5) e (6) são exemplos de hipossegmentações nas quais os processos fonológicos, nas fronteiras em que houve a supressão do espaço, são indispensáveis à preservação dos pés troqueus.

Conforme anunciamos no início desta seção, ao contrário do PB, no PE, as hipossegmentações mais frequentes são as resultantes da juntura entre uma palavra fonológica e um clítico, nessa ordem, de acordo com os exemplos em (7).

- (7) a. *abrasarte* (abraçar-te) / *fenchiuse* (fingiu-se) / *visitala* (visitá-la)
b. *chamavase*(chamava-se)/*contaronlhe*(contaram-lhe)/*faltame*(falta-me)

As hipossegmentações apresentadas em (7) são resultantes da juntura entre um verbo e um pronome. Em (7.a), os verbos que eram oxítonos,

⁶ Após a degeminação há um processo de alçamento da vogal [e] > [i].

com a juntura do clítico, transformaram-se em palavras paroxítonas, enquanto em (7.b), os verbos que eram inicialmente paroxítonos tornaram-se proparoxítonos. O importante é que em nenhum caso a regra da janela de três sílabas, para o acento em português, é infringida. Isso ocorre tanto em dados do PE quanto do PB.

Embora a juntura entre verbo e pronome seja a mais frequente no PE, as hipossegmentações formadas por uma palavra fonológica e um clítico apresentam outro tipo de ocorrência, conforme apresentamos em (8). Consideramos que estes dados estejam diretamente ligados a questões de ritmo, as quais serão discutidas na seção 7 deste artigo.

- (8) a. boca tão grade **parate**⁷ comer melhor
b. O capuchinho **pergutuouque** olhos tão grandes

Como podemos observar em (8), levando-se em conta o contexto sintático das frases de que fazem parte os clíticos, “te” e “que”, seria esperado que estivessem unidos à palavra fonológica da direita, “comer” e “olhos”, respectivamente. No entanto, esses clíticos seguem o efeito de direcionalidade (Carvalho 1989) e, em posição enclítica, formam troqueus silábicos com a palavra anterior (Abaurre & Galves 1998).

6. O ritmo linguístico no PB e no PE

Para a análise dos dados que apresentam segmentações não convencionais relacionadas à direcionalidade com que o clítico une-se à palavra fonológica, fundamentamos o presente trabalho – em relação ao ritmo linguístico do PB e do PE –, especificamente, na proposta de Abaurre & Galves (1998). Partindo de uma abordagem otimalista⁸ e minimalista⁹, as autoras propõem um estudo sobre as diferenças rítmicas entre o PB

⁷ A sequência “para te” é bastante frequente nos textos, do PB e do PE, devido ao fato de que uma das Oficinas de Texto, utilizada na recolha de material, foi o conto de fadas “Chapeuzinho/Capuchinho Vermelho”.

⁸ A Teoria da Otimalidade ou Otimalidade (Prince & Smolensky 1993) é um modelo de análise gramatical cujos objetivos principais são estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis da variação linguística entre as línguas naturais.

⁹ O Programa Minimalista de Chomsky (1995) propõe, segundo Abaurre & Galves (1998), a supressão dos níveis internos à própria gramática (Estrutura-D e Estrutura-S), mantendo somente LF (Forma Lógica) e PF (Forma Fonética), definidos como os níveis de interface com os sistemas de desempenho, respectivamente, o Sistema Conceptual-Intencional e o Sistema Articulatório-Perceptual.

e o PE, em que discutem a relação entre tais diferenças e fenômenos de redução de vogais pretônicas em ambas as línguas. Essa questão, segundo as pesquisadoras, não pode ser discutida sem levar em conta a colocação do acento secundário.

O ganho das teorias de acento e ritmo, conforme Abaurre & Galves (1998: 377), deve-se ao fato de “que elas permitem atribuir aos princípios específicos da organização rítmica a origem de determinadas diferenças prosódicas entre sistemas linguísticos muito semelhantes”, em especial, sistemas como o PB e o PE.

Nessa proposta, as autoras usam uma análise feita por Carvalho (1989), no que diz respeito à redução das pretônicas e à integridade morfológica, relacionadas com o ritmo. Carvalho (1989) considera que as sílabas pretônicas, que não se integram a um pé trocaico construído lexicalmente, fazem parte de um grupo rítmico no nível pós-lexical. Para o autor, o PB e o PE são diferentes quanto à direcionalidade dessa integração: enquanto no PB essa integração aconteceria para a direita, na forma de próclise; no PE, seria para a esquerda, na forma de ênclise.

Para exemplificar a análise de Carvalho (1989), Abaurre & Galves (1998: 384) apresentam dois enunciados iguais, obtidos na leitura de uma missa, nos quais as fronteiras de unidades rítmicas são representadas por //:

PB: Naquele // tempo // disse // Jesus

PE: Naquele // tempo // disse Je // sus

Para as autoras, a diferença na direcionalidade, proposta por Carvalho (1989), está acompanhada de uma outra: “as sílabas associadas à direita são integradas a um pé contido na mesma palavra, enquanto as sílabas associadas à esquerda são ritmicamente integradas à palavra precedente”. No PB, os grupos rítmicos correspondem às palavras, enquanto, no PE, a integridade da palavra não é respeitada, visto que ocorre o grupo //disseje//, conforme apresentado no exemplo acima.

A proposta de Abaurre & Galves (1998) é a de que o PB e o PE possuem comportamentos diferentes em relação aos fenômenos de redução vocálica e à atribuição do acento secundário, em decorrência da diferente hierarquização de três vínculos ou restrições, a saber, a “integridade da

palavra fonológica”, a “binariedade do pé” e o “pé trocaico”¹⁰. As autoras apresentam, em sua proposta, uma detalhada análise da ordem relativa de cada uma dessas restrições e concluem que o PB e o PE caracterizam-se por possuírem diferentes hierarquias, conforme se apresenta a seguir:

PB	PE
1. integridade da palavra fonológica	1. pé trocaico
2. binariedade do pé	2. integridade da palavra fonológica
3. pé trocaico	3. binariedade do pé

7. As evidências de ritmo linguístico em segmentações não convencionais
Retomando o que foi posto no início da seção 5.2, os dados de hipossegmentação, no PB e no PE, apresentam uma relevante diferença no que diz respeito às estruturas que envolvem um clítico e uma palavra de conteúdo. Nosso objetivo é mostrar, com base na proposta de Abaurre & Galves (1998), que essa diferença apresenta evidências de ritmo linguístico na escrita. Começemos, então, pela estrutura “para te”, que despertou nossa atenção, uma vez que é recorrente, em ambas as variedades do português, em muitos dos textos analisados.

- (9) a. **PB:** e esa boca é para **tever** melhor minha netinha
b. **PE:** boca tão grade **parate** ver melhor

De acordo com o que podemos observar em (9), a estrutura que sofre variação quanto à direcionalidade não se trata exatamente de uma sílaba pretônica, conforme apresentado na proposta de Abaurre & Galves (1998), mas um clítico. Como já dissemos no início deste artigo, a criança em fase de aquisição da escrita encontra dificuldades em considerar como palavra estruturas de uma ou duas letras, portanto, tende a associá-la a uma palavra de conteúdo. Da mesma forma, essa instabilidade faz com que, em alguns casos, a criança separe uma sílaba da palavra, confundindo-a com um clítico, conforme se observa na maioria dos dados de hipersegmentação. Levando-se

¹⁰ Segundo as autoras, a restrição “pé trocaico” não leva em conta o número de sílabas. Refere-se apenas à localização da cabeça do pé à esquerda. Dessa forma, fazem parte dessa família de pés fonéticos os dâtilos – uma sílaba forte e duas fracas.

em conta essa instabilidade da criança, em estabelecer diferença entre o que é uma sílaba ou um clítico, consideramos absolutamente relevante a análise da direção em que esse clítico é associado à palavra de conteúdo.

Em relação às hipossegmentações que apresentamos em (9), interessantes, especificamente, algumas diferenças entre esses dois dados. Em (9.a), a estrutura *tever* não é novidade em relação aos dados do PB, pelo contrário, faz parte do tipo mais numeroso encontrado nos textos das crianças brasileiras, ao mesmo tempo que é condizente com a estrutura oral do PB, ou seja, pronome em próclise. Diferentemente, em (9.b), a criança não coloca o pronome da forma como é regularmente utilizado na fala do PE, enclítico ao verbo; coloca-o, porém, enclítico ao pronome que precede o verbo. A motivação mais coerente que se nos apresenta para essa diferença está posta na análise dos grupos rítmicos proposta por Abaurre & Galves (1998), conforme demonstramos em (10).

- (10) a. **PB:** *e esa boca é para tever melhor minha netinha*
*... é // para // **tever** // melhor...*
b. **PE:** *boca tão grade parate ver melhor*
*... **parate** // ver me // lhor*

Ao seguirmos a distribuição rítmica proposta por Abaurre & Galves (1998), as hipossegmentações, em (10), parecem ser motivadas pela formação de grupos rítmicos distintos em ambas as variedades do português. Em (10.a), embora essa hipossegmentação se justifique pelo simples fato de no PB ser esperada a junção do pronome ao verbo, em posição proclítica, podemos também acrescentar que, de acordo com a proposta de Abaurre & Galves (1998), essa estrutura estaria igualmente adequada à formação de grupos rítmicos, uma vez que a integridade da palavra fonológica foi preservada em preferência à formação do troqueu silábico.

De maneira diferente ao PB, de acordo com Abaurre & Galves (1998), no dado do PE, (10.b), o clítico “te”, por ser átono, associa-se ao grupo rítmico que o antecede, formando um pé troqueu, do tipo dátilo. Ao olharmos o restante da frase, é coerente pensarmos que a sílaba ‘me’, da palavra “melhor”, esteja incorporada ritmicamente ao verbo “ver”, formando com ele um pé trocaico, mesmo que esse grupo rítmico não esteja

representado por meio de uma hipossegmentação. Não podemos esquecer que postulamos, desde o início de nosso trabalho, não ser a escrita uma transcrição da fala, portanto, não pretendemos que as crianças escrevam obedecendo literalmente ao ritmo da língua. Postulamos, sim, que o erro pode ser entendido como um “vazamento” (Abaurre 1999) de formas de oralidade para formas de escrita, como, por exemplo, *parate* e *tever*, assim como todos os outros dados analisados neste trabalho.

A seguir, apresentamos outras hipossegmentações para comprovar que nosso achado não é único e que essa motivação rítmica encontra-se em outros tipos de segmentações não convencionais da escrita¹¹. Em (11), analisamos mais dois dados em que o clítico “te” se junta à palavra adjacente em diferentes direções, no PB e no PE.

- (11) a. **PB:** *agora uma rodadinha para mim tever*
 ... *para // mim // tever*
- b. **PE:** *Não fales com estranhos e nãote percas!*
 ... *nãote // percas*

Apresentamos, novamente, duas possibilidades de juntura do clítico “te”. A diferença entre o PB e o PE está, assim como nas hipossegmentações analisadas em (10), no fato de que, no primeiro dado, (11.a), o clítico une-se ao vocábulo seguinte, formando uma palavra fonológica, sem considerar a formação de um troqueu silábico. Ao contrário, em (11.b), o “te” não acompanha o verbo, formando com ele uma palavra fonológica, mas se junta ao grupo rítmico que o precede, criando um troqueu silábico.

Diferentemente dos dados anteriores, em que o clítico em questão era um pronome, nas hipossegmentações a seguir, em (12), apresentamos dados em que o clítico é uma preposição e a palavra de conteúdo, um substantivo. No PB, em (12.a), é mantida a integridade da palavra fonológica, mesmo que o clítico não seja portador de acento secundário, formando-se, portanto, uma palavra trissílaba de cabeça medial.

¹¹ Essas evidências rítmicas, relacionadas ao efeito de direcionalidade, apresentam-se também em dados a que chamamos de híbridos (Cunha 2010), os quais são formados por hipo e hipersegmentação em uma mesma estrutura, como, por exemplo, *pora que/a* (por aquela) ou *seua migo* (seu amigo). No entanto, para este trabalho, analisamos apenas as hipossegmentações.

- (12) a. **PB:** *a professora mais bonita **domundo***
... mais // bonita // **domundo**
- b. **PE:** *o cassador ouviu gritos e foi a casa e **abriua barrigado lobo***
... a // briua **ba** // **rrigado** // lobo

Em (12.b), no PE, acontecem duas hipossegmentações diferentes. Analisaremos primeiro // barrigado //, que se relaciona mais diretamente com o dado do PB apresentado em (12.a). O clítico “do”, seguindo a estrutura rítmica, junta-se à palavra fonológica que o precede, formando um troqueu silábico (dátilo). Se levarmos em conta a formação dos grupos rítmicos no PE, a preposição não poderia juntar-se à palavra seguinte em função do acento primário de “lobo”, que é característico do começo de um novo grupo rítmico.

Não existe nessa estrutura, como seria possível, em função dos grupos rítmicos, uma hipersegmentação da sílaba pretônica ‘ba’. Todavia, isso não nos surpreende devido ao que explicamos anteriormente, ou seja, não pretendemos que todo o texto esteja segmentado de acordo com a possível divisão rítmica da fala.

Ainda na frase apresentada em (12.b), encontramos a hipossegmentação *abriua*, na qual temos junção do artigo “a” com a palavra que está à sua esquerda, um verbo. Novamente observamos a formação de um troqueu silábico em uma palavra trissílaba de cabeça medial. No PB, em frases semelhantes a essa do PE, o mais comum seria encontrarmos o artigo ou a preposição associados ao substantivo à sua direita e teríamos, então, *abriu // abarriga // dolobo*, seguindo o tipo de estrutura proposta por Abaurre & Galves (1998), para o PB.

8. A relação entre o troqueu silábico e o ritmo linguístico do português

De acordo com as análises que apresentamos nas seções 5 a 7, parecemos clara a relevância do troqueu silábico como forte motivação nos dados de hipersegmentação, em ambas as variedades do português. Sem deixar de considerar que, no PB, muitas hipossegmentações, particularmente as que formam palavras polissílabas e apresentam processos fonológicos em suas fronteiras vocabulares, também parecem ser fortemente motivadas pela formação de dois pés trocaicos.

Uma vez que as hipersegmentações ocorrem dentro dos limites vocabulares, temos, por conseguinte, como maior influência, nesse contexto, o acento principal da palavra. De acordo com Bisol (2000), o acento primário é comum às duas variedades do português. Junte-se a essa ideia o fato de que a maior frequência de palavras, na língua portuguesa, pertence à classe das paroxítonas, cujo pé do acento principal é um troqueu. Concluímos, pois, que as hipersegmentações, tanto no PB quanto no PE, demonstram como forte motivação a inserção de um espaço antes da sílaba forte de um pé métrico, especificamente, do tipo trocaico. Para analisar evidências de ritmo, precisamos, todavia, ir além dessas constatações e encontrar o que as duas variedades, brasileira e lusitana, apresentam de diferente em seus dados de escrita.

Observamos que a principal diferença entre os dados do PB e do PE encontra-se nas hipossegmentações que envolvem a direcionalidade com que um clítico se une a uma palavra adjacente. Em se considerando, segundo Abaurre & Galves (1998), a direcionalidade como um dos componentes favoráveis ao estudo do ritmo, podemos afirmar que as hipossegmentações oferecem melhor contexto para as análises rítmicas. Além do que, levando-se em conta que o ritmo é um fenômeno prosódico estabelecido no nível pós-lexical, também nesse aspecto as hipossegmentações – uma vez que podem extrapolar os limites da palavra –, parecem-nos as estruturas mais adequadas para os estudos de ritmo.

Quanto à proposta de Abaurre & Galves (1998), vale ressaltar que, em nossos dados de escrita, as evidências rítmicas mais fortes encontram-se na supremacia da “integridade da palavra fonológica” para o PB e do “pé trocaico” para o PE. Esse resultado corrobora, portanto, a ideia de que “o ritmo em PE é baseado no troqueu, enquanto o ritmo brasileiro se constrói respeitando, sobretudo, as fronteiras de palavras fonológicas” (Abaurre & Galves 1998: 394).

Podemos concluir, afirmando que, em se tratando do português brasileiro e do português europeu, o troqueu silábico exerce um papel relevante na segmentação não convencional das palavras no texto. Essa motivação se mantém no PE, no que se refere à formação de grupos rítmicos, enquanto no PB essa relevância está em respeitar os limites da palavra fonológica, diferenciando-se, portanto, a estrutura rítmica dessas duas variedades do

português.

9. Considerações finais

Por tudo que apresentamos, concluímos que dados de segmentação não convencional, encontrados em textos produzidos de forma espontânea, por crianças brasileiras e portuguesas, apresentam evidências capazes de colaborar para com a discussão sobre o ritmo linguístico de ambas as variedades do português.

Não podemos perder de vista que, ao lidar com dados de escrita espontânea, é possível que ocorram variações na forma de grafar e segmentar uma mesma palavra dentro de um mesmo texto. Entendemos, portanto, essa flutuação como intrínseca ao processo, tanto no PB quanto no PE. Reafirmamos, pois, que não pretendemos, em momento algum, considerar que a escrita seja uma transcrição da fala.

De um modo geral, os dados aqui descritos e analisados parecem evidenciar a influência do troqueu silábico nas segmentações não convencionais da escrita inicial de crianças brasileiras e portuguesas, o que contribui para o reconhecimento desse tipo de pé como uma importante unidade para os estudos de ritmo do português. Pode-se dizer ainda que essas crianças, durante o processo de aquisição da escrita, são bastante sensíveis a esse constituinte prosódico. Dessa forma, mais uma vez, confirma-se que estudos com base na relação fala/escrita podem apresentar contribuições para os estudos desenvolvidos no campo da fonologia.

REFERÊNCIAS

- Abaurre, M. B. 1987. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? *Anais de Seminários do Gel*. Campinas: IEL/Unicamp.
- Abaurre, M. B. 1990. *Língua oral e língua escrita: aspectos da aquisição da representação escrita da linguagem*. Mimeo, IEL- UNICAMP. Campinas.
- Abaurre, M. B. 1991. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*. 11: 203-217.
- Abaurre, M. B. 1999. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: R. Lamprecht (Ed.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto

- Alegre: EDIPUCRS, 167-186.
- Abaurre, M. B. & Galves, C. 1998. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. *DELTA*. 14 (2): 62-82.
- Bisol, L. 1994. O acento e o pé binário. *Letras de hoje*. 29 (4): 25-36.
- Bisol, L. 1996. Sândi externo: o processo e a variação. *Gramática do português falado*. 5: 55-94.
- Bisol, L. 1996. O Sândi e a ressilabação. *Letras de hoje*. 31 (2): 159-168.
- Bisol, L. 2000. O troqueu silábico no sistema fonológico. *DELTA*. 16 (2): 403-413.
- Capristano, C. C. 2003. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. Dissertação. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Unesp. São José do Rio Preto/Brasil
- Capristano, C. C. 2004. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*. 39(3): 245-260.
- Carvalho, J. B. 1989. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rythmical patterns. *Linguistics*. 27: 405-436.
- Chacon, L. 2004. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de hoje*. 39 (3): 223-232.
- Chacon, L. 2005. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*. 34: 77-86.
- Chacon, L. 2006. Prosódia e letramento em hipersegmentações; reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: M. Corrêa (Eds.). *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press.
- Collischonn, G. 1994. Acento secundário em português. *Letras de hoje*. 29 (4)(98): 43-53.
- Cunha, A. P. N. 2004. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Dissertação – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/Brasil
- Cunha, A. P. N. 2010. *As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu*. Tese – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/Brasil.
- Ferreiro, E. & Pontecorvo, C. 1996. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: E. Ferreiro, C. Pontecorvo, N. Moreira & I. Hidalgo. (Eds.). *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, 38-66.
- Kato, M. 2001. *No mundo da escrita*. São Paulo: Editora Ática.
- Miranda, A. R. M. 2009. Os dados de aquisição oral e escrita e o estatuto das codas mediais do português. In: G. Ferreira-Gonçalves, M. Keske-Soares & M. B. de Paula. *Estudos em Aquisição Fonológica*. 2.

- Miranda, A. R. M. 2008. A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia. *Revista Letras*. 36.
- Miranda, A. R. M. 2007. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: R. Lamprecht. *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Nespor, M. & Vogel, I. [1986]1994. *La prosodia*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A.
- Prince, A. & Smolensky, P. 1993. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Technical report #2 of The Rutgers center for Cognitive Science. Rutgers University (inédito).
- Tenani, L. 2004. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de hoje*. 39 (3): 233-244.
- Tenani, L. 2006. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. *Estudos Linguísticos*. XXXV. 118-131.

Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu

Fátima Oliveira
foliveir@netcabo.pt

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

António Leal
a.leal006@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

RESUMO: O Pretérito Perfeito Composto do Indicativo é um tempo gramatical que apresenta, em português europeu, tipicamente uma leitura iterativa, o que o distingue das restantes línguas em que existem construções semelhantes. Neste trabalho, pretende-se, por um lado, identificar as condições em que surge esta leitura e, por outro lado, apresentar uma proposta de descrição formal baseada em algumas das suas características temporais, aspetuais e quantificacionais. De facto, a leitura iterativa está dependente do ponto de perspetiva temporal e do tipo aspetual básico da predicação. Para além disso, há restrições evidentes relativas ao tipo de quantificação que pode operar sobre o argumento direto interno ou sobre expressões temporais que ocorrem no escopo da predicação relevante. Assim, e no seguimento dos trabalhos de Van Geenhoven (2004) e Laca (2006), propomos que o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo em português europeu tem subjacente um operador que toma uma eventualidade básica e a projeta numa eventualidade da mesma natureza, mas de tipo grupal, constituída pela iteração da eventualidade básica. Esta proposta afasta-se de outras propostas de explicação do Pretérito Perfeito Composto do Indicativo em português europeu, na medida em que a eventualidade grupal criada por este tempo gramatical não é uma mera pluralização de situações, mas uma entidade ontologicamente superior, tal como, no domínio nominal, um nome coletivo denota uma entidade de estatuto ontologicamente superior ao das entidades atómicas que o constituem. Na parte final deste trabalho, abordaremos alguns tópicos relacionados com os contextos em que surge a leitura não iterativa deste tempo gramatical, procurando apontar percursos de investigação futura.

PALAVRAS-CHAVE: tempo; aspeto; pretérito perfeito composto; iteração; *pluractionals*; quantificação.

ABSTRACT: The Pretérito Perfeito Composto do Indicativo (present perfect) is a tense that typically exhibits an iterative reading in European Portuguese that does not arise in similar constructions pertaining to other languages. In this paper, we intend to identify the conditions under which this iterative reading arises and to present a formal

account grounded on its temporal, aspectual and quantificational features. In fact, the rise of the iterative reading depends on the temporal perspective point and on the basic aspectual class of the predication. Furthermore, there are clear restrictions concerning the quantification operators in the direct object and in the temporal adjuncts that occur in the scope of the relevant predication. Thus, taking as starting point the works of Van Geenhoven (2004) and Laca (2006), we propose that there is an operator underlying the Pretérito Perfeito Composto in European Portuguese that projects a basic eventuality into a collective eventuality of the same nature, constituted by the iteration of the basic eventuality. This proposal departs from others concerning the description of the Pretérito Perfeito Composto in that the collective eventuality created by this Portuguese tense is not a mere pluralisation of situations, but an entity ontologically superior, just like in the nominal domain a collective noun denotes an entity that is ontologically superior to the atomic entities that fall in its denotation. In the final part of this paper, we will address some topics concerning the conditions under which the non-iterative reading of the Pretérito Perfeito Composto arises and we will point out some topics for further research.

KEY-WORDS: tense; aspect; present perfect; iteration; pluractionals; quantification.

0 - Introdução

O pretérito perfeito composto do indicativo (doravante, PPC) em português europeu (doravante, PE) é um tempo gramatical que evidencia certas peculiaridades, que o distinguem de outras variedades do Português e de outras línguas, nomeadamente das línguas românicas, em que existem construções gramaticais semelhantes. Estas características tornam este tempo verbal de particular importância, na medida em que levanta questões de difícil resposta. Deste modo, torna-se evidente o interesse que tem sido demonstrado, nos últimos tempos, por este tempo gramatical, patenteado na diversidade de trabalhos publicados, sob diversas perspetivas, que vão desde a sua evolução histórica até à sua relação com construções semelhantes em línguas mais ou menos aparentadas, passando, naturalmente, pela sua descrição e caracterização.

O trabalho que aqui se apresenta tem dois objetivos principais. Em primeiro lugar, pretende-se proceder a uma caracterização do PPC em PE, apontando alguns aspetos menos exatos que têm sido referidos em literatura recente sobre este assunto. Em segundo lugar, é nossa intenção apresentar uma proposta de justificação teórica para o traço semântico do PPC que mais tem sido posto em evidência: a sua iteratividade.

Este trabalho tem a seguinte estrutura. Principiaremos por abordar a

questão da caracterização geral do PPC. Num segundo momento, debruçar-nos-emos sobre a sua particularidade mais saliente, a iteratividade, onde serão analisadas as condições em que esta leitura surge, nomeadamente as que dizem respeito a questões temporais, aspetuais e quantitativas. Numa terceira parte, apresentaremos uma proposta de explicação da iteratividade do PPC, partindo do trabalho de Van Geenhoven (2004) sobre *pluractionals*, reformulado com sugestões que podem ser encontradas em Laca (2006), sobre algumas perífrases aspetuais em espanhol. De seguida, retomaremos algumas restrições à combinação de certos elementos linguísticos com o PPC e procuraremos esclarecê-las à luz da nossa proposta de explicação do valor iterativo deste tempo gramatical. Terminaremos este trabalho com algumas reflexões relacionadas com os casos em que o PPC não evidencia leitura iterativa.

1 - Descrição do PPC em PE

1.1 - Considerações gerais

O PPC em PE pode ser descrito, em termos gerais, como um tempo do passado, que se prolonga até ao momento da enunciação, podendo até estender-se para além deste momento. Esta característica do PPC foi já apontada em Barbosa (1822).¹

Um outro aspeto a salientar é o facto, também já referido em Barbosa (1822), de o verbo auxiliar no PPC ser apenas “ter” e não permitir, como em todos os outros tempos gramaticais, o verbo auxiliar “haver”.²

Como o ponto de perspetiva temporal do PPC é tipicamente o momento da enunciação, veicula-se que a iteração de situações ou o estado (no caso de não haver iteração) se prolonga até ao momento da enunciação, podendo inferir-se que pode continuar para além deste ponto. Assim, em

¹ Deste tempo não ha mais que huma unica Linguagem, que he a composta do participio perfeito do verbo Ser e do auxiliar Ter, como Tenho sido. O auxiliar nota manifestamente hum tempo presente, e o participio Sido denota huma existencia da qual ja nada resta, e assim acabada a respeito da epocha actual, em que estou falando.

Pelo que esta Linguagem pôde-se dizer de qualquer tempo passado, cujo periodo venha a acabar na epocha presente: Posso dizer: Hoje, Esta semana, Este anno, Muitos anos tenho sido Spectador de grandes acontecimentos. Mas não a posso dizer de tempo algum preterito, cuja epocha tenha expirado antes da presente. Não posso dizer: Hontem, A semana passada, Há dous anos tenho lido este livro, O seculo passado tem sido fertil em acontecimentos. Devo dizer: Li este livro, Foi fertil em acontecimentos. Comtudo nossos Grammaticos confundem em hum estes dous tempos, dizendo Li, ou Tenho lido.

Barbosa (1822:212-213)

² Para uma perspetiva diacrónica desta questão, veja-se Amaral & Howe (no prelo).

(1), a iteração de eventos “o João calçar os sapatos” e o estado “o João estar doente” prolongam-se até ao momento da enunciação, inferindo-se que essa iteração de eventos e esse estado se podem prolongar para além desse ponto. Esta constatação é comprovada pela agramaticalidade de frases em que a definição de uma fronteira final para as eventualidades é anterior ao momento da enunciação. Assim, os exemplos (2) são agramaticais na medida em que a fronteira final para as eventualidades tem de se situar no interior do intervalo denotado pelo advérbio “ontem”, o que confirma as observações já feitas também por Barbosa (1822).

- (1) a. O João tem calçado aqueles sapatos.
- b. O João tem estado doente.
- (2) a. * Ontem, o João tem calçado aqueles sapatos.
- b. * Ontem, o João tem estado doente.

No entanto, em alguns casos, a marcação da fronteira final pode ser feita por um elemento linguístico num momento posterior ao momento da enunciação, como em (3). Contudo, esta possibilidade parece estar restringida apenas aos casos de eventos delimitados. Deste modo, a agramaticalidade ou a difícil aceitabilidade de (4) dever-se-á ao facto de estarmos perante um processo, em (4a), e um estado, em (4b). Note-se, no entanto, que, em (4a), a possível aceitabilidade se relaciona com o facto de se poder encarar “correr” como uma corrida de extensão delimitada (um tipo de corrida).

- (3) Quando a Maria chegar, já o João tem almoçado.
- (4) a. */??? Quando a Maria chegar, já o João tem corrido.
- b. * Quando a Maria chegar, já o João tem estado no jardim.

É de salientar, a este respeito, que, em Laca (2010), se refere que esta possibilidade de leitura de não inclusão do momento da enunciação (leitura não universal, nas palavras da autora) está vedada ao PPC em PE. Ou seja, em PE, o PPC não poderia ter uma leitura de posterioridade em relação ao momento da enunciação. No entanto, o exemplo dado em Laca (2010:8) para ilustrar essa impossibilidade é perfeitamente gramatical em PE, tal como está atestado em Peres (1996b:4) relativamente ao mesmo exemplo:

(5) Quando a Ana regressar de Groningen, já tu tens acabado a tese.

Um outro aspeto a ter presente é a não definição da fronteira inicial do estado ou da iteração de eventos. Assim, em (6), a predicação pode ser modificada por qualquer um dos adverbiais, independentemente de ser definida uma fronteira inicial distante (“nos últimos anos”) ou próxima (“nos últimos minutos”) do momento da enunciação.

(6) {Nos últimos anos/ nas últimas semanas/ nos últimos minutos}, o mar tem chegado até ao paredão.

Uma outra característica do PPC em PE prende-se com o facto de não evidenciar leitura resultativa, nem poder ser considerado um tempo verbal perfeito, na linha do que é defendido em Moens (1987) ou Kamp & Reyle (1993), e diferentemente do que se postula em Squartini & Bertinetti (2000), em que se considera que o PPC é um perfeito com traços de imperfetividade. Existe, no entanto, em PE, uma construção, muito semelhante ao PPC, que é claramente perfeita: a construção *ter + participio flexionado*. Esta construção, de natureza sintática e semântica diferente, é formada pela combinação do verbo pleno “ter” em qualquer tempo, seguido de um objeto direto e de uma forma participial que concorda com a expressão nominal objeto direto em género e número. (7a) corresponde à construção de PPC, enquanto (7b) corresponde à construção *ter + participio flexionado*.

- (7) a. O João tem lido os livros/as revistas.
b. O João tem os livros lidos/ as revistas lidas.

Contudo, enquanto o PPC se pode combinar, com poucas restrições, com todas as classes aspetuais, como se pode ver em (8), a construção *ter + participio flexionado* restringe-se aos casos em que existe um objeto direto e a predicação básica denota, do ponto de vista aspetual, uma eventualidade télica. Desta forma, esta construção está limitada a processos culminados e culminações, como se ilustra em (9). A existência desta construção e as diferenças relativamente às restrições apresentadas evidenciam que a proposta de Giorgi & Pianesi (1997), que consideram que “ter” nas

construções de PPC é um verbo pleno, não é adequada.

- (8) a. O Rui tem adorado os filmes do Tarantino. (estado)
- b. O polícia tem perseguido os ladrões. (processo)
- c. O polícia tem lido a revista. (processo culminado)
- d. A Maria tem fechado a janela do quarto. (culminação)
- e. O polícia tem piscado o olho à testemunha. (ponto)
- (9) a. * O Rui tem os filmes do Tarantino adorados. (estado)
- b. * O polícia tem os ladrões perseguidos. (processo)
- c. O polícia tem a revista lida. (processo culminado)
- d. A Maria tem a janela do quarto fechada. (culminação)
- e. * O polícia tem o olho piscado à testemunha. (ponto)

De referir, a este respeito, que, em Laca (2010), se defende que o PPC em português não teria leitura resultativa porque teria surgido ao mesmo tempo uma construção semelhante, a de *ter + participio flexionado*, que seria semanticamente idêntica à origem latina da construção românica, ou seja, a *haver + participio*. Esta construção teria impedido que *ter + participio não flexionado* adquirisse leitura resultativa, fazendo com que se especializasse em leituras universais. Contudo, este argumento não explica por que motivo a construção com participio não flexionado não pode ter leitura resultativa nos (numerosos) casos em que não há possibilidade de ocorrência de *ter + participio flexionado*, uma vez que esta última construção está restringida aos casos em que existe um objeto direto e a predicação é, aspetualmente, télica. Vejam-se (9a), (9b) e (9e), em que existem complementos diretos, mas as classes aspetuais não são télicas.

Ainda a propósito da distinção destas construções, parece-nos pertinente apontar algumas especificidades do participio em PE. É normalmente dito que, quando os verbos apresentam participios duplos³, a forma selecionada nos tempos compostos é a regular. Para além disso, em Amaral & Howe (no prelo) refere-se que a forma regular ocorre no PPC enquanto a irregular ocorre na construção resultativa, tal como os seus exemplos ilustram:

³ Verbos abundantes, na designação de Cunha & Cintra (1984).

- (10) a. Tenho acendido/*aceso velas.
- b. Tenho a vela acesa/*acendida.

No entanto, esta associação do participípio regular ao PPC e do participípio irregular à construção resultativa não é totalmente válida, na medida em que, tal como é referido em Duarte & Oliveira (2010), quando se trata de um verbo muito frequente e ainda existe competição entre a forma regular e a irregular, a forma regular tem tendência a desaparecer, sendo sistematicamente usada a forma irregular, mesmo no PPC, como os exemplos das autoras em (11) ilustram:

- (11) a. A Maria tem limpo/pago/entregue o fato na lavandaria.
- b. A Maria tem ?limpado/*pagado/?entregado o fato na lavandaria.

Por outro lado, quando o verbo é pouco frequente e ainda existe competição entre a forma regular e irregular, ambas as formas são possíveis na construção resultativa, como se pode ver em (12):

- (12) a. A aldeia ficou submergida/submersa.
- b. Submergida/submersa a aldeia, nunca mais os seus habitantes lá voltaram.

Numa outra linha de argumentação, Giorgi & Pianesi (1997) defendem que o PPC em português denota um hábito e que o verbo “ter”, nesta construção, é um verbo pleno. Para além disso, haveria um operador nulo de genericidade subjacente à oração participial complemento de “ter”, justificando desta forma a repetição (iteração) das eventualidades básicas. Contudo, esta proposta, entre os vários problemas que apresenta, (i) não dá conta da fundamentação sintática para considerar o verbo “ter” como verbo pleno nesta construção, mas auxiliar nas restantes; (ii) não explica por que motivo não há repetição das eventualidades básicas em todos os contextos, ou seja, por que motivo há operador de genericidade nuns casos, mas não em outros casos, como o que é ilustrado em (13); (iii) não justifica as diferentes possibilidades de ocorrência e as diferentes leituras atribuídas ao PPC e à construção *ter + participípio flexionado*, as quais, de acordo com esta proposta, não deveriam evidenciar

diferenças. Veja-se que (14a), construído com PPC, é gramatical, mas que (14b) não o é com a construção *ter + participio flexionado*. Acresce que esta proposta evidencia não fazer a distinção entre iteração e habitualidade (cf. Cunha 2006). Com efeito, o PPC pode ocorrer em frases habituais, como em (15); contudo, essa leitura não é conferida pelo PPC, mas pela oração temporal, tal como se pode verificar em (15b), com alteração do tempo verbal.

- (13) A Maria tem estado doente. (um único estado de “estar doente”)
- (14) a. O João tem almoçado sopa.
b. * O João tem sopa almoçada.
- (15) a. Ultimamente, ele tem atendido o telefone sempre que lhe ligo.
b. Ultimamente, ele atende /atendeu o telefone sempre que lhe ligo/liguei.

1.2 - A iteração no PPC: condições para o seu surgimento

Tal como foi referido no início da secção anterior, o PPC em PE evidencia tipicamente uma leitura iterativa (cf. Campos 1984; Peres 1996a; Peres 1996b; Oliveira 2003; Molsing 2010; Amaral & Howe, no prelo, entre outros), o que não se verifica em construções similares noutras línguas românicas (e.g. espanhol peninsular, francês, italiano) e germânicas (e.g. inglês). Assim, em (16), a leitura por defeito é a de que houve apenas uma ocorrência do evento “a Maria tossir”, mas, em (17), a leitura é a de que houve várias ocorrências, em número indeterminado, do evento “a Maria tossir”.

- (16) A Maria tossiu.
- (17) A Maria tem tossido.

Neste sentido, iremos ver em que condições surge essa iteração.

1.2.1 - O ponto de perspetiva temporal

A leitura iterativa só está presente nos casos em que o ponto de perspetiva temporal coincide com o momento da enunciação (cf. Campos 1984, Peres 1996b; Oliveira 2003). Contudo, como foi já referido, há casos em que comparece o PPC e o ponto de perspetiva temporal é definido por um outro elemento linguístico com valor temporal, situando-se após o momento da

enunciação. Nestes casos, a predicação tem uma leitura de evento único, ou seja, não há iteratividade. Veja-se novamente o exemplo (3), agora renumerado como (18). Neste caso, o ponto de perspetiva temporal para a avaliação da oração principal é dado pela oração temporal, a qual estabelece com o momento da enunciação uma relação de posterioridade. Por seu turno, a oração principal estabelece com o seu ponto de perspetiva temporal uma relação de anterioridade, mas, com o momento da enunciação, uma relação de posterioridade. Neste caso, a oração principal tem uma leitura de evento único, o que confirma que o ponto de perspetiva temporal é relevante, pelo menos em PE, para a leitura iterativa do PPC.

(18) Quando a Maria chegar, já o João tem almoçado.

1.2.2 - O tipo aspetual da predicação

O PPC em PE evidencia leitura iterativa quando o tipo aspetual da eventualidade básica é um evento, como (19)-(22) ilustram.

(19) O rapaz tem tossido. (ponto)

(20) O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo de comboio.
(processo culminado)

(21) O rapaz tem corrido no parque da cidade. (processo)

(22) O rapaz tem fechado a janela do quarto. (culminação)

Para além disso, o PPC pode ainda ter leitura iterativa quando combinado com estados, exceto se estes forem predicados de indivíduo não faseáveis (cf. (23)-(26)).

(23) * O rapaz tem tido olhos azuis. (predicado de indivíduo; não faseável)

(24) O rapaz tem sido preguiçoso. (predicado de indivíduo; faseável)

(25) O rapaz tem estado no jardim. (predicado de estádio; não faseável)

(26) O rapaz tem estado indisposto. (predicado de estádio; faseável)

Embora a leitura iterativa seja a leitura por defeito, não é a única possível. Por exemplo, em (27a), a leitura preferencial é a de que houve

um número indeterminado de situações “o rapaz estar no jardim”, mas, em (27b), a leitura preferencial é a de que houve apenas uma ocorrência dessa eventualidade. Esta divergência relaciona-se com a extensão do intervalo temporal que é relevante. De facto, em (27a), o intervalo denotado por “nos últimos tempos” é maior do que o que é relevante em (27b), denotado por “na última meia hora”.

- (27) a. O rapaz tem estado no jardim nos últimos tempos.
b. O rapaz tem estado no jardim na última meia hora.

Esta alternância de leituras que surge com estados no PPC pode ser explicitada por advérbios que indiquem, inequivocamente, se estamos perante uma iteração de eventualidades (*de modo intermitente, intervaladamente*), ou perante uma única eventualidade (*de forma contínua, constantemente*). Vejam-se os exemplos seguintes:

- (24') O rapaz tem sido preguiçoso {constantemente / de modo intermitente}.
(25') O rapaz tem estado no jardim {constantemente / de modo intermitente}.
(26') O rapaz tem estado indisposto {constantemente / de modo intermitente}.

Em suma, a leitura iterativa está condicionada por fatores de natureza aspetual, em particular a distinção evento/estado. Para além disso, contrariamente ao que surge em alguma literatura a propósito deste tempo em PE, tal leitura não é a única disponível quando a eventualidade é de tipo estativo.

1.2.3 - Ocorrência de expressões nominais quantificadas

O surgimento da leitura iterativa é condicionado ainda pela natureza semântica do complemento direto. Assim, nestas condições, podem ocorrer, por exemplo, expressões nominais determinadas, quantificadas com quantificadores existenciais, proporcionais (“muitos”) ou não (“alguns”), com o quantificador universal “todos os” e ainda meros plurais (cf. (28a)). Pelo

contrário, não podem ocorrer expressões quantificadas com quantificadores numerais (cf. (28b)).⁴

- (28) a. Tenho visto {bons jogadores/muitos bons jogadores/alguns bons jogadores/os bons jogadores/todos os bons jogadores} de futebol.
b. * Tenho visto três bons jogadores de futebol⁵.

Note-se que esta restrição não se aplica às expressões com a função de sujeito, caso em que podem ocorrer inclusivamente quantificadores numerais, como se pode ver em (29), contrariamente ao que é defendido em Amaral & Howe (no prelo).

- (29) a. Têm aparecido três gatos no meu jardim.
b. Três crianças têm brincado com o Mateus.

No entanto, há a notar, em relação a (29), que a leitura preferencial da expressão “três gatos” e “três crianças” é a específica. Contudo, se se adicionar um adverbial de frequência, a leitura preferencial passa a ser a não específica.

- (29') a. Têm aparecido três gatos no meu jardim todas as semanas.
b. Três crianças têm brincado com o Mateus todas as semanas.

Note-se ainda que a compatibilidade do PPC com sujeitos quantificados está de certa forma dependente do facto de a eventualidade básica poder ser repetida. Assim, com um verbo como “nascer”, está vedada a ocorrência de sujeitos com quantificadores cardinais, como se pode ver em (30). Este exemplo só seria aceitável se tivesse uma leitura taxinómica, ou seja, se o nome “gato” denotasse tipos ou raças de gatos.

⁴ O quantificador universal “cada” evidencia um comportamento particular. Expressões quantificadas com este operador não podem ocorrer como complemento direto, como em (i). No entanto, estas restrições parecem não ter a ver com o PPC, na medida em que surgem também com a forma simples, como se pode ver em (ii).

(i) * Tenho visto cada bom jogador de futebol.
(ii) * Vi cada bom jogador de futebol.

⁵ Com leitura não específica.

(30) * Têm nascido três gatos no meu jardim.

Por fim, é de salientar que, no caso de complementos diretos no singular que sejam descrições definidas, o PPC pode ter uma leitura imperfetiva, se for possível estabelecer uma relação entre partes da entidade denotada pela descrição definida e subeventos da mesma natureza. Assim, em (31), infere-se que houve várias ocorrências de “ler (partes de) o livro que lhe ofereci” e que a leitura do livro não chegou ao fim.

(31) O meu sobrinho tem lido o livro que lhe ofereci.

1.2.4 - Ocorrência de modificadores adverbiais

Há também restrições relativamente ao tipo de modificação adverbial que pode ocorrer. Assim, podem ocorrer expressões com quantificadores existenciais vagos (cf. (32a)), mas não quantificadores cardinais (cf. (32b)), exceto se a leitura licenciada for não a de contagem de situações, mas a de frequência, dada, em (32c), por “por semana”.

- (32) a. Tenho atravessado a ponte sobre o Tejo {muitas vezes/algumas/
várias vezes}.
- b. * Tenho atravessado a ponte sobre o Tejo três vezes.
- c. Tenho atravessado a ponte sobre o Tejo três vezes por semana.

O exemplo (32a) é um contraexemplo relativamente ao que é defendido em Laca (2010), em que a autora refere que o PPC em PE não admite combinação com adverbiais de contagem vaga.⁶

Vejamos algumas das possibilidades de combinação do PPC com expressões quantificacionais, nos casos em que as expressões de quantificação não têm, no seu escopo, a eventualidade em que ocorre o PPC.

⁶ Laca (2010:11) apresenta o seguinte exemplo, que é gramatical em PE:
(i) Eu tenho visto muitas vezes a sua irmã ultimamente.

O primeiro aspeto a salientar é o facto de, quando os nomes que denotam unidades temporais (“dia” e “vez”) ocorrem sem modificação, haver restrições relativamente à possibilidade de combinação com os quantificadores. Assim, o quantificador universal “todos os” pode combinar-se com “dias”, mas não com “vezes” (cf. (33) e (38)). Pelo contrário, o quantificador existencial “alguns” pode combinar-se com “vezes”, mas não com “dias” (cf. (34a) e (39)). Contudo, se a expressão quantificada com “alguns” estiver integrada numa quantificação de frequência, a frase em que ocorre já será gramatical (cf. (34b)).

A combinação das unidades temporais “vezes” e “dias” com quantificadores cardinais é regular. Assim, a sua ocorrência é agramatical (cf. (35a) e (40a)), exceto se se denotar quantificação de frequência (cf. (35b) e (40b)).

A combinação com o quantificador universal distributivo “cada” é também regular, na medida em que o resultado é sempre agramatical, mesmo quando se expressa frequência (cf. (36) e (41)).

Por fim, a combinação com quantificadores de grau é assimétrica, dado que se combinam sem restrições com “vezes” (cf.(42)), mas não com “dias”; neste segundo caso, é necessário que se expresse quantificação de frequência (cf. (37a) e (37b)).

- (33) O João tem visto a Maria todos os dias.
(34) a. * O João tem visto a Maria alguns dias.
b. O João tem visto a Maria alguns dias por semana.
(35) a. * O João tem visto a Maria três dias.
b. O João tem visto a Maria três dias por semana.
(36) * O João tem visto a Maria {cada dia/ cada dia por semana}⁷
(37) a. * O João tem visto a Maria poucos dias.
b. O João tem visto a Maria poucos dias por semana.
(38) * O João tem visto a Maria todas as vezes.⁸
(39) O João tem visto a Maria algumas vezes.
(40) a. * O João tem visto a Maria três vezes.
b. O João tem visto a Maria três vezes por semana.

7 Note-se que o exemplo apresenta maior aceitabilidade com modificação.

(i) ? O João tem visto a Maria cada dia que vai ao Porto.

⁸ O exemplo seria gramatical com modificação.

(i) O João tem visto a Maria todas as vezes que vai ao Porto.

- (41) * O João tem visto a Maria {cada vez/ cada vez por semana}.⁹
(42) O João tem visto a Maria poucas vezes.

Em síntese, verifica-se que, relativamente aos quantificadores universais, “todos os” pode operar em combinação com o PPC, mas não o quantificador distributivo “cada”. Por seu lado, os quantificadores cardinais não podem coocorrer com o PPC, exceto se inseridos em estruturas de frequência. Por fim, os quantificadores existenciais, gradativos ou não, apresentam um comportamento heterogéneo, podendo, na maior parte das vezes, coocorrer com o PPC sem ser necessária a sua inclusão numa estrutura de frequência.

2 – Para uma explicação da iteração no PPC em PE

As características anteriormente apontadas relativamente ao PPC em PE sugerem que está em causa, nos casos em que há iteração, uma forma de repetição de situações que se aproxima da frequência. Neste sentido, utilizaremos, num primeiro momento, a proposta de Van Geenhoven (2004) para o estudo de construções de frequência. Esta proposta, como se verá, não se adequa completamente ao tratamento da iteração do PPC em PE, pelo que será necessário proceder a uma reformulação. Para isso, utilizaremos a proposta de Laca (2006) que, com base na anterior, foi elaborada para dar conta de algumas perífrases aspetuais com gerúndio em Espanhol.

2.1 – O PPC enquanto exemplo de *pluractionality*

Uma primeira hipótese de explicação para a iteração do PPC passa por considerar que este tempo gramatical denota uma pluralização de situações. Assim, pode ser colocada a hipótese de esta leitura do PPC poder ser explicada como um caso de pluracionalidade (*pluractionality*), na linha de Van Geenhoven (2004).

Esta autora defende, a partir de dados do gronelandês ocidental, que certos afixos verbais funcionam como operadores de pluracionalidade. Os *pluractionals* são entendidos como a contrapartida verbal do operador

⁹ Note-se que os exemplos seriam gramaticais com modificação.

(i) O João tem visto a Maria cada vez que vai ao Porto.

estrela de Link (1983), para os nomes: encerramento (*closure*) de um predicado de átomos sob a operação de soma. Assim, propõe-se que a semântica dos frequentativos pluracionais pode ser captada pelo operador *crystal star*, que foi proposto por Van Geenhoven para a descrição do afixo “-tar-” do gronelandês ocidental:

- (43) $*^t V(x)$ at $t = 1$ iff
 $\exists t' (t' \subseteq t \wedge V(x)$ at $t' \wedge \text{number } t' > 1 \wedge \forall t'' (t' \subseteq t \wedge V(x)$ at $t'' \rightarrow \exists t'''$
 $(t'' \subseteq t \wedge (t'' > t' \vee t'' < t') \wedge V(x)$ at $t''' \wedge \exists t'''' (t' < t'''' < t'' \vee t' >$
 $t'''' > t'' \wedge \neg V(x)$ at $t'''' \wedge 0 < \text{length}(t''') \leq n))$)

em que o valor de ‘n’ é um número de unidades temporais contextualmente determinadas

Van Geenhoven (2004:159)

Para explicar a distribuição de partes de um participante plural por diferentes eventos verbais numa pluralidade de eventos provocada por um operador de pluracionalidade, Van Geenhoven propõe o operador *FREQ-P* (operador de participante frequentativo). Este operador requer uma multiplicidade de subintervalos verbais e uma multiplicidade de partes individuais de um participante, que se distribuem pela pluralidade de eventos criada pelo operador frequentativo. Além do mais, essa distribuição requer que a expressão que denota o participante tenha referência cumulativa e átomos/singularidades na sua denotação, o que acontece no caso dos meros plurais, mas não no dos indefinidos singulares ou cardinalizados.

Por fim, de referir que este operador apenas se combina com a versão do verbo que incorpora semanticamente o argumento relevante, permitindo assim que a expressão nominal seja interpretada como uma propriedade e esteja no escopo de qualquer operador que afete o verbo. Veja-se o exemplo (38b), de Van Geenhoven (2004:149), aqui numerado como (44):

- (44) Minutsit arlallit attasaasat toortarpai
Minute–ABS–PL several–ABL–PL button–ABS–PLpush-repeatedly-
IND-[+tr]-3SG.3PL.
‘He pushed different buttons repeatedly for several minutes’

Quanto aos indefinidos singulares e cardinalizados, estes podem ser incorporados, mas como não são distribuíveis, não são compatíveis com o operador *FREQ-P*. A autora propõe que estas expressões nominais apenas se podem combinar com *FREQ*, uma versão puramente temporal do operador.

Esta hipótese sobre os pluracionais é usada, em Laca (2006), para explicar o valor semântico de certas construções com verbos aspetuais em Espanhol, nomeadamente *andar + gerúndio* ou *ir + gerúndio*. Laca argumenta que a hipótese, tal como é formulada por Van Geenhoven, não pode ser aplicada a estas construções em Espanhol, na medida em que não consegue dar conta da possibilidade de leituras distributivas com expressões nominais definidas ou universalmente quantificadas, as quais, teoricamente, rejeitariam a incorporação semântica no verbo. Vejam-se os exemplos de Laca (2006:203), aqui numerados como (45) e (46):

(45) El zorro anduvo matando las gallinas.

(46) Con el tiempo el club fue perdiendo (a) todos sus socios.

O mesmo se pode constatar em PE, com o PPC. Em (47), verifica-se a distribuição das entidades denotadas por “as galinhas do meu avô”, uma descrição definida, pelos subeventos denotados por “matar”. Os exemplos (48) a (50), adaptados para o PPC em PE, tal como (46), a partir de exemplos de Laca (2006), mostram que pode haver distribuição das entidades denotadas por expressões quantificadas universalmente.

(47) A/Uma raposa tem matado as galinhas do meu avô.

(48) A/Uma raposa tem matado todas as galinhas do meu avô.

(49) O clube tem perdido todos os sócios.

(50) A Ana tem telefonado a cada um dos amigos.

Em suma, a proposta de Van Geenhoven, tal como é formulada, apenas dá conta de parte dos dados relativos ao PPC em PE.

2.2 - Para uma explicação da iteração do PPC em PE

Outra hipótese de explicação do PPC em PE passa por considerar que este tempo gramatical não denota conjuntos ou somas de eventos do mesmo tipo,

mas antes grupos, entendidos como entidades atômicas, à semelhança do que se passa, no domínio nominal, com os nomes coletivos. Assim, num exemplo como (47), é necessário que haja uma ligação entre o conjunto denotado por “as galinhas do meu avô” e o evento coletivo (formado por uma série de subeventos) denotado por “tem matado”, de forma a que haja uma ligação de cada subevento verbal a uma entidade do conjunto das galinhas.

As consequências da mudança de somas ou conjuntos de eventos para grupos de eventos seriam as seguintes. Em primeiro lugar, não seria necessária a incorporação do objeto direto, ou seja, não seria necessário que o objeto direto fosse interpretado como um predicado. Para além disso, não seria necessária uma ligação de todas as entidades denotadas pelo objeto direto ao evento coletivo. Por outras palavras, e considerando o exemplo (48), não seria necessário que todas as entidades que são “galinhas do meu avô” tivessem sido mortas.

Em Laca (2006), é feita a proposta de tratamento de perífrases com *andar* + *gerúndio* (e *ir* + *gerúndio*) em Espanhol, baseada na proposta de Van Geenhoven (2004), que pode, no nosso entender, ser alargada ao PPC em PE. Nesse trabalho, Laca defende que as perífrases com *andar* + *gerúndio* em Espanhol são predicados de grupos de eventos (pluralidade de eventos do tipo descrito pelo verbo básico), que requerem uma pluralidade de subintervalos verbais não sobrepostos (uma pluralidade de eventos verbais com tempos de duração não sobrepostos). Neste sentido, a autora propõe que, subjacente a estes verbos auxiliares, existe um operador de frequência com as seguintes condições de verdade:

$$(51) \text{FREQ-V } (\uparrow X) \Rightarrow \\ \text{card}(X) \geq n \ \& \ \forall e, e' \in X [V(e) \ \& \ V(e') \ \& \ \neg \tau(e) \ \circ \ \tau(e') \ \& \ \exists t (\tau(e) < t \\ < \tau(e') \vee \tau(e) > t > \tau(e')) \ \& \ \neg \exists e'' (V(e'') \ \& \ t = e'')] \\ \text{(Laca 2006: 212)}$$

Consideramos que esta proposta pode ser alargada ao PPC em PE, da seguinte forma. Tomemos, como exemplo, a frase (20), agora renumerada como (52).

(52) O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo de comboio.

De acordo com as condições de verdade indicadas em (51), o PPC comporta-se como um operador de frequência (silencioso) sobre conjuntos de eventos “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio”, criando um indivíduo atómico de tipo grupal (um coletivo de eventos), se (i) a quantidade de subeventos “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio” for igual ou superior a uma cardinalidade contextualmente determinada; (ii) todos os subeventos que formam o evento grupal forem denotados por “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio”; (iii) não houver sobreposição temporal dos tempos de duração dos subeventos “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio” que formam o evento grupal; (iv) entre o tempo de duração de cada um dos subeventos existir um intervalo que não corresponda ao tempo de duração de um subevento denotado por “atravessar a ponte sobre o Tejo de comboio”.

Assim, o PPC em PE, de acordo com a nossa proposta, não denota uma mera pluralidade de eventualidades básicas, mas antes uma única eventualidade, de natureza grupal, formada pela iteração de eventualidades básicas, o que advoga no sentido de se proceder a uma distinção entre as noções de frequência e de iteração.

3 - Proposta de explicação das restrições iniciais

A proposta formulada na secção anterior permite-nos avançar com algumas explicações para as restrições identificadas anteriormente, relacionadas com a leitura iterativa do PPC em PE.

Em primeiro lugar, ao requerer a criação de um evento grupal formado por uma série de subeventos do mesmo tipo, o PPC rejeita os predicados de indivíduo não faseáveis. De facto, sendo predicados de indivíduo, aplicam-se a indivíduos, e não a porções de indivíduos espaço-temporalmente delimitados; sendo não faseáveis, não podem receber, em certas circunstâncias, uma estrutura fásica e passar a processos. Por outras palavras, nunca podem denotar uma série de subeventos, o que justifica a sua impossibilidade de ocorrência no PPC com leitura iterativa. Note-se que esta explicação diz respeito apenas à leitura iterativa associada ao PPC, uma vez que os estados, sob certas condições, podem coocorrer com o PPC com leitura não iterativa, como se viu anteriormente.

Em segundo lugar, dado que o PPC cria um evento coletivo, não estão acessíveis para contagem os subeventos que formam esse evento coletivo

através da contagem dos elementos que se ligam aos subeventos. Isto explica as restrições observadas relativamente à compatibilidade com quantificadores cardinais, quando estes ocorrem no objeto direto.

Uma possível objeção a esta explicação poderia ser a combinação do PPC com objetos diretos com o quantificador “*todos os*”. No entanto, verifica-se que o quantificador “*cada*” não é admitido nestas construções, apesar de ser também universal, mas com leitura exclusivamente distributiva. Contrariamente a este, “*todos os*” permite não só leitura distributiva, mas também leitura coletiva em PE. Quando se combina com o PPC, o conjunto de avaliação da cardinalidade do quantificador universal é delimitado pelo momento da enunciação, tempo a partir do qual se avalia também o PPC. Desta forma, a cardinalidade do conjunto denotado por “*todos os*”, em virtude da sua combinação com o PPC, pode variar no tempo.¹⁰

Por último, dado que o PPC cria um evento coletivo, não estão acessíveis para contagem os subeventos que formam esse evento coletivo através de expressões adverbiais que quantifiquem de uma forma exata sobre esses mesmos subeventos (cf. (53)); contudo, é possível a ocorrência de expressões de “*frequência*”, que são, de facto, “*neutras*” quanto à quantidade de subeventos que compõem o evento grupal. Por outras palavras, em (54), “*três vezes por semana*” não indica a quantidade de subeventos do evento grupal, mas a constituição interna de cada um desses subeventos, formados, cada um, por “*três travessias da ponte*”.

(53) * O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo três vezes.

(54) O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo três vezes por semana.

A incompatibilidade com o quantificador “*cada*”, já observada anteriormente, dever-se-á ao facto de, sendo exclusivamente distributivo, impedir a construção da eventualidade grupal denotada pelo PPC, quantificando apenas sobre os subeventos. Já o quantificador universal “*todos os*”, podendo ter tanto leitura distributiva como leitura coletiva,

¹⁰ Relativamente ao exemplo (48), se uma raposa matou o conjunto das galinhas do meu avô, é verdade que ela “tem matado todas as galinhas do meu avô”. Mas se, dois meses depois, ela tiver matado as 5 novas galinhas que o meu avô comprou (perfazendo um total de $n+5$ galinhas), continua a ser verdade que a raposa “tem matado todas as galinhas do meu avô”.

não impede a construção da eventualidade grupal, mantendo o mesmo comportamento já apontado no caso do objeto direto.

(55) * O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo cada dia.

(56) O rapaz tem atravessado a ponte sobre o Tejo todos os dias.

Em suma, as propriedades anteriormente indicadas indiciam fortemente que o PPC em PE cria um evento grupal de natureza cumulativa, isto é, uma série não delimitada de subeventos verbais da mesma natureza. Esta propriedade da cumulatividade permite também entender a leitura temporal de possível continuação da situação para além do tempo da enunciação, tal como acontece quando o PPC se combina com estados lexicais.

4 - Alguns problemas remanescentes: PPC sem leitura iterativa

Embora este trabalho seja dedicado à leitura iterativa do PPC, não gostaríamos de terminar sem uma referência aos casos em que o PPC em PE não evidencia tal leitura. Recorde-se que estes são os casos em que a predicação básica é um estado, exceto estados de indivíduo não faseáveis, que, como vimos, não são compatíveis com PPC. Os estados de estádio e de indivíduo faseáveis podem ter uma leitura iterativa, em tudo igual à que surge com eventos, ou uma leitura de eventualidade única (sem iteração).

Uma possível explicação para esta dupla possibilidade de interpretação poderá ter a ver com aspetos relacionados com conhecimento do mundo. Retomemos um exemplo anterior, (27), agora renumerado como (57). A atribuição da leitura iterativa a (57a) e de eventualidade única a (57b) prende-se com os advérbios que coocorrem e com o nosso conhecimento do mundo: o “estar no jardim nos últimos tempos”, aplicado a uma pessoa, dificilmente pode ser encarado como uma única situação, dado o que sabemos dos hábitos humanos. Contudo, “estar no jardim na última meia hora”, aplicado a uma pessoa, pode ser entendido como descrevendo uma única situação.

(57) a. O rapaz tem estado no jardim nos últimos tempos.

b. O rapaz tem estado no jardim na última meia hora.

Uma outra questão prende-se com o facto de serem apenas os estados a permitir esta dupla leitura. Amaral & Howe (no prelo) referem que este é um comportamento típico dos estados no perfeito, não tecendo qualquer outra consideração sobre o assunto. Parece-nos, contudo, que esta questão não pode ser resolvida de maneira tão simples. Por um lado, como já foi apontado, o PPC tem, de certa forma, traços de imperfetividade (cf. (58)), pelo que fazer depender do perfeito a dupla leitura dos estados é, de certa forma, incompatível com esta peculiaridade do PPC.

(58) O rapaz tem lido o livro → o rapaz (ainda) não acabou de ler o livro.

Para além disso, é pertinente o facto de haver um tipo de estado - o estado de indivíduo não faseável - que não pode ocorrer no PPC. Se a questão se prendesse apenas com a ambiguidade dos estados no perfeito, os estados de indivíduo não faseáveis poderiam ocorrer no PPC, mas apenas com a leitura de eventualidade única. Contudo, não é isso que acontece: os estados de indivíduo não faseáveis não podem ocorrer no PPC (cf. (59)) e, quando podem ocorrer no pretérito perfeito simples do indicativo, têm inequivocamente uma leitura de eventualidade única (cf. (60)).

(59) * Magueijo tem sido um físico português.

(60) Newton foi um físico inglês.

Contudo, se assumirmos, tal como é defendido em Amaral & Howe (no prelo) que o PPC evoluiu a partir da construção resultativa, poderemos explicar este duplo comportamento dos estados invocando razões de ordem histórica. Assim, sendo a construção resultativa uma forma de expressar um estado (de tipo resultante ou consequente; cf. Moens 1987), a leitura de eventualidade única dos estados, presentemente, corresponderia, de certa forma, à manutenção da leitura original das eventualidades. Por outras palavras, dado que a construção na origem do PPC denotava um tipo de estado, os estados, presentemente, podem denotar essa leitura antiga ou podem denotar a nova leitura (iterativa), própria do PPC, e que é a única disponível para os eventos.

Por último, é de salientar que a leitura iterativa do PPC em PE está dependente do facto de o ponto de perspetiva temporal ser o momento da enunciação. Quando não há esta coincidência, o PPC tem o mesmo valor que o pretérito perfeito simples, tal como acontece em outras línguas românicas. Uma proposta das condições de verdade do PPC em PE terá, sem dúvida, que ter em consideração esta e outras particularidades, anteriormente referidas, que põem em evidência a necessidade de uma articulação íntima entre tempo e aspeto na descrição deste tempo gramatical.

5 - Conclusão

O PPC é um tempo que apresenta certas peculiaridades em PE que o distinguem inequivocamente de outras variedades e de construções similares em outras línguas. Este tempo gramatical tem sido objeto de particular atenção, na medida em que levanta questões que não são fáceis de responder.

Apresentámos, na primeira parte deste trabalho, uma caracterização do PPC em PE, pondo em evidência as suas interpretações possíveis, a relação que é estabelecida com o ponto de perspetiva temporal, a natureza do verbo que ocorre sistematicamente nesta construção (o verbo “ter”) e a do participio verbal e ainda a relação do PPC com uma construção aparentada, *ter + participio flexionado*.

Em relação à particularidade mais notória do PPC em PE, a iteratividade, identificámos, neste trabalho, as condições que permitem o seu surgimento: (i) o ponto de perspetiva temporal tem de ser o momento da enunciação; (ii) podem coocorrer com o PPC todas as classes aspetuais, exceto os estados de indivíduo não faseáveis; (iii) há restrições relativamente ao tipo de expressões que podem ocorrer como complemento direto ou como modificadores de tipo temporal, na medida em que o PPC é incompatível com a quantificação cardinal.

No sentido de explicar estes condicionalismos, propusemos, a partir dos trabalhos de Van Geenhoven (2004) e de Laca (2006), que a leitura iterativa do PPC em PE resulta da existência de um operador silencioso subjacente a este tempo gramatical. Este operador toma a eventualidade denotada pelo predicado verbal e projeta-a numa eventualidade de tipo grupal, formada pela iteração de eventos denotados por esse predicado verbal. Por outras

palavras, o significado do PPC em PE não é o de uma pluralidade ou conjunto de eventualidades, mas o de uma única eventualidade, de tipo coletivo, formada por um número indeterminado de eventualidades básicas, denotadas pelo mesmo predicado verbal.

REFERÊNCIAS

- Amaral, P. & Howe, C. (no prelo). Nominal and verbal plurality in the diachrony of the Portuguese Present Perfect. In: B. Laca & P. Cabredo-Hofherr (Eds.). *Pluractionality and nominal-verbal interactions*. Series Linguistische Arbeiten, De Gruyter.
- Barbosa, J. S. 1822. *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Sciencias (5.^a edição, 1871).
- Campos, M. H. C. 1984. Pretérito Perfeito Simples/Pretérito Perfeito Composto: uma oposição aspectual e temporal. *Letras Soltas* 2, 11-53 (republicado em *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1997, 9-51).
- Cunha, C. & Cintra, L. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, L.F. 2006. Frequência vs. Habitualidade: Distinções e Convergências. In: *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*, 333-357. Retirado, a 25 de maio de 2012, da Internet: <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas/Cunha.pdf>.
- Duarte, I. & Oliveira, F. 2010. Sobre participios e construções resultativas em português. In: P. Cano Lopez & S. Cortiñas (Eds.). *Actas do XLIX Simpósio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística (SEL)*. Disponível em CD, *Secção Gramática*, Santiago de Compostela.
- Giorgi, A. & Pianesi, F. 1997. *Tense and Aspect: From Semantics to Morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.
- Kamp, H. & Reyle, U. 1993. *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse representation Theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Laca, B. 2006. Indefinites, quantifiers and pluractionals. What scope effects tell us about event pluralities. In: S. Vogeleer & L. Tasmowski (Eds.). *Non-definiteness and plurality*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 191-217.

- Laca, B. 2010. Perfect Semantics: How Universal Are Ibero-American Present Perfects?. In: C. Borroni et al. (Eds.). *Selected Proceedings of the 12th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, 1-16. Retirado, a 25 de maio de 2012, da Internet: <http://www.lingref.com/cpp/hls/12/paper2401.pdf>.
- Link, G. 1983. The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice-theoretical approach. In: R. Bäuerle, C. Schwarze & A. von Stechow (Eds.). *Meaning, use and interpretation of language*. Berlin: Walter de Gruyter, 302-323.
- Moens, M. 1987. *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Tese de Doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- Molsing, K. 2010. *The Present Perfect: an Exercise in the Study of Events, Plurality and Aspect*. Dissertação de Doutoramento, PUC-RGS.
- Oliveira, F. 1994. Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português. In: *Actas do Congresso Internacional sobre o Português* (volume II). Lisboa: A.P.L., 151-190.
- Oliveira, F. & Lopes, A. C. 1994. Tense and Aspect in Portuguese. In: R. Thieroff & J. Ballweg (Eds.). *Tense Systems in European Languages*, Vol. II. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 95-115.
- Oliveira, F. 2003. Tempo e Aspecto. In: Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 127-178.
- Peres, J. A. 1996a. Reconsidering Perfectives in DRT or Being Fair to the Past Participle. *Cadernos de Semântica* 19. FLUL.
- Peres, J. A. 1996b. Sobre a semântica das construções perfectivas em português. *Cadernos de Semântica* 19. FLUL.
- Squartini, M. & Bertinetto, P.M. 2000. The Simple and Compound Past in Romance Languages. In: Ö. Dahl (Ed.). *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 403-440.
- Van Geenhoven, V. 2004. For-adverbials, frequentative aspect, and pluractionality. *Natural Language Semantics*, 12,135-190.

Saramaccan, a very mixed language: Systematicity in the distribution of function words?

Norval Smith

norval.smith@gmail.com

ACLCL/University of Amsterdam (Holland)

ABSTRACT: Saramaccan is the descendant of a mixed creole language formerly spoken on Portuguese Jewish-owned plantations in Surinam, South America. Its mixed nature reveals itself in roughly equal numbers of monomorphemic English-derived and Portuguese-derived lexical items. In terms of function words, however, English-derived function words dominate to the proportion of 4:1. This still leaves us with a significant number of Portuguese function words.

Here I make a preliminary study of spatial adpositions and question words. This reveals a strong correlation between words referring to "place" and words derived from Portuguese.

I take account of the presence of Jewish-owned plantations and large-scale marronnage towards the end of the 17th century, the latter leading to formation of the Saramaccan tribe.

KEYWORDS: Saramaccan, Portuguese, function words, place, maroons, slavery.

1. Introduction

Three creole languages are spoken in Surinam, South America: Sranan, Ndyuka and Saramaccan. The first is the modern descendant of the language of the slaves who lived in the coastal plantations and in Paramaribo, whereas the last two are spoken by the present six maroon tribes, and are thus the languages of groups of escaped slaves. For convenience' sake we refer to them as Ndyuka and Saramaccan, as these are the names of the largest two tribes. Better names would be Eastern Surinam Maroon Creole (ESMC) and Western Surinam Maroon Creole (WSMC) respectively. The ESMC includes the speech of the Ndyuka, Aluku, Paramaccan and Kwinti¹ (in order of size), and the WSMC comprises the dialects of the Saramaccan and Matawai².

¹ In fact the westernmost tribe.

² Formerly part of the Saramaccan tribe.

The ESMC is directly descended from plantation Sranan. The WSMC is however descended from a mixed Portuguese/English lexifier creole, known in the 18th century as Dju-Tongo³, formerly spoken in a group of plantations owned by Portuguese-speaking Jews. For the reasoning behind this claim, Smith (1999: 277-9) can be consulted.

2. Saramaccan as a mixed creole

All the evidence we have concerning the Surinam creole language Saramaccan suggests that it is a very mixed creole. It has sometimes been regarded as a English-lexifier creole, and occasionally as a Portuguese-lexifier creole. The truth probably lies somewhere in between as far as the lexicon is concerned, a fact which was already recognized in Schuchardt (1914). Smith (1987) found the following percentages for a Swadesh 200-word basic vocabulary list, comparing clearly English-lexifier Sranan (also spoken in Surinam) with Saramaccan.

	English	Portuguese	Dutch	African
Sranan	77.1%	3.7%	18.0%	1.6%
Saramaccan	49.9%	34.9%	10.5%	4.7%

Table 1. Etymological sources of Sranan and Saramaccan basic vocabulary

These are quite different results. The main difference is that Portuguese-derived lexical items are about ten times as numerous in Saramaccan as they are in Sranan. The suggestion was that the languages were pretty thoroughly mixed.

Smith (1987) also provided a similar count of *all* function words. The Swadesh list included a few function words also but the overlap is fairly small.

	English	Portuguese	Dutch	African
Sranan	80.4%	1.5%	15.9%	2.2%
Saramaccan	62.8%	16.0%	14.5%	6.8%

Table 2. Etymological sources of Sranan and Saramaccan function words

³ I.e. 'Jewish Language'.

Here the role of English appears to be much larger. The role of Portuguese is reduced to about the same level as the role of Dutch. The Dutch vocabulary that has made its way into Saramaccan is a virtual subset of that in Sranan. And there are few English-derived items in Saramaccan that can be shown to derive different phonological forms from the corresponding Sranan word. The apparent conclusion is clear – the Portuguese element is the intrusive element, and the English element the original element.

3. Content words of English and Portuguese origin

That things are less simple than this became apparent later. Smith & Cardoso (2004) made a count of all the Portuguese words recorded in Saramaccan (of any period), and came up with a few surprising results. They counted the numbers of nouns, adjectives, and verbs. Note that these were nouns, adjectives, and verbs in the two source languages, not in Saramaccan itself.

	Nouns	Adjectives	Verbs	Total NAV
Portuguese origin	176 49.6%	27 34.6%	154 56%	357 50.4%
English origin	179 50.4%	51 65.4%	121 44%	351 49.6%
Total	355	78	275	708

Table 3. Etymological sources of English and Portuguese nouns, adjectives and verbs

The total number of non-compound lexical words of the categories NAV was 708, divided virtually equally between Portuguese-derived words and English-derived words. Donor-language nouns were also virtually equal in numbers. There were twice as many English adjectives in Saramaccan, however. Verbs were, as we stated in Smith & Cardoso (2004), a surprise. There were significantly more verb roots of Portuguese origin, than verb roots of English origin.

4. A different kind of mixture: European versus African

Work by Jeff Good (e.g. Good 2004) has revealed another kind of mixing in the phonology. Words from the three main European source languages exhibit differences in their tone (and stress) behaviour, from words of African origin. So far two main sources of such words have been identified, the Gbe

languages of the former Slave Coast (Smith to appear a), and Kikongo of West Central Africa (Smith to appear b). I will give a general overview of Good's conclusions here.

Good demonstrates that Saramaccan has a split tone/accent system. Most words of European origin (English, Portuguese or Dutch) have one mora that is marked lexically as most prominent. Other morae are unspecified as to tone. On the surface the accented mora, and under certain circumstances, the next mora as well receives a high tone. In contrast, words of African origin have every mora specified for tone, either low or high.

The morae in items of European origin that do not always have a high tone on the surface are *changeable* as to tone. By default they receive a low tone. However, in certain syntactic and phonological contexts, if a neighbouring word contains a high tone, what is called *plateauing* (a.k.a. a tone-bridge phenomenon) acts to raise intervening unspecified tones in European words to high. By contrast, low tones in African words are never raised.

Another difference, discovered by Good, is that high tones differ in nature as between European and African words. The lexically marked morae in European words exhibit certain features of stressed syllables, such as extra lengthening under emphasis, and prominence vis-à-vis unmarked syllables. The unmarked syllables may also be reduced or deleted in fast speech. Words of African origin do not display these properties. There is no deletion of syllables in fast speech, and all syllables tend to lengthen under emphasis.

5. The genesis of the Saramaccan maroon tribe

The Portuguese Jews largely entered Surinam from Cayenne (French Guiana) in the years 1665 and 1667. They speedily acquired plantations in an area on the Suriname River centred on the settlement of Joden Savannah. Already on a map by C. Craandijk dated 1677, a cluster of Jewish-owned plantations is visible. Further to Price's (1983) dating of the first major escapes resulting in the creation of the Saramaccan tribe to the year 1690, we also possess population statistics indicating a very large degree of marronnage around this period.

Firstly, we possess two poll tax returns for Surinam for the years 1684 and 1695.

Year	Whites	Blacks	Blacks (adjusted) ⁴
1684	652	3332	3650
1695	379	4618	5100

Table 4: Poll-tax returns for 1684 and 1695

If we compare this with the figures on imports, we are confronted with a couple of surprising facts. We utilize here figures extracted by Arends (1995) from Postma’s (1990) work on the Atlantic slave-trade.

Year	Imported slaves	Benin-Togo	W. C. Africa
1685	2316	1136	1180
1686	1564	1010	554
1687	425		425
1688	869	419	
1689	1898		1723
1690	0		
1691	950	950	
1692	511		
1693	615		615
1694	0		
1695	620	426	
Total: 1685-1695	9768	3941	4497

Table 5: Slave imports for the years from 1685 to 1695

Of course we cannot assume that slaves had a normal life-span. Luckily we possess a study on the demography of the plantation of Vossenburg by Lamur (1987), dealing with a period slightly later than that which concerns us. He quotes an average annual birth rate of 1.9%, and an average annual death rate of 3.8%, for the period between 1706 and 1710. I will assume that such rates are relevant in our case, and round them up to a birth rate of 2% and a death rate of 4%.

⁴ I have adjusted the figures for slaves upwards by 10% in accordance with Postma’s (1990) estimate of under-reporting by slave-owners for purposes of tax-avoidance.

Arends (1995) draws attention to the unusually high level of slave imports in relation to the total slave population in the 1680s. In no other decade, according to him, do the slave imports exceed 175%. In the decade 1680-1689 the corresponding figure is a staggering 656%. Of course the planters in Surinam had no influence over the vagaries of the slave-trade. They basically had to take what they could get, but in this period they got an awful lot.

As we only possess poll-tax figures for 1684 and 1695 in the relevant period, I will compare these figures with the imports of slaves for the relevant years. Taking the adjusted figure for 1684 (3650) as our starting point, and adding 9768 imported slaves to this, we would expect to have encountered ca. 13,400 slaves in the poll-tax figures for 1695. Taking account of an annual population loss of 2% (4%-2%), we would still to have a slave population of about 11,350 in 1695, rather than our estimated population of 5100 in that year. This is a very dramatic difference. Apparently no less than 6250 slaves have gone missing.

This period overlaps very nicely with the above-mentioned first major escapes in 1690, and what Price (1983) sees as the formative period of the Saramaccan tribe. Apparently more than half the slaves in the colony chose marronage in the period between 1690 and 1695. An additional loss of around 3000 imported slaves occurs between 1705 and 1710.

A contributory reason for the drastic nature of the marronage in this period, in addition to the reasons quoted to Price from Saramaccan folk memory, may well be the strain put on the plantation infrastructure by the need to house and feed such an unusual increase in the number of slaves.

6. The distribution of Portuguese function words in Saramaccan: Random or non-random?

I will try in this section to identify a few non-random aspects of Saramaccan function words. As can be seen from Table 2 above, "Etymological sources of Sranan and Saramaccan function words", 16% of the function words of Saramaccan were calculated to be of Portuguese origin (Smith 1987). This is still a very high percentage of *function* words. One might say however, on examination of Table 2, that Dutch contributes a similar percentage of function words to both Sranan and Saramaccan.

There is one major difference between the scopes of Portuguese and Dutch influence. The period between the appearance of the main group of Portuguese Jews in Surinam in 1665, and 1695, by which time more than six thousand slaves had absconded, is only 30 years. Sranan, however, was in contact with Dutch from 1668 onwards, a period of more than 300 years. As for Saramaccan, the initial contact with “Dutch function words” was mediated via Sranan. Virtually all of the Dutch function words are shared with the latter language.

Some shared function words of Dutch origin:

Meaning	Sranan	Saramaccan	Dutch etymon	Dutch meaning
together	makandra	makándi ⁵	malkander	each other
except	boiti	ḃóíti	buiten	outside, except
however	toku	tɔku	toch	nevertheless
but	ma	ma	maar ⁶	but
three	dri	díí	drie ⁷	three
five	feifi	féífi	vijf	five
seven	seibi	séíbi ⁸	zeven	seven
nine	neigi	néígi ⁹	negen	nine

Table 6: Some Dutch-derived function words in Saramaccan

I will now turn to function words of Portuguese origin used in the context of place expressions. Let us examine a table of the most common spatial prepositions in Sranan. In terms of their meanings, some clearly have opposites while others do not. There are two clear sets of oppositions.

- (1) 1-2 above – below;
 3-4 in front of – behind

⁵ Wietz (1805) has *makkandra*.

⁶ On the whole the Dutch etymology appears more likely than Portuguese *mas*. 19th century dictionaries of Sranan also give the longer form *mara*.

⁷ This could also be from S.W. English dialect /dʒi/ ‘three’.

⁸ Also English-derived *sébén*.

⁹ Also English-derived *néni*.

It is at least striking that these two pairs of opposites also exhibit language source unanimity. While 3/4 retain the Sranan forms *fési* and *báka*, 1/2 both have adopted Portuguese-lexifier terms *líba* and *básu*, from respectively Portuguese *(ar)riba* ‘up’ and *(de)baixo* ‘underneath’

	English	Sranan	etymon	Saramaccan	etymon
1	above/on X	tapu X ¹⁰	top	a X líba	(ar)riba (Port.)
2	under/below X	ondro X	under (onder?)	a X básu	(de)baixo (Port.)
3	in front of X	fesi X	face	a X fési	face
4	behind X	baka X	back	a X báka	back
5	opposite X	abra X abra-sey fu X	over(-side for)	a X ótó-bánda	otra-banda (Pt.)
6	inside/in X	ini X	in	a X déndu	dentro (Port.)
7	beside/past X	sey X	side (zij?)	a X bandya	bandya (Kik.)
8	among X	mindri X	middle	a X míndi	middle

Table 7: Spatial postpositions in Saramaccan

Of the other four spatial concepts in Table 7, two are expressed by Portuguese-derived words, and one by an English-derived word. The fourth is expressed by a Kikongo-derived noun *bandya*. The reason for the use of this form is probably not to be sought in any resemblance to *bánda*, which might be suspected, as both mean ‘side’. In Saramaccan, *bánda-kiiki* means ‘other side of the creek’ while *bandya-kiiki* means ‘side of the creek’. In other words, *bánda* and *ótó-bánda* both mean ‘other side’ in Saramaccan (Vinije 2009). Furthermore we can detect no patterns here as the four are all singular concepts.

The primary question-words (*who*, *what*, *which*, *how*) involve no Portuguese-derived etyma, although Saramaccan interestingly enough has Fongbe-derived items for “who” and “what”. This once again indicates the lesser role which can be assigned to Portuguese. Consider Table 8.

¹⁰ The X marks the most common position for the object of the adposition.

English	Sranan	etymon	Saramaccan	etymon
who	suma	(Q-) someone	ambe'	mɛ' (Fongbe 'who')
what	san	(Q-) something	andí	àní (Fongbe 'what')
which	sortu	(Q-) soort (Dutch)	ún-di (sg.) ún-sóóti (sg.) ún-lo (pl.) ún-N	Q-this Q-soort (Dutch 'sort') Q-row Q-N ('which N?')
what kind	sortu	(Q-) soort (Dutch)	ún-pei	Q-pair (?)
how	(o-)fa o-"A"	(Q-) fashion Q-"A" ('how Adj?')	un-fá un-"A"	Q-fashion Q-"A" ('how Adj?')

Table 8: The major question words in Sranan and Saramaccan

The only language other than English to play any role here is Dutch. However if we examine the question words for time and place, we see that *place* once again plays a role. Compare Table 9.

English	Sranan	etymon	Saramaccan	etymon
where	(o-)pe	(Q-) place	ún-kamia	Q-caminho (Port.)
which side, where to	sortu sei	soort (Dutch 'sort') side	(na) ún-sɛ or na-á-sɛ	(LOC) Q-side
when	o-ten	Q-time	(na) ún-te(n) (na) ún- báka	(LOC) Q-time (LOC) Q-dag (Du. 'day')
what time	o-lati	Q-laot (Dutch 'late')	(na) ún-yúu	Q-uur (Dutch 'hour')

Table 9: The question words for time and place

It seems that a provisional conclusion might be that *place* is a particularly fruitful semantic field for the occurrence of Portuguese function words. And the following table seems to confirm this.

In Table 10 I have collected a number of expressions falling into the field of spatial function words.

	Gloss	Saramaccan	etymon	etymon meaning
1	above/on X	a X líḅa	(ar)riba (Port.)	up
2	under/below X	a X ḅásu	(de)baixo (Port.)	underneath
3	opposite X	a X ótó-ḅánda	otra-banda (Port.)	other side
4	inside/in X	a X déndu	dentro (Port.)	inside
5	here	akí	aqui (Port.)	here
6	close by	zúntu	junto (Port.)	close
7	there	(de) a(l)a	(there) alá (Port.)	there
8	where? (Interrogative)	(na-)un-se/ na-a-se un-kamía	(to-) Q-side Q-caminho (Port.)	way, road
9	where (Relative)	ka ¹¹	cá (Port.) (caminho)	here (poss. way, road)
10	be (place)	(de) saí	(there) sair (Port.)	come out, appear, etc.

Table 10: Portuguese-derived function words referring to the spatial semantic field

Quite why there should be such a cluster of Portuguese-derived function words referring to things spatial is not clear. The use of Portuguese terms does not result in any real increase in the number of distinctions made.

The examination of further function-word types of Dutch and Portuguese derivation may well reveal more order in the chaos that seems to exist at the moment.

Can we say anything further about the two types of mixing seen in Saramaccan: the phonological mixing described by Good (2004), and the lexical mixing, well-known since Schuchardt (1914)? Not much other than that the number of African words preserved, I assume, at a single point in the

¹¹ It can't be completely ruled out that ka is actually an abbreviated form of kamía.

history of Saramaccan, was large enough to make its mark on the prosodic structure of the language. The Portuguese and English lexical components, involving also significant numbers of function words, point rather to a case of a mixture between Sranan and a form of Portuguese. What form this took was is not clear, but to judge by the several double phonological reflexes involved, there may have been two forms of Portuguese involved, a more standard-like Portuguese of the Jewish plantation-owners, and a form of creole Portuguese. This also requires further study.

Saramaccan is, as I have just said, notable for the large number of African-derived lexical items (Smith, to appear a; to appear b). Within these African-derived lexical items, there are also two major groups, Gbe and Kikongo. These also differ substantially in their segmental phonological make-up, a point I will not further discuss here. The two main African linguistic sources also differ significantly in their tonal structure. Much work remains to be done on the relationships between Saramaccan (and Ndyuka) tones and the tones of their donor languages.

But this whole mixtie-maxtie mess is one of the most fascinating aspects about the Saramaccan language.

REFERENCES

- Arends, Jacques. 1995. Demographic factors in the formation of Sranan. In: J. Arends (Ed.), *The early stages of creolization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 233-285.
- Lamur, Humphrey. 1987. *The production of sugar and the reproduction of slaves at Vossenburg (Surinam), 1705-1863*. Amsterdam: Caribbean Culture Studies.
- Postma, Johannes. 1990. *The Dutch in the Atlantic slave trade, 1600-1815*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Price, R. 1983. *First-Time: The Historical Vision of an Afro-American People*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- Schuchardt, Hugo. 1914. *Die Sprache der Saramakkaneger in Surinam* [= Verhandelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam, Afdeling Letterkunde, Nieuwe Reeks, Deel XIV No. 6]. Amsterdam: Johannes Meller, 44-120].
- Smith, Norval S.H. 1987. The genesis of the creole languages of Surinam. [Unpublished

- D.Litt. thesis, University of Amsterdam].
- Smith, Norval S.H. 1999. Pernambuco to Surinam 1654-1665? The Jewish slave controversy. In: M. Huber & M. Parkvall (Eds.), *Spreading the word: Papers on the issue of diffusion of Atlantic creoles*. London, University of Westminster Press, 251-298.
- Smith, Norval S. H. to appear a. A preliminary list of probable Gbe lexical items in the Surinam creole languages. To appear in P.C. Muysken & N. Smith (Eds.), *The Trans-Atlantic sprachbund: Benin and Surinam*. Berlin: De Gruyter.
- Smith, Norval S. H. to appear b. A preliminary list of probable Kikongo (KiKoongo) lexical items in the Surinam creole languages. To appear in P.C. Muysken & N. Smith (Eds.), *The Trans-Atlantic sprachbund: Benin and Surinam*. Berlin: De Gruyter.
- Smith, Norval S. H. & Hugo C. Cardoso 2004. A new look at the Portuguese element in Saramaccan. *Journal of Portuguese Linguistics* 3: 115-147.
- Haabo, Vinije 2009. Saamaka Holansi [Unpublished wordlist of Saramaccan].
- Wietz Joh. Ludwig. 1805. Die Apostel-Geschichte in die Saramakka-Neger-Sprache. [Partly edited in Schuchardt (1914)].

Apuntes para un análisis etnográfico, crítico y multimodal: sobre algunos géneros discursivos de presentación y oferta¹

Lluís Payrató

payrato@ub.edu

Universitat de Barcelona

*Departamento de Filología Catalana –
Centro Universitario de Sociolingüística
y Comunicación (Catalunya, Spain)*

RESUMEN. El artículo propone un marco metodológico de análisis de textos escritos cotidianos y de los respectivos (sub)géneros que, de manera más o menos prototípica, representan. El marco se basa en la confluencia de la etnografía de la comunicación y el análisis crítico del discurso, conjuntamente con la consideración de varios aspectos derivados del carácter multimodal de los textos. Mientras que la descripción etnográfica sitúa el texto en su contexto de producción e interpretación, y sugiere ya algunas de sus claves o aspectos relevantes, el análisis crítico permite interpretarlo enfatizando, en el seno de la interacción social, las relaciones de poder y el lugar de las ideologías que subyacen en la producción e interpretación de discursos orales o escritos. La necesidad de un componente multimodal en el análisis se hace evidente a partir de la propia naturaleza de los textos y de la irrelevancia de analizarlos como productos puramente o estrictamente verbales. Como ejemplos básicos se utilizan, por una parte, tarjetas de presentación prototípicas de videntes y chamanes (repartidas en la vía pública) y, por otra, ejemplos de propaganda de buzón con ofertas de venta de electrodomésticos y aparatos electrónicos e informáticos. En muchos sentidos estos dos grupos de ejemplos representan los dos extremos de un discurso multimodal simbólico: el más modesto en recursos (monocromo, muy simple, poco elaborado, con recursos gráficos muy pobres, sin imágenes) *versus* el más barroco (policromo, centrado en las imágenes, con multitud de recursos gráficos y mucho más elaborado); al mismo tiempo, una referencia muy personalizada (focalizada en las capacidades sobrenaturales de un individuo) frente a otra muy despersonalizada (focalizada en objetos y precios).

PALABRAS CLAVE. Etnografía, análisis crítico del discurso, multimodalidad, discurso, géneros textuales, propaganda.

¹ Este trabajo se ha beneficiado de la ayuda FFI2011-25236 del Ministerio de Ciencia e Innovación.

ABSTRACT. The article proposes a methodological framework for analyzing texts and the respective (sub)genres they represent, more or less on a prototypical basis. The framework is based on the confluence of the ethnography of communication with critical discourse analysis, together with the consideration of several issues arising from the multimodal nature of texts. While ethnographic description places the text in its context of production and interpretation, and suggests some of its keys or relevant points, critical analysis makes their interpretation possible — in social interaction — without forgetting the power relations and ideologies which underlie the processes involved in producing and understanding oral or written discourse. The need for a multimodal component analysis is evident from the nature of the texts themselves and from the impossibility of analyzing them as purely or strictly verbal products. In this study the basic examples used are, on the one hand, cards which serve as prototypical presentation of seers and shamans (distributed in public), and on the other, examples of junk mail advertising electronic and computer appliances. In many ways these sets of cases represent the two extremes of a symbolic multimodal discourse: the use of the most modest resources (monochrome, crude, with very poor graphic capabilities and no images) versus the more baroque resources (polychrome, focusing on images, offering a range of resources, and much more elaborate); at the same time, a highly personalized reference (focusing on the supernatural abilities of an individual) against another very depersonalized one (focusing on objects and prices).

KEY-WORDS. Ethnography, critical discourse analysis, multimodality, discourse, textual genres, advertising.

1. Introducción

El estudio completo de la conducta lingüística, entendida como el uso lingüístico contextualizado que hacen los hablantes, a través de variedades lingüísticas, de la capacidad humana de lenguaje, no se puede llevar a cabo si no es con la construcción de una teoría que abarque múltiples vertientes: (a) la cognitiva y la social, si atendemos a los aspectos mentales, por un lado, y a los sociales, por otro, aunque se acaben interrelacionando en el uso; (b) la gramatical (codificada) y la pragmática (estratégica), concreciones de las dimensiones anteriores y, a su vez, imbricadas en el uso o actuación comunicativa; (c) la vertiente productiva, en el emisor, y la interpretativa, en el receptor; (d) la histórica o filogenética, si nos fijamos en la evolución lingüística; la ontogenética, respecto al desarrollo del individuo.

Ni en cada una de estas vertientes, ni mucho menos en la globalidad que las reúne, no se ha podido diseñar una teoría que satisfaga, como científicos, nuestras necesidades de descripción y explicación. Más lejos quedan aún, en general, las posibilidades de predicción y simulación, y

todo ello es comprensible si atendemos a la complejidad del lenguaje humano y a su carácter tan ubicuo. En esta tesitura, a la inversa de proponer teorías muy parciales o parcialmente substitutorias las unas de las otras, plantear marcos teóricos que busquen una confluencia de teorías —y la unión de sus puntos fuertes para obtener una capacidad explicativa mayor— parece una buena estrategia con vistas al mejor aprovechamiento de nuestros recursos intelectuales y, de pasada, también, para intentar poner freno a una fragmentación teórica que a la hora de hablar del discurso y sus manifestaciones se muestra a todas luces impertinente e ineficaz.

La propuesta de Palmer (1996) en la línea de una *lingüística cultural*, que aúne los esfuerzos y los descubrimientos de la etnografía de la comunicación, por una parte, y los de la lingüística cognitiva, por otra, puede servir como un buen ejemplo de la argumentación anterior, con el anuncio de un camino transitable y nada contradictorio. La modesta propuesta de este artículo, ejemplificada en un terreno práctico, tampoco es contradictoria con la *join venture* anterior, y consiste en sumar la capacidad de descripción rigurosa del contexto propia de la etnografía (desde sus versiones originales y tradicionales²) a la capacidad crítica del análisis del discurso³. Teniendo en cuenta, además, que el uso lingüístico, tanto oral como escrito, presenta características inherentemente multimodales⁴, la necesidad de que el análisis se presente con componentes que no olviden esta característica parece igualmente esencial⁵. Cada vez resulta más insostenible que determinadas prácticas de análisis discursivo puedan llevarse a cabo sin atender a esta multimodalidad, y un descuido de este tipo rememoraría el que durante tanto tiempo se criticó, desde la pragmática y la sociolingüística, como característico de las aproximaciones exclusivamente gramaticales al estudio de la lengua.

² Véanse en especial, como introductores, Gumperz & Hymes (Eds.) (1972) y la recopilación de Bauman & Sherzer (Eds.) (1974); cf. igualmente los manuales de Saville-Troike (1998) y Calsamiglia & Tusón (1999), y el reciente de Ferrándiz (2011).

³ Véanse, entre otros, los trabajos de Martín Rojo & Whittaker (Eds.) (1998), Wodack & Meyer (Eds.) (2001), Fairclough (2003) y Van Leeuwen (2008).

⁴ Son de destacar las propuestas y recopilaciones de Kress & Van Leeuwen (2001), Levine & Scollon (Eds.) (2004), Ventola et al. (2004) y el manual reciente de Machin & Mair (2012).

⁵ Varios ejemplos y los aspectos introductorios de este planteamiento pueden encontrarse en Payrató (2006, 2008, 2009).

2. Géneros analizados

En este artículo se comentan y analizan dos géneros (o subgéneros, si se quiere precisar así) escritos, cotidianos y corrientes, y que no se han tratado convencionalmente en la etnografía ni en la tradición del análisis textual o discursivo —de hecho los dos carecen de nombre propio. El primero es el de las tarjetas (u hojitas de papel de medida similar a las tarjetas) que, repartidas generalmente en mano, en la vía pública, sirven como presentación o reclamo de videntes, chamanes o adivinos, y cuyas características generales se pueden observar en una muestra prototípica como la recogida en los ejemplos de la ilustración 1. El segundo género es el de los folletos de propaganda, normalmente repartidos de buzón en buzón, y más en concreto los de electrodomésticos y aparatos electrónicos o informáticos (véanse ilustraciones 2 y 3). Los dos casos son típicos de zonas urbanas, relativamente recientes ambos, y se sitúan, como veremos, el uno en las antípodas del otro, al menos por lo que se refiere a muchos aspectos formales y de contenido. Los ejemplos A1, A2, A3 y A4, recogidos en la ilustración 1, que se presenta a continuación, son prototípicos del primer tipo de textos, de los que se recoge una muestra mayor en el apéndice A, al final del artículo (ejemplos A5-A14):



Ilustración 1. Ejemplos A1, A2, A3 y A4. Tarjetas de presentación de videntes/curanderos. Medidas reales (de cada tarjeta): 10,5 x 7,8 cm.

En las ilustraciones 2 y 3, a continuación, se recogen dos ejemplos (B1 y B2) del otro (sub)género apuntado, los folletos de electrodomésticos o productos electrónicos e informáticos:



Ilustración 2. Ejemplo B1. Hoja desplegable de publicidad de tienda de informática y electrónica (Miró); en el orden expuesto de las imágenes: página inicial (B1a), cuarta y última página (B1d), y doble página central (B1b-B1c). Medidas reales: 41,5 x 29,5 cm (páginas primera y última) y 41,5 x 59 cm la doble página central.



Ilustración 3. Ejemplo B2. Hoja desplegable de publicidad de tienda de informática y electrodomésticos (*Life Informática*); en el orden expuesto de las imágenes: página inicial (B2a), cuarta y última página (B2d) y doble página central (B2b-B2c). Medidas reales: 45,6 x 29,7 cm (páginas primera y última) y 45,6 x 59,4 cm la doble página central.

En estos dos últimos ejemplos (B1 y B2) y en otros comparables de esta misma clase (véanse los recopilados en el apéndice B), algunas funciones habituales del lenguaje verbal ya casi han desaparecido por completo. Además, en contraste con las muestras anteriores, salta a la vista que la monocromía y la austeridad de las muestras del tipo de la ilustración 1 chocan con la policromía y el barroquismo de las de 2 y 3, y que la presentación de un solo sujeto en las muestras A se convierte, en las muestras B, en la exposición de múltiples objetos (y ningún sujeto).⁶

3. Aspectos etnográficos. Una introducción situacional

Aunque la etnografía nace pensando en la descripción de hechos de habla (o *speech events*) de naturaleza fundamentalmente oral, el marco descriptivo —conocido especialmente a través del acróstico SPEAKING⁷— es aplicable a hechos comunicativos basados en textos escritos o que tienen su centro en textos escritos. La aplicación de los métodos etnográficos a géneros como los apuntados en los ejemplos anteriores nos permite, para empezar, clasificar muchas de sus características y a la vez adentrarnos en la descripción de contextos comunicativos (de producción/recepción/interpretación) que pueden ser muy peculiares. Al mismo tiempo, sabemos que cualquier descripción rigurosa (y comparativa, en muchos casos) de un hecho comunicativo suele incluir o sugerir rasgos que tienen un papel muy importante en la evaluación e interpretación global del fenómeno comunicativo al que nos referimos, en este caso los textos que ofrecen servicios o productos.

La situación comunicativa prototípica en la presentación de tarjetas de chamanes y videntes es la de la vía pública y el encuentro entre dos personas, quien reparte los textos (que puede ser el propio vidente) y el receptor, posible interesado o simple transeúnte. La escena es, simplemente, la de dar u ofrecer el papel, que evidentemente puede ser rechazado. En el caso de la propaganda de buzón, la escena correspondiente no existe en términos

⁶ Me referiré a lo largo del texto sobre todo a los ejemplos que se acaban de exponer, aunque numerosos comentarios muy parecidos podrían aplicarse al conjunto de los otros ejemplos que, en calidad de muestras, se han reunido en el apéndice A (tarjetas de presentación) y en el apéndice B (anuncios de electrodomésticos, electrónica e informática). Cuando es necesario hacer referencia a estos ejemplos, se citan a partir de la numeración con que se han incluido en los apéndices (A3-A8, B3-B4; en este último caso, las diferentes hojas del folleto se recogen con letras: B3a, B3b-B3c, B3d, etc.).

⁷ Véanse las presentaciones y los ejemplos de Duranti (1985, 1988, 1992).

interactivos: el receptor la recoge, pero no en mano, sino en su casa, y la puede consultar o no. La situación comunicativa, pues, también resulta distinta y, suponiendo que el receptor consulte realmente la propaganda, se tratará de un episodio similar al de la lectura de cualquier otro texto escrito, si acaso con diferencias consiguientes atribuibles a la fuente informativa de que se trate.

Los participantes en el acto comunicativo que se presentan o se esconden tras estos textos también son claramente distintos. En el primer caso, el chamán, o vidente (o curandero o hechicero, la terminología de por sí ya merece un análisis crítico), nos remite a un personaje más bien exótico o marginal en el seno de una sociedad posindustrial y (pos)moderna. Por una parte resulta extravagante en relación con el poder oficial, pero por otra se presupone que goza de un estatus evidente en la medida que se presenta como dotado de poderes ocultos, relacionados tanto con la sanación como con la capacidad de adivinar el futuro o invocar a los espíritus (en ambos casos la tradición popular que le precede es muy larga y muy conocida en muchas culturas). Quien recoge la tarjeta de presentación puede ser alguien interesado en beneficiarse de los supuestos poderes de esta persona y que, por tanto, quiere solicitar sus servicios, o, simplemente, un transeúnte. En el caso de la propaganda de buzón, desaparece de inicio el sujeto anunciante, y se convierte en una cadena o empresa que presenta objetos y precios: un nombre propio en algunos casos completado con una lista de tiendas (y direcciones).

Las finalidades que asociamos con estos textos y con su entrega son obvias: la prestación de servicios o la compra, en un caso de capacidades de sanación o adivinación, en el otro de objetos. Los actos que pueden acabar desarrollándose quedan fuera de este análisis, pero no se escapan, en el fondo, de una interacción comercial, de compra y venta, para la que el texto es el inicio, el anuncio o el anzuelo: el texto es el reclamo de una acción social, pero al mismo tiempo también es un reflejo ya de una acción social⁸ y de un estilo particular, inserido en unos marcos (*frames*, estructuras y restricciones) socioculturales de formato o género.

El tono o clave de los textos no está marcado en ningún sentido especial,

⁸ Tanto en el sentido de Scollon (2001) como de Van Leeuwen (2008).

adopta un aire informativo en ambos casos, como es esperable del propio concepto de presentación, con peculiaridades y acentos estilísticos obvios. Los instrumentos son la combinación de elementos verbales y no verbales que se plasman en el papel y, como se ha dicho, resultan a simple vista mucho más elaborados en la propaganda que en las tarjetas: en éstas, el texto verbal roza a menudo la incoherencia, tiene numerosas erratas y errores de cohesión, y se asemeja a una descripción o lista de capacidades que se agolpan como garantes de soluciones para los problemas del receptor, a su vez enumerados también de manera poco ortodoxa si pensamos en textos descriptivos convencionales o técnicos. La coherencia en los textos de propaganda procede sobre todo de la yuxtaposición de imágenes (objetos), cifras (precios) y palabras (características de los objetos).

Por último, y para acabar esta visión etnográfica introductoria, las normas de interacción/interpretación y el género que descubrimos tras estos textos son dos aspectos ligados íntimamente a las características particulares de los participantes en el intercambio comunicativo y a la función o propósito del acto social inherente: se trata de *reclamos de servicios*, de una compraventa peculiar en el primer caso (considerada marginal en el seno de una sociedad rica) o totalmente convencional y esperable en el segundo caso. En tanto que reclamos de servicios, los textos cumplen unas normas que nos ayudan a entender su composición, incluida la escasa coherencia (y cohesión) a la que ya se ha hecho referencia, en el primer caso (A) y la “lujosa” multimodalidad del segundo (B).

La comprensión de la funcionalidad del texto/discurso y de su normativización es básica para poder interpretarlo y para poder convertirlo en objeto de crítica, al igual que entender la inserción de textos/discursos en sus correspondientes clases o géneros. Por lo que se refiere específicamente a esta categoría, asociable a la funcionalidad, las normas internas y el contexto sociocultural, se trata, como es sabido, de una noción poliédrica y que puede resultar incluso confusa. En esta aproximación, entendido el género en un sentido etnográfico, reúne hechos comunicativos (*speech events* o *communicative events*) caracterizados por una misma constelación o estructura de factores constitutivos (los analizados bajo el acrónimo SPEAKING); entendido el género en una dimensión más estilística (y más específica), se enfatizan los rasgos extrínsecos del texto, los que le confieren

una entidad sociocultural y tradicional. Por descontado las dos nociones presentan muchos puntos en común, y a menudo son indisolubles.

4. Los anuncios como instrumentos funcionales

Decir que los textos analizados cumplen una función (más que evidente) es a su vez tan obvio que puede parecer banal recordarlo, pero si pensamos en el análisis sistémico tradicional de Halliday (1973, 1978, 1985) y en su tríada clásica de funciones podremos llegar ya a una primera interpretación de cada uno de estos textos (y, por generalización, de los géneros que representan): se trata de constructos en que se da una conjunción de tres funciones básicas. Las tres funciones describen y explican el porqué de la disposición de los elementos:

- (a) la función *ideativa* nos remite a hechos referenciales básicos: capacidades, garantías, efectos, precios, marcas, direcciones, etc.
- (b) la función *interpersonal* crea lazos entre las personas o figuras del discurso, de hecho las refleja y contribuye a diseñarlas a la vez (emisor – receptor, vendedor – comprador).
- (c) la función *textual* asegura una mínima coherencia para cada texto, aunque los elementos cohesivos sean escasos, unas veces, o multimodales (y no verbales) en otros.

La triple estructura sostiene los productos lingüísticos como acciones sociales contextualizadas, y nos da pie a una primera interpretación: se trata de textos o productos lingüísticos (multimodales, es decir verbales combinados con imágenes e inscritos con una paralingüística determinada) que cumplen una función textual, que los identifica como tales, una función ideativa (referencial, que conlleva traslado de información) y una función interpersonal (una acción social entre individuos).

A un resultado parecido podríamos llegar si partiéramos de la famosa clasificación de las funciones comunicativas de Jakobson. Al fin y al cabo, la aproximación etnográfica se ha entendido a menudo como una ampliación del planteamiento estructuralista de Jakobson que trata de profundizar en algunos de sus factores, haciendo énfasis en la presencia combinada o interdependencia de factores y funciones, quizá todavía más evidente en la

propuesta de las tres funciones básicas e interconectadas del planteamiento de Halliday. Por esta razón no es de extrañar que la corriente sistémica, con su concepción de la lengua como una semiótica social y de los textos como muestras de actos sociales, esté en la base o en la inspiración de muchos trabajos posteriores de análisis crítico del discurso.⁹

5. Los textos como productos culturales: rasgos de (sub)género e intertextualidad

Los ejemplos recogidos pueden ser entendidos y analizados también como muestras concretas de un producto cultural en el que las marcas de (sub)género, en especial, y en parte de intertextualidad, son muy visibles y recurrentes. Para empezar, en la mayoría de los textos del grupo A se apela de entrada a la sabiduría del vidente, presentado como maestro (ejemplos A1-A4 y A13-A14) o como profesor (ejemplos A5-A12); también como *famoso*, *auténtico...* y con mucha experiencia. A continuación, los textos llaman la atención, sobre todo, por el uso de pocos recursos gráficos y por la acumulación, a menudo poco cohesiva, de enunciados verbales que detallan las funciones del adivino y curandero: los “efectos” son también recurrentes (recuperación de personas queridas, problemas económicos y de trabajo, *males de amor...*, en definitiva problemas de casi cualquier tipo). Y se llega incluso a la repetición o calco de estructuras, frases o sintagmas (cf. A8 y A13, el mismo texto con algunas —y curiosas— diferencias). En este terreno concreto, las excepciones a esta combinación de intertextualidad y marcas de género son contadas; destaca, como insólito, que alguno de los videntes se dedique también a dar ayuda en los exámenes (A4), a “mantener el puesto de trabajo” (A8, A12) o a problemas inmobiliarios (A14, el único caso también de vidente que hace explícito que es argentino de procedencia y que ayuda a “vender rápido pisos y locales”, y A12, que “ayuda a venta de casa”); en los demás casos las repeticiones temáticas o de *topoi* argumentativos son la regla.

En la misma línea, se garantizan los resultados (“Al 100%”; “irreversibles” en A9), la rapidez (según los estilos personales, “inmediatamente”, o de “24 horas” a 3-7 días) y se añaden detalles, como que es posible el

⁹ Véase, por ejemplo, una muestra (multimodal) de este tipo de análisis en Martínez Lirola (2006).

desplazamiento (además, discreto) o similares. Y en la tarjeta se incluye también, como es lógico, el número de teléfono (casi siempre un móvil) para poder contactar con la persona; no hay casi nunca direcciones, al margen de algunas paradas de metro que se dan como referencia locativa. En algunas tarjetas se incluyen pequeños símbolos gráficos (por lo general referentes al horóscopo o a la astrología, cf. A7, A9, A10, A13 y A14). La redacción del texto es poco cohesiva, en el sentido que combina, mezcla o acumula temas de diversa índole, incluso poco coherente en algunos casos (como el oscurantista *amarres a distancia*, en A4); la presentación es, en conjunto, poco elaborada, inconexa o deslavazada (al menos, si la contrastamos con las de otras tarjetas de presentación de otros —relativamente comparables, eso sí— profesionales).

En cambio, en los folletos o catálogos de buzón escogidos el orden es evidente, a pesar de la acumulación de objetos. Llama la atención también, a primera vista, la ausencia casi total de sujetos y de enunciados verbales atribuibles a personas reconocibles. Lo que ofrece el texto es, básicamente, una amalgama de imágenes, cifras (precios) y múltiples recursos para destacarlas (tamaño y tipos de letra, colores, realces, etc.). Los pocos fragmentos verbales que aparecen son lemas para alentar a la compra o descripciones de los productos seleccionados y, sobre todo en B1 y B2, el espacio reservado a la identificación de la cadena es poco destacable. Ambos folletos están escritos en catalán (B1 y B2; en el apéndice, también B3 y B4; B5-B7 están en castellano). Se trata de un detalle nada despreciable si se tiene en cuenta que, en cambio, no encontramos en esta lengua ninguna tarjeta de presentación como las precedentes (A1-A14); la elección de la lengua resulta ya, por sí sola, significativa: en una comunidad multilingüe la distribución de las lenguas (y su elección) según los ámbitos de uso nos da una información muy relevante sobre los valores funcionales y simbólicos de cada lengua en el “mercado” sociolingüístico.

A diferencia de una intertextualidad tan acusada como la que veíamos en los ejemplos anteriores de las tarjetas, en estos folletos o catálogos lo más prominente son las marcas del género o subgénero comunicativo en el que se inscriben. El formato es muy parecido, con hojas de gran tamaño y desplegadas, la disposición de los elementos del catálogo es igualmente parecida, así como los procedimientos de realce. También hay variantes

de estructura (o composición) y estilísticas, por ejemplo en algunos folletos figuran relaciones de las tiendas de la cadena, con las direcciones correspondientes, normalmente en la contraportada; en otros se da un cierto protagonismo a personas o mascotas que actúan como un reclamo en la presentación de los productos (cf. B3, B6 y B7), o más espacio y relevancia para algunos nombres y logos de las tiendas, que se vuelven bastante más visibles (cf. B4 y B6), etc. En definitiva, y en un sentido estricto del concepto, no se da en estos casos una intertextualidad como la anterior, en que casi se llega a la sensación de estar leyendo siempre el mismo texto (y de hecho a menudo se puede comprobar el plagio o la copia); nos hallamos, eso sí, ante una recurrencia en las características y formato del producto, que le dan una clara consistencia como (sub)género discursivo comercial.

6. Aspectos de análisis crítico

Aunque el análisis crítico del discurso se ha aplicado básicamente a textos orales o escritos de una extensión considerable y sin tener en cuenta, en general, la multimodalidad de los productos, de ello no cabe deducir que las premisas de este tipo de análisis (o por lo menos algunas) no se puedan aplicar también al análisis de textos breves como los apuntados y de naturaleza multimodal. Sin buscar entrar en una explicación pormenorizada y completa, las líneas siguientes no tienen otra pretensión que sugerir algunos caminos todavía poco transitados, sobre todo en relación con textos corrientes o pseudocoloquiales, si se les quiere llamar así.

La comparación de los dos tipos de texto escogidos sugiere, de entrada, el enfrentamiento entre la presentación personal y la exhibición de objetos: las funciones y servicios de curación o adivinación frente a la exposición de artículos de consumo. Contrastan por eso mismo la monocromía y los escasos recursos gráficos dedicados a los textos del primer tipo frente a la ostentación de colores y recursos de todo tipo en el segundo, incluso el tamaño: la tarjeta, la pequeña hojita de papel (10,5 x 7,8 cm, apenas 82 centímetros cuadrados) en contraste con un desplegable que puede incluir varias hojas y que en algún caso llega a medidas extraordinarias (en B5, ¡83,7 x 58,2 cm!, 4871,4 centímetros cuadrados, es decir, casi medio metro cuadrado).

Para empezar, si comparamos los dos tipos de textos y discursos, resulta

lógico e inevitable que nos venga de inmediato a la cabeza la simbología de categorías contrastivas como *escasez - pobreza - códigos restringidos* frente a *abundancia - riqueza - códigos elaborados*; también la de un ámbito “oficioso”, asociado al esoterismo, el ocultismo y la videncia, frente a un ámbito “oficial”, aliado del comercio y el consumismo. Pero hay muchos otros aspectos a tener también en cuenta, que nos hablan de la sociedad y la cultura en que se dan estos textos, y de las ideologías y relaciones de poder subyacentes. Para continuar, vale la pena recordar que los discursos de chamanes o adivinos no se producen solo en circunstancias como las que podemos imaginar detrás de estas sencillas hojas de presentación. Se da igualmente, por ejemplo, en múltiples canales televisivos, con escenografías variadas que pueden llegar a incluir ayudantes, y con un acceso a sus servicios vía telefónica. Aunque es más que presumible que el vidente que figura “detrás” de la tarjeta es muy distinto al que aparece delante de la cámara, lo esencial de estos tipos de discurso está asociado a su función y a la necesidad de quien solicita el servicio, que, muy sintetizada, podríamos convenir que es conocer el futuro (*su futuro*, con las respectivas áreas de salud personal o de familiares, situación económica, relaciones interpersonales, etc.). Y la consulta del futuro no es solo informativa, sino que tiene un interés proactivo: cambiarlo en el caso de que sea negativo, y aquí se pondrán de manifiesto también las propiedades *terapéuticas* de quien ofrece el servicio, ahora como sanador.¹⁰

En los folletos de anuncio, nada de esto ocurre, y en todo caso el futuro se presenta como algo mejorable implícitamente través de la compra: el texto es puramente un catálogo, un conjunto de fotografías, cifras y anzuelos gráficos que ejemplifican perfectamente el título del estudio de Lomas (1996): el “espectáculo del deseo” creado por la publicidad. La escenografía es abigarrada y policroma, y el texto verbal aparece con carácter informativo (ofertas o facilidades de pago, direcciones, etc.), descriptivo (características o cualidades de los aparatos) o directivo (imperativos que invitan a la compra).

Así pues, en los ejemplos del tipo B el texto verbal deja paso a una imagen que sugiere y domina. Estamos muy lejos, en la mayoría de los

¹⁰ Dejo de lado el aspecto comercial del intercambio verbal y comunicativo, también obvio en el caso de los videntes televisivos, a quienes se accede a través de llamadas telefónicas. Por su parte, algunos recientes anuncios televisivos de Media Markt (emitidos en junio de 2012) son el correlato perfecto, en televisión, de la propaganda de buzón de los ejemplos B.

casos, de la fotografía que ilustra lo que dice el lenguaje (como en una multimodalidad ilustrativa), típica de la relación entre muchas fotografías de periódico y sus pies (o columnas, o artículos adjuntos). En nuestros ejemplos, si bien encontramos fragmentos en los que el lenguaje todavía es imprescindible, están yuxtapuestos a otros en los que su función es puramente complementaria, y a algunos donde ya es prescindible del todo: de hecho, ya se ha prescindido de él porque la imagen es mucho más informativa o sugestiva. La imagen ya no es ningún anzuelo para el texto, en todo caso es un anzuelo por sí misma, y por la fuerza que tiene el producto en una sociedad consumista. Por eso mismo no abundan en estos textos los recursos muy elaborados de sugestión o persuasión (mientras que sí se dan en otros tipos de publicidad, más selectivos o elitistas). Aquí basta con recursos básicos de presentación multimodal (tipos de letra, colores...), aunque repetitivos y barrocos hasta la saciedad y formando una especie de lista o escaparate, como se prefiera metaforizar: una selección ordenada de bienes de consumo sin, en general, sujetos explícitos que vendan o compren. Los sujetos se suponen, y no hace falta enunciarlos... aunque pueden aparecer (B6-B7), pero con la misma finalidad con la que puede aparecer una rana (B3) o con la que se destaca, jugando con la diferencia de colores y formatos, el nombre de una tienda (B4-B6). La *acción social* también se supone: es la compra, implícita nuevamente pero incentivada con ofertas, regalos o facilidades de pago (*6 meses, 0% intereses, y empieza a pagar en agosto*, etc.).

La casi desaparición de los sujetos en estas interacciones de compra y venta (cf. todos los ejemplos menos B6 y B7) es un rasgo relevante en este tipo de publicidad, que no se da en otros muchos catálogos (más o menos similares en otras facetas), pero que incluyen muchas más fotografías de los supuestos compradores (o sobre todo, compradoras) y de las acciones sociales subyacentes (regalar productos, en especial). En estos casos, los rasgos no verbales de los sujetos nos “adiestran” en la manera (alegre, entusiasmada, incluso) en que debemos recibir la “valiosa” información del folleto y emprender la consiguiente y esperable acción de compra y regalo (al estilo de B7c). En cambio, en los catálogos aquí analizados la *cosificación* llega a puntos extremos, y el folleto toma sentido como relación de cosificaciones clasificadas por áreas temáticas (comerciales) y

por su precio, que sirve también como reclamo de presentación.

Las ideas y las palabras –que justificarían tanto la literatura como un ensayo de filosofía del lenguaje— tienen su expresión inversa en este tipo de catálogos comerciales que se estilizan al máximo, en un sentido funcional, y que acaban presentándose como un repertorio de cosas y precios. La legitimación del texto¹¹, del folleto, se fundamenta en la acción social de la compraventa, y el mejor criterio es el del mejor precio, porque, de hecho, la calidad se presupone igualmente (como reza el eslogan de A1, traducido, “Igual de bueno, pero a mitad de precio”). Las pruebas de veracidad no hacen falta, se dan por supuestas, también, y en todo caso se enfatizan con criterios adyacentes que se legitiman por otras razones (por ejemplo el hecho de que los productos se anuncien también en televisión, aunque, empíricamente, eso no demuestre nada acerca de su valor). Mientras que en los folletos o catálogos con imágenes de personas (a veces en escenas familiares o sociales claramente reconocibles) se sugiere una legitimación de un tipo más bien narrativo y moral, y ligada también a valores tradicionales, en los folletos analizados la legitimación es muy racional: el (mejor) precio manda, como valor utilitario, por encima de todo, de cualquier otro criterio.

Mientras que la figura del vidente, adivino o chamán la podemos rastrear en pueblos y culturas de todo tipo, y hasta se ha adaptado a nuestra sociedad, la propaganda de buzón se nos parece como un producto típico y exclusivo de la sociedad consumista y de una ideología que ni tan siquiera tiene que presentar un sujeto enunciador, está legitimada por el simple hecho de repetir la dinámica de compras y ventas, y acaba siendo valorada por el simple criterio de ofrecer los precios más baratos posibles. El vidente tiene que intentar legitimarse poniendo explícitamente por escrito sus cualidades (alguna de nacimiento), es decir todo lo que conforma su autoridad, sus valores, su experiencia, su procedencia africana... y se siente en la necesidad de asegurar los resultados de su gestión, siempre positiva, efectiva en poco tiempo, garantizada, discreta si ha habido desplazamiento... El catálogo solo expone, describe, apareja objetos con precios y anima, con argumentos legitimados por otros derroteros, a la compra. Los dos tipos

¹¹ Sobre la cuestión de los tipos de legitimación del discurso, que en este caso simplemente se puede esbozar, dado que se trata de textos muy breves, véanse los trabajos de Martín Rojo & Van Dijk (1998), Van Leeuwen & Wodack (1999), Fairclough (2003) y Van Leeuwen (2008).

de discurso coinciden en la oferta, es decir, en el hecho de ofrecer, pero difieren radicalmente en el qué y en el cómo: el vidente ofrece cualquier cosa (*invisible*, cualquier efecto curativo o de adivinación) a ningún precio (previo); el catálogo ofrece *solo* los productos visibles que enseña y a un precio único y fijado de antemano.

7. Algunas notas finales sobre los géneros multimodales y la necesidad de su estudio crítico

Ningún texto puede escaparse de consideraciones críticas acerca de su ideología, por una parte, y de su contexto o *hábitat* sociocultural, por otra. En el primer aspecto, la carga ideológica y la fundamentación ideológica de los textos es evidente en el sentido que se inscriben, por intertextualidad y por la elección de un estilo argumentativo, en cadenas, formaciones o constructos ideológicos y discursivos, propios de un momento histórico. Dicho en otras palabras, en cualquier texto subyace una ideología, entendida como un sistema de pensamiento que al mismo tiempo contribuye a crear, mantener o cambiar las relaciones de poder que se dan en cualquier sociedad. Así, por ejemplo, en todas las tarjetas de los videntes hay un tema recurrente, el de la recuperación de la persona amada que, por la razón que sea, ha desaparecido o se ha separado del amante, y en una en particular (A2) se ofrece la ayuda “para que venga, sumiso[,] obediente y fiel”, lo que dibuja un tipo de relación muy concreto y reconocible; para entendernos, no esperamos encontrar al lado de deseos como éste afirmaciones sobre la injusticia de las discriminaciones sexuales o información sobre el amor libre. En las tarjetas de presentación, el trasfondo ideológico que se descubre una y otra vez y el quid de la cuestión es simplemente que la desgracia o la mala suerte se puede cambiar gracias a los poderes sobrenaturales de una persona. A su vez, los catálogos, por su parte, no se destacan precisamente por dar información sobre el comercio justo, pongamos por caso, sino que se presentan con un típico discurso comercial, de mercado en este caso sí libre, y con la ostentación del precio mínimo y las facilidades de pago como grandes valores prácticos y hasta sociales. El quid ahora es adquirir el producto con la certeza de que se compra con el precio más barato posible.

Por otra parte, además, los textos que nos han servido como ejemplo son incomprensibles fuera de su contexto real de producción e interpretación, y

si los entendemos solo en el sentido de una estricta verbalidad que no toma en consideración el producto comunicativo en el que están inseridos. Dicho con otras palabras, los textos no se pueden entender si no los concebimos mucho más allá de lo que la tradición ha entendido como secuencias de oraciones gramaticales (abstractas) o de enunciados verbales (concretos): son muestras multimodales de acciones sociales y prácticas discursivas, y como tales tienen que ser descritos, interpretados y analizados, teniendo en cuenta, como apunta Birch (1998), en referencia a la estilística, que la interpretación no se puede separar nunca del análisis, ni la explicación de la descripción, ni la crítica de la praxis. Por esta misma razón en un estudio estilístico los textos no importan exclusivamente por sus estructuras, y hay que encaramarse a las instituciones sociales que las conforman:

“It means recognizing that a critical study of language, which recognizes political, social, and cultural theory as essential to its own theoretical base, is not just a study of the structures of the language and style of a text, but it is a study of the institutions that shape the various ways in which language means.” (Birch 1998: 959)

En efecto, aunque en este artículo solo haya quedado apuntado —como ya se sugería en el título— los textos comentados están inseridos en marcos ideológicos e institucionales fundamentales para poderlos explicar, tanto verbalmente como no verbalmente, y tanto por cada uno de sus rasgos como por su conjunto, un conjunto único en cada caso como producto comunicativo, como combinación de signos de códigos distintos pero conectados en su uso: una combinación multimodal que crea significados nuevos. La mirada crítica también es imprescindible en este caso, y debería ser imprescindible en la recepción de cualquier tipo de signo o en la recepción multimodal de combinaciones de signos distintos. De hecho, las raíces de un análisis crítico que tenga en cuenta la multimodalidad —o al menos, la imagen, la dimensión icónica— nos llevarían como mínimo a uno de los padres de la semiótica, a Charles Morris (1962 [1946]: 263-264), que explicitaba así su razonamiento:

“El conocimiento de los signos puede servir para que el individuo no permita que lo exploten.

Desde la cuna hasta la tumba, desde que se levanta hasta que se va a dormir, el individuo se encuentra rodeado por una inacabable red de signos, mediante los cuales los demás procuran avanzar sus propios objetivos... Si no se pone en guardia, se transforma en un verdadero robot manipulado por los signos, pasivo en sus creencias, sus valoraciones, sus actividades... La semiótica puede servir como antídoto contra esta explotación de la vida individual. Cuando un individuo hace frente a los signos que se le presentan, con un conocimiento de cómo funcionan, le es más fácil defenderse contra la explotación por parte de los otros... Si se pregunta qué tipo de signo le sale al paso, con qué propósito se utiliza, qué pruebas hay de su verdad y adecuación, su actuación se transformará de respuesta automática en conducta crítica e inteligente”.

Colle (2011), que recoge esta misma citación, añade rotundamente: “Ser crítico e inteligente. ¿No es éste el ideal de todo ser humano?”. La combinación de una perspectiva etnográfica con el análisis crítico y multimodal nos ofrece un marco útil para describir y explicar comportamientos comunicativos y textos entendidos como documentos culturales y formas de actos sociales. En el sentido apuntado por Duranti (1992), la etnografía es esencial para entender el lenguaje cotidiano, y en el apuntado por Scollon (2001) o Van Leeuwen (2008), el texto va mucho más allá de un conjunto más o menos organizado de enunciados, y pasa a ser concebido como una muestra de acción social. Si añadimos a estas dos dimensiones las imprescindibles consideraciones de tipo multimodal a que nos obliga un tipo de discurso en el que lo verbal va unido indisolublemente a la no verbal, obtendremos el punto de vista, combinado y complejo, que se sugiere en este trabajo: etnográfico, crítico y multimodal. Esta perspectiva nos permite enfocar un camino —aquí simplemente esbozado— cuya finalidad última apunta a una interpretación en la que las dimensiones cognitiva y social no resultan antagónicas ni excluyentes, sino necesariamente complementarias.

Por otra parte, la comparación de (sub)géneros comunicativos o discursivos se muestra muy a menudo como una estrategia que invita a la observación y detección de múltiples concomitancias o divergencias a partir de los productos o procesos estudiados, y parece imprescindible ya sea en el estudio de la variación lingüística funcional o estilística, ya sea en la descripción e interpretación de los propios géneros. En los (sub)géneros aquí estudiados, las similitudes parten del aparente *ofrecimiento* de servicios o productos, a través

de textos que, sin embargo, difieren de maneras muy notables: tanto en el grado de elaboración verbal y multimodal (hasta el punto que los podemos situar en dos extremos opuestos), como en el rasgo de la presencia/ausencia de un sujeto enunciador. Mientras que en el subgénero de las tarjetas anunciadoras de chamanes y visionarios se focalizan las capacidades del sujeto (enunciador) y el consiguiente beneficio del receptor o enunciatario, sin mención alguna del coste económico de la consulta, la propaganda de electrodomésticos y aparatos electrónicos diluye por completo el papel del enunciador (tan solo se apuntan nombres y demarcaciones de los establecimientos o cadenas) y focaliza de manera extrema el objeto y su precio, con toda clase de recursos multimodales (y en concreto no verbales). La *subjetividad* que se busca resaltar en el primer género, con un catálogo de servicios (sin precio o coste público fijo) contrasta con una *objetividad* basada en la ostentación precisamente del precio estipulado a priori de cada producto. La entrega en mano de la tarjeta en el primer caso simboliza también lo contrario del anonimato del folleto dejado en un buzón.

En definitiva, a lo largo de este artículo se ha intentado mostrar cómo la confluencia de métodos que provienen de la etnografía y del análisis crítico del discurso nos pueden proveer de instrumentos de análisis útiles y combinables en la tarea de ayudar a encontrar el sentido de las interacciones comunicativas y las acciones sociales. En este caso concreto, de textos entendidos como productos culturales, como signos de presentación de la identidad de individuos o de empresas comerciales, y como testimonios de las acciones sociales típicas de una comunidad. En el marco de una sociedad o entorno consumista, el anuncio de los servicios que se pueden prestar, que se ofertan, sea como personas o como empresas, es un anuncio inevitablemente discursivo, y no se escapa de la necesidad de una elección de múltiples procedimientos y recursos verbales y no verbales (multimodales). La recurrencia en esas elecciones es la que acaba convirtiendo marcas de estilos individuales iniciales en rasgos característicos de géneros escritos, de habla o de cualquier tipo de interacción verbal. Aunque la gran mayoría de las muestras de los textos aquí comentados acaben en una papelería, no hay que olvidar que son representantes de (sub)géneros discursivos hoy ya convencionales, que expresan identidades y estilos personales, y que son señas culturales y vehículos de la acción social.

REFERENCIAS

- Bauman, Richard & Sherzer, Joel (Eds.). 1974. *Explorations in the ethnography of speaking*. Cambridge: Cambridge University Press (2a. ed., 1989).
- Birch, David. 1998. *Stylistics*. In: Jacob L. Mey (Ed.). *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. Amsterdam: Elsevier, 955-961.
- Calsamiglia, Helena & Tusón, Amparo. 1999. *Las cosas del decir. Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel (2ª ed., 2007).
- Colle, Raymond. 2011. *El contenido de los mensajes icónicos*. La Laguna: Sociedad Latina de Comunicación Social. Consulta (12/06/2012) en:
<http://issuu.com/revistalatinadecomunicacion/docs/raymond>
- Duranti, Alessandro. 1985. Sociocultural dimensions of discourse. In: Teun A. Van Dijk (Ed.). *Handbook of discourse analysis. I. Disciplines of discourse*. New York: Academic Press, 193-230.
- Duranti, Alesandro. 1988. Ethnography of speaking: toward a linguistics of the praxis. In: Frederick J. Newmeyer (Ed.). *The Cambridge Survey. IV. Language: The socio-cultural context*. Cambridge: Cambridge University Press, 210-228.
- Duranti, Alessandro. 1992. *Etnografía del parlare quotidiano*. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- Fairclough, Norman. 2003. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Longman.
- Ferrándiz, Francisco. 2011. *Etnografías contemporáneas. Anclajes, métodos y claves para el futuro*. Barcelona: Anthropos – Universidad Autónoma Metropolitana.
- Gumperz, John J. & Hymes, Dell (Eds.). 1972. *Directions in sociolinguistics. The ethnography of communication*. Oxford: Blackwell (2a. ed., 1986).
- Halliday, Michael Alexander Kirkwood. 1973. *Exploration in the Functions of Language*. London: Arnold. (Trad. cast.: *Exploraciones sobre las funciones del lenguaje*. Barcelona: Médica y Técnica, 1982.)
- Halliday, Michael Alexander Kirkwood. 1976. *Language as Social Semiotics. The Social Interpretation of Language and Meaning*. London: Arnold. (Trad. cast.: *El lenguaje como semiótica social. La interpretación social del lenguaje y del significado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.)
- Halliday, Michael Alexander Kirkwood. 1985. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold (2nd ed., 1994).
- Kress, Gunther & Van Leeuwen, Theo. 2001. *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold.

- LeVine, Philip & Scollon, Ron (Eds.). 2004. *Discourse and technology. Multimodal discourse analysis*. Washington: Georgetown University Press.
- Lomas, Carlos. 1996. *El espectáculo del deseo. Usos y formas de la persuasión publicitaria*. Barcelona: Octaedro.
- Machin, David & Mayr, Andrea. 2012. *How To Do Critical Discourse Analysis: A Multimodal Introduction*. London: Sage.
- Martín Rojo, Luisa & Van Dijk, Teun A. 1998. "Había un problema y se ha resuelto". Legitimación de la expulsión de inmigrantes "ilegales" en el discurso parlamentario español. In Luisa Martín Rojo & Rachel Whittaker (Eds.), *Poder-decir, o el poder de los discursos*. Madrid: Arrecife, 169-234.
- Martín Rojo, Luisa & Whittaker, Rachel (Eds.). 1998. *Poder-decir o el poder de los discursos*. Madrid: Arrecife.
- Martínez Lirola, María. 2006. A Systemic Functional Analysis of Two Multimodal Covers. *Revista Alicantina de Estudios Ingleses* 19, 249-260. Consultable (12/06/2012) en: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/5179/1/RAEI_19_14.pdf
- Morris, Charles 1946. *Signs, language, and behavior*. Oxford Prentice-Hall. (Trad. esp.: *Signos, lengua y conducta*. Buenos Aires: Losada, 1962.)
- Palmer, Gary B. 1996. *Toward a Theory of Cultural Linguistics*. Austin: The University of Texas Press. (Trad. esp.: *Lingüística cultural*. Madrid: Alianza Editorial, 2000).
- Payrató, Lluís. 2006. Discurso oral y multimodalidad: aspectos introductorios. *Oralia* 9, 259-275.
- Payrató, Lluís. 2008. Discurso, multimodalidad y plurilingüismo. Interrelaciones, interpretaciones y ejemplos. In: José Luis Blas Arroyo, Manuela Casanova Ávalos, Mónica Velando Casanova & Francisco Javier Vellón Lahoz (Eds.). *Discurso y sociedad II. Nuevas contribuciones al estudio de la lengua en un contexto social*. Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I, 43-57.
- Payrató, Lluís. 2009. Entre la lengua y la cultura: aspectos multimodales de la comunicación. In: Elena De Miguel (Ed.): *La pluralidad lingüística: Aportaciones sociales, culturales y formativas*. Madrid: Ministerio de Educación, 135 – 155.
- Saville-Troike, Muriel. 1982. *The ethnography of communication. An introduction*. Oxford: Blackwell (2a. ed., 1989).
- Scollon, Ron. 2001. Action and text: toward an integrated understanding of the place of text in social (inter)action, mediated discourse analysis and the problem of social action. In: Ruth Wodak & Michael Meyer (Eds.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, 139-183.

- Van Leeuwen, Teo & Wodak, Ruth. 1999. Legitimizing immigration control: A discourse-historical perspective. *Discourse Studies*1, 83-118.
- Van Leeuwen, Theo. 2008. *Discourse and Practice. New tools for critical discourse analysis*. Oxford: Oxford University Press.
- Ventola, Eija, Charles, Cassily & Kaltenbacher, Martin (Eds.). 2004. *Perspectives on multimodality*. Amsterdam: John Benjamins.
- Wodak, Ruth & Meyer, Michael. 2001. *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage.

Apéndice A. Tarjetas de presentación de videntes y chamanes. De arriba a abajo, y de izquierda a derecha, se citan en el texto como ejemplos numerados desde A5 hasta A14.

(*PROFESOR HERABA*)

HEREDERO DE UNA DE LAS MAYORES FAMILIAS DE MANDINGUE, INICIADO DESDE LOS 6 AÑOS DE EDAD, 37 AÑOS DE EXPERIENCIA, EL PODER DE SU VIDENCIA LE AYUDARÁ A RESOLVER TODOS SUS PROBLEMAS AUNQUE SEAN DE MUCHO TIEMPO ATRÁS, ODIOS, ALCOHOL, QUITAR MAL DE OJO, FINANCIERO AFECTIVO, NEGOCIO, TRABAJO, DEPRESIONES, INFIDELIDAD, CURO 20 TIPOS DE DOLENCIAS, INCLUIDO CASOS DESPERERADOS, CUALQUIER COMPLEJO FISICO O MENTAL, VUELVE INVULNERABLES A CUALQUIER PERSONA, PREVE LOS PELIGROS INDICANDO LAS PRECAUCIONES A TOMAR, CONOCIDO POR GRANDES PERSONALIDADES DEL MUNDO, EXITO EN TODOS LOS CAMPOS, CURALA IMPOTENCIA SEXUAL, SI TU MUJER O MARIDO TE HAN DEJADO VEN A VERME.

Resultados rápidos y garantizados al 100 % en 3 días, paga después de resultado. Trabajo honesto, serio, eficiente y rápido (los trabajos y consultas a distancia enviar sello) si quieres empezar una nueva vida, llámame, consultas todos los días de 9 a 22 horas previamente solicitar hora.

Tel. 677 657 502

PROFESOR EDALY

GRAN ILUSTRE VIDENTE AFRICANO
CON RAPIDEZ, EFICACIA Y GARANTIA.

NO HAY PROBLEMA SIN SOLUCIÓN

EL MAESTRO CACHAMAN AFRICANO GRAN MEDIUM ESPIRITUAL MAGICO CON PODERES NATURALES 25 AÑOS DE EXPERIENCIA EN TODOS LOS CAMPOS DE LA ALTA MAGIA AFRICANA, RESUELVE TODO TIPO DE PROBLEMAS Y DIFICULTADES POR DIFICIL QUE SEAN: MATRIMONIALES, CONOCEDOR DE LOS SECRETOS, PROTECCION, QUITAR IMPOTENCIA SEXUAL, Y LO MAS EFICAZ PARA RECUPERAR LA PAREJA Y TRAER PERSONAS QUERIDAS, ENCONTRAR PAREJA, AMORES Y CUALQUIER PROBLEMA MATRIMONIAL, TRABAJO Y NEGOCIOS. EL TIENE LOS ESPIRITUS MAGICOS MAS RAPIDOS QUE EXISTEN Y CUALQUIER OTRA DIFICULTAD QUE TENGAS EN EL AMOR, LA SOLUCION INMEDIATAMENTE CON RESULTADOS AL 100% GARANTIZADOS RECIBO TODOS LOS DIAS DE 8 H A 22 H. RECUPERACION DE PAREJA EN 7 DIAS

Teléfono: 677.323.948

GRAN CONOCEDOR DE LA BRUJERIA

PROFESOR SABO

GRAN ILUSTRE VIDENTE
FUTUROLOGIA ESPIRITUAL

YO TENGO LA SOLUCION DONDE OTROS FALLAN, SOLUCION RAPIDA CUALQUIERA QUE SEA VUESTRO PROBLEMA SENTIMENTAL EN GENERAL, DE AMOR, TRABAJO, SUERTE, NEGOCIO, FAMA, MAL DE OJO, PROBLEMAS FAMILIARES, IMPOTENCIA SEXUAL, LIMPIEZA CON MAXIMA EFICACIA EN 24 HORAS, REGRESO INMEDIATO DE LA PERSONA AMADA, ETC. RESULTADOS MUY EFECTIVOS Y RAPIDOS

100% GARANTIZADOS,
METRO COLIBLANC, CONTACTO

Teléfono 672 964 885

PROFESOR DJIKINE

VIDENTE - CURANDERO

AYUDA A RESOLVER DIVERSOS PROBLEMAS CON RAPIDEZ Y GARANTIA

El maestro chaman africano, gran medium espiritual mágico, con poderes naturales, 22 años de experiencia en todos los campos de la alta magia africana. Ayuda a resolver todo tipo de problemas y dificultades por difíciles que sean. Enfermedades crónicas de droga y tabaco. Cualquier problema matrimonial, recuperar la pareja y atraer a personas queridas. Impotencia sexual, amor, negocios judiciales, suerte. Quitar hechizos, depresión y protecciones. Vida familiar. Mantener puesto de trabajo, atraer clientes. Cualquier otra dificultad que tenga en el amor lo soluciono inmediatamente con resultados positivos y 100 % garantizados en 4 días como máximo.

Resultado garantizado 100%. Discreción asegurada.
TODOS LOS DIAS DE 8 A 22 H.

Tels. 932 615 653 - 664 266 932

Los Problemas no se pueden arreglar solos,
necesitas que te ayuden

PROFESOR ALMA

GRAN VIDENTE MEDIUM MUY PODEROSO DE LOS DEMONIOS Y SENTIMIENTOS, FINANCIEROS, CUALQUIER PROBLEMA DE AMOR, IMPOTENCIA SEXUAL, SALUD, PROBLEMAS FAMILIARES, TRABAJO PROTECCION, SUERTE, ETC... TIENE EL PODER DE RESOLVER.

ESPECIALISTA EN LA VUELTA DE LA PERSONA AMADA, RESULTADOS IRREVERSIBLES DENTRO CUATRO DIAS.

Tel: 697 513 195

PROFESOR UMAR

**GRAN ILUSTRE VIDENTE
FUTUROLOGIA**

SOLUCIÓN RÁPIDA A SUS PROBLEMAS.

GRAN CURANDERO - TENGO LA SOLUCIÓN DONDE OTROS FALLAN, CUALQUIERA QUE SEA VUESTRO PROBLEMA SENTIMENTAL EN GENERAL, DE AMOR, TRABAJO, SUERTE, NEGOCIO, FAMA, MAL DE OJO, PROBLEMAS FAMILIARES, IMPOTENCIA SEXUAL, LIMPIEZA CON MÁXIMA EFICACIA EN 24 HORAS, REGRESO INMEDIATO DE LA PERSONA AMADA ETC...

RESULTADOS MUY EFECTIVOS Y RAPIDOS 100% GARANTIZADOS

CONTACTO

Teléfono 651 193 598

MAESTRO DIALAMBA FAMOSO VIDENTE DE NACIMIENTO

CON SUS PODERES NATURALES Y SU EXPERIENCIA EN MENOS DE UNA SEMANA LE AYUDA A SOLUCIONAR TODO TIPO DE PROBLEMAS Y DIFICULTADES PO DIFICILES QUE SEAN, CON RESULTADOS, RAPIDEZ Y EFICACIA Y 100% GARANTIZADOS: RECUPERAR PAREJA Y ATRAER PERSONAS QUERIDAS, SUERTE, NEGOCIOS, EMPRESA, SALUD, IMPOTENCIA SEXUAL, PROTECCION ENEMIGOS, , JUDICIALES, MAL DE OJO. ATRAER CLIENTES, PROBLEMAS FAMILIARES, ETC... CUALQUIER OTRA DIFICULTAD QUE TENGA EN EL AMOR LA SOLUCIONA CON RESULTADOS POSITIVOS. DESPLAZAMIENTO POSIBLE CON DISCRECION

TEL: 603 753 /103

Pasado – Presente – Futuro

Maestro Dina

FAMOSO VIDENTE DE NACIMIENTO Y MUY RECONOCIDO

Con sus poderes naturales y su experiencia en todos los campos de la alta magia africanos. En menos de una semana le ayuda a solucionar todo tipo de problemas y dificultades por difícil que sean con resultados, rapidez eficacia y 100% garantizados: Recuperar la pareja y atraer a personas queridas, suerte, negocios, empresa, salud, impotencia sexual, protección enemigos, judiciales, mal de ojo, ayuda a venta de casa, mantener puesto de trabajo. Atraer clientes, problemas familiares, etc... Cualquier otra dificultad que tenga en el amor lo soluciono con resultados positivos y 100% en 4 a 7 días, trabajo a distancia y desplazamiento posible con discreción

TEL: 662.235.534

VIDENTE
MEDIUM
DIRECTO

PROFESOR OMAR ♥

Gran ilustre vidente africano con rapidez, eficacia y garantía

NO HAY PROBLEMA SIN SOLUCIÓN

¡AYUDA A RESOLVER DIVERSOS PROBLEMAS CON RAPIDEZ Y GARANTÍA!

El maestro chaman africano, Gran Medium Espiritual mágico, poderes naturales. 40 años de experiencia en todos los campos de la Alta Magia Africanos. Ayuda a resolver todo tipo de problemas y dificultades por difíciles que sean. Enfermedades crónicas de droga y tabaco. Cualquier problema matrimonial, recuperar la pareja y atraer a personas queridas. Impotencia sexual, amor, negocios judiciales, suerte. Quitar hechizos, depresión y profeciones. Vida familiar. Mantener puesto de trabajo, atraer clientes... Cualquier otra dificultad que tenga en el amor lo soluciono inmediatamente con resultados positivos 8 a 22 h.

**TELS. 627 231 428 METRO (L-1)
933 466 961 TRINITAT VELLA**

PROFESOR RAUL

AYUDA A RESOLVER DIVERSOS PROBLEMAS

El maestro parapsicólogo argentino ayuda a resolver todo tipo de problemas, aunque sean difíciles. Problemas de parejas y matrimonio son su especialidad, recuperar a la persona amada y recuperar amistades perdidas; también recupera negocios que no funcionan bien.

Ayuda para vender rápido pisos y locales.

**30 años de experiencia le avalan
Llamar de lunes a Sábado de 10 a 22 hs.**

TEL: 675 484 096

Apéndice B. Muestras de folletos de propaganda de tiendas de productos informáticos y electrónicos, y de electrodomésticos. De arriba a abajo, y de izquierda a derecha: ejemplos B3 (portada, 37,8 x 28,1 cm), B4 (portada, 41,8 x 29,7 cm), B5 (portada, 29,2 x 21,3 cm), B6 (contraportada, 29,2 x 21,3 cm) y B7 (doble página central, 83,7 x 58,2 cm).



100 euros de REGALO x cada 500 € de compra

WHITE 100

499€ Pantalla LED 40 pulgadas, tarjeta grafica Dual DVI, memoria 8 GB.

299€ BLAUPUNKT 2000 W

899€ SAMSUNG 2000 W

8,99€ USB

549€ Video HD

449€ SAMSUNG 2000 W

39€ MICROFONO CARRETA

259€ CONSOLA PS3

60€

1999€ SAMSUNG 2000 W

379€ SIEMENS LAVAVAJAS

549€ HOTPOINT LAVAVAJAS

799€ SAMSUNG 2000 W

GARANTIA EXTRA

Wochen seguros

“Vou buscar ali, ali acima!” A multimodalidade da deixis no português europeu

Isabel Galhano-Rodrigues

igalhano@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

RESUMO: Com base num estudo de caso, explora-se a deixis multimodal - a deixis composta por gesto e fala - no português europeu. Serão identificadas várias formas de gestos de apontar e, em seguida, correlacionadas com a fala simultânea. Dar-se-á conta dos diferentes tipos de deixis e das referências estabelecidas pelos elementos deícticos. Na descrição das modalidades que desempenham a função de “apontar para”, considerar-se-ão aspetos cotextuais e contextuais: a relevância de indicar um objeto, lugar, espaço, pessoa ou uma ideia abstrata; a necessidade de precisão no apontar; as expectativas do falante relativamente ao conhecimento do ouvinte sobre os referentes.

PALAVRAS-CHAVE: deixis multimodal; gestos de apontar; gestos coverbais; multimodalidade na interação face a face.

ABSTRACT: Based on a case study, this article explores multimodal deixis - the ensemble gesture-speech deixis - in European Portuguese. Various forms of pointing gestures will be identified and correlated to simultaneous speech, giving account of the different types of deixis and of the kind of reference established by deictic elements. In the description of the modalities which assume the function of “pointing at”, the following co-textual and contextual aspects were considered: the relevance of indicating an object, a place, a space, a person or an abstract idea; the need for precision in pointing; speakers’ expectations regarding hearers’ knowledge about the referents.

KEYWORDS: multimodal deixis; pointing gestures; co-speech gestures; multimodality in face-to-face interaction.

1. Introdução

Já no século XIX e início do século XX vários etnólogos portugueses chamaram a atenção para a importância da “linguagem dos gestos”. Um exemplo é Leite de Vasconcellos (1886) que, em poucas linhas, não só dá conta das funções geralmente atribuídas a estes movimentos do corpo, mas

também se refere a diferenças individuais e culturais na gesticulação, assim como à atitude de preconceito relativamente a quem gesticula muito:

Os gestos¹ teem uma grande importância para auxiliar e de algum modo completar a linguagem oral; eu creio que elles coexistirão sempre com ella. Seria interessante fazer uma classificação dos gestos; isso porém não é trabalho para aqui. Elles umas vezes traduzem exactamente os movimentos, como num caso de arremesso, de defeza, etc.; outras vezes não, como quando um individuo, que falla de cousas mais ou menos vagas e insignificantes, começa a traçar com a mão círculos no ar, ou outro, que se apoqueta, começa a produzir estalidos com o pollegar e o dedo maximo. Tanto o gesto serve para acompanhar a falla, que não só muitas vezes elle vae adiante a provocá-la, como a acompanha á maneira de um compasso, e então serve de accentuar mais o que se diz. Ha individuos que gesticulão mais do que outros: parece que os mais refletidos gesticulão em geral menos. A respeito dos povos dão-se variedades interessantes.

Vasconcellos (1886: 97-98)

Não foi dada grande continuidade a esta perspectiva etnográfica de abordagem dos gestos no sentido de um estudo sistemático, conforme sugere o autor, na terceira linha do texto acima transcrito. Não deixaram no entanto de ser considerados mais tarde, por Herculano de Carvalho, que reconhece a importância destes movimentos do corpo e os descreve do seguinte modo:

de todas as formas [da linguagem não verbal] sumariamente enumeradas, a mais importante de todas, quer pela sua universalidade, quer pela frequência do seu uso, é indubitavelmente aquela que é constituída por movimentos e atitudes do corpo, e particularmente das mãos e da cabeça, a que damos o nome de gestos.

Carvalho (1983: 64)

Na verdade, é consensual, sobretudo para aqueles que se ocupam da língua falada, que a transmissão oral de uma mensagem se processa por palavras (o que é dito), acompanhadas pela produção de variações prosódicas e de movimentos do corpo (o modo como isso é dito). Podemos

¹ Leite de Vasconcellos (1886) e Herculano de Carvalho (1983) usam o termo "gesto" para referir não só os movimentos dos braços e mãos, mas também os movimentos de outras partes do corpo. Em Galhano-Rodrigues (2007), o termo "gesto" é usado para referir apenas os movimentos dos membros superiores. É neste mesmo sentido que o termo será usado neste trabalho.

até afirmar que todo o corpo do falante/ouvinte está envolvido, mais ou menos explicitamente, no processo de comunicação oral. Carvalho distingue ainda duas categorias na chamada "linguagem dos gestos":

Temos primeiramente a categoria constituída pelos gestos que acompanham a exteriorização falada ou verbal e só ocasionalmente a substituem; e, por outro lado, formando a segunda categoria, os sistemas de gestos que suprem de modo permanente, ou pelo menos continuado, a manifestação linguística que poderemos chamar normal, isto é, a manifestação vocal.

Carvalho (1983: 65)

A língua gestual (dos surdos) pertenceria ao segundo grupo (Carvalho 1983: 67 segs.). Do primeiro, fazem parte os movimentos cuja função essencial, à semelhança do que foi descrito por Vasconcellos (1886: 97-98), Carvalho descreve como sendo "a de reforçar ou acentuar ou, por vezes ainda, completar [...] a manifestação verbal (Carvalho 1983: 65).

Resumindo, através da fala (dos elementos linguísticos com as suas características prosódicas), das posturas e dos movimentos de várias partes do corpo - como a cabeça, torso, braços e mãos, pernas e pés, expressões faciais e olhar - o falante transmite, mais ou menos conscientemente, as informações que pretende dar a conhecer ao ouvinte. Mas, à semelhança do uso da língua, os movimentos do corpo revelam ainda outros aspetos: por um lado, a um plano etnográfico, tendências e hábitos de gesticular ou posturais culturalmente marcados - como diz Vasconcellos, "A respeito dos povos dão-se variedades interessantes" (Vasconcellos 1886: 98); por outro lado, num plano cognitivo, dão informações sobre perceções e interpretações do mundo circundante. De tal modo que se pode até afirmar que o ser humano incorpora, ou, melhor, "encorpora"² as suas experiências no mundo; "encorpora" dimensões como o espaço, o tempo e as relações interpessoais (cf. Kinsbourne 2006). Acontece que, conforme os movimentos do corpo que um indivíduo faz quando define espaços, para se referir a conceitos abstratos, descrever objetos ou para estruturar o seu discurso, além

² Com "encorporar" pretende-se salientar que, com o processo de enculturação, também se dá um processo de "encorporação". Isto é, na interação com o mundo envolvente, um indivíduo vai-se "formatando" e moldando mental e fisicamente, vai habituando o seu corpo a determinados tipos de movimentos, condicionados pelas características do ambiente, regras (sociais) de ostentação e rotinas culturais.

de mostrar (inconscientemente) a sua subjetividade relativamente ao que está a dizer, fornece pistas sobre o modo como conceptualiza certas dimensões. Veja-se o caso dos Aymara, descritos por Núñez e Sweetser (2006), que conceptualizam o passado como estando situado à sua frente e o futuro atrás.

A perspetiva da estreita ligação entre a fala e o gesto está generalizada no âmbito da área dos Estudos do Gesto (*Gesture Studies*). Os conceitos de "*growth point*" de McNeill (1992), o ponto de geração (cf. Galhano-Rodrigues 2007: 127), definido como "the speaker's minimal idea unit that can develop into a full utterance together with gesture" (McNeill 1992: 220) e o de "*gesture-speech-ensemble*", termo recentemente introduzido por Kendon (2004) mostram este ponto de vista. Defende-se assim um afastamento da dicotomia comunicação verbal vs. comunicação não-verbal sugerida por Watzlavick, Veavin-Bavelas & Jackson (1967), de acordo com a qual é a parte verbal da mensagem que transmite o conteúdo, sendo a parte não-verbal responsável pela transmissão de informações sobre aspetos emocionais e sociais. Embora muito ligados ao uso da língua, os gestos não foram considerados suficientemente não-verbais para serem estudados no âmbito da investigação da comunicação não-verbal (sobre esta polémica cf. Butterworth & Hadar 1989; Fyereisen 1987; McNeill 1985, 1987). Note-se ainda que uma das consequências da orientação dos estudos sobre a comunicação não-verbal é a falta de investigação sobre a integração dos gestos na fala, como aponta Kendon na citação seguinte, sendo precisamente o aspeto da forte ligação entre os gestos e a fala que torna os gestos interessantes para quem estuda a língua falada:

The twenty years or more of growth in the study of co-speech gestures has mainly been about what they might reveal about internal psychological processes. As a result, we largely lack good detailed descriptions of how, in the production of utterances, these movements are used and how they may contribute to the utterances of which these are a part. We have few accounts of the forms of gestural expressions that speakers commonly use. We lack accounts of how the hands are used as descriptive devices or how they express the pragmatic aspects of a participant's engagement in talk (...), whether and in what way there

are changes in how gestures are used as the speaking register changes, the extent to which there are cultural and social class differences in the use of gestures – and so on. We remain very little systematic understanding of most of this.

Kendon, no prelo

Neste trabalho centrar-me-ei sobre os *gestos de apontar* (*pointing gestures*), ou *gestos deícticos* (*deictic gestures*) (cf. Efron 1972; Ekman & Friesen 1969; Levinson 1983; McNeill 1992), procurando, também, mostrar a relação entre a fala e os gestos. É a forma mais típica dos gestos de apontar a que Carvalho se refere como o movimento com “o braço e o indicador estendidos, com os restantes dedos fechados, acompanhando a frase “Está ali!”” (Carvalho 1983: 65). Serão ainda consideradas outras formas de apontar com as mãos e com outras partes do corpo, orientadas para objetos, pessoas e lugares visíveis e invisíveis, mas pertencentes ao mundo factual, e para conceitos abstratos referidos no contexto de enunciação. Os gestos de apontar têm sido descritos de acordo com as suas características formais e funções de apontar em diversas culturas (Scherzer 1972; Kita 2001, Wilkins 2003), mas, como refere Kendon (no prelo), pouco no que diz respeito a características formais e contexto vs. elementos linguísticos que acompanham a sua realização.

Procurando assim ir ao encontro do apelo de Kendon, propõe-se neste trabalho uma abordagem linguística (ou etnolinguística) dos gestos de apontar. Esta abordagem será feita com base num *corpus* vídeo e tem o objetivo de comparar as várias formas dos gestos de apontar do português com os elementos linguísticos correlacionados.

Antes de passar à parte prática do trabalho, e para seu melhor entendimento, passar-se-á em revista o conceito de *deixis* e a sua ligação ao gesto de apontar. Em seguida, será apresentado um estudo dos gestos de apontar do napolitano, em que os autores exploram questões formais e funcionais do seu uso. Na análise do *corpus*, procurar-se-ão detetar variações de sentido conforme a configuração da mão e as particularidades do movimento e os elementos linguísticos verbalizados em simultâneo. Dar-se-á atenção ao contexto interacional, sobretudo no que diz respeito às expectativas do falante relativamente ao conhecimento por parte do ouvinte sobre o que está a ser referenciado através do gesto e ao que o falante pressupõe que o ouvinte queira saber. Refletir-se-á ainda sobre o

conceito de deixis no âmbito de uma perspetiva da linguística pragmática e da sua possível aplicação na classificação das diferentes formas e respetivos contextos e cotextos.

A metodologia seguida, descrita em Galhano-Rodrigues (2007), é interdisciplinar, abrangendo áreas como a Análise do Discurso, Análise Conversacional (Ehlich 1994; Kallmeyer & Schütze 1976; Kerbrat-Orechioni 1990/1992), Linguística Interacional (Auer & Couper-Kuhlen 1994; Selting & Couper-Kuhlen 2000), Ciências Cognitivas (Goldin-Meadow 2003; Núñez & Sweetser 2006), Etnografia da Comunicação (Duranti & Goodwin 1997; Gumperz & Hymes 1974) e Estudos do Gesto (Butterworth 2003; Kendon 2004; Kita 2003; McNeill 1992).

2. Gestos de apontar

Os gestos de apontar são um tipo de gesto uniformemente descrito nas tipologias de classificação de gestos (por exemplo De Jorio 2000; Efron 1941; Ekman & Friesen 1969; McNeill 1992; Poggi 2007). Embora o ato de apontar pareça ser simples e até universal, os estudos que têm sido feitos sobre formas de apontar culturalmente específicas, práticas interacionais, processos cognitivos, psicolinguísticos e pragmáticos de apontar nos primatas, em indivíduos adultos e em crianças, formas de apontar nas línguas gestuais e nos processos semióticos e pragmáticos são um índice de um elevado grau de complexidade (cf. Kita 2003).

Como já referi, a forma canónica do gesto de apontar, que Carvalho (1983) descreve como o braço e o indicador estendidos, com os restantes dedos fechados, acompanhando a frase "Está ali!" (Carvalho 1983: 65), é para McNeill (1992) um gesto déítico, ou seja um gesto mostrativo que indica objetos ou eventos no mundo concreto ou fictício. Esse apontar realiza-se no espaço gestual. É um gesto tipicamente realizado pela mão com o dedo indicador esticado, embora também possa ser efetuado por qualquer outra parte do corpo (cabeça, nariz, queixo) ou objeto (lápiz). O seu significado dependerá do valor referencial que é atribuído no espaço gestual selecionado (McNeill 1992: 80). Butterworth (2003) define-o como "the orientation of the hand, either palm downward or rotated so the palm is vertical with respect to the body midline" (2003: 9) e descreve o ato de apontar (*pointing*) como "a deitic gesture used

to reorient the attention to another person so that an object becomes the shared focus of attention" (Butterworth 2003: 9). Kendon & Versante (2003) não limitam a função de apontar a esta única forma e consideram o padrão do movimento de uma parte do corpo e o alvo para o qual este se orienta como as características determinantes para a definição da função de apontar:

Gestures recognized as 'pointing' seem to have in common a certain characteristic movement pattern in which the body part carrying out the gesture is moved in a well-defined path, and the dynamics of the movement are such that at least the final path of the movement is linear.

Kendon & Versante (2003:111)

Os autores referem que, quando a parte do corpo envolvida no gesto atinge a sua amplitude máxima, essa posição se mantém durante uns segundos. Na verdade, já foram identificadas diversas formas de apontar com outras partes do corpo, dependendo não só de contexto e co-texto da interação, como se poderá ver mais adiante, mas também de hábitos culturais, como é o caso do apontar com os lábios. Referindo-se às especificidades culturais dos gestos de apontar e às possíveis interpretações e contextos de uso que podem ter³, o autor conclui que "pointing with the index finger is *not* universal in sociocultural and semiotic terms" (Wilkins 2003: 176). Wilkins alerta para o facto de uma forma idêntica poder não ter sempre a função de apontar, mas ser apenas um movimento universal que resulta de uma capacidade física do ser humano: "one might assume they are merely talking about a universal ability to extend one's index finger and move it into (or toward) a position (as in picking one's nose)" (Wilkins 2003: 173). Wilkins apoia-se nos três critérios de Rolfe (1996, cit. in Wilkins 2003: 174) que identificam um ato comportamental como sendo um ato de ostentação, ou seja, um ato deíctico: "Ostension has three important faces: it is for another (and is hence situated in the earlier dialogic frame); it implies the addressee understands what is being pointed at; and it is oriented on the

³ Wilkins comparou o gesto de apontar com o indicador com o apontar com os lábios (*lip pointing*), outra forma de apontar usada em seis culturas. Os falantes destas culturas dão preferência a apontar com os lábios e, em parte, desconhecem ou consideram tabu o uso do apontar com o indicador. Estes são falantes de inglês (USA), falantes de Ewe (Gana), falantes de Arrente (Austrália), falantes de Kuna (Panamá), falantes de Awtow (Papua Nova Guiné) e falantes de Barai (Papua Nova Guiné) (Wilkins 2003: 174-182).

speaker- that is, it is deictic" (Rolfe 1996, cit. in Wilkins 2003: 174).

Concluindo, e de acordo com a opinião de Wilkins (2003), apontar – ou seja, o uso de uma parte do corpo para fazer uma referência deíctica – parece ser universal. O uso do dedo indicador para desempenhar a função de apontar não é universal. Existem variações semióticas de variadíssimos parâmetros, desde a configuração da mão, até à parte do corpo usada no ato deíctico.

2.1. Seis gestos de apontar

Como já foi referido, usa-se um gesto de apontar quando se quer indicar/mostrar a alguém algum objeto, pessoa ou local num espaço visível ou não-visível, real ou virtual. Este ato de indicar, ou apontar para um referente pode ser feito com diferentes intenções: para destacar uma entidade, um objeto ou um local de entre vários ou para indicar um elemento (objeto, pessoa ou lugar) sobre o qual ou relativamente ao qual se pretende fornecer determinadas informações (cf. Kendon & Versante 2003). Estes investigadores, que estudaram os gestos manuais de apontar do napolitano, concluíram que a diversidade dos contextos e dos cotextos que precedem o momento da realização do gesto determinam as características formais destes gestos. Segundo os autores, a forma do gesto de apontar parece dar informação sobre o modo como o falante pretende que o ouvinte entenda o objeto indicado (Kendon & Versante 2003: 109). Assim, distinguem vários modos de apontar com a mão, cujas diferentes configurações se relacionam com a informação dada: se é uma focalização de um tópico principal, marcando contraste com outros objetos (*object individuation*) (Kendon & Versante 2003: 115), ou o comentário sobre o tópico; se é um tópico secundário; se é uma primeira referência a um objeto, ou se se trata de uma segunda menção, uma referência anafórica a esse objeto; se faz uma individualização (uma de entre muitas) ou dá apenas uma indicação vaga sobre a localização; se marca contraste ou não. Todos estes aspetos se manifestam no modo como se aponta; e, à semelhança do que acontece no discurso, também se fazem correções, reajustes às necessidades momentâneas do contexto discursivo (Kendon & Versante 2003: 111-133). Os seis diferentes tipos de *manual pointing* e os respetivos contextos e significados são os seguintes:

2.1.1. Dois modos de apontar com o indicador

- Indicador em extensão, palma da mão para baixo (*index palm down*): este tipo de gesto é usado para individualizar alguma coisa: "When a object is indicated as something to be attended to for itself, or when it is nominated separately as the topic of some discourse that is to follow" (Kendon & Versante 2003: 115). Também é constatado o uso desta forma para dar expressão à ideia de individualização, sem contudo indicar a localização do que está a ser individualizado: "individualization of the key is focal but not the location" (Kendon & Versante 2003: 129).

- Indicador em extensão, palma da mão vertical, o antebraço em posição "neutra" (*index palm vertical*): O objeto a ser individualizado tem relevância no discurso, mas não constitui o foco principal. O foco pode ser a) o modo como o objeto indicado é contrastado com outros objetos; b) algum processo ou atividade com que o objeto de certo modo esteja relacionado, como a origem ou causa; ou c) como uma representação concreta ou alguma coisa mais abstrata (Kendon & Versante 2003: 115). O falante indica um objeto que não é o foco, mas que, de vários modos se relaciona com ele, ou seja, fornece as condições ou circunstâncias para o que vai ser dito (Kendon & Versante 2003: 117).

2.1.2. Apontar com o polegar

- Polegar em extensão (*pointing with the thumb*), orientação do gesto para cima, para trás (por cima do ombro), ou para os lados: geralmente refere alguma coisa localizada atrás ou ao lado do falante (Kendon & Versante 2003: 121). O uso deste gesto revela que não há necessidade de indentificar/localizar com precisão o objeto que se refere. Isso deve-se ao facto de a) existir um conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte no que diz respeito à localização do objeto, ou seja, conhecimento relativo ao contexto situacional; b) o objeto já ter sido localizado anteriormente no discurso, havendo um contexto conhecido e compartilhado pelos interactantes. Fala-se aqui do uso anafórico do gesto. Este gesto estabelece ainda o contraste entre o que está para trás do falante e o que está à sua frente (Kendon & Versante 2003: 125). Poder-se-ia dizer aqui que refere o espaço exterior ao espaço internacional, um espaço fora, não visível para falante e ouvinte(s).

2.1.3. Três modos de apontar com a mão aberta

Mão aberta (dedos em esticados, mais ou menos fletidos, dependendo do grau de tensão): usado não porque seja necessário distinguir o objeto indicado de outros, nem porque se pretende estabelecer o contraste entre ele e outro objeto ou localização. É porque esse objeto ou localização tem implicações para o discurso do falante: "Thus it may be that the object is being referred to because it serves as an example of something, because it stands for a concept, because it is the source of some information or activity that is being discussed, or because it is something that must be examined or taken into consideration as an exhibit" (Kendon & Versante 2003: 126).

- Mão aberta, palma vertical (*open hand palm vertical*): usa-se quando se comenta alguma coisa sobre/relacionada com o objeto indicado; ou quando este é referido como a origem ou causa de alguma coisa; ou representa uma ideia sobre a qual se fala; ou é um exemplo de uma classe; ou serve de símbolo para alguma coisa de concreto. Enquanto o apontar com o indicador com palma vertical localiza um objeto, o apontar com a mão aberta palma vertical caracteriza o que se vai encontrar no objeto indicado (Kendon & Versante 2003: 126).

- Mão aberta, palma para cima (*open hand palm up*): usa-se quando o objeto indicado é referido como alguma coisa a ser explicada, com um exemplo de alguma coisa, ou seja, o que se refere, apresenta-se, oferece-se: "in such pointings, often it seems that the speaker, metaphorically, is "offering" the object to his interlocutor" (Kendon & Versante 2003: 126).

- Mão aberta, oblíqua (*open hand obliqua*): nestes casos os autores reconhecem uma conotação negativa: o gesto é usado para apontar para alguma coisa com a qual se relaciona o comentário (negativo) que está a ser feito. Estabelece assim uma relação entre o objeto indicado e o interlocutor do falante. O objeto apontado é na maioria dos casos um indivíduo. A este gesto os autores atribuem um certo grau de convencionalidade, um ritual no napolitano, ou seja, um "*quotable gesture*"⁴ (Kendon & Versante 2003: 131).

Kendon e Versante reconhecem ainda a possibilidade de existirem gestos combinados, isto é, gestos de apontar que, combinados com movimentos específicos do braço, mão, ou de outras partes do corpo, a) representam

⁴ "A quotable gesture is a conventionalized general expression that members of the community where it is used can cite or quote out of its context of use. Gestures that have this property may often be glossed with a verbal expression, often a conventional use. Gestures that have been referred to as emblems since the publication of Ekman & Friesen (1969) usually have this quotable property" (Kendon & Versante 2003: 126, nota 8).

caraterísticas relacionadas com o objeto ou com o que está a ser comentado sobre o objeto; e/ou b) desempenham a função de marcador do discurso, dividindo o enunciado em tópico e comentário. Os autores designam-nos por *combined gestures*, gestos estes que não consideraram, no entanto, na sua análise (Kendon & Versante 2003: 113).

2.2. Gesto de apontar vs. Deixis

Kendon e Versante chamam a atenção para a necessidade de explorar o próprio conceito de apontar. Tendo em conta que o termo deixis se refere aos elementos linguísticos que estabelecem relações entre os enunciados e as circunstâncias de espaço e de tempo em que elas ocorrem⁵, os autores esclarecem que, na generalidade, se parte do princípio de que o gesto de apontar não faz mais do que estabelecer essa ligação necessária entre palavra e circunstâncias; questionam que, se os elementos linguísticos deícticos dão informações sobre pessoa, número, distância / proximidade dos referentes, não será que os gestos de apontar podem também fornecer informações desta natureza? E porque, como referem os autores, "The idea that distinctions of this sort might also be made gesturally has hardly been explored" (Kendon & Versante 2003: 133-134), este estudo, por mais limitado que seja, poderá contribuir para o conhecimento dos gestos de apontar e a sua relação com os elementos linguísticos correlacionados.

Na verdade há gestos formalmente idênticos aos de apontar que não são considerados como tal por não representarem explicitamente essa ideia de *movement toward*, por exemplo, um gesto com o indicador esticado fazendo um movimento lateral oscilante, a que geralmente é atribuído o significado de negação, parece negar uma característica específica de um todo; e o gesto de mão aberta e palma voltada para o exterior indica recusa de um todo. Nesse sentido, os autores sugerem a consideração de uma escala de valores do "movimento para":

Perhaps gesture could be arranged on a scale in which the 'movement toward' feature ranges continuously from zero through various degrees of subordination, until it is so dominant that no other movement component can be observed. From this point of view

⁵ Ver secção 3.

the gestures we have defined as "pointing" are those that are at the extreme end of this range, where 'movement toward' dominates over everything else.

Kendon & Versante (2003: 136-7)

Para melhor dar conta dos vários tipos de gestos de apontar na sua relação com as circunstâncias contextuais e cotextuais, convém passar em revista alguns aspetos do conceito de deixis que sustentam teoricamente este trabalho.

3. Deixis

O significado da palavra *deixis* do proto-indoeuropeu *deik-* que significa "mostrar/indicar" (cf. Pokorny 1959) está na origem da primeira aceção do conceito de deixis, já usado pelos gramáticos gregos na descrição das línguas. Como refere Fonseca, "Numa primeira aceção – próxima do seu sentido etimológico – deixis tem o sentido de indignação, mostração; usado no âmbito da descrição gramatical, o termo refere uma mostração de carácter verbal, "o gesto verbal" de apontar, chamando a atenção, por exemplo, para um elemento do contexto evidente pela sua proximidade" (Fonseca 1996: 438). Trata-se, assim, de uma transposição da função mais comum do gesto e apontar com o indicador para descrever elementos das línguas indo-europeias com a propriedade de indicar, como é o caso dos pronomes demonstrativos. No seguimento de Brugmann, que se refere a modos de ação (*Aktionsarten*) e de mostração (*Zeigearten / Demonstrationsarten*) nas línguas indogermânicas (Brugmann 1904, cit. in Bühler 1965: 83), Bühler amplia este conceito de modo a dar conta de outros aspetos da mostração verbal. Assim, na teoria do sistema dos dois campos (*Zweifeldlehre*) distingue um campo simbólico (*Symbolfeld*) (Bühler 1965: 149-255) e um campo mostrativo (*Zeigfeld*) (Bühler 1965: 79-148). Considera o marco de referência egocêntrico (*origo*), representado pelo sujeito falante e pelas coordenadas de espaço e de tempo ("ego-hic-nunc") no contexto situacional (Bühler 1965: 102-120). Aplica depois esta noção a um campo mostrativo textual e a um campo mostrativo imaginário, distinguindo três modos de mostrar: *deixis ad oculus*, no caso do campo mostrativo situacional; *anaphora*, para o campo mostrativo textual/discursivo; e *deixis am Phantasma*, para o campo mostrativo imaginário. Assim, os elementos deícticos dão instruções ao ouvinte de orientar a sua atenção para elementos físicos que existem no mundo real, para elementos imaginários do mundo fictício e para

elementos referidos no discurso/texto (Bühler 1965: 121-140).

Considerando o contexto da mostração e com base nas três modalidades de Bühler (1965), desenvolveram-se várias tipologias da deixis. Neste trabalho, considera-se a tipologia descrita em Fonseca (1992: 81-134; 1996), em que encontramos os seguintes tipos de deixis conforme o contexto compartilhado: a *deixis indicial* (também conhecida por *exofórica*), sendo o contexto compartilhado ou situacional e que corresponde à *deixis ad oculos* de Bühler; a *deixis textual* ou *discursiva* (também designada *endofórica*), em que o contexto compartilhado é o contexto verbal (o cotexto) e que se pode fazer corresponder à *anaphora* de Bühler; e a *deixis transposta* (ou *projetada*) cujo contexto é representado pelo conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte(s), por exemplo, uma memória comum, correspondente à *deixis am Phantasma*. No que diz respeito ao tipo de referência semanticamente ativada pela deixis, ou seja, de acordo com a componente do contexto ativada, distinguem-se a *deixis pessoal* (um pronome pessoal, a referência a uma 1ª, 2ª, 3ª pessoas), a *deixis espacial* (referência estabelecida através de um advérbio de lugar ou de um pronome demonstrativo); a *deixis temporal* (referência a um período/intervalo de tempo por meio de um tempo verbal ou de um advérbio de tempo); e a *deixis circunstancial* (ou *modal*), que pode ativar elementos do contexto relacionados com "o uso do deíctico genérico ASSIM" (cf. Fonseca 1996: 440-444). Poder-se-ia acrescentar a esta lista a deixis social, considerada por Fillmore (1975: 76), mas que Fonseca inclui na deixis pessoal (cf. Fonseca 1996: 442). Estas categorias serão aplicadas tanto aos elementos deícticos linguísticos como aos gestos de apontar, verificando o funcionamento do ato de indicar/apontar no contexto situacional como um composto multimodal, ou seja, de fala e gesto.

Retomando a questão do gesto, pense-se num gesto de apontar produzido no contexto de mostração, simultaneamente à produção verbal de um elemento linguístico deíctico. Fonseca refere-se a estes gestos como situados entre o fazer e o dizer: "pelo seu sentido etimológico, o termo deixis está relacionado com o gesto de *apontar*: um gesto, um *fazer*, que, pressupondo uma situação de comunicação face a face e uma intencionalidade significativa comum a dois sujeitos, se situa a meio caminho do *dizer*" (Fonseca 1996: 437). Imagine-se agora que o enunciado que acompanha a execução do gesto não continha nenhum elemento deíctico espacial, como

por exemplo: "matei-o [o porco] agora". O pronome pessoal clítico refere-se ao porco (que não está presente); o gesto indica simplesmente o sítio onde se encontrava o porco. Neste caso, sabemos que a informação transmitida pelo gesto substitui a verbalização de uma referência ao lugar. Casos como este são muito frequentes numa situação de interação face a face. Tomamos consciência deles quando interagimos com um indivíduo invisual, como, aliás, exemplifica Fillmore (1972) na definição de deixis gestual (Fillmore 1972: 40-41), onde se nota a preocupação em salientar a ligação fala-gesto.

4. Objetivos específicos

Como se pôde ver na seção 2, os gestos de apontar têm sido descritos sobretudo como um tipo de mostraçãõ *ad oculus* ou indicial, num contexto de mostraçãõ situacional, apontando para uma direção ou focando a atenção de alguém para um objeto, local ou pessoa, para elementos concretos num contexto real. Mas também há gestos com que o falante, acima de tudo, estrutura o discurso, como, por exemplo, quando faz um gesto apontando para trás de si, enquanto diz "Aquilo que disseste há pouco!". Será que estes vários tipos de gestos de apontar podem ser classificados do mesmo modo a) quando indicam uma ideia abstrata algures no espaço gestual/interacional e b) quando apontam para um alvo concreto (mesmo não estando visível no contexto internacional)? Parte-se do princípio de que a tipologia da deixis pode dar conta destas diferenças.

Para explorar estes aspetos far-se-á uma micro-análise dos gestos de apontar conforme as variáveis formais e contextuais, com base na tipologia atrás apresentada. A aplicação das tipologias desenvolvidas para a deixis na análise dos gestos de apontar não é mais do que um percurso inverso àquele que seguiram os gramáticos ao transferir as características do gesto de apontar para os elementos da língua que pareciam ter propriedades idênticas à dos primeiros. Pretende-se, assim a) identificar as formas de gestos de apontar (apontar com o indicador, polegar, mão aberta e eventualmente outros movimentos do corpo) de uma falante da língua portuguesa; b) verificar se as formas descritas por Kendon & Versante (2003) para o napolitano também se encontram nesta amostra do português; c) analisar os contextos e cotextos em que os diferentes tipos de gestos ocorrem, considerando também se as informações por eles fornecidas são idênticas às que descrevem os autores;

por último, d) refletir sobre as classificações dos gestos de apontar, de acordo com as questões apresentadas no início desta secção.

5. Variáveis da análise

As seguintes variáveis baseiam-se, em parte, no trabalho de Kendon & Versante (2003), em parte, em observações feitas por mim sobre o uso anafórico do gesto e o contexto de enunciação, tendo em conta expectativas e pressupostos do falante e do ouvinte sobre a necessidade de individualizar ou não um elemento no contexto situacional:

- Tipo do gesto de apontar: com o indicador, polegar, mão fechada, e as respetivas orientações da palma da mão.
- Características do movimento: duração, amplitude, fluidez, orientação.
- Movimentos de outras partes do corpo envolvidos: olhar, cabeça, torso, outros.
- Localização do alvo do gesto de apontar relativamente à posição do falante: plano, orientação, visibilidade, distância (a localização pode ser determinante para as características formais do gesto, sobretudo para o dedo escolhido, como no caso do apontar com o polegar, que pressupõe que o objeto indicado se encontre atrás ou a um dos lados do falante).
- Classe dos elementos linguísticos correlacionados: nome, verbo, pronome...
- Características prosódicas da fala: intensidade, altura de tom, duração, contornos da unidade entoacional.
- Deixis – conforme o contexto compartilhado: indicial, discursiva e transposta.
- Deixis – componente de conteúdo ativado: deixis pessoal (social), espacial, temporal, circunstancial, discursiva/textual.
- Conteúdo do enunciado: localiza/individualiza um lugar no contexto situacional (visível ou invisível); indica o alvo como origem ou meta de um movimento; descreve ações/eventos relacionados com o lugar

apontado.

- Natureza do alvo indicado: lugares, espaços, intervalos de tempo, objetos, pessoas.
- Menção por parte do falante: primeira, segunda, múltipla.
- Expetativas/suposições do falante sobre o conhecimento do referente por parte do ouvinte.
- Motivação/estado psicológico e físico do falante para indicar com precisão.

6. Análise do *corpus*

O *corpus* analisado consiste numa gravação vídeo de numa entrevista de 40 minutos a uma mulher de 79 anos, iletrada, que vive em S. João d'Arga, uma localidade no Alto Minho. A entrevista decorre ao ar livre, à frente da sua casa, situada numa pequena elevação, num espaço relativamente amplo que deixa adivinhar o que se encontra para além dos limites impostos pelas características morfológicas do terreno. Daí visualizam-se os montes e algumas construções vizinhas. Nesta entrevista, em que estão presentes um vizinho da entrevistada, o entrevistador (um indivíduo ligado à câmara de Viana) e eu mesma, pede-se à entrevistada que fale da sua vida e dos seus hábitos de trabalho. As perguntas são feitas de modo a criar as condições para que ela se veja na necessidade de localizar/indicar no espaço lugares, objetos e pessoas que fazem parte das memórias da sua vida.

Nos 40 minutos da entrevista foram identificados 4 tipos de gestos de apontar: 18 gestos de apontar com o indicador; 11 gestos de apontar com o polegar; 5 gestos de apontar com a mão aberta. Além destas formas, detetaram-se ainda 10 gestos de apontar não-manuais, em forma de movimentos da cabeça e rotação/inclinação do torso e orientação do olhar.

6.1. Gestos de apontar com o indicador

A grande maioria dos gestos aponta para locais mais ou menos distantes da falante e dos seus interlocutores, mas ainda visíveis (ou muito perto de outro local visível na direção do qual se situam). A tabela 1 mostra os

elementos linguísticos correlacionados com cada um dos tipos de gesto. Em negrito encontram-se os elementos deícticos que estabelecem vários tipos de relações de referência no contexto situacional, por exemplo, os advérbios de lugar e os pronomes demonstrativos, ligados a nomes que designam lugares, objetos ou pessoas. São os diferentes tipos de deixis que variam conforme o conteúdo ativado. Tendo em conta o contexto situacional, são *deixis espaciais*. Considerando o contexto compartilhado, são *deixis indiciais*. São também anotadas as características prosódicas com que foram verbalizados estes elementos, por terem uma função icónica, ou seja, por revelarem atitudes da falante e, desta forma, fornecerem um conteúdo semântico adicional ao conteúdo proposicional da frase.

APONTAR COM O INDICADOR – PALMA VERTICAL (PV), OBLÍQUA (PO), PARA CIMA (PC), PARA BAIXO (PB)			
Palma da mão (orientação)	Classe morfol. dos elementos ling.	Exemplos	Função/Significado
1 - PV + olhar (grande amplitude: cotovelo ca. 180°)	adv. de lugar	vou acolá (9)	indica lugar (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado, lateral) precisão
2 - PV + olhar (grande amplitude: cotovelo ca. 180°)	adv. de lugar	não, vou buscar ali acima (10)	indica lugar (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado, lateral) precisão
3 - PV + olhar cotovelo ca. 130°	adv. de lugar + prep + art. indef. + objeto	aqui numa casa, dez anos na casa da loura (3)	indica lugar de objeto (posição relativa: próximo, plano mais baixo, lateral)
4 - PV + olhar cotovelo ca. 180°	adv. de lugar + pron.demonst. + nome	olhe como tal estão ali aquelas olivieras (90) - ver ex. g)	indica lugar de objeto (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado) precisão
5 - PV + olhar cotovelo < 90°	nome (topónimo)	eu sou de serra d'arga (27)	indica lugar (posição relativa: distante, invisível, plano mais elevado)

6 - PV + olhar gesto combinado: trajetória do gesto = icónico (conteúdo do enunciado) cotovelo 180°	prep. + adv. de lugar (+ modo)	por aí acima sempre (47)	indica percurso (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado)
7 - PV + olhar gesto combinado: trajetória do gesto = icónico (conteúdo do enunciado) cotovelo 180°	verbo + verbo + adv. de lugar	vinham e assopravam d'acólá (91) - este gesto segue-se ao ex. d).	indica lugar onde decorreram ações; (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado) precisão trajetória do gesto informa sobre essas ações.
8 - PV + olhar gesto combinado: oscilação vertical na paragem pós-golpe = icónico cotovelo 180°	pron. demonstr. + nome	mas tem de me acompanhar aquele senhor (33);	indica pessoa (participante na interação) (posição relativa: muito próximo, plano ligeiramente mais elevado, visível) movimento na paragem pós-golpe: intensificação
9 - PV + olhar gesto combinado: focaliza ideia cotovelo ca. 45°	frase características prosódicas = icónicas (variação da altura de tom, contorno entoacional ascendente-descendente)	olhe que eu fui na parada de viana a fiar. era 'eu que 'ia 'lá; (32)	focaliza conteúdo do enunciado; indica destinatário (posição relativa: muito próximo, mesmo plano, visível); prosódia: censura
10 - PO (baixo) + olhar Cotovelo 180°	adv. de lugar	trabalhar ali (1)	indica lugar (posição relativa: distante, visível, plano mais elevado)

11 - PO (baixo) cotovelo ca. 130°	adv. de lugar + adv. de lugar	havia outro aqui em cima (86);	indica lugar (posição relativa: próximo, invisível?, plano mais elevado)
12 - PO (baixo) + olhar gesto combinado: paragem pós-golpe: 3 batidas (coesão) cotovelo ca. 130°	art.def. + nome (pessoa) + determinativo + pron. dem. + nome (objeto)	o dono desta casa que me deixa estar aqui* (24) – este gesto precede os gestos dos dois exemplos a seguir.	indica objeto (posição relativa: visível, plano mais elevado, próximo) aqui* = refere-se ao lugar onde se encontra a falante e não ao lugar indicado pelo gesto
13 - PO (baixo) – menor amplitude gesto pragmático cotovelo < 90°	hesitação (pausa cheia) + frase	eh::: deu-me (25a)	marcador discursivo / sinal de articulação
14 - PO (baixo) cotovelo 90°; mão orientada para trás do ombro do lado oposto	adv. de lugar + prep. + art.def. + nome (objeto)	um moinho* aqui no moinho pequeno (25b)	indica lugar (posição relativa: atrás da falante) de objeto moinho* = horas para moer
15 - PO (baixo) + olhar cotovelo ca. 45°	art. def. + nome	o Manel conhece-a bem (45)	indica pessoa (participante na interação) posição relativa: próximo, visível (plano ligeiramente mais elevado)
16 - PO (cima) + olhar cotovelo > 90°; gesto lateralmente orientado para fora do corpo	adv. de lugar + pron. demonstr. + nome	aqui esta senhora (92)	indica lugar (posição relativa: lateral, plano inferior, próximo); e pessoa que vive no lugar (identificação da pessoa pela referência ao lugar)
17 - PO (cima) + olhar cotovelo 45°; gesto lateralmente orientado para fora do corpo	prep. + art. def. + nome	na casa da loura (96)	indica lugar do objeto (posição relativa: atrás da falante, plano inferior, próximo). conhecido: já referido no disc.

18 - PO (cima) + olhar1 (na direção do gesto) + olhar2 (na direção do destinatário) gesto combinado: focaliza ideia cotovelo 45°; gesto orientado para fora/lado-frente do corpo	frase + prep. + art. indef. + nome características prosódicas = icónicas (variação da altura de tom, contorno entoacional ascendente-descendente)	eu fui a fazer renda num moinho de viana (39)	indica direção do lugar onde se realiza ação (posição relativa: distante, lateral, plano inferior, invisível) prosódia + olhar2: censura
--	---	--	--

Tabela 1: lista dos gestos de apontar com o indicador

De 18 gestos, 14 foram acompanhados com orientação do olhar para o alvo, independentemente da orientação da palma da mão. Em todos o alvo é um lugar onde se realizam ações, ou onde a falante localiza um objeto (por exemplo uma casa ou um moinho) ou uma pessoa. Nos quatro exemplos em que a falante não orientou o olhar na direção do gesto, encontram-se situações diversas: no exemplo 11 na tabela, não era relevante indicar a localização do moinho; no exemplo 13, a configuração da mão, embora mantendo a forma de apontar, não desempenha essa função de indicar. Foi apenas congelada, e através de uma pequena batida numa fase de transição entre um gesto de apontar e outro, acompanha a verbalização de outra ideia (a de dar); quando a falante refere o objeto "dado", aponta para trás de si (exemplo 14), para o local onde se encontra o referente; o modo como este gesto foi executado, obrigaria a uma rotação de todo o corpo para que a falante o pudesse acompanhar com o olhar, o que revela que não era muito importante informar sobre a localização precisa do moinho. Isso deve-se ao facto de esse moinho fazer parte de um conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte. Neste caso seria de esperar um gesto de apontar com o polegar; no exemplo 18, a primeira orientação do olhar segue a orientação do gesto; num segundo instante, a falante congela o gesto de apontar e orienta o olhar para o destinatário. As características prosódicas desta parte do enunciado (em negrito na tabela) revelam uma atitude de orgulho (relativamente ao facto de ter ido a fazer renda em cima de um moinho no cortejo etnográfico de viana) e, simultaneamente, censura e

indignação para com o destinatário por desconhecer tal feito. Podem assim considerar-se duas partes neste gesto: uma primeira apontando apenas para um alvo, enquanto verbaliza: "eu fui a fazer renda"; uma segunda, em que o gesto fica (congelado) nessa posição durante a verbalização da frase "num moinho de viana", acompanhada por uma rotação da cabeça/olhar para o destinatário. Na primeira parte, o gesto antecipa a localização do elemento que vai ser referido na frase seguinte; na segunda parte, a falante orienta o olhar para o destinatário, mudando o seu foco de atenção. Gesto e olhar indicam focos distintos.

No que diz respeito à orientação da palma encontra-se uma diferença entre a palma vertical e a palma ligeiramente mais voltada para baixo, mas não horizontal, de tal modo que a designei aqui por palma oblíqua (indicada na tabela por PB, palma para baixo). Esta posição pode ter a ver com a menor tensão com que foram executados, ou com a falta de mobilidade da falante, atendendo a que a forma palmas viradas para baixo (PB) não consta deste *corpus*. Na verdade, o apontar com o indicador e a palma para baixo obriga não só à elevação do braço, mas também à torsão do antebraço, o que pode ser custoso para a falante.

Quanto à distribuição destas três configurações da mão não se pode retirar conclusões válidas com base em tão poucos exemplos. Parece no entanto, e refiro-me apenas a este estudo de caso, que os gestos de apontar com o indicador PV correspondem a momentos em que há necessidade de indicar o alvo com maior precisão, pelo facto de o ouvinte mostrar interesse em sabê-lo.

Falta ainda referir os gestos combinados (exemplos 6, 7, 8, 9, 12, 18): o gesto do exemplo 9 é, em parte, idêntico ao exemplo 18, já descrito atrás. O significado adicional é o de focalizar uma ideia, manifestando a atitude da falante relativamente não só a essa ideia (orgulho), mas também ao ouvinte (censura). No exemplo 12, na paragem pós-golpe, verificam-se três batidas, mantendo a mesma configuração que marcam o ritmo da frase seguinte. O gesto 8 também focaliza uma ideia abstrata: a imposição de certas condições que o ouvinte terá de considerar. Os gestos dos exemplos 6 e 7 são os únicos deste grupo que apontam no concreto, ilustrando em pequenos movimentos o sentido dos enunciados correlacionados.

Enquanto em quase todos os exemplos os gestos estão correlacionados

com deixis espaciais gramaticalizadas por advérbios de lugar, nos exemplos 5, 17 e 18 essa gramaticalização está implícita na forma "ir buscar", e na preposição em "na casa", "num moinho". Os gestos desempenham quase uma função de recuperar a omissão de um elemento verbal que explicitasse a localização relativa à falante no contexto internacional, como, por exemplo, de um "ali" ou de um pronome demonstrativo: (vou buscar ali; nesta casa; num moinho ali). Nestes casos a complementação do conteúdo dos enunciados através da informação adicional sobre a localização dos referentes no contexto situacional está mais explícita. A falante pressupõe que o ouvinte tenha conhecimento da localização destes lugares.

Os exemplos 8 e 9 podem-se agrupar na medida em que os gestos estão orientados para um dos parceiros da interação: em (8), a falante aponta para um dos parceiros e refere-se a ele na terceira pessoa, mostrando assim que o destinatário do seu enunciado não é ele, mas sim o outro parceiro. Em 9, o gesto é combinado, não só indica o destinatário, como também a atitude da falante para com ele.

Resumindo, pode-se dizer que os gestos estabelecem esta ligação entre as circunstâncias explicitadas nos enunciados e o contexto situacional, localizando os referentes no espaço interacional com certa precisão. Indicar com o indicador está ligado a uma necessidade de individualizar um elemento, ou de localizar esse elemento no espaço do contexto situacional.

6.2. Apontar com o polegar

Como consta da tabela 2, todos os 7 gestos de apontar com o polegar foram executados quando o alvo referido fazia parte do conhecimento compartilhado: ou porque o elemento a referir já tivesse sido mencionado na interação, ou porque era, ou a falante o pressupunha que fosse, do conhecimento do ouvinte. Os referentes do gesto podiam estar visíveis, mais perto ou mais distantes; no entanto, o falante não acompanhou o movimento com um direcionamento do olhar para o alvo do gesto. Neste caso, houve correspondência com as formas descritas por Kendon & Versante (2003). Os exemplos 20 e 21 são casos idênticos aos exemplos 17 e 18 referidos na secção 5.1. Fornecem informação adicional sobre a

localização vaga dos referentes: da casa da Vilara (exemplo 19); do sítio onde vai buscar um feixe de lenha, gesto sem correspondente linguístico que refira um lugar (exemplo 20); da Serra d'Arga (exemplo 21); do moinho pequeno (exemplo 22) e do moinho grande (exemplo 23), ambos mais perto da falante. São interessantes os gestos combinados dos exemplos 24 e 25, em que a configuração do gesto de apontar é congelada e usada com outras funções: a de reforçar características semânticas da forma do verbo "ir" (exemplo 24) e a indicar a forma de um percurso, que sobe por uma encosta e desce pela outra (exemplo 25). Parece que, no caso de gestos mais vagos ou que não têm a função primária de indicar/apontar, é comum tornarem-se visíveis outros aspetos que se prendem com conceptualizações relativas ao referente ou à sua localização.

APONTAR COM O POLEGAR			
Descrição do movimento	Classe morfol. dos elementos ling.	Exemplos	Função/Significado
19 - polegar direito no lado esquerdo da falante, aponta para trás da falante	art. definido + det. + nome + det. + nome próprio	as da casa da Vilara (101)	indica direção do local onde se encontram as pessoas referidas no enunciado (posição relativa: atrás, não visível, plano inferior, próximo); conhecido; complementa conteúdo do enunciado
20 - polegar direito aponta para lado direito; pequeno movimento com o braço direito para a direita	verbo + prep. + art. + loc.modal	vou buscar ao feixe (8)	indica direção do local onde vai buscar alguma coisa; (posição relativa: distante, invisível, plano mais elevado, lateral); não-relevante para falante; complementa conteúdo (elíptico) do enunciado

21 - polegar direito, aponta para lado direito; duas batidas, pequena amplitude	verbo + prep + nome (topónimo)	vieram d'arga (62)	indica direção do local que corresponde à origem de um percurso (posição relativa: distante, plano mais elevado, não-visível); conhecido; complementa conteúdo do enunciado
22 - polegar direito aponta para trás por cima do ombro direito	adv. de lugar + prep. + art.def. + nome	tenho* aqui no piqueno, que mo deram (23)	indica direção do local onde se localiza objeto (moinho) e onde a falante realiza uma ação (moer); (posição relativa: distante, plano mais baixo, não-visível); 1ª menção / pressupõe conhecimento por parte do ouvinte tenho* = tem horas para moer
23 - polegar direito aponta para trás por cima do ombro direito + ligeira torsão do torso	adv.de lugar + prep. + art.def. + nome	pode ser aqui no moinho grande, você conhece-o bem (22)	indica direção do local onde se localiza objeto (moinho) e onde a falante realiza uma ação (moer); (posição relativa: distante, plano mais baixo, não-visível); 1ª menção / pressupõe conhecimento por parte do ouvinte

<p>24 - sequência: polegar direito aponta para trás por cima do ombro direito; mesma configuração da mão: nega com abano da mão, simultâneo a "nunca" (icónico). gesto combinado: polegar direito apontado para cima, elevação do braço para cima</p>	<p>adv.de lugar ; negação; adv. de lugar</p>	<p>mas eu ali nunca fui, aqui a cima (86)</p>	<p>indica direção do local; nega; volta a indicar lugar mais acima (= reparação?) (posição relativa: distante, plano mais baixo, trás, não-visível // distante, plano mais elevado, não-visível, lado); Gesto icónico/descritivo: informação que reforça o significado do verbo "ir".</p>
<p>25 - Sequência de 3 gestos (2 combinados): mov. asc. braço dir - polegar p. lado dir/ cima = g. combinado; mov. do braço p. trás; apontando p. trás; e mov. do braço p. baixo, apontando p. baixo = g. combinado</p>	<p>adv. de lugar + verbo; adv. de.lugar; verbo;</p>	<p>aqui sobe, lá desce. (57)</p>	<p>indica direção do local e percurso para lá e para cá (posição relativa: distante, plano mais elevado, não visível) 3ª menção – conhecido; gestos icónicos/descritivos: informação sobre percurso (a subir e da descer) mantendo mesma configuração do gesto</p>

Tabela 2: lista dos gestos de apontar com o polegar

6.3. Apontar com a mão aberta

Os gestos de apontar com a mão aberta foram muito raros neste *corpus* e não serão aqui tratados. Posso no entanto referir que em dois casos acompanham partes de enunciados que relatam eventos que se passaram nos espaços vagos para os quais se orientam as extremidades da mão, esticada de palma para cima. Este tipo de gesto será explorado noutro estudo em que

se considere um *corpus* mais extenso.

6.4. Apontar com outras partes do corpo: cabeça e ombros

Uma forma de apontar recorrente nesta falante é o apontar com a cabeça. Esta variante de apontar pode assumir várias formas: a) um apontar rápido, indicando uma direção através de uma curta elevação e abaixamento do queixo, muitas vezes envolvendo também a rotação dos ombros/torso, conforme a localização do referente – à frente, ao lado ou um pouco atrás da falante – e, ainda, a orientação do olhar, como nos exemplos 30, 31, 34-37); b) um apontar com um movimento que ilustra um percurso (exemplos 32, 33), que, à semelhança do gesto de apontar combinado referido nas tabelas antecedentes, se pode considerar um movimento de apontar combinado; e c) um apontar com a cabeça sem orientação do olhar para o alvo, sobretudo nos casos de este se encontrar numa posição lateral/lateral-frontal relativamente à falante (exemplos 26-29).

Todos estes movimentos foram executados em cotextos em que ou a falante estava segura de que os presentes tinham conhecimento da localização exata do referente, ou em que essa mesma já tinha sido mencionada antes. Por este motivo, o seu uso é anafórico. Muitos destes movimentos, à semelhança de alguns gestos de apontar com o polegar parecem ser perfeitamente inconscientes, isto é, são executados de um modo pouco amplo, ilustrando o modo como a localização em questão se encontra conceptualizada a nível cognitivo. Revelam assim o “pensamento” da falante (Goldin-Meadow 2003).

A preferência por estas formas de apontar poder-se-ia explicar pelo facto de exigirem um menor esforço físico por parte da falante: atendendo a que a posição de descanso em determinados momentos da interação era uma postura de costas das mãos apoiadas nas ancas, não havendo necessidade de uma indicação precisa de um lugar, a função de apontar pode ser mais confortavelmente assumida por um movimento com a cabeça. Essa atitude de menor esforço por parte da falante pôde-se verificar em algumas passagens da interação, por exemplo, quando lhe foi pedido que descrevesse um percurso por onde costumava passar, a falante fez uma listagem de vários lugares – uma listagem que frequentemente se faz tocando em cada um dos dedos de uma mão com o indicador da outra mantendo as mãos entrelaçadas à frente do corpo. Se as mãos se encontravam nesta posição, os gestos eram menos amplos; pelo

contrário, se os braços já se encontravam em movimento, era-lhe mais fácil executar gestos mais amplos. Assim, poder-se-ia supor que a preferência por uma ou outra forma se prende também com as capacidades físicas da falante e/ou a sua motivação na indicação precisa do local, independentemente de pressupor ou não conhecimento desse local por parte do(s) ouvinte(s).

Há ainda gestos de apontar correlacionados com uma deixis da modalidade linguística que não ativa o mesmo tipo de referência semântica do gesto (cf. exemplo 37); e gestos de apontar que não foram acompanhados pela verbalização de um elemento linguístico deítico (cf. exemplo 36). No contexto de enunciação, o gesto do exemplo 36 estabelece uma ligação entre o que está a ser dito e o local para o qual aponta. Baseado no seu conhecimento do mundo e que é compartilhado com o falante, o ouvinte/observador poderá estabelecer uma relação de coesão entre os elementos "duas ovelhas" e o local indicado através do gesto. Ambos os gestos dos exemplos 36 e 37 apontam para um lugar no contexto situacional que associam a conteúdos do enunciado correlacionado, evitando, assim, o uso de palavras. Deste modo instantâneo e imagístico (cf. McNeill 1992), facilmente descodificável pelo ouvinte, contribuem para a eficácia da comunicação. Melhor nos poderemos aperceber do contributo dos gestos de apontar nestes contextos, se imaginarmos, como sugere Fillmore (1975), que interagimos com um indivíduo invisual.

Os exemplos 38 e 39 são casos à parte: os movimentos da cabeça são idênticos àqueles que a falante usa para indicar a direção de um alvo, as características prosódicas, no entanto, são bem distintas, o que faz com que as suas funções também o sejam. Nestes exemplos, um elemento linguístico é verbalizado com maior intensidade da voz e com uma subida e descida da altura de tom. Este movimento tem a função de, juntamente com a prosódia, dar ênfase a um determinado elemento linguístico do enunciado. É de facto uma espécie de apontar com o dedo para o que se quer salientar no discurso, mas não se enquadra na definição de deixis. Nesse caso estes movimentos têm uma função diferente da dos movimentos da cabeça que apontam para alguma coisa. Têm a função de focalizar um determinado conteúdo, "mostrando" aos ouvintes a importância que a falante lhe dá e o seu interesse em que estes a reconheçam. Além de criar este foco de atenção, a ênfase prosódica e corporal tem a função modal de transmitir a atitude da falante para com o enunciado e para com o seu interlocutor. Será que nestes

exemplos (38 e 39) se pode falar também de uma função de “apontar” ou “indicar”, ou trata-se de uma forma de movimento com a cabeça idêntico ao do apontar com a cabeça, mas com a função de focalizar? Esta última opção será a mais plausível, mas são precisamente casos destes que mereceriam ser mais explorados e aprofundados.

APONTAR COM A CABEÇA / OMBROS			
Descrição do movimento	Classe morfol. dos elementos ling.	Exemplos	Função/Significado
26–inclina cabeça e torso para a direita e volta a endireitá-la	adv. de lugar	vou buscar ali da australeda que estão caídas, Manel (11)	indica direção do lugar (posição relativa: plano mais elevado, distante, não-visível), conhecido p. um dos ouvintes. Postura anterior à verbalização = mãos nas ancas, não altera postura para indicar local.
27– 1.[acena] ⁶ ; 2. inclina cabeça e ombros para a direita e vota a endireitá-los.	pron. demonstr. + nome	[sim, sim], à beira daquele moinho (12)–a seguir a (11)	[acena] indica direção do local onde se encontra moinho (posição relativa: plano mais elevado, distante, não-visível). aquele – referência a conhecimento compartilhado; repetição do gesto anterior
28–inclina cabeça e ombros para a esquerda e volta a endireitá-los	adv. de lugar + prep. + art. def. + nome	hospital, no hos, lá no hospital de viana (43)	indica direção de local posição relativa: distante, não-visível; plano inferior; conhecimento compartilhado por todos; mov.cabeça retardado em relação à verbalização do advérbio.

⁶ Aceno realizado em simultâneo com verbalização dos elementos linguísticos [sim, sim].

<p>29-inclina ligeiramente a cabeça (movimento de pouca amplitude) e volta a endireita-la</p>	<p>adv. de lugar + prep. + art. def. + nome</p>	<p>ali na venda (73)</p>	<p>indica direção do local posição relativa: próximo, não-visível, plano inferior; pressupõe conhecimento compartilhado</p>
<p>30- roda cabeça para esquerda + olhar + ergue e baixo a o queixo</p>	<p>adv. de lugar + prep. + art. def. + nome</p>	<p>ali na: ali na loura (75)</p>	<p>indica direção do local posição relativa: (posição relativa: atrás da falante, plano inferior, próximo). pressupõe conhecimento compartilhado / 1ª menção</p>
<p>31- roda cabeça e ombros/torso + olhar + ergue e baixa o queixo</p>	<p>adv. de lugar + prep. + art. def. + nome</p>	<p>era ali na ponte de tesancas (85)</p>	<p>indica local; posição relativa: lateral, plano inferior, não-visível; pressupõe conhecimento compartilhado</p>
<p>32- roda cabeça + olhar movimento combinado (icónico) - ergue cabeça num movimento amplo</p>	<p>verbo + prep + adv.lugar</p>	<p>olhe, pra descer por aí abaixo (63)</p>	<p>indica percurso (posição relativa: distante, visível, plano mais baixo) conhecido; movimento icónico: indica percurso</p>
<p>33- roda cabeça + olhar + ergue o queixo c. movimento amplo e volta a baixá-lo</p>	<p>prep. + adv. de lugar + prep. + nome</p>	<p>d'aqui a arga (56)</p>	<p>indica origem, percurso e meta. posição relativa: do plano zero a um plano superior, distante, visível/não-visível; conhecimento compartilhado.</p>
<p>34-ergue e baixa a cabeça + olhar</p>	<p>adv. de lugar</p>	<p>eu dancei muitas vezes em viana no cortejo (76)</p>	<p>indica direção do local onde se realizou ação; posição relativa: distante, não-visível; plano inferior; conhecimento compartilhado; complementa conteúdo do enunciado;</p>

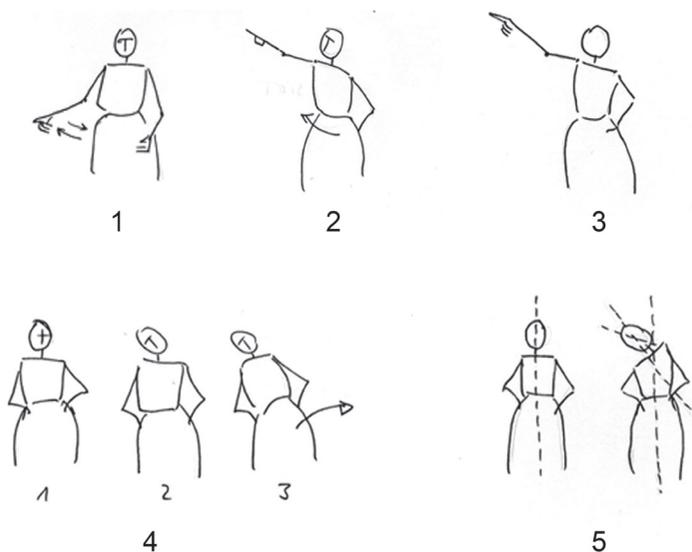
35-ergue e baixa o queixo na direção do referente + olhar	pron. pessoal	você conhecia-o bem (79)	indica referente / destinatário; posição relativa: muito próximo, visível; plano ligeiramente superior;
36-roda a cabeça para a esquerda – ergue e baixa o queixo + olhar	num. + nome	tenho duas ovelhas (16)	indica local onde se situa referente; posição relativa: muito próximo, visível; plano ligeiramente superior; complementa conteúdo do enunciado;
37-roda a cabeça para a esquerda – ergue e baixa o queixo + olhar	pron. pessoal	não, matei-o agora (o porco) (14)	indica local onde se situa referente; posição relativa: muito próximo, visível; plano ligeiramente superior; complementa conteúdo do enunciado;
38-ergue e baixa o queixo na direção do referente + olhar	pron. indefinido caraterísticas prosódicas = ênfase	sei fazer de !'TUDO; (38) ⁷	focaliza ideia (com aumento da intensidade da voz, subida e descida de altura de tom)
39- ergue e baixa o queixo na direção do referente + olhar	nome caraterísticas prosódicas = ênfase	não é linho é !'LÃ; (34) ⁵	focaliza ideia (com aumento da intensidade da voz, subida e descida de altura de tom)

Tabela 3: lista do movimento de apontar com a cabeça

⁷ Transcrição prosódica de acordo com o sistema GAT (cf. Selting et al. 1998).

6.5. Apontar com o indicador vs. apontar com a cabeça

A título de exemplo considere-se a sequência dos exemplos 1, 2, 26 e 27: quando lhe perguntaram onde ia buscar a lenha, a falante responde: (fig. 1) "vou buscar ao feixe" e aponta vagamente com o polegar para o seu lado direito. No entanto, o interlocutor quer saber com mais precisão onde fica esse lugar. A entrevistada indica-o seguir com mais precisão: (fig. 2) "vou acolá", e aponta com o indicador, orientando o olhar para o alvo do gesto. Segue-se ainda um pedido de maior explicitação, atendendo a que o lugar fica muito distante e é difícil de distinguir. A falante explicita: (fig. 3) "vou buscar ali, ali acima", apontando mais uma vez com indicador e orientando o olhar nessa direção. E continua a dar mais informações sobre o lugar, desta vez apontando apenas com a cabeça e os ombros, olhando para os seus interlocutores: (fig. 4) "vou buscar ali da australeda que estão caídas, manell!" (fig. 5) "sim sim, à beira daquele moinho". Esta sequência mostra estas diferentes apetências de três tipos de gesto de apontar na sequência cotextual e contextual, considerando os pressupostos relativamente ao conhecimento compartilhado e à necessidade de explicitação da localização de um lugar no espaço do contexto situacional (ver figuras 1-5):



Figuras 1-5: apontar com o polegar (fig. 1), indicador (figs. 2 e 3) e cabeça (figs. 4 e 5).

7. Conclusão

Resumindo, pode dizer-se que foram encontradas duas formas de apontar idênticas àsquelas descritas por Kendon & Versante (2003), a saber, o *apontar com o indicador, palma vertical*, e o *apontar com o polegar*. Em contrapartida, a falante do *corpus* analisado executa um *apontar com o indicador de palma oblíqua ou quase voltada para baixo*, que eventualmente poderá corresponder ao apontar com o indicador de palma para baixo, podendo esta pequena diferença na rotação da mão prender-se com certa falta de mobilidade física da falante. Foi ainda detetado um *apontar com o indicador de palma oblíqua, quase voltada para cima* em casos da indicação de um alvo numa posição lateral relativamente à falante, uma forma que não foi descrita pelos autores atrás referidos. Estas formas foram usadas também em gestos combinados, isto é, gestos que simultaneamente apontam e representam/ilustram características semânticas do conteúdo dos enunciados.

Kendon e Versante não exploraram outras formas de apontar além das manuais. No entanto, a forma de apontar com a cabeça, muito recorrente na falante do *corpus*, foi considerada, sobretudo porque, em grande parte, estes movimentos foram executados em contextos semelhantes aos dos gestos de apontar com o polegar. Isto é, sempre que a localização do alvo já tinha sido efetuada num momento precedente, ou porque a falante sabia ou supunha que o(s) ouvinte(s) tinham conhecimento sobre essa localização. Sendo assim, esta forma poderia considerar-se um sinónimo do apontar com o polegar nos casos em que não é necessário apontar com precisão para um alvo.

Alguns gestos, os gestos combinados, dão informações adicionais à função de apontar, ilustrando conteúdos correlacionados com o conteúdo proposicional do enunciado. Há ainda gestos de apontar cuja execução pode não coincidir com a verbalização de uma deixis da modalidade linguística, ou coincide apenas com uma deixis linguística que não ativa o mesmo tipo de referência semântica do gesto. Implicitamente, estabelecem uma relação de coesão entre o elemento referido no enunciado e um local no contexto internacional.

Considerando a teoria dos três campos mostrativos de Bühler, podemos dizer que estamos perante uma *deixis ad oculos*, sempre que o alvo

apontado está visível ou invisível por uma questão de distância, designada também por *deixis indicial* (Fonseca 1996). Aqui o contexto compartilhado é o contexto situacional. É um apontar no concreto, como acontece em todos os casos em que a falante aponta e segue a orientação do gesto com o olhar, em que tem a intenção de focar a atenção dos parceiros da interação para um alvo. Muitos gestos de apontar têm uma natureza anafórica, embora também estejam ligados ao contexto. Pelo facto de um alvo já ter sido "apontado" no contexto situacional, nas menções posteriores, os gestos, menos amplos e mais vagos, não são acompanhados pela orientação do olhar da falante para o alvo; predominam aqui os gestos de apontar com o polegar e com a cabeça. Embora apele a um conhecimento compartilhado, esta deixis é realizada no contexto, não podendo pois ser considerada uma deixis *am Phantasma* (*deixis transposta*, Fonseca 1996), pois não indica um alvo situado num plano transposto. Finalmente, nos casos específicos em que a falante aponta para um dos parceiros da interação, poder-se-ia falar de uma *deixis social*, como no caso dos exemplos 8, 9 e 18.

Da descrição de todos estes exemplos, constata-se a complexidade e a multimodalidade da deixis no contexto interacional e confirma-se a estreita relação entre a fala e o gesto. Na minha opinião, é um tema que merece um estudo mais aprofundado, em que se dê conta de questões de polissemia e de sinonímia deste "conjunto de gesto e fala". Por exemplo, faltaram neste *corpus* casos em que os gestos podem desempenhar a função de uma *deixis discursiva textual*. Por exemplo, quando um falante faz um gesto de apontar com o polegar orientado para trás de si, enquanto enuncia a frase "aquilo que disseste há pouco". Aqui, o gesto apontaria para o passado ("há pouco") e para o referente ("aquilo que disseste"). Para investigar mais sobre estas questões, é preciso não só analisar mais *corpora* (e) mais diversificados, mas também explorar mais tipologias da deixis que contemplem situações específicas do contexto interacional.

REFERÊNCIAS

- Auer, P. 1992. Introduction: John Gumperz' approach to contextualization. In: P.Auer & A. Di Luzio (Eds.) *The contextualization of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1-37.

- Butterworth, G. 2003. Pointing is the royal road to language for babies. In: S. Kita (Ed.) *Pointing. Where Language, Culture and Cognition Meet*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 9-68.
- Butterworth, B & Hadar, U. 1989. Gesture speech and computational stages: a reply to McNeill. *Psychological Review*, 96, 1, 168-174.
- Bühler, K. 1965 [1934]. *Sprachtheorie*. Stuttgart: G.Fischer Verlag.
- Carvalho, J.G.H. 1983 [1967]. *Teoria da Linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*, Volume I, 6ª edição, Coimbra, Coimbra Editora Limitada.
- De Jorio, A. (2000) [1832]. *Gesture in Naples and gesture in Classical Antiquity: A translation of La mimica degli antichi investigate nel gesture napoletano, 1832*. Bloomington: Indiana University Press.
- Duranti, A. & Goodwin, C. (Eds.) 1997. [1992] *Rethinking context. Language as an interactive phenomena*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Efron, D. 1972 [1941]. *Gesture, race and culture*. The Hague: Mouton.
- Ekman, P. & Friesen, W. 1969. The repertoire of nonverbal behaviour: categories, origins, usage and coding. *Semiotica* 1, 1, 49-98.
- Feyerweisen, P. 1987. Gestures and speech, interactions and separations: A reply to McNeill. *Psychological Review* 94, 4, 493-498.
- Fillmore, C. 1975. *Santa Cruz lectures on Deixis 1971*. Bloomington, Indiana University Linguistics Club
- Fonseca, F.I. 1992. *Deixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida.
- Fonseca, F. I. 1996. Deixis e pragmática linguística. In: I.H.Faria, E. R. Pedro, I. Duarte & C. Gouveia (Orgs). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 437-445.
- Galhano-Rodrigues, I. 2007. *O corpo e a fala. Sinais verbais e não-verbais na interação face a face*. Lisboa, FCG/FCT.
- Galhano-Rodrigues, I. 1998. *Sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto: Granito Editores e Livrários.
- Goldin-Meadow, S. 2003. *Hearing Gesture. How hands help us think*. Harvard, Harvard University Press.
- Gumperz, J. & Hymes, D. 1964. The ethnography of communication. Special issue. *American Anthropologist*, 66, 6Part II.
- Kallmeyer, W. & Schütze, F. 1976. Konversationsanalyse. *Studium Linguistik* 1,1-28.
- Kendon, A. 2004 *Gesture. Visible Action as Utterance*. Cambridge, Cambridge University Press.

- Kendon, A. (no prelo) Kinesic Components of Multimodal Utterances. Paper presented at the 36th Meeting of the Berkeley Linguistics Society, Berkeley, California, February 2009. A publicar em: *Proceedings of the Berkeley Linguistics Society*, vol. 39.
- Kendon, A. & Versante, L. 2003. Pointing by hand in "Neapolitan". In: S. Kita (Ed.) *Pointing. Where Language, Culture and Cognition Meet*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 109-137.
- Kerbrat-Orechioni, C. 1990/1992. *Les interactions verbales*. Vol. I, II. Paris, Armand Colin.
- Kita, S. (Ed.) 2003. *Pointing. Where Language, Culture and Cognition Meet*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 307-327.
- Levinson, Stephen C. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: CUP.
- McNeill, D. 1985. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review* 92, 3, 350-371.
- McNeill, D. 1987. So you think gestures are nonverbal! A reply to Feyereisen. *Psychological Review* 94, 4, 499-504.
- McNeill, D. 1992. *Hand and Mind*. Chicago: Chicago University Press.
- McNeill, D. 2003. Pointing and Morality in Chicago. In: S. Kita (Ed.) *Pointing. Where Language, Culture and Cognition Meet*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 293-306.
- Núñez, R., & Sweetser, E. 2006. With the Future Behind Them: Convergent Evidence From Aymara Language and Gesture in the Crosslinguistic Comparison of Spatial Construals of Time. *Cognitive Science*, 30(3), 401-450.
- Poggi, I. 2007. *Mind, Hands, Face and Body. A goal and belief view of multimodal communication*. Berlin: Weidler Verlag.
- Pokorny, J. 1959. Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch. In: <http://indo-european.info/pokorny-etymological-dictionary/index.htm> (última consulta: 10.04.2012).
- Sherzer, Joel (1973). Verbal and non-verbal deixis: the pointed lip gesture among the San Blas Cuna. *Language in Society* 2: 117-131.
- Selting, M. & Couper-Kuhlen, E. (Eds.) 2001. *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- Selting, M., Auer, P., Barden, B., Bergman, J., Couper-Kuhlen, E., Günthner, S., Meier, C., Quasthoff, U., Schlobinski, P. & Uhmann, S. 1998 Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (GAT). *Linguistische Berichte* 173, 91-122.
- Vasconcellos, J. L. 1886. *A evolução da Linguagem. Ensaio Antropológico apresentado á escola medica do Porto como dissertação inaugural*. Porto, Typographia Occidental. In: repositório aberto, U.P. <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/16417>,

última consulta: 15 de março de 2012.

Watzlavick, P., Beavin-Bavelas, J. & Jackson, D. 1967. *Pragmatics of Human Communication. A study of Interational Patterns, Pathologies and Paradoxies*. New York: W.W.Norton Co.

Everybody knows English? Language use in the world of learning

Krista Varantola
Krista.Varantola@uta.fi
University of Tampere (Finland)

ABSTRACT: This article will focus on the use of English as a global means of communication in higher education (HE) and research. The use of English is taken for granted as a global means of communication in the academic world. Therefore language issues are rarely problematized in science-policy contexts. This article will try to make the language issue visible by addressing aspects of a use of a lingua franca from a historical and pragmatic perspective and discuss its effects on everyday university life in non-English-speaking countries.

KEYWORDS: global English, internationalization of HE and research, invisibility of language, differences between natural sciences and social sciences, ethical aspects.

1. Introduction

This article will focus on the use of English as a global means of communication in higher education (HE). When the globalization of HE is discussed today, the use of English is taken for granted and, as a result, language issues are rarely problematized or analyzed at depth at least in science-policy contexts. In this context I would therefore like to address a few aspects concerning the use of English that are not normally highlighted when the benefits of the internationalization of HE and research are discussed. I will approach my topic from a historical and pragmatic perspective and discuss the effects of a lingua franca on everyday university life. My examples will be mainly based on the Finnish experience.

2. The quest for a lingua franca

Until about the mid-17th century, everyone who mattered in the world of learning used Latin to tell their peers about their scholarship and findings. These linguistic conventions started to change at the time when scientific

academies and learned societies were being established in the different countries in Europe. As a consequence, national languages began replacing Latin in academic contexts and for example, Isaac Newton started his correspondence with the Royal Society in Latin but switched over to English in the course of time. The same period was also a time of reawakened interest in an academic lingua franca that would be universally applicable and unambiguous in its meanings. An additional aim was to protect the purity and beauty of the national languages and not allow them be contaminated by the needs of scientific language use.

In England, Bishop Wilkins tried to classify all ideas and things into 40 basic classes in his famous attempt at a symbol language "*An essay towards a real character and a philosophical language*" from 1668. Later on, the creation of Esperanto, the most famous of the artificial languages, took place in the late 19th century. In the 20th century, there have been several attempts at creating a simplified version of English for international use. (Cf. e.g. Lyons 1987: 352-356).

Thus far, none of these attempts has been successful enough to replace natural languages in the academic context. Work on normative terminologies and nomenclatures has taken on the responsibility for the disambiguation of meaning in field-specific contexts. Furthermore, in most countries, the use of national languages as the language of higher education and learning has until now been regarded as being essential for the development of the national language and national self-respect. At the same time, English has gradually become the de facto lingua franca of international HE and research.

Are we now about to enter to a new linguistic era in which a different logic and new preferences will override the importance of national languages in the world of science? Would it be better that we all admitted the superiority of English as the language of science and scholarship and agreed that, in the name of globalization, English should be the sole medium of instruction and in research, irrespective of the national languages of the country? Universities are after all global operators, train global citizens for the global labour market, and compete with each other in a global context. All self-respecting universities want to become world-class universities and to beat each other in global rankings and global citation indexes.

This type of argumentation is actually rather common these days,

particularly in the fields of science and technology where language and language use is often considered to merely have an instrumental role. This is, however, not the case in the humanities and social sciences, for they typically focus on issues dealing with language, literature, cultural heritage or societal development, etc.

Back in 1977, Sandor Karcsay pointed out in his perceptive article in *Babel*, a scholarly journal for translators and interpreters, that there are considerable differences between translating natural science texts or technical texts and legal or sociological texts. According to Karcsay, natural science texts tend to be more formulaic in structure and their use of terminology is more constant. The actual research is usually conducted outside the text and the results exist as data prior to being written up, whereas in the "softer" sciences, such as the social sciences, it is the argumentation and formulations, the forms of expression and thematic development, that are an essential part of the analysis and results. (Karcsay 1977, cf. also Varantola 1987).

To polarize further, it can be argued that in the exact sciences, language has the role of a code that is useful for presenting the research results in a fairly formulaic way to the research community. In contrast, in the softer, non-exact sciences, in the humanities and social sciences in particular, language has a completely different role. It is an inseparable part of the research and of societal values and aspirations. Language is also inseparable from the community in which the university operates and from the role that higher education has to promote the prosperity of society.

Fortunately, thus far the most common pragmatic solution at the universities located in non-English-speaking countries has been to apply some type of parallel language strategy. For example, instruction is offered in the national language and in Finland, for instance, the official language of the university is stipulated in the law. In addition, instruction in English is offered for the benefit of international exchange and degree students.

3. The invisibility of language

Using a foreign language as a means of spoken and written communication at the university level is not as simple as it sounds. This is actually a fairly complicated matter and is probably therefore usually ignored by politicians

and other decision makers alike when they get on their high horse about the benefits of internationalization of HE. They tend to keep repeating the same internationalization mantras and keep referring to various global university rankings and citation indexes without giving a thought to what lies behind these evaluation systems, how relevant their criteria are, or whether their motivation is really only to promote science and learning in the world. This has led to a situation in which universities, in order to be respectable, must respond by aspiring in their mission statements to become world-class institutions, preferably in research, because educational accomplishments are harder to rank mechanically.

In this article, however, I would like to make language visible and discuss various aspects related to internationalization. These days when we talk about international education, we refer, of course, to courses and programmes taught in English. No other language qualifies and if we want be provocative, we could refer to the linguistic neo-colonisation of HE that is accepted all over the world in the name of global competition. As Saarinen (2012) points out:

The invisibility of language and the euphemization of *English for foreign* seems to reflect a paradox of internationalisation. Increasing international co-operation may, in fact, lead into increasing linguistic homogenisation, as the increase in global mobility reduces the available common languages into English (in comparison with the earlier, more regional internationalisation).

We are thus happy to accept the the over-representation and impact of scientific journals published by U.S. or U.K. publishers and we are happy to accept their standards and preferences in different academic fields as being globally relevant.

However, we can also look at the matter from a different angle, and say that the research community has always been internationally oriented and thanks to a common language, the internet, as well as to the almost instant access to newly acquired knowledge, science is developing faster than ever and can be applied to the benefit of the humankind everywhere in the world. Furthermore, it is not a national English variant that rules the world but global English and those publications in English are intended for

the global scientific community.

4. Who owns global English?

No national English can claim ownership. Global English is global property. In the research world, it is the journals, the journal editors and publishers that serve as the gate keepers, set the standards and write the guidelines. The most important matter, of course, is to ensure that global English is comprehensible to the readership irrespective of its origin.

In many cases this means that there is an army of editors working behind the scenes all over the world who help researchers to express their thoughts in comprehensible English. There is also an ever-growing need to teach both spoken and written academic English skills to both junior and senior researchers all over in the non-English speaking academic world.

5. Implications of the use of English as the lingua franca of university education

My examples are predominantly based on the situation in Finland. In 2006 there were over 2.7 million foreign students in HE mostly in the USA and in Western Europe (Garam 2009). In Finland, we have witnessed a steady rise in the number of programmes taught in English at the BA and MA levels (Saarinen & Nikula, forthcoming). In quantitative terms, Finland has ranked second to the Netherlands. Measured by the proportion of institutions providing English language programmes, Finland is ranked first in Europe (Wächter & Maiworm 2008). Nevertheless, the overall share of foreign students in degree programmes was only 4% in 2010 when the OECD average was 6.9%.

This discrepancy is due to the fact that there is some hot air in the figures, in the number of programmes supposedly available and the actual number of foreign students studying in them. Yet it can be claimed that Finnish institutions of HE have been very keen to offer tuition in English for exchange students and for degree students alike. The situation reflects the strong role of English in Finnish society and that the Finns' overall proficiency of English can be considered to be good, especially among the younger generations. This is the situation in the Nordic countries in general. Finns are also subjected to English in their daily lives in the media, e.g. through

television series and films because they are not dubbed and subtitles are used instead. Furthermore, Finns' attitudes to English are very positive, as indicated by a recent national survey on English in Finland. (Cf. Leppänen & al. 2008, 2009). However, the most compelling reasons for the high rate of tuition offered in English may be economic.

6. Why do universities offer international programmes?

Why are Finnish universities so keen on offering tuition in English? The standard reasons given are that the Ministry of Education and Culture encourages the universities to establish international programmes and also rewards universities for their internationalization efforts in the national funding formula. This has occasionally led to untargeted and non-specified international programmes that are not attractive to international students even though tuition is free (Cf. Saarinen 2012).

The belief behind the official policy is that Finland needs to recruit well-educated foreigners to the domestic work force and that international programmes also mean internationalization at home, which is very important for the Finnish students and staff alike. Most typically, international programmes are offered in economics, engineering, and in information technology. Programmes in social sciences and humanities are rarer. However, if we really want our foreign graduates to settle in Finland, they also need to learn Finnish to find employment and integrate in Finnish society. This aspect has unfortunately been largely ignored in the policy statements and planning of the programmes.

Speaking from a more general angle, we could divide the reasons into selfish and altruistic categories. In Western Europe at least, the selfish motives include the dreaded consequences of an aging population and thus the need to recruit highly-qualified immigrants to cater to labour-market needs and to guarantee the continued prosperity of the countries. It is expected that these immigrants would mainly come from the densely populated Asia. Internationalization of universities would also improve their competitive power in the global hunger for economic growth through innovations. In the Anglo-Saxon world in particular, the lucrative global education market adds a further incentive to universities to offer international programmes and to compete for foreign students. The altruistic motives include the will to help the emerging nations in their striving for prosperity without depleting their

educated work force, to promote the need to learn from each other and to recognize our mutual interdependence in the global setting.

7. What does international mean in terms of content?

In many cases, the international programmes offered are the same programmes for domestic and foreign students alike. The international students make the programme international. In the Finnish context, the international programmes are often standard programmes taught in English by the local staff. While there is nothing wrong with this, we can ask whether a change of language makes a programme international in content. The situation is probably the same in most English-speaking countries. But should not international education mean something different – at least in the softer sciences? Truly international programmes are the result of international cooperation between universities. The medium may be English, but both the teachers and students need to come from different environments and from different contextual frameworks for the programmes to be able to achieve ‘brain circulation’ and to increase our understanding of the world.

An additional aspect worth mentioning is that universities need support material in English for their international students and staff, and that is costly. They need information about the education available in English, about local regulations and customs, about financial support opportunities, services, etc. All this material needs to exist in an English that is comprehensible and that inspires confidence. Furthermore, this material obviously needs to be up-to-date and regularly modified.

8. Do we understand each other?

For students to be able to attend degree programmes taught in English, they usually have to demonstrate that their level of English is sufficient, either through proficiency tests, or certificates. In the case of teachers, their own assessment of their English skills is trusted and teaching in a foreign language is usually voluntary. In Finland, teachers are offered courses to improve their teaching skills in English and in the majority of cases, students seem to be satisfied with the linguistic standards of international programmes, but there is actually very little relevant data available to draw any long-reaching

conclusions about the matter. Airey (2011) has made a thorough analysis of the situation in Sweden. According to his study, Swedish teachers point out that they need more time for preparing their courses and feel that they are not able to express themselves as fluently as in their mother tongue. Their language use lacks in detail and in flexibility. There is no reason to believe that Finnish teachers teaching in English would not feel the same way. (Airey 2011 also includes a very good survey on the literature available on this topic).

It has sometimes been said that people seem to lose over 30% of their intelligence when they have to express themselves in a foreign language. Whether this is a valid claim or not, it is certainly a very common subjective feeling that most of us who need to develop complicated thoughts in a foreign language fully recognize.

9. Ethical aspects of English in international education

Even if the problems in oral communication were minor, they tend to multiply in written communication, in term papers, theses and other written assignments. Students in general encounter difficulties with their written assignments irrespective of their linguistic backgrounds. Problems multiply when they have to write them in a foreign language because there is rarely enough language support available to help them.

Even if the great majority of students in the world are honest, dishonesty is growing. Thanks to the internet and the vast amount of material available on-line, plagiarism has become rampant all over the world, among domestic and international students alike. Universities have introduced strict guidelines and sanctions against fraud and plagiarism checkers are in common use. Students using their own language are in a better position because it is easier for them to rephrase the text they copy and present the ideas as their own, but in the U.S. at least the market has also responded by selling deplagiarization services to students.

The 'linguistic paradox' is a phenomenon at post-graduate level that has become increasingly common. It is no longer unusual that in applications for post-graduate studies, the research plans the students submit are impeccably written, whereas the accompanying email correspondence tells a different story. In other words, it is often patently clear that the applicants' command

of English is not at the level that their written documentation implies.

High tuition fees in connection with international education add a new dimension to the ethical discussion. Many university teachers in Britain and the U.S. have publicly complained about the pressure they feel from the university officials to pass high-paying international students whose study performance, often due to poor command of English, is below the required standards. The cynical conclusion is that, in the international education market, teachers are no longer able to adhere to the quality criteria specified for the programme but that eligibility criteria are dependent on a student's ability to pay and that students are customers who are entitled to the degree they have bought, irrespective of their performance.

To summarize, what would an ideal international study programme look like? In my opinion, an ideal international programme at a university level anywhere in the world would be a flagship programme in a strength area of the institution. It would typically be run at an MA or doctoral level and it would be taught in English to ensure the widest possible audience. It would be taught by home university experts together with their international partners. It would be international in content and would benefit from the participants' different backgrounds and frames of reference and the students would be given hands-on linguistic support during their studies.

10. Ethical aspects of English in international research

The buzz words heard everywhere in the university world today are competition, rankings, performance indicators, impact factors and citation indexes. Universities have become too important for the economy to be left to their own devices and their traditional ways of working, and policy makers firmly believe that quality can only be measured through quantity, by means of mechanistically collected statistics that can be easily manipulated. English has in practice gained a monopolistic status as the means of communication and the national funding formulae that emphasize the importance of publishing in international refereed journals strengthen its position even further. As a result, the role of national and regional scientific publications is diminishing as their value as money earners for the university decreases. This means that the choice of language is not only a choice of the medium but is often also a strategic decision on potential themes that are likely to be

accepted for publication in high-impact journals. Local problems and issues are often not interesting enough for the top journals, which prefer a more global approach e.g. in the social sciences or humanities. For example, a complaint that I have heard Indian social scientists express several times is that their articles on local social issues in India are too marginal in the eyes of the international journals to be accepted for publication.

As mentioned above, there is often a clear difference in style between the so-called hard sciences and soft sciences. The structure of many articles in the natural sciences is fairly formulaic and this helps the non-native speakers of English to write about their research in international journals. However, it has also been observed that the formulaic nature of publications tempts those who do not feel confident about their language skills to lift structural components from existing publications and copy their argumentation style as a type of text base which they then fill with their own hypotheses, data and results.

Texts compiled in this manner tend to get caught by plagiarism detection tools, but are these texts plagiarized? The jury is still out but there is heated discussion going on about what amounts to plagiarism and about the need to redefine plagiarism in the digital age. It has been asked whether information copied from the net is plagiarism, if the origin of the information is not known and if it is non-permanent in nature and can change from day to day even in the same source. Has information or knowledge become shared knowledge that is nobody's intellectual property and that can be generated by anybody? Opinions vary, but it is clear that extensive copying still causes suspicions of unacceptable research practices.

Language revisers play an increasingly important role, particularly in the social sciences and humanities, to help authors produce linguistically acceptable texts. It is, however, not easy to find competent editors, as they need to be both experts in academic communication styles and linguistically skilled editors. In short, being a native English speaker is not sufficient. On the other hand, authors tend to become too complacent when they know that their texts will go through a revision process. They may occasionally expect the revisers even to correct problems in their argumentation style and content, and they are sloppy in their use of terminology or in checking their

facts. It is obvious that satisfactory results can only be achieved only if both partners recognize their responsibilities and cooperate. After all, muddy thinking cannot be remedied by language revisers.

11. Not everybody knows English

I do not believe that we can or should try to do very much about the growing influence of English as the lingua franca of HE and research. What we need to do, however, is to make sure that we are much better aware of the effects of the use of English in the world of learning. We need to think about what a monopolistic situation means in cultural and societal terms, what problems it causes and how those problems can be solved in differing contexts. We also need to make sure that decision makers fully appreciate the publication of research results in other languages as well to cater to national and regional needs and to promote the use of national languages in academic contexts. Most important of all is that we make language visible and do not try undermine or ignore the role that language policies play for education and research worldwide.

REFERENCES

- Airey, John. 2011. Talking about teaching in English: Swedish university lecturers' experiences of changing teaching language. *Ibérica* 22: 35-54.
- Garam, Irma. 2009. *Vieraskieliset tutkinto-ohjelmat suomalaisissa korkeakouluissa*. Helsinki: CIMO. [Foreign language degree programmes in Finnish higher education institutions].
- Karcsay, Sandor. 1977. *Theoretical and Methodological Differences of Sociological and Technical-Scientific Translating*. *Babel* 23:3. 116-119.
- Leppänen, Sirpa, Tarja Nikula & Leila Kääntä (Eds.). 2008. *Kolmas kotimainen. Lähikuvia englannin käytöstä Suomessa* [The third domestic language. Case studies on the use of English in Finland]. Helsinki: SKS.
- Leppänen, S., Pitkänen-Huhta, A., Nikula, T., Kytölä, S., Törmäkangas, T., Nissinen, K., Kääntä, L., Virkkula, T., Laitinen, M., Pahta, .P, Koskela, H., Lähdesmäki, S. & Jousmäki, H. 2009 *Kansallinen kyselytutkimus englannin kielestä Suomessa: Käyttö, merkitys ja asenteet*. [National survey of English in Finland: Uses, functions

- and attitudes]. Jyväskylä: Jyväskylä Studies in Humanities 132.
- Lyons, John. 1987. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. CUP. Cambridge
- Ministry of Education. 2009a. *Strategy for the internationalisation of higher education institutions in Finland 2009–2015*. Helsinki: Ministry of Education.
- Saarinen, Taina & Nikula, Tarja. Forthcoming. *Implicit policy, invisible language: policies and practices of international degree programmes in Finnish higher education*. Forthcoming in: *English-medium instruction at university worldwide: Challenges and ways forward*.
- Saarinen, Taina. 2012. Internationalization and the invisible language? Historical phases and current policies in Finnish higher education. In: Ahola, S. & Hoffman, D. 2012. (eds.) *Higher Education Research in Finland. Emerging Structures and Contemporary Issues*. Jyväskylä: FIER.
- Saarinen, Taina. 2012. *Internationalization of Finnish higher education – is language an issue?*
- Varantola, Krista. 1987. *Popularization strategies and text functional shifts in scientific/technical writing* - Unesco Alsed-LSP Newsletter (1977-2000), 1987.
- Wächter, B. & Maiworm, F. 2007. *English-Taught Programmes in European Higher Education. The Picture in 2007*. ACA Papers on International Cooperation in Education. Bonn: Lemmens.

Code switching in student-student interaction; functions and reasons!

Rita Amorim

ramorim@iscp.utl.pt

CAPP/ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa (Portugal)

ABSTRACT: Today's students of English will communicate mostly with non-native speakers, in predominantly non-native speaking environments. English teachers know that if they are to realistically prepare students for international communication, they must focus on speaking activities that promote communicative competence and fluency. Presence of mother tongue in communicative exchanges is frequently detected by teachers in EFL classrooms. This study analyses student-student interaction during a group-work speaking activity, to uncover some of the reasons for code switching (CS). It also presents participants' perspectives revealing mixed feelings towards this linguistic behaviour, which is sometimes intentional and sometimes unconscious. The aim of this paper is to illustrate how EFL students alternate between foreign language and native language to perform certain pragmatic functions and counter-balance for language deficiencies. It also considers the relationship between students' language level and the functional character of their switches.

KEY-WORDS: EFL, student interaction, fluency, code-switching.

1. Introduction

Around the world, English is increasingly being learnt to be used as the international, common, functional language. One of the main aims of EFL (English Foreign Language) teachers is to get students speaking as much as possible, as it is known that «to promote communicative competence, learners must get practice in communicative exchanges in the classroom» (Hancock 1997: 217). Learners must be able to speak fluently if they are to communicate effectively in international English. Pair and group-work speaking activities are excellent opportunities for maximizing speaking time and acquiring fluency. In such communicative exchanges, using own language and target language interchangeably is common and attested by many studies and authors: «Alternation between languages in the form of

code switching is a widely observed phenomenon in foreign language classrooms» (Sert 2005: 1). The limited scope and range of this qualitative study does not allow us to draw conclusions on whether code switching (CS) should be banned from EFL classrooms, or introduced as a resource. The aim is to provide other ELT (English Language Teaching) teachers with a better understanding of this linguistic phenomenon, as a «heightened awareness of its use in classroom discourse will obviously lead to better instruction of either eliminating it or dominating its use during the foreign language instruction» (Sert 2005: 1). This paper uncovers some of the reasons and functions of CS from two sources. First, the transcription and analysis of selected extracts of students' "naturally-occurring language use" and second, participants' perspectives on their own CS. Students' interactions and their voices reveal that CS is a strategy that learners resort to, intentionally or unconsciously, to achieve their communicative objectives. It also seems possible to establish a connection between the language level of the students and the functional character of their switches. An unexpected finding of this study revealed by students in their interviews is that their teacher also alternates between the two codes when giving instructions or teaching new grammar and vocabulary. This confirms Sert's (2005: 1) belief that «In ELT classrooms, code switching comes into use either in the teachers' or the students' discourse».

2. Code-switching, a growing worldwide phenomenon

The term CS is used to refer to the choice to alternate between two or more codes within the same sentence or conversation, or the use speakers make of "more than one language in the course of a single episode" (Heller 1988:1). Nunan & Carter (2001: 275) define it as «a phenomenon of switching from one language to another in the same discourse». This behaviour implies the use of one main, host or matrix language, and a secondary, guest or embedded language (Sridhar 1996 *apud* Mc Kay, Hornberger 1996: 57). Although some linguists feel that languages "should be kept strictly demarcated" (Eldridge 1996: 303), or separated inside speakers' heads, CS may occur naturally, unconsciously, and even go unnoticed, suggesting there is involuntary mixing. CS can also be wilfully used to show solidarity, to include or exclude, to mark one's roles and rights, and to express an idea

quicker or more accurately. Most studies on CS, or at least those involving English, relate to bilingual communities, as this is a natural phenomenon among immigrant groups, particularly in the second generation. In the 21st century, as English continues its spread around the world as the most internationally-used language, CS is becoming a natural universal consequence of globalization and multilingualism. In most countries, there is evidence of CS with English as one of the language pairs, in a wide variety of sociolinguistic settings as the internet, music, media, advertising, business and every day conversation. This subsequently leads to a subtle but constant borrowing and assimilation of English words and expressions into many languages. Jenkins (2009: 95) states: "...speakers who have more than one language available to them code-switch/mix as a matter of choice and for a range of pragmatic and expressive reasons (...).

2.1 Code switching in ELT

CS has been regarded by some members of the ELT community, as negative, undesirable behaviour, "a failure to use and learn the target language or unwillingness to do so" (Elridge 1996: 303), leading to a lowering of standards (Bailey & Nunan 1996). It has even been considered a "sign of laziness or mental sloppiness and inadequate command of the language" (Sridhar 1996 *apud* McKay, Hornberger 1996: 59). In EFL contexts where students share the same L1 and only use English inside the classroom, exclusive use of L2 in class is unrealistic, as the two languages are active inside the learners' heads and will influence each other. Furthermore, learners tend to converse inside the class in their mother tongue as naturally as they would outside the class because their sense of identity is inevitably bound with their native language. For Tarone (1977) (cited in McDonough 1995: 23), a language switch is a communicative strategy, just like literal translation, appeal for assistance, mime, paraphrase, or avoidance. McDonough (1995: 25) refers to it as an 'achievement strategy' that learners resort to, to compensate for their lack of language competence. There are both opposing and supporting views of the use of CS in classroom instruction as a form of effective learning strategy. Cook (2002: 333) believes that in multilingual classrooms CS could be a problem as students do not share the same mother tongue. According to Sert (2005), students should share the same native language if CS is to be

applied in instruction. The most recent researchers of English as a *Lingua Franca* defend that CS and mixing can no longer be considered interference errors or fossilization, but 'bilingual resources' (Jenkins 2006, Seidlhofer 2001). Jenkins (2009: 95) recently stated that because "almost all Asian-English speakers are bi- or multilingual and make extensive use of CS and code mixing, it seems logical to include this phenomenon in grammars and dictionaries of Asian English".

2.2 Types of code switching

A switch can be spontaneous, natural and unintentional, and work in the same way as fillers, hesitations, pauses, repetition of words, and speech marks as 'er', 'uhm', 'ahm', that students resort to, to keep a turn and avoid breakdowns in communication. Unintentional slips in the mother tongue that are unconscious and natural function as discourse markers in the L2, as 'right', 'yeah', 'so', 'you know'. Martin-Jones (1995: 99) describes discourse-related switching as a speaker-oriented resource used to accomplish different communicative acts at certain moments within the interaction, and participant-related switching as listener-oriented because the speaker takes account of the "hearer's linguistic preferences or competences". For Milroy & Muysken (1995), single-word switches are generally concerned with an unknown word, and are predominantly intra-sentential, as they happen inside a sentence. Phrase-switches and clause-switches depend on the purpose or function of the switch but are mostly inter-sentential because they take place between sentences. Hancock (1997) considers off-record discourse as negotiation between students as they are behaving as their normal selves, as opposed to on-record discourse, when they are putting on an act. Off-record discourse which may happen in the L1 is named metatask if it concerns the task, and metalanguage if it concerns language or vocabulary. Self-address (Hancock 1997), when a student speaks to himself and prompting or modelling, which are requests and offers of unknown words, may also take place in the L1. For Eldridge (1996), examples of functional switches are: equivalence, the use of or elicitation of an equivalent in the other language; floor holding, making use of stopgaps; reiteration, to reinforce, emphasize or clarify messages; group membership, switches that occur as in-group identity markers; and

alignment, switches to mark rights or roles of speakers.

3. The study

3.1 Participants and Procedure

This study was carried out during the academic year of 2004/2005 (Pre-Bologna) at the Institute of Social and Political Sciences (ISCSP), which belongs to the Technical University of Lisbon. Twenty-one Portuguese Media Studies undergraduates were placed in groups of three for a sixty-minute lesson. This was a mixed-abilities class because students did not take a placement test and were grouped according to their degree, regardless of their level of English. All students carried out the same communicative activity for the compulsory subject of 'English for the Social Sciences II'. Their task was to discuss 'Gender discrimination at work', one of the topics on the syllabus, and they could use the previously studied article 'Germany's glass-ceiling' (Time Magazine, May 08, 2000). The aim of the activity was to boost communication and develop fluency. Three groups were chosen randomly and recorded for forty minutes, but were not told the purpose to ensure naturalness. The nine students were all girls of approximately the same age (19 to 21), whose level of English ranged from pre-intermediate to upper-intermediate:

Group I- Rita = *Ri*, Hilda = *Hi*, Nadia = *Na*. (Appendix A)

Group II- Fátima = *F*, Cristina = *C1*, and Carla = *C2*. (Appendix B)

Group III- Raquel = *Ra*, Sónia = *So*, and Fernanda = *Fe*. (Appendix C)

The three recordings, a total of forty minutes, revealed 46 instances of CS. The total corpus selected for transcription and analysis consists of three extracts of twenty-minutes each which revealed 28 switches (see Appendix A, B and C). These were analysed according to Eldridge and Hancock's previously mentioned categorizations. Two weeks after the recordings, semi-structured group interviews were carried out with the nine participants. Each group listened to their recording with the help of a copy of the transcript and answered questions as: Do you remember speaking in Portuguese? Did you notice at any time you were using both languages? Why do you think you used a Portuguese word? Do you notice anything about what comes before

or after that Portuguese word? Students' views, feelings, and opinions were recorded and used to complement my analysis.

3.2 Key for Transcription

(.) = short pause

(...) = long pause

(inaud.) = unable to understand

() = additional commentaries

Italics = L1

(=) = translation into English

< = overlapping talk

4. Findings and Analysis

Group I (Appendix A)

The following samples of functional CS are requests for help with unknown words in the foreign language, translation appeals or examples of "elicitation of an equivalent item in the other code" which Eldridge (1996:305), calls Equivalence. These are intra-sentential samples of prompting:

Line 7 *Hi* It's like the now ab ... (unfinished word) er (...) er how can we say ahm... *aborto* (=abortion) in English

Line 35 *Hi* sometimes sometimes it's from it's like to uhm how can I (...) to (.) when we have to er uhm to uhm *impor* (=impose)

Lines 42 *Hi* and they have (.) womens to (.) to take their (.) they have ahm (.) how can I say (.) they have (.) er *horário* (=schedule)

The English equivalents 'to impose' and 'timetable' are modelled by colleagues and used by *Hi* in her following turns. She is one of the weakest students in the class who is eager to talk in order to improve her English. *Hi* manages long turns, holds the floor, and achieves the aim of the activity. In the interview, she says CS was not intentional as she does remember using Portuguese to request her colleagues' help. There are two possible reasons

why *Hi* is the only code switcher in the group. First, she has a more relaxed attitude about choice of language which is functional and justified: 'I wanted to give my opinion, to talk and to talk and talk, if I don't know one word, I don't have the vocab to get the right words, I ask people in the group to help me'. Second, she is a weaker, pre-intermediate learner who lacks vocabulary and code switches to compensate for lack of language competence. She comments that she has learnt three new words, suggesting language acquisition. In the previous utterances there are hesitations, pauses, repetition of words, and speech marks as 'er', 'uhm', 'ahm', all contextualization cues. *Na* believes that these represent: 'thinking time needed to speak in English'. In fact, *Ri* mentions that she could tell at these moments, that *Hi* was "in trouble" searching for words. *Ri* modelled the word 'impose' and then self-corrected to 'to impose'. She commented: 'I wanted to give her the correct grammar form for what she was trying to say'. *Hi* wants the equivalent for 'horário', *Na* suggests 'schedule' and *Ri* suggests 'timetable'. In *Ri*'s opinion she was feeding *Hi* a simpler word. She is one of the strongest, upper-intermediate students in the class who uses her language advantage to take on a teacher-like role in this group, hence the modelling. *Ri* and *Na* who are stronger students whisper and giggle together at one time, suggesting their perception that CS is a deviation from the expected linguistic behaviour. In the interview this is confirmed. *Ri* ends by saying it was a good thing *Hi* was able to get help but she should try and explain herself in English instead. *Hi* is not too happy about this comment and explains that in the past she had a Spanish teacher who taught her that when one does not know a word, one should naturally ask for it and she sees no harm in that. In this group, the stronger students who do not switch hold a negative view of it, unlike the weaker student who switches but is not upset because she believes it is functional.

Group II (Appendix B)

This group performs several utterances which illustrate that both codes are available and used naturally:

Line 26 C2 they think that they er take they take er in the kind of *licença de parto* (= maternity leave) that there are women women should

Line 37 C1 to to change the diaper go to mummy when it's time to er (...) er *fazer o biberon* (= warm the baby's bottle) go to mummy

Line 40 C1 when they cry at night go to mummy *depois entretanto* (= then in the meantime) they get tired go to mummy.

In the previous inter-sentential switches the students do not expect any modelling. They switch due to lack of vocabulary, but continue speaking in the other code within the same stretch of talk.

Line 16 C2 *pois* (= right)

Line 32 C2 *diapers é isso* (= that's it) (whispers)

It is highly unlikely that C2, an intermediate/upper- intermediate student, did not know the words *pois* and *é isso* in English, suggesting the latter as unintentional slips of the tongue.

Line 10 C1 for me (.) he don't know the places of er er (...) the places *pratos* (= plates) er
F plates

Line 29 C1 *nã nã nã* (= no no no) *hã hã hã* (sounding ironic) two months in the house taking the baby giving him food changing the er the er *fraldas* (= nappies) (giggles)
F *diapers acho que é* (= I think it is) diapers

In the previous cases of Equivalence, *F* models the words plates and diapers suggesting that she acknowledges CS as functional. However, in the interview, this intermediate/upper-intermediate student excuses and justifies her colleagues' linguistic behaviour: 'We are all Portuguese, we all know the language, if we don't know it in English, we say it in Portuguese'. She smiles and insists that this is normal. We find two samples of metalanguage, off-record discourse about the language, 'diapers *acho que é*' and 'diapers *é isso*'. *C1* refers to what she calls the 'diaper incident',

as something which should be avoided, but then acknowledges CS as functional: 'Sometimes I cannot remember the word and want to get on with the task'.

Line 13 C1 *talheres* (=cutlery) because he er he (...) *ele não tem medo para mim é ridículo e agora já estou a falar em Português* (=he's not afraid for me it's ridiculous and now I'm speaking in Portuguese)

In line 13, C1, an intermediate-level student raises her voice censoring herself for using Portuguese. This 'self-reprimand' could be one of the following; on-record discourse to be heard by a potential audience, a case of alignment to keep to the rules, or an instance of self-address, as she seems to be talking to herself. In the interview, she is very upset about the amount of Portuguese she spoke and excuses herself: 'the tape recorder was running and no one was speaking, so Portuguese slipped out'. C1 switches the most but also speaks the most, suggesting that CS is connected to her effort to hold the floor and maintain the flow of communication. This weaker student believes CS should be avoided and reprimanded, while her stronger colleague excuses and justifies it.

Group III (Appendix C)

In group III, Ra is the only code switcher. The strongest student in the class, she performs the longest stretches of talk and switches in eleven out of sixteen utterances. She only becomes aware of this when listening to the recording, feels embarrassed and apologizes. She is the class representative who is always surrounded by colleagues and has a motherly-like attitude. This can be seen in the following samples of participant-related switching, as Ra is using CS to gear her colleagues through the activity. This is off-record discourse in the mother tongue to show solidarity or group membership. It is also a case of metatask as the student is evaluating, commenting and managing the activity:

Line 2 Ra (...) *vá mais* (= so what else?)

Line 5 Ra *ahm portanto* (= so)

Line 6 Ra vá (= c'mon)

Line 38 Ra então (= so) so we can say the school system in the majority of countries

Ra is an upper-intermediate student, who is loud and dominating and takes on a teacher-like role. She sometimes summarizes what others say or does not let them finish their turns. The following are examples of off-record discourse, suggestions or instructions to manage the language of the activity.

Line 1 Ra still happening acho que fica melhor (= I think it sounds better)

Line 4 Ra let me just read this não tou a ver (= I can't find this)

Line 30 Ra this could onde é que está esta parte? (= where is this part?)

In the following turns, Ra speaks Portuguese and then manages to say it in English. She is probably taking into account her colleagues' weaker English, as speakers "take into account perceptions of their own proficiency and the proficiency of the interlocutors in (...) (i.e. psycholinguistic considerations)" (Myers-Scotton & Jake 2001: 86). Fe and So are both pre-intermediate students.

20 Ra the career ladder I think we can say that não? (=no)

21 Fe I don't know

22 Ra quando querem subir de posição? (= when they want to move up the career ladder)

23 women feel a lot of prejudice especially when they want to reach to the top

24 management

She confirms this in the interview: 'All elements in the group are Portuguese, sometimes I say the Portuguese word followed by the English equivalent *então* (=so) so, *então* is like 'you know' in English'. In all her turns *Ra* switched to hold the floor and keep the low of communication but she believes she was being careless.

5. Conclusion

This paper concludes that in the EFL classroom, when learners activate one language they do not necessarily deactivate the other. It is sometimes impossible, even unrealistic, for students to shut out or switch off their own language as it is an important part of their identity. The participants of this research all shared Portuguese and one student referred to it as a 'positive common asset'. This study illustrates that CS is a sign that both codes are active inside a learner's head, and that interaction is taking place caused by "the very involvement that is so valuable to language acquisition" (Hancock 1997: 233). Natural ongoing communication is also attested by a fair amount of overlapping talk, fillers and hesitations, pauses and repetition of words, giggles and whispers. The presence of the tape recorders and a potential audience may have led the students to alternate between on-record (English) and off-record (Portuguese) discourse. To get information conveyed students switched codes, avoiding breakdowns in communication and performing longer turns. CS was used to fill in lexical or grammatical gaps in the target language, to negotiate language and meaning and to manage the activity and the other participants. This means that, whether intentional or unconscious, CS helped students perform different pragmatic functions in relation to the task they were carrying out. It is not possible to state that CS should be incorporated into the classroom in a mechanistic way or banned as we don't know what we are banning along with it (Zentella *apud* Hornberger 1996: 466). However, EFL teachers promoting fluency will encounter CS in student-student interaction in the same way as speech marks and mistakes. Being aware of its reasons and functions will help them deal with it in their classrooms. Students' perspectives add an enriching dimension to this study. Most considered CS unintentional and unnoticed, and overtly or covertly, all acknowledge it as functional and helpful. Although for some learners more speaking means more switching, the scope of this study does not allow

for any generalisations. It is possible that if learners are aware that their negotiation takes place in the mother tongue, they may “in the long term do more of their off-record negotiation in the target language” (Hancock 1997: 224). Learners revealed mixed feelings towards their use of Portuguese, but it is not possible to establish a connection between holding a negative or positive view and the frequency of the switches. CS was found in the discourse of students with different levels of English and there seems to be a pattern between level of English and the functional character of the switches. There seems to be a tendency for the weaker learners (pre-intermediate / intermediate) to use L1 as a translation appeal, a mechanism to prompt and clarify information or to counterbalance for perceived deficiencies. The stronger learners (intermediate/upper intermediate) tend to use L1 to manage and comment the activity and to gear and help colleagues by modelling. All students, weaker or stronger, alternated between the two codes to hold the floor and manage turn taking, working towards communication.

REFERENCES

- Aldendorf, R. 1996. The functions of code switching among high school teachers and students in Kwazulu-Natal and implications for teacher education. In: Bailey, K. & D. Nunan (Eds.) *Voices from the Language Classroom*. New York: Cambridge University Press, 388-406.
- Auer, P. 1998. *Code-Switching in Conversation: Language, Interaction and identity*. London: Routledge.
- Bailey, M.K. & Nunan, D. 1996. *Voices from the Language Classroom*. New York: Cambridge University Press.
- Cook, V. 2002. *Portraits of the L2 user*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Eldridge, J. 1996. Code-Switching in a Turkish Secondary School. *ELT Journal* 50 (4) 303-311.
- Gumperz, J. 1982. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hancock, M. 1997. Behind classroom code-switching. Layering and language choice in L2 learner interaction. *TESOL Quarterly* 31 (2): 217-235.
- Heller, M. (Ed.) 1988. *Code-switching: Anthropological and sociolinguistic Perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter.

- Jenkins, J. 2006. Points of View and blind spots: ELF and SLA. *International Journal of Applied Linguistics* 16 (2): 137-162.
- _____. 2009. *World Englishes*. New York: Routledge.
- Martin- Jones, M. 1995. Code switching in the classroom: two decades of research. In: Milroy, L. & P. Muysken (Eds.) *One speaker, two languages, cross disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 90-111.
- McKay, S. L. & Hornberger, N. H. 1996. *Sociolinguistics and Language Teaching*. New York: Cambridge University Press.
- Milroy, L. & Muysken, P. 1995. (Eds.) *One speaker, two languages, cross disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press
- Myers-Scotton, C. & Jake, J. L. 2001. Explaining Aspects of Code-Switching and Their Implications. In: Janet Nichol (Ed.) *One mind, two languages: Bilingual language processing*. Oxford: Blackwell, 84-116.
- Nunan, D. & Carter, D. 2001. *Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Seidlhofer, B. 2001. Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a lingua franca. *International Journal of Applied Linguistics* 11 (2): 133-158.
- Sert, Olcay. 2005. The Functions of Code Switching in ELT Classrooms. *The internet TESL Journal* XI, 8, <http://iteslj.org/Articles/Sert-CodeSwitching.html> (last accessed on June 23, 2012)
- Sridhar, Kamal. 1996. Societal multilingualism. In: Mc Kay, Sandra, Lee & N. H. Hornberger (Eds.) *Sociolinguistics and Language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 47-70.

Appendix A

Group I

- 1 *Na* I think men won't give up their career to (.) to help women in (.)
home things and
- 2 *Hi* < it's the
- 3 question we have to change it
- 4 *Na* not men and I think they won't change
- 5 *Ri* < perhaps
- 6 *Hi* < it's like the now ab... (unfinished word) er
- 7 (...) er how can we say ahm(...) *aborto* (=abortion) in English
- 8 *Na* I (.) don't know
- 9 *Ri* what? ahm (whispers, giggles)
- 10 *Hi* we have a lot of mens discussing these things but why (.) is the
women the
- 11 principal affected about these things (...)
- 12 *Na* (inaud.)
- 13 *Hi* and this is for me to change (...) because we need to have womens
talks about
- 14 women things (laughs) in my opinion
- 15 *Ri* uhm but I don't think as you are saying that men have to give up
their career (.)
- 16 because perhaps if uhm women and men helped each other none
of them would
- 17 have to give up their carrers (.) uhm they both could have their
carrers and then
- 18 *Na* < yes yes but the problem
- 19 is that men are educated to be ahm I don't know how to say it (...)
like ahm
- 20 women in the kitchen and men in the job like that
- 21 *Ri* yes yes and men sitting down and watching T.V.
- 22 *Na* < yes yes that's it
- 23 *Ri* and reading the newspaper but that's where the school uhm comes
in and even
- 24 the women they have to to be able to teach those values to their children
- 25 *Na* < yes yes

- 26 *Ri* it's not right to say hey women have rights and then they go and
they have a
27 daughter and a son and act in the same way
28 *Hi* <that's it I talked about (.) we have to change things of
29 society ahm in our education at schools in our house that's it it's
not to talk
30 about equality uhm all about discussions about womens womens
womens we
31 have we don't have anything (.) in fact
32 *Na* < if anything changes (inaud.)
33 *Ri* that's it that's what I think ahm I think I think we have to stop
discussing
34 *Hi* < sometimes sometimes it's from it's like to uhm
35 how can I (...) to (.) when we have to er uhm to uhm *impor*
(= impose) (all laugh)
36 *Ri* impose to impose
37 *Hi* to impose something because in parliament about some parliaments
in Europe
38 have imposed a number of womens of womens they need and
sometimes they can
39 get from this way it's not just talk about oh we have some countries
we have to
40 teach womens from the parliaments from the governments and this
is (...) and
41 they have (.) womens to take their (.) they have ahm (.) how can I
say (.) they have
42 (.) er horário (=timetable)
43 *Na* schedule
44 *Ri* timetable schedule
45 *Hi* <ok they have timetable er (.) and they can change...

Appendix B

Group II

- 1 *F* and even the women felt that they should do that because it's er their
2 *C2* <their job

- 3 C1 yes their er the job to take care of the children the fields and the house and for me
- 4 C2 I'm totally against
- 5 C1 < and why er why don't men er why are us that can that should do
- 6 their these functions why don't men er (.) get home and do their meal (giggles) and
- 7 (.) they are they don't
- 8 C2 < their view they feel
- 9 C1 < they feel even today my brother she had 26 year old
- 10 and she and he don't do their bed his bed for me (.) he don't know the places of er
- 11 er (...) the places *pratos* (= plates) er
- 12 F plates
- 13 C1 *talheres* (= cutlery) because he er he (...) *ele não tem medo para mim é ridículo*
- 14 *e agora já estou a falar em Português* (= he's not afraid for me it's ridiculous and
- 15 now I'm speaking in Portuguese) (volume is up and loud giggles)
- 16 C2 *pois* (= right)
- 17 C1 so (...) ah this is a serious problem er
- 18 F yes a serious problem uhm
- 19 C1 > and we are (inaud.) in this article
- 20 April 2000 four years ago and
- 21 F I think it's because of the justice
- 22 C1 < you know that Germany is a developed country and
- 23 we know that and how can er the situation is in developing countries it's shocking
- 24 F it's justice that there are no
- 25 C2 yeah (inaud.) children er to educate to educate we see we
- 26 see they think that they er take they take er in the kind of *licença de parto*
- 27 (= maternity leave) that there are women women should could choose two for her
- 28 and two for their husband but I don't think that their husband who prefers to be

- 29 C1 *nã nã nã* (= no no no) *hã hã hã* (sounding ironic) two months in the house taking
30 the baby giving him food changing the er the er *fraldas* (= nappies) (giggles)
31 F *diapers acho que é* (= I think it is) diapers
32 C2 *diapers é isso* (= that's it) (whispers)
33 C1 er no not really (.) today
34 C2 uhm I don't get er I don't knew anyone like that
35 F <but it's ridiculous because they are also their children
36 C1 oh but in our days er fathers in my opinion er a lot of them even today er they they
37 love their babies but when it's time to to change the diaper go to mummy when
38 it's time to er (...) er *fazer o biberon* (= warm the bottle) go to mummy
39 F <when they cry at night
40 C1 when they cry at night go to mummy *depois entretanto* (= then in the meantime)
41 they get tired go to mummy.

Appendix C

Group III

- 1 Ra gender discrimination at work is still happening *acho que fica melhor* (= I
2 think it sounds better) (...) *vá mais* (= c'mon what else) (all giggle softly)
3 Fe so women feel the prejudice
4 Ra ahm let me just read this *não estou a ver ahm* (= I'm
5 not getting this) *ahm portanto* (=so) women women feel (.) a lot of prejudice ahm
6 *vá* (=c'mon) women feel a lot of prejudice
7 So <at work ahm especially at management
8 Ra < especially
9 when they want to reach
10 Fe < operate operate

- 11 Ra or they want to reach to higher or the top top positions
- 12 Fe yes
- 13 Ra at work management positions exactly (...) so women feel a lot of prejudice
- 14 especially (.) when they want to reach (.) to ahm the top reach to (.) the top
- 15 management positions to (...) *áh ou* (= ah or) we can say when they want to ahm
- 16 how do we say climb the (.) the work ladder *não* (=no)
- 17 So to work with men?
- 18 Ra when they want to succeed how ca we say (...) jump the
- 19 Fe jump yes
- 20 Ra the career ladder I think we can say that *não?* (=no)
- 21 Fe I don't know
- 22 Ra *quando querem subir de posição?* (= when they want to move up the career ladder)
- 23 women feel a lot of prejudice especially when they want to reach to the top
- 24 management
- 25 Fe < jobs?
- 26 positions
- 27 Fe I I said (inaud.)
- 28 Ra ahm reflect this will reflect this will reflect (giggles)
- 29 So you said something (to Fernanda)
- 30 Ra this could (whispers) *onde é que está esta parte?* (= where is this part?)
- 31 Fe school state system antiquated
- 32 Ra *á então* (= ah so) the school system in the majority of
- 33 countries is old fashioned
- 34 Fe < yes
- 35 Ra so what can we say from this? that
- 36 So <that ti is not the way women are treated at work
- 37 but also in all society (.) especially in it's the reflect of some ides
- 38 Ra *então* (=so) so we can say the school system in the majority of countries is old

- 39 fashioned ahm (laughs)
40 *Fe* uhm how can we say?
41 *Ra* *então* (=so) women are not ahm (...) *valo* (unfinished word)
 valorizadas (=valued)
42 *So* valued (general volume goes down)
43 *Ra* are not (.) *então* (=so) *não sei como é que se diz desvalorizadas*
 (= I don't know
44 how to say undervalued)
45 *So* undervalued?
46 *Ra* *onde é que está esta parte aqui?* (= where is this part here?)

Recensões

Phillip BACKLEY. *An Introduction to Element Theory*.
Edinburgh: Edinburgh University Press. 2011. xiv + 210 pp.
ISBN: 978-0-7486-3743-0

João Veloso
jveloso@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

1 – Este livro põe-nos ao alcance de uma introdução a um conjunto de propostas teóricas acerca da estrutura interna dos segmentos fonológicos que se pode designar por “fonologia dos elementos” (FE)¹. Na base destas propostas, encontramos a ideia de que os segmentos fonológicos são decomponíveis em unidades menores, hierarquicamente organizadas no interior de cada segmento.

Assim formulada, esta proposta não corresponde, de forma alguma, a um postulado inteiramente original da FE. A aceitação da possibilidade de se analisar os fonemas em unidades “subsegmentais” encontra raízes, p. ex., já na própria fonologia estruturalista, como se torna patente quer na teoria das oposições fonológicas de Trubetzkoy (é com base nas relações entre fonemas assentes nas propriedades distintivas destes que se constrói a “teoria das oposições fonológicas” de Troubetzkoy 1939), quer, sobretudo, na teorização do fonema como um “feixe de traços” preconizada por Jakobson (1963). Por outro lado, é lícito ver nestas primeiras propostas do fonema como uma unidade divisível em entidades de outro nível um importante precursor para as noções de “traço” e “autossegmento” **enquanto unidades fonológicas** que iremos

¹ Ao contrário de designações como “fonologia autossegmental” ou “fonologia prosódica”, a expressão “fonologia dos elementos”, que usaremos nestas notas, não se refere a uma corrente teórica individualizada, remetendo antes para um conjunto de propostas aceites por quadros teóricos distintos como a “fonologia das partículas” de Schane (1984), a fonologia das dependências (Anderson & Ewen 1987; Van Der Hulst 1989), a fonologia do governo (Kaye, Lowenstamm & Vergnaud 1985) e a fonologia declarativa (Scobbie et al. 1996; Angoujard 2003; 2006).

encontrar em vários modelos da fonologia generativa, com destaque, neste momento, para o modelo *standard* (Chomsky & Halle 1968), a geometria de traços (Clements 1985; Clements & Hume 1995) e a fonologia autosssegmental (Goldsmith 1990).

A “fonologia dos elementos” (de certa forma inaugurada pela “fonologia das partículas” de Schane 1984) que constitui o cerne do livro em apreço nesta recensão pode ser vista, até certo ponto, como parte dessa tradição “atomista” da fonologia segmental, na medida em que concebe os segmentos como a combinação complexa e estruturada de unidades não segmentais. Porém, distingue-se dos modelos anteriormente citados por propor que os segmentos e os seus constituintes (*partículas*, na terminologia de Schane (1984) e Brandão de Carvalho (1993), ou *elementos*, nos termos seguidos pelo livro de Phillip Backley e pela generalidade dos autores citados na nossa nota 1) *partilham da mesma substância*. Estabelecendo uma analogia explícita com as cores (todas as cores correspondem ou à ocorrência de três cores “primárias” – vermelho, azul e amarelo – em estado puro ou à combinação destas em “cores secundárias”, não havendo qualquer distinção ontológica entre umas e outras – umas e outras são cores), Schane (1984: 150) e Brandão de Carvalho et al. (2010: 87), entre outros, defendem que todas as vogais² correspondem à ocorrência isolada ou combinada de três vogais “puras” (“primitivas”), designadas em abstrato por |A I U|³. Estes *elementos*, de acordo com Boltanski (1999: 77 ss.) ou Brandão de Carvalho et al. (2010: 89 ss.), entre outros, têm uma forte motivação fonética, são universais e têm uma estrutura unária. Esta última característica, combinada com o número muito restrito de elementos, resolve um problema não solucionado pelos modelos binários da fonologia generativa: impede a sobregeração de segmentos/inventários de segmentos (Kaye 1990; Boltanski 1999: 77).

2 – Neste livro, o Prof. Phillip Backley, conhecido fonólogo da Universidade de Tohoku Gakuin (Japão), autor de uma considerável obra

2 Apesar de explorações como as de Scheer (1998) e Angoujard (2006), que tentam aplicar a FE à descrição dos sistemas consonânticos (tal como o livro de Phillip Backley, como adiante veremos), este modelo tem sido especialmente adotado em investigações acerca das propriedades das vogais e dos inventários vocálicos.

3 A notação dos elementos diverge formalmente de autor para autor; neste texto, seguiremos a convenção adotada pelo autor do livro recenseado, simbolizando os elementos por letras maiúsculas isoladas por traços verticais (|A I U|).

anterior nos domínios da geometria de traços, da fonologia prosódica e da fonologia das dependências, propõe uma introdução *exaustiva e atualizada* deste quadro teórico. O autor, ao longo das cerca de 200 páginas de texto, revê aprofundadamente todas as propostas explicativas da FE, fundamentando todas as informações com argumentos plausíveis, apoiando-se em bibliografia abrangente e atualizada e ilustrando todos os pontos de vista com exemplos de inúmeras línguas. Como veremos no seguimento destas notas, um dos méritos deste livro consiste ainda no alargamento da FE a domínios que não são os mais tradicionais nesta abordagem teórica.

O livro divide-se em cinco capítulos, antecidos por um índice geral (pp. v-vii), uma lista de figuras (pp. viii-ix), uma lista de quadros (p. x) e um prefácio de autoria do próprio autor (pp. xi-xiv), e seguidos por um índice de línguas citadas (pp. 207-208) e por um índice temático (pp. 209-210).

No primeiro capítulo – “A Theory of Elements”, pp. 1-16 –, o autor apresenta alguns dos pontos centrais da teoria, como a divisibilidade dos segmentos e a relação hierárquica entre os seus constituintes (pp. 1 e ss.), o unarismo (pp. 7 e ss.) e a aplicação da teoria à explicação dos processos fonológicos (pp. 11 e ss.).

O segundo capítulo – “Elements for Vowels”, pp. 17-61 – debruça-se sobre o domínio da fonologia segmental que tem constituído, como já foi referido, o principal campo de investigação em FE: a descrição dos sistemas vocálicos. Além da exposição dos aspetos centrais da teoria, como a descrição e justificação dos elementos básicos e universais |A I U| e as relações de dominância que eles estabelecem entre si para a distinção entre todas as vogais (pp. 18 e ss.), este capítulo inclui informação relevante sobre aspetos mais problemáticos ou inovadores, tais como a especificidade das vogais centrais (pp. 31 e ss.), que colocam o problema de não serem caracterizáveis por nenhum desses elementos e que o autor propõe como “vogais vazias” (pp. 34 e ss.). Um ponto muito importante deste capítulo e que merece especial destaque nestas notas é a relação que o autor estabelece entre os elementos |A I U| e as configurações acústico-espectrográficas que lhes estão associadas. Este ponto do livro constitui um dos contributos mais originais da obra: noutros títulos de carácter introdutório que se debruçam também sobre os elementos (cf., p. ex.: Boltanski 1999: 77 ss.; Brandão de Carvalho et al. 2010: 89 ss.), estes são basicamente definidos em

função de configurações articulatórias ($|A|$ = abertura; $|I|$ = palatalidade; $|U|$ = labialidade). Neste livro, Backley, seguindo Harris (1994), associa estes três elementos a configurações espectrais típicas, que se revelarão úteis, em pontos mais avançados do livro, para a extensão desta proposta descritiva a aspetos como os pontos de articulação consonânticos ou a caracterização das semivogais, ditongos e consoantes soantes. São assim identificados três padrões acústicos associados a cada elemento vocálico (pp. 22-23 e ss.): “dlp” (= $|I|$, com picos espectrais nos 500 e 2500 Hz); “rUmp” (= $|U|$, com dois picos espectrais baixos e concentrados abaixo de 1 kHz); e “mAss” (= $|A|$, com dois picos espectrais concentrados na frequência de 1 kHz).

Nos capítulos 3 – “Place Elements in Consonants”, pp. 62-113 – e 4 – “Manner Elements in Consonants”, pp. 114-164 –, o autor aprofunda um domínio tradicionalmente secundarizado pela fonologia dos elementos (que, como dissemos, tradicionalmente concentra as suas explicações no estudo dos sistemas vocálicos): a descrição dos sistemas consonânticos, incluindo, entre outros, aspetos como a distinção tradicional consoante/vogal/semivogal (pp. 62 e ss., pp. 65 e ss.) e os diversos tipos consonânticos (pp. 115 e ss.). As tradicionais divisões das vogais por ponto de articulação são descritas, no cap. 3, recorrendo-se aos mesmos elementos $|A| |I| |U|$ que servem de base à descrição dos sistemas vocálicos, o que leva o autor a propor uma “unidade vogal-consoante” (pp. 62 e ss.) (visão compatível com a tradição de outras obras de fonética britânica, como Catford 1988).

No capítulo final do livro – cap. 5, “Liquids, Licensing and Antagonistic Elements”, pp. 165-206 –, o autor trata de integrar numa explicação compatível com o modelo da FE a classe das líquidas, difíceis de definir em termos puramente articulatórios ou mesmo fonológicos. Partindo dessa indefinição – leia-se, a propósito, o que é dito acerca da natureza das “vibrantes”: “The term ‘rhotic’ is notoriously vague, as is the generic symbol *r* used for signifying rhotic consonants. The class of rhotics takes in a wide range of segment types including several ‘manner’ categories (trills, taps, approximants, fricatives) and place categories (alveolar, retroflex, uvular).” (p. 168) –, propõe-se que a oposição entre laterais e róticos, com base na observação do seu comportamento fonológico em termos de FE, resida numa oposição entre a ocorrência de $|A|$ não combinado com outros elementos

(= róticos) e a combinação de |A| combinado com outros elementos (|I| e elementos de modo de articulação consonânticos, no caso das laterais).

Ainda neste capítulo final, o autor envereda por caminhos tradicionalmente não contemplados pelos estudos de FE: as estruturas prosódicas, como a sílaba, o pé e a palavra prosódica, explicados como domínios de proeminência dos elementos segmentais legitimados por cada um deles.

3 – Dissemos, no início destas notas, que as assunções e propostas que subjazem à chamada “fonologia dos elementos” não se encontram sistematizadas em obras programáticas que façam desta conceção da estrutura segmental uma corrente teórica individualizada na história da fonologia. Com este livro, podemos dizer que é dado um passo importante nessa sistematização, pois passamos a dispor, numa só obra, dos principais argumentos que corporizam um entendimento muito particular – e, a nosso ver, produtivo – da arquitetura segmental. O livro, pela abrangência, profundidade e atualização dos conhecimentos que transmite e das fontes de que se serve, oferece-se como um valioso instrumento de estudo e de trabalho nesta área. Por outro lado, há que sublinhar uma vez mais que esta obra se distingue ainda de outras, dentro da mesma orientação teórica, por tomar em consideração questões e domínios que tais obras não abordam, tais como os correlatos acústicos dos elementos e a aplicação aprofundada do modelo às consoantes e aos fenómenos suprasegmentais.

Por todas estas razões, é de saudar a publicação deste livro, que, a nosso ver, se tornará uma referência imprescindível no capítulo da fonologia segmental.

REFERÊNCIAS

- Anderson, J. M. & Ewen, C. J. 1987. *Principles of dependency phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Angoujard, J.-P. 2003. Phonologie et diachronie. In: J.-P. Angoujard & S. Wauquier-Gravelines (Eds.). *Phonologie: Champs et perspectives*. Lyon: ENS Editions, 173-194.
- Angoujard, J.-P. 2006. *Phonologie déclarative*. Paris: CNRS.
- Boltanski, J.-E. 1999. *Nouvelles directions en phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Brandão de Carvalho, J. 1993. De quoi sont faites les voyelles? Phonologie tridimensionnelle des particules et harmonie vocalique. In: B. Laks & M. Plénat (Eds.). *De natura sonorum: Essais de phonologie*. Saint Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 65-100.
- Brandão de Carvalho, J., Nguyen, N. & Wauquier, S. 2010. *Comprendre la phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Catford, J. XC. 1988. *A Practical Introduction to Phonetics*. Oxford: Clarendon.
- Clements, G. N. & Elizabeth V. Hume. 1995. The internal organization of speech sounds. In: J. Goldsmith (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge MA: Blackwell, 245-306.
- Clements, N. 1985. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*. 2: 225-252.
- Goldsmith, J. 1990. *Autosegmental and metrical phonology*. Cambridge MA: Blackwell.
- Harris, J. 1994. *English Sound Structure*. Oxford: Blackwell.
- Jakobson, R. 1963. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit.
- Kaye, J. 1990. The strange vowel sets of charm theory: the question from top to bottom. *Journal of Linguistics*. 26: 176-177.
- Kaye, J., Lowenstamm, J. & Vergnaud, J.-R. 1985. The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government. *Phonology Yearbook*. 2: 305-328.
- Schane, S. A. 1984. The Fundamentals of Particle Phonology, *Phonology Yearbook*. 1: 129-155.
- Scheer, T. 1998. La structure interne des consonnes. In: P. Sauzet (Ed.). *Langues et Grammaire (II-III): Phonologie*. Saint Denis: Université de Paris 8, 141-172.
- Scobbie, J. M., Coleman, J. S. & Bird, S. 1996. Key Aspects of Declarative Phonology. In: J. Durand & B. Laks (Eds.) *Current Trends in Phonology: Models and Methods*. Manchester: ESRI/University of Salford, II, 685-709.
- Troubetzkoy, N. 1939. *Grundzüge der Phonologie*. Trad. Fr. De J. Cantineau: *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1977.
- Van Der Hulst, H. 1989. Atoms of Segmental Structure: Components, Gestures and Dependency. *Phonology*. 6(2): 253-284.

K. David HARRISON. *When languages die: the extinction of the world languages and the erosion of human knowledge*. Oxford: Oxford University Press, 2007. 292 pp.
ISBN – 978-0-19-537206-9 (brochado)

Joaquim Barbosa
joaquim.s.barbosa@sapo.pt
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

1 – O tema do livro: Que se perde quando morre uma língua?

Muito antes de termos tomado contacto com a discussão acerca da relatividade linguística, ou de termos ouvido falar da chamada *Hipótese de Sapir-Whorf*, aprendemos, nas primeiras aulas de linguística, que a língua é o modelizador primário do mundo. Soubemos, mais tarde, que diferentes línguas têm diferentes visões do mundo e que, possivelmente, as línguas condicionam a forma de pensar dos seus falantes. (Ver, i.a., Kovecses 2006).

Todavia, preocupados com a tentativa de perceber e descrever o funcionamento do maior número possível de línguas, buscando universais, tivemos muitas vezes de focar a nossa atenção em fragmentos das línguas mais conhecidas e nem sempre demos atenção à relação entre as línguas e a visão do mundo que cada uma delas veicula, nem à forma como o faz.

Se a língua é, de facto, o modelizador primário do mundo, como poderemos conhecer a *visão do mundo* dos falantes de línguas que já não têm falantes? Cerca de 94% dos seres humanos têm como língua materna uma das 389 (c. 6%) línguas mais faladas; mas a grande maioria das línguas – 6500, 94% – são faladas por apenas 6% da população mundial. (cf. Lewis 2009). A pressão das línguas maioritárias, o fluxo migratório para os grandes centros urbanos, as políticas de língua, a perda de prestígio e da auto-estima dos falantes de línguas minoritárias – veja-se o que diz Ferreira (2011) a propósito da língua mirandesa: “era uma vergonha falá-la, considerada

como *fala charra* ou *fala caçurra*, *fala burreinha* face ao *falar grave* ou *falar fidalgo*” – conduzirão, naturalmente, à extinção da maior parte das línguas menos faladas.

Ainda que não haja consenso, muitos linguistas creem que cerca de metade das quase sete mil línguas que ainda existem não terão falantes nativos daqui a cem anos. Mais de meio milhar têm já menos de cem falantes vivos. Desde que há registos, desapareceram mais línguas naturais do que espécies animais. Acresce que, como lembra K. David Harrison neste trabalho, “the vast majority of human languages have never been written down. Their verbal arts thus exist only in memory and are especially vulnerable to forgetting as languages go extinct” (p.17).

Pertencemos a uma civilização da *escrita*, em que até as três grandes religiões mais importantes são chamadas *do Livro*. As nossas *línguas mortas* são o Latim e o Grego Antigo, mas os seus escritos não pereceram. Mesmo que possamos interrogar-nos, como Frederico Lourenço na introdução à sua tradução da *Ilíada*, “As civilizações passam, mas a cultura sobrevive?” (Homero 2005:7), a verdade é que a leitura do primeiro livro da literatura europeia nos permite aproximar da visão do mundo, da *Weltanschauung*, grega. Mais do que isso, como acrescenta Frederico Lourenço, ao lermos a *Ilíada* estamos a reclamar “o lugar que por herança nos cabe no processo de transmissão da cultura ocidental: cada novo leitor acrescenta mais uma etapa, ele mesmo um novo elo” (*Ibid.*)

Que acontece, todavia, com as culturas sem escrita? Que acontece ao conhecimento, à visão do mundo das comunidades linguísticas minoritárias, quando a língua que lhes servia de veículo deixa de ter falantes e se interrompe a cadeia de transmissão oral que vinha, de geração em geração, desde tempos imemoriais?

Depois de percorrer o planeta, das estepes siberianas à floresta amazónica, dos gelos do Alasca aos bazares da Índia, entrevistando os últimos falantes de muitas línguas, K. David Harrison considera, no Prefácio deste trabalho, que:

The extinction of ideas we now face has no parallel in human history. Since most of the world's languages remain undescribed by scientists, we do not even know what it is that we stand to lose. [...] an accretion of many centuries of human thinking about time, seasons,

sea creatures, reindeer, flowers, mathematics, landscapes, myths, music, infinity, cyclicity, the unknown, and the everyday. By demonstrating the beauty, complexity, and underlying logic of these knowledge systems, I hope to motivate more people – speakers, language-lovers, and scientists alike – to work harder to ensure their survival. (p. viii)

2 - Organização do estudo

O estudo está organizado em 7 capítulos e 5 estudos de caso: *Vanishing herds and reindeer words; Nomads of Western Mongolia; Wheel of fortune and a blessing; New rice versus old knowledge; The leaf-cup people, India's modern "primitives"*.

No primeiro capítulo – *A World of Many (Fewer) Voices* – o autor apresenta um panorama geral da situação das línguas em risco de extinção. O capítulo 2 – *An extinction of (Ideas about) Species* – é dedicado ao conhecimento dos recursos linguísticos utilizados na descrição do mundo animal. O capítulo 3 – *Many Moons Ago: Traditional Calendars and Time Reckoning* – estuda as formas tradicionais de medir o tempo e os conceitos utilizados nesse conhecimento.

As palavras usadas para orientação e localização no espaço, bem como as formas linguística de marcar o tempo de viagem, e o respetivo esforço, são tratados no capítulo 4 – *An Atlas in the Mind* – que descreve a construção linguística dos mapas mentais que orientam os povos sem escrita.

“Mas eu não posso contar as minhas histórias para essa coisa”, diz um dos entrevistados por K. David Harrison apontando para a câmara de filmar – “eu tenho de ter audiência; eu só conto as minhas histórias para pessoas!” (p. 141). Que acontece quando os contadores de histórias desaparecem ou perderem audiência porque as crianças já não aprendem as línguas dos seus avós? É disso que trata o capítulo 5 – *Silent Storytellers, Lost Legends*.

O Capítulo 6 – *Endangered Number Systems: Counting to Twenty on Your Toes* – regista sistemas de contagem e de cálculo tradicionais, alguns completamente estranhos para quem, como nós, tem o sistema decimal como o mais óbvio.

“Languages are self-organizing systems that evolve complex nested structures and rules for how to put the parts of words or sentences together. No two languages do this in the same way. (p. 236). Partindo desta premissa e do conhecimento das estruturas linguísticas usadas para apreender

qualidades do mundo como forma, tamanho, género, enumerabilidade, etc., o autor fala, no último capítulo – *Worlds Within Words* – da importância daquilo que interessa à maior parte dos linguistas: a gramática, “the invisible building blocks of cognition” (p. 236).

3- Apreciação global

Ainda que, como cientistas, procuremos manter um distanciamento do nosso objeto de estudo, é muito difícil pôr de lado a emoção quando vemos desaparecer uma língua e, com ela, toda uma cultura, todo um saber acumulado ao longo de gerações e gerações. O trabalho de K. David Harrison tem esse efeito. Contudo, nas reflexões e nas propostas que apresenta predomina a razão, merecendo, por isso, ser estudadas e tidas em conta pelas ciências da linguagem, tanto mais que, como afirma, “Endangered languages stand to play an increasingly central role in the study of the mind” (p. 206).

K. David Harrison é professor de Linguística no Swarthmore College, em Filadélfia, e co-fundador e vice-presidente e investigador do Living Tongues Institute for Endangered Languages.

REFERÊNCIAS

- Ferreira, A. 2011. *É possível a sobrevivência das microlínguas na Europa? O caso do mirandês*.
Aucuncontro Anternacional de Lhéguas - RECLES, Instituto Politécnico de Bragança.
Disponível em <http://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/6117.html>. (Consultado em 31/8/2012).
- Homero. 2005. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia.
- Kovecses, Z. 2006. *Language, mind, and culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press.
- Lewis, M. P. (Ed.). 2009. *Ethnologue: Languages of the World*, Sixteenth edition. Dallas, Texas.: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com> (Consultado em 31/8/2012).

Bridget D. SAMUELS. *Phonological Architecture: A
Biolinguistic Perspective*.
Oxford: Oxford University Press. 2011. 252 pp.
ISBN: 978-0-19-969436-5

Pedro Tiago Martins
martins@letras.up.pt
University of Barcelona (Spain)
Center of Linguistics of the University of Porto (Portugal)

As its title suggests, this is a biolinguistics book. Given the vast scope of this journal and the methodological and theoretical departures that the work under analysis might represent, I will start by making some very brief considerations, at the cost of not being able to provide an in-depth review of the book itself due to space restrictions, but with the advantage of providing readers with the right mindset: a fundamentally biolinguistic one, which hopefully enables a better understanding of Samuels' endeavor and its implications for those who are interested.

As Lenneberg (1964: 76) notes:

"Nothing is gained by labeling the propensity for language as *biological* unless we can use this insight for new research directions – unless more specific correlates can be uncovered."

I chose this quote for two reasons: first, because, in retrospect, it sums up what the term "biolinguistics" means – or, better said, what adopting a biolinguistic perspective means: looking into the biological properties of human language, whatever they might turn out to be and their nature – in a very concise way; second, because, already then, it's a warning about how meaningless or even harmful it is to refer to the idea that language is biological without actually pursuing it.

It is not at all uncommon for many a preamble to include a reference to the

biological nature of the language faculty and for the author to convey to the reader the intention of approaching it as such, only to ignore or even contradict it as the chapters that follow unfold. Thus, “biolinguistics” has become a term whose allusion to in books, articles, conferences and elsewhere, mainly in the context of Generative Grammar, does not always live up to everyone’s expectations, warranting constant definition or clarification when contrasted with the remaining literature. The ideas behind Lenneberg’s passage, present in other well-established publications from the same period, which went on to become some of the most quoted (to put it briefly and point out the most famous examples, most of Chomsky’s work of the time, with emphasis on 1957, 1959 and 1965), and despite the ubiquitous rhetoric, have in practice been frequently ignored, misunderstood or subverted. While some of the apparent vagueness of both biolinguistics and its methodological repercussions, much like what happens with other approaches and ideas, can be explained by the ever-changing focus of research within and across linguistic traditions (see Boeckx & Hornstein 2003), not all of it can be so easily justified. Part of the problem stems from a certain – sometimes explicit – unwillingness to “let” language be studied by fields other than linguistics, leading to, among other things, a perpetuation of some ideas about language as metaphors, when in fact such ideas could attain a stronger ontological status if only dialog between different sciences, the ones that can bring their own useful tools and methodological concerns to the table, could take place. This is an example of how harmful it can be to dwell on the idea of a biological basis for language and not pursue it: it hinders further developments.

Nevertheless, it is important to recognize that a biolinguistic approach is not incompatible with, say, descriptive-style analysis, in the sense that the two kinds of investigation, in and of themselves, are not supposed to clash. In fact, certain purely descriptive analyses of languages and typological generalizations can sometimes be helpful in biolinguistic discussions. The problem only arises when linguists are not clear about what their object of study is, using the faculty of language as a starting point but leaving any further inquiry undone.

Fortunately, there’s been a recent reemergence of what came to be called the *biolinguistic approach*, which encompasses both a return to the seminal works that first proposed that language could be studied as part

of the physical universe and as biological entity and a new look at the “old” questions these works raised. The result is an interdisciplinary and mutually-informed program of research whose ultimate goal is to unveil the properties of human language by trying to reach a commensurable level of understanding, taking advantage of the best each discipline has to offer.

This book, a good example of the aforementioned reemergence of the field, is the second volume of a recently founded collection, *Oxford Studies in Bilingualism*, the first volume of which (Di Sciullo & Boeckx 2011), very general in character, serves as a good companion or entry point to some of the topics Samuels focuses on and bilingualism in general. After a diverse list of abbreviations and symbols, seven chapters follow, tied up with a useful glossary.

Chapter 1 (“Introduction”) lays out the main tenets that will guide the book, highlighting the great deal of work there is to be done if one wants to look at language from a biological perspective “in the strong sense” (trying to answer certain questions explicitly through the aid of (or aiding) other fields, such as biology and psychology, as opposed to having such concerns but not addressing them directly, “the weak sense” (see Boeckx & Grohmann 2007 for the distinction), and committing to give a contribution by addressing a wide audience – much wider than less generalist works can reach –, in order to bridge the gap that usually keeps such an approach from materializing successfully. Samuels then proceeds to summarize each chapter.

In Chapter 2 (“A Minimalist Program for Phonology”), after a brief history of the field of bilingualism, Samuels presents the three main pillars that will form her phonological theory: Minimalism (Chomsky 1993, 1995 and virtually all subsequent work), Substance-free Phonology (Hale & Reiss 2000 and subsequent; Blaho 2008, for the most recent and radical version and a general review of previous work of the same persuasion), and Evolutionary Phonology (Blevins 2004). The minimalist concern is quite apparent throughout the whole book. Basically, Samuels wants to ask about phonology what Minimalism asks in general: “how little can be attributed to UG while still accounting for the variety of L-Languages attained[...]?” (Chomsky 2007: 3). With this in mind, Samuels’ task becomes twofold: 1) to determine what is part of a desirably highly simple phonological component, with help from Substance-free phonology, and 2) to relegate the rest to something else, mostly phenomena that find their way under the phonetics

label, based on Evolutionary Phonology. It quickly becomes apparent to the reader that these are two sides of the same coin. Everything considered part of performance is automatically left out of phonology. Most notably, markedness falls within this group. Despite it being one of the most recruited concepts in modern linguistics, Samuels, drawing heavily from Hume's (2004) and Haspelmath's (2006) work and also with the interesting example of epenthetic consonants, effectively shows why markedness has no place in theories of synchronic phonological competence. The take-home message of this chapter is that whatever falls within the realm of diachrony, while computationally possible, is not intrinsic to the computations themselves, and thus not part of a theory that explains such computations.

Chapter 3 ("Phonology in Evolutionary Perspective") decomposes phonology into underlying abilities, found in species other than *Homo Sapiens* in various forms and to varying degrees, and used in domains other than phonology or even language. Following closely the organization of this chapter, the abilities taken into account can be put under the labels "categorical perception", "grouping" and "[extraction of] patterns". Samuels goes into much greater detail, pointing out many instances of such abilities and referring to solid behavioral studies on a number of different species, including non-primates. This discussion resonates with the work of Hauser, Chomsky and Fitch (2002), in that it follows the recent softening of the homo-centric position regarding the uniqueness of language, attributing much of what was once thought to be strictly human to more general abilities present throughout the animal kingdom, opening way to the investigation of what they name FLB (part of the "FLN (*Faculty of Language in the Narrow Sense*)/ FLB (*Faculty of Language in the broad sense*)" dichotomy¹), that is, what is part of language but not exclusive to it or to humans. Since the focus here is phonology, Samuels is in position to reject the claim by Pinker & Jackendoff (2005) that some aspects of phonology are exclusive to language and perhaps music, which would lead them to present an exception to the ideas put forward by Hauser, Chomsky & Fitch.

Chapter 4 ("The Syntax-Phonology Interface"), perhaps the most technical,

¹ The FLN/FLB distinction, very much taken for granted after Hauser, Chomsky & Fitch (2002), should be met with some reservations. While FLB undoubtedly exists by default, it is not clear why FLN (what is exclusive to humans and language) should exist as such. The same authors, in a later reply to Pinker & Jackendoff (2005), itself a reply to their 2002 paper, even go as far as to say that FLN could turn out to be an empty set (Fitch, Houser & Chomsky 2005), rendering the initial distinction weak from the start.

and which I will refrain from dissecting here, concerns the integration of phonology with the other components of language. Samuels proposes what she calls “Phonological Derivation by Phase” (PDbP) a theory of phonological cyclicity, seen as a direct consequence of syntactic phasality. In the authors words, it combines the “best parts” of Lexical Phonology (Kiparsky 1982), Distributed Morphology (Halle & Marantz 1993) and Derivation by Phase (Chomsky 2001). Rooting aspects of computation in the various interfaces (in this case, mainly the phonology-syntax interface) is important as a way of relieving and guaranteeing the simplicity of the different components themselves.

Chapter 5 (“Representational and Primitive Operations”) starts with a discussion of features and different types of “classes” (phonetically natural class, featurally natural class and phonologically active class), arriving then at a notion of archiphonemic underspecification similar to that of Inkelas (1995). A case for a flat, linear hierarchy of phonology is made, according to which phonological objects take the following form, inspired by Raimy (2000): a string of elements X limited by #, a start marker and %, an end marker:

$$(1) \# \rightarrow X_1 \rightarrow X_2 \rightarrow X_3 \rightarrow X_4 \rightarrow \%$$

Some parallels between syllabic structure and syntactic phrases are reviewed and mostly rejected, providing good evidence that syllables, at least taking into account their known descriptions in the literature, need not have an innate basis. Instead, Samuels argues that the properties usually explained through syllable structure may be explained differently and more effectively, an argument which paves the way for the three phonological operations that arguably form the bulk of Samuels’ generalized theory to be introduced. The aptly named operations are SEARCH, COPY and DELETE, and apply to representations of the form in (1). With a generous list of various known processes, such as vowel harmony and tone sandhi, Samuels shows how this simple computational apparatus may in fact be powerful enough to account for all attested data in the world’s languages (and, presumably, unattested data as well), eliminating the need for more complex phonological representations and operations.

Chapter 6 (“Linguistic Variation”) seeks to answer the variation question: why does it exist?; after all, phonology wouldn’t have to yield such different results. Samuels starts by discussing the implications of the famous “Poverty

of the stimulus". While some authors, such as Blevins (2004), have denied that such an argument exists in phonology on the basis that, unlike what happens with syntax, there's too much data from which to choose, Samuels argues instead that the fact that children can still choose the right data among such a vast universe is proof that the "Poverty of the stimulus" argument holds, since what is actually important is that children have a lack of information about which data to choose. In fact, it could be said that the argument holds in all domains, and there's no controversy surrounding it in other fields (although the name of the argument might be different or the argument too obvious to even name). Berwick, Piestroski, Yankama & Chomsky (2011) provide an updated discussion on the issue.

To answer the main question itself, a hard one, Samuels hints at a combination of the properties of the acoustic signal, articulation and, as she describes it in the end of the book, "[...] the overwhelming human drive to find and figure out patterns and a society in which such patterns are learned and reinforced by other individuals (or to put in more biological terms, epigenetically transmitted)" (p.205-206). Samuels exposes some of what goes into all of these aspects that potentiate variation, again problematizing what's part of competence and what's part of performance, adding to the previous discussion of what should be factored out of phonology itself and what should be attributed to it and therefore to what about it is innate.

In Chapter 7 ("Conclusions"), Samuels summarizes the whole book and proposes further directions of research, ending with a note about how phonology need not *be*, but when all factors previously discussed enter into play all conditions for its development are met.

For those familiar with the biolinguistic literature, this book should come as a pleasant surprise. Usually, in works that share similar concerns, syntax gets the most attention, a situation one should expect, given its role both in the object that is language and in the theoretical apparatus behind the most salient generative and biolinguistic proposals. What Samuels shows is that it is not only possible, but extremely rewarding to bring along phonology to the forefront of biolinguistic research.

One thing I would like to highlight is the minimalist character of *Phonological Architecture*. Although it may seem that biolinguistics is sometimes used as a means to force minimalism onto to every theoretical

discussion, one must realize that it does not make much sense to posit a highly complex innate basis for language. While such a basis can – and indeed does – give way to intricate results (= *languages*), it is not explanatorily helpful to relegate all of what enters into it to an highly specified internal component, and doing so actually contradicts the idea of an abstract, computationally efficient, productive system for human language. With this in mind, looking at language through a minimalist lens might be a useful way of using linguistic theory to help uncover its biological foundations. It is likely – considering the young and ambitious character of this enterprise, it would be high-handed to argue against it – that some of the findings and conceptual arguments presented here turn out to be inaccurate or not the best path to follow. There is much more to be investigated and much more to be thought about. However, for the same reasons, *Phonological Architecture* is destined to become a stepping stone to the study of phonology and, most importantly, human language.

REFERENCES

- Berwick, R. C., Pietroski, P., Yankama, B. & Chomsky, N. 2011. Poverty of the Stimulus Revisited. *Cognitive Science* 35: 1-36.
- Blaho, S. 2008. *The syntax of phonological theory: a radically substance-free approach*. (PhD Thesis, Universitetet i Tromsø, Tromsø).
- Blevins, J. 2004. *Evolutionary Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Boeckx, C. & Grohmann, K. K. 2007. The biolinguistics manifesto. *Biolinguistics* 1(1): 1-8.
- Boeckx, C. & Hornstein, N. 2003. *The varying aims of linguistic theory*. Ms. University of Maryland, College Park.
- Chomsky, N. 1957. *Syntactic Structures*. The Hague/Paris: Mouton.
- Chomsky, N. 1959. A Review of B. F. Skinner's *Verbal Behavior*. *Language* 35(1): 26-58.
- Chomsky, N. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Chomsky, N. 1993. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: K. Hale & S. J. Keyser. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1-49.
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press.

- Chomsky, N. 2001. Derivation by Phase. In: M. Kentstowicz. (Ed.) *Ken Hale : A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1-52.
- Chomsky, N. 2007. Approaching UG from below. In: U. Sauerland & H. M. Gärtner (Eds.). *Interfaces + Recursion = Language ?* Berlin: Mouton de Gruyter, 1-29.
- Di Sciullo, A.; Boeckx, C. 2011. *The Bilingualistics Enterprise. New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty*. Oxford: Oxford University Press.
- Fitch, W. T., Hauser, M. D. & Chomsky, N. 2005. The evolution of the language faculty : Clarifications and implications. *Cognition* 97: 179-210.
- Hale, M. & Reiss, C. 2000. Phonology as cognition. In: N. Burton-Phillips, P. Carr & G. Dochery (Eds.). *Phonological Knowledge. Conceptual and Empirical Issues*. Oxford : Oxford University Press, 161-184.
- Halle, M. & Marantz, A. 1993. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: K. Hale & S. J. Keyser. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 111-176.
- Haspelmath, M. 2006. Against Markedness (And What to Replace It With). *Journal of Linguistics*. 42: 25-70.
- Hauser, M. D., Chomsky, N. & Fitch, W. T. 2002. The Faculty of Language: What is it, Who has it and How did It Evolve?. *Science* 298: 1569-1579.
- Hume, E. 2004. Deconstructing Markedness: A Predictability-Based Approach. In: *Proceedings of BLS 30*, 182-198.
- Inkelas, S. 1995. The Consequences of Optimization for Underspecification. In: *Proceedings of NELS 25*: 287-302.
- Kiparsky, P. 1982. Lexical Phonology and Morphology. In: S. Yang (Ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 3-91.
- Lenneberg, E. H. 1964. A Biological Perspective of Language. In: E. H. Lenneberg. (Ed.). *New Directions in the Study of Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 65-88.
- Pinker, S. & Jackendoff, R. 2005. The Faculty of Language: What's Special about It?. *Cognition* 95: 201-236.
- Raimy, E. 2000. *The Phonology and Morphology of Reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Petra SLEEMAN & Harry PERRIDON (Eds.). *The Noun Phrase in Romance and Germanic. Structure, variation and change*. Amsterdão: John Benjamins. 2011. 282 pp.
ISBN 978 90 272 5554 9

Ana Maria Brito
abrito@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Uma das linhas de investigação mais apaixonantes em Linguística é perceber a relação entre variação (inter e intra-linguística) e mudança; ainda mais empolgante se torna quando o tema em discussão é a sintaxe das expressões nominais. Foi com o intuito de analisar a variação e mudança nas expressões nominais nas línguas românicas e germânicas que Harry Perridon, Josep Quer, Petra Sleeman e Fred Weerman organizaram, em janeiro de 2009, um colóquio na Universidade de Amsterdão. O livro agora em análise reúne muitos dos textos então apresentados, incluindo uma nota prévia e uma introdução de Perridon e Sleeman, uma 1ª parte intitulada *Variação*, uma segunda parte chamada *Mudança* e um índice analítico.

Algumas das questões que se podem colocar sobre a categoria tradicionalmente chamada sintagma nominal são as seguintes: o determinante (D) é o núcleo de toda a construção, como se defende na chamada “hipótese DP” (Abney 1987, Longobardi 1994, entre outros), ou o determinante é uma espécie de “modificador” do núcleo nominal, a posição tradicional? Os determinantes são uma categoria universal, isto é, todas as línguas têm determinantes, mesmo abstratos e não realizados foneticamente, como é o caso dos nomes simples? Poderá propor-se que nas línguas que têm determinantes ou em que eles emergiram no decurso da sua história eles se tornaram o núcleo de toda a construção? E DP não poderá conter KP, isto é, uma projeção de Caso, como uma projeção funcional estendida (Giusti 1993)? Alguns fenómenos de ordem de palavras nos dois tipos de

línguas poderão ser descritos e explicados pelo movimento / ausência de movimento de N para categorias intermédias como Núm(ero) (Ritter 1991) Class(ificador) (Borer 2005) ou para D, como propõe Longobardi (1994)?

No caso particular deste colóquio, o problema central a debater era o seguinte: por que razão há diferenças e semelhanças entre as línguas românicas e germânicas e suas variantes? Por que razão as línguas germânicas têm tendencialmente os adjetivos em posição pré-nominal enquanto as línguas românicas têm adjetivos em posição pré e pós-nominal? Por que razão as línguas escandinavas e o Romeno têm artigos pospostos ao nome?

É a algumas destas perguntas e a outras mais específicas que os autores da introdução e dos textos procuram responder.

Na introdução, Perridon e Sleeman estabelecem semelhanças e diferenças entre as línguas românicas e germânicas, e fazem hipóteses inovadoras quanto aos mecanismos da mudança. As línguas românicas parecem ter herdado a marcação da definitude do Latim tardio (pp. 3-5), enquanto as línguas germânicas a desenvolveram já depois de se terem formado as diferentes línguas (pp. 7-9). Em qualquer dos casos a categoria DP ter-se-á desenvolvido a partir de relações frouxas entre os constituintes; a emergência do artigo e da expressão da definitude levou à gramaticalização de vários elementos adjetivais e de tipo genitivo como determinantes. No entanto, as línguas ou grupos de línguas diferem quanto à extensão da gramaticalização (p. 16); por outro lado, embora as línguas românicas e germânicas difiram em aspetos fundamentais, isso não quer dizer que as línguas de um grupo se comportem de maneira igual relativamente a um dado mecanismo: por exemplo, o artigo é sufixal em Romeno e no ramo nórdico das línguas germânicas; o Alemão, o Islandês e o Romeno conservam o genitivo (p. 17).

O interesse da introdução reside igualmente numa questão teórica geral: até que ponto a estrutura interna das expressões nominais é parte da Gramática Universal (GU)? Numa versão maximalista da GU, a variação encontrada nas estruturas nominais explicar-se-ia como resultado de escolhas paramétricas que as línguas fazem dentro das opções disponíveis na GU (p. 1). Contudo, desde a publicação de Hauser, Chomsky & Fitch (2002) e da distinção feita por estes autores entre “faculdade de linguagem no sentido lato” e “faculdade de linguagem no sentido restrito”

e esta praticamente limitada à noção de “recursividade”, há uma versão minimalista da noção de GU, em que as hipóteses sobre a estrutura tendem a ser menos detalhadas e em que uma dada categoria numa dada língua não tem que estar necessariamente presente noutra língua, mesmo de forma abstrata (p. 2). A descrição da variação e mudança nas línguas românicas e germânicas fornecida pelos autores da introdução é em parte marcada por esta última conceção.

Mas continuemos a acompanhar o livro. Na parte dedicada à *Variação*, o livro comporta sete textos. No primeiro, de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, analisam-se formas de nominalização do infinitivo, do gerúndio e do supino, e defende-se que as categorias dentro de CP que podem ser nominalizadas nas línguas românicas e germânicas variam, explicando a distribuição “gradual” de propriedades nominais e verbais nas várias construções. Cirillo estuda a construção alemã do tipo *welche studenten alle sind gekommen?*, isto é, uma construção em que o quantificador universal se combina com um constituinte interrogativo, mostrando que a construção é mais aceite nas línguas germânicas do que nas românicas, mas, mesmo assim, não é igual em todas as línguas germânicas e nas suas variantes. Corver e van Koppen estudam três tipos de construções aparentadas em diferentes dialetos do Neerlandês (*wat voor ‘n soort boeken, wat voor zulke boeken, wat voor ‘n boeken*, que significam mais ou menos o mesmo (que tipo de livros?); encontrando paralelismos entre estas construções e a de inversão de predicado no DP (*die idioot van ‘n dokter*, aquele idiota de médico), os autores acabam por propor uma análise por movimento, mostrando que a deslocação de *wat* não é permitida em todas as variantes, mas, simultaneamente, as construções em análise são variações de um “tema estrutural comum” (p.85). Wood e Vikner analisam, numa perspectiva interlinguística, a sintaxe de *such, sådan / solch* e *so / så / so* em Inglês, Dinamarquês e Alemão, recorrendo igualmente à ideia de movimento no interior de DP e mostrando que a construção de *so* e *such* está a mudar os seus valores em Inglês e Alemão. A sintaxe de DP nas várias línguas escandinavas é estudada por Lohrmann: estas línguas comportam artigos ligados aos nomes (*filmen*=o filme) mas também (neste caso, só a norma padrão do Sueco, o Norueguês e o Faroese) a chamada “definitude dupla”, como em *den rolige filmen* (o filme engraçado); por vezes, o adjetivo tem

também uma flexão definida e isso faz com que a definitude seja expressa três vezes. Numa análise no quadro da Morfologia Distribuída, mostra-se que esta expressão múltipla tem consequências semânticas. Stroh-Wollin reflete sobre a relação entre estrutura e significado, uma vez que os quatro tipos semânticos de referência - referência definida, referência genérica, referência a uma parte não quantificada e referência a uma parte quantificada - não apresentam nas línguas românicas e germânicas uma relação unívoca: a referência genérica em Inglês é dada por nomes simples e nas línguas românicas por expressões definidas (*she does not like dogs* versus *elle n'aime pas les chiens*) e a referência a uma parte não quantificada é expressa em Inglês por nomes simples (*there are dogs in the garden*) e por artigo partitivo em Francês (*il y a des chiens dans le jardin*). Por essa razão, a autora, embora partindo de uma análise dupla, unificadora, do DP, no quadro da Morfologia Distribuída, propõe que as diferenças entre os dois tipos de línguas se devem à diferente realização dos núcleos de DP e de dP e a diferentes movimentos. Os determinantes são estudados em dois crioulos de base lexical inglesa, o Jamaicano e o Sranan / Suriname, por Bobyleva. Embora haja alguns determinantes que terão surgido pelo contacto com a língua lexificadora, dominam os nomes simples. A autora considera que o uso mais generalizado de nomes simples em Jamaicano e Sranan / Suriname do que em Inglês é sensível a fatores pragmáticos e não à influência da língua de substrato, o Gbe.

A parte dedicada à *Mudança* comporta seis textos. Lucas estuda dois casos de construções com artigo definido em Inglês que não têm, no entanto, interpretação definida, como em *let's go to the pub, he came to the bank of a river*. Analisando este tipo de construção em Inglês Médio e no início da era moderna do Inglês ("Early Modern English"), o autor conclui que os artigos definidos em diacronia têm tendência para ser usados em contextos que não assinalam necessariamente definitude semântica. Crisma estuda a emergência do artigo definido em Inglês Antigo, que terá ocorrido por volta do segundo quartel do século IX, defendendo uma possível influência de substrato / adstrato celta. Cornilescu e Nicolae estudam a mudança operada entre o velho Romeno, em que o artigo definido sufixal surge quer numa posição alta quer numa posição baixa no interior do DP, como em *spre ticăloase cuvintele mele* (às minhas palavras viciosas), enquanto no

Romeno moderno aparece sempre no nome mais alto (*spre ticãloasele cuvinte mele*). Numa análise particularmente fina, no quadro do Programa Minimalista, os autores defendem que no Romeno Antigo o artigo teve a sua origem numa posição posposta de demonstrativo e que é um sufixo, legitimado por uma Concordância a Longa Distância na validação da definitude, o que explicaria a possibilidade da sua posição baixa, estratégia que coexiste com uma Concordância local para explicar a outra posição, mais alta. No Romeno Moderno é razoável admitir que a definitude pode ser validada na posição pré-adjetival e que se tornou essencialmente num traço de concordância. Magni estuda construções genitivas em Latim e Inglês. O Latim dispõe de genitivos pré-nominais, sobretudo em expressões fixas (*reliquarum reliquias, divum deo*) e pós-nominais (*pater familias, pater deum*) e o Inglês também, embora a segunda possibilidade com a preposição *of* (*the other person's nose, the nose of the other person*). A ideia central é a de que nas duas línguas a flexibilidade e a competição entre as duas ordens significa uma especialização funcional e que a explicação para a coexistência de duas construções é, portanto, diacrónica. Van de Velde coloca a questão da universalidade de DP e propõe que em Neerlandês os adjetivos anafóricos do tipo *vermelde* (mencionado) estão cada vez mais a ser usados como determinantes na língua atual. Déprez analisa outro caso de mudança, a verificada nas palavras negativas em Francês: *personne* parece ter evoluído de nome (*une personne, une autre personne*) para determinante (*personne d'autre*), mas passando por um valor intermédio, quantificacional, presumivelmente a ocupar a posição intermédia (Num). Finalmente, no Francês moderno, *personne* ocupa D, ao mesmo tempo que adquire um valor negativo forte. Tanto Van de Velde como Déprez mostram, por isso, que os determinantes podem ter origem em categorias distintas. Também Perridon e Sleeman, na introdução, sustentam que o artigo nas línguas escandinavas era originalmente um demonstrativo pós-nominal.

A perspetiva comparativa assumida pelos organizadores e autores deste livro afigura-se, assim, crucial não só para o entendimento dos mecanismos de mudança e variação (inter e intra-linguística) mas também para a compreensão da natureza da faculdade de linguagem. Assinale-se que grande parte dos autores trabalha no quadro da Sintaxe Generativa, mas há também alguns que desenvolvem as suas análises num quadro

funcionalista-tipológico (Bobyleva, Magni) ou numa perspetiva variacionista (Van de Velde); Van de Velde, para o Neerlandês, e Déprez, para o francês, usam *corpora* diacrónicos. A análise é predominantemente sintática, mas também semântica (Stroh-Wollin) ou pragmática (Bobyleva, Lucas).

O livro é, em síntese, uma obra de leitura indispensável para todos aqueles que estão interessados na compreensão da estrutura das expressões nominais nas línguas românicas e germânicas numa perspetiva de variação e mudança.

REFERÊNCIAS

- Abney, S. 1987. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*, Ph. D. Diss., MIT.
- Borer, H. 2005. *Structuring sense*. Oxford: Oxford University Press.
- Giusti, G. 1993. *La sintassi dei determinanti*. Padova: Unipress.
- Hauser, M., Chomsky, N. & Fitch, W. T. 2002. The Language faculty: What is it, who has it, and how did it evolve? *Science*. 298: 1569-1579.
- Longobardi, G. 1994. Reference and proper names: a theory of N-movement in Syntax and in Logical Form. *Linguistic Inquiry*. 25 (4): 609-665.
- Ritter, E. 1991. Two functional categories in Noun Phrases: Evidence from Modern Hebrew. In: S. D. Rothstein (ed.) *Perspectives on Phrase Structure: Heads and Licensing*, San Diego: Academic, 37-62.

Minna VIHLA. *Medical Writing. Modality in Focus*,
Language and Computers: Studies in Practical Linguistics,
Amsterdão / Atlanta, GA: Editions Rodopi B. V. 1999.
vii + 170 pp.
ISBN: 90-420-0708-7

Maria da Graça L. Castro Pinto
mgraca@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Medical writing. Modality in focus realça a pertinência do estudo da escrita nas várias áreas profissionais e adverte para o facto de os que a usam deverem estar conscientes das suas características quando pretendem ser reconhecidos pelas respetivas comunidades profissionais. Sente-se, por parte da sua autora, Minna Vihla, uma preocupação particular com o ensino da escrita profissional/académica a falantes não-nativos do inglês, tida hoje como *língua franca* em ciência, se desejarem que os seus trabalhos sejam publicados. Essa preocupação educativa ocorre logo no primeiro parágrafo da *Introduction* e é retomada na *Conclusion* quando esta estudiosa adianta que o conhecimento das convenções textuais da escrita profissional “is a tool not only for the **beginning scholar** but for all using and producing disciplinary texts” (p. 138) (negrito meu).

A obra em análise não apresenta qualquer informação biográfica sobre Minna Vihla; todavia, à medida que se avança na sua leitura, torna-se notória a proximidade de quem a escreveu à escrita médica e não só numa perspetiva linguística. Ora ela é efetivamente médica conforme se pode ler em Siemund (2003: 82).¹

Medical writing. Modality in focus representa bem o testemunho de um profissional da medicina que sente que as produções textuais da sua área

¹ *Medical writing. Modality in focus* corresponde a uma versão revista da tese de doutoramento defendida por Vihla na Universidade de Helsínquia em 1998 (ver Siemund 2003: 83).

denotam as intenções dos seus autores, de acordo com os diferentes géneros e seguindo as convenções exigidas, e devem, apoiadas nomeadamente nas expressões modais que nelas figuram, suscitar o fim almejado nos leitores.

Autores como, por exemplo, Vázquez & Giner (2009) e Guimarães (2009) também estudam na escrita académica, embora em disciplinas distintas da medicina, a *modalidade*, mais concretamente os reforços (“boosters”) e os atenuadores/evasivas (“hedging”), designadamente em artigos científicos. O livro de Vihla distingue-se porém desses estudos por se refugiar num domínio com variados géneros que jogam diversamente com a *modalidade* consoante o público-alvo e por ser muito prático (Siemund 2003: 82).

A escolha da área disciplinar da medicina para este estudo é de saudar, porquanto a escrita médica vive muito da *modalidade* a diferentes níveis. Convirá contudo especificar o que a autora entende nesta obra por escrita médica. Num dos extremos dessa escrita, ela localiza o discurso científico e, no outro, os textos dirigidos ao público em geral. Entre os dois polos, situa os textos que se destinam a clínicos e a estudantes (Vihla 1999: 37-38). Dependendo dos destinatários e dos conteúdos a transmitir, variará naturalmente a *modalidade*.

No prefácio, quando Vihla refere a dificuldade que representa encontrar a melhor resposta à pergunta “«What can I answer to a patient who is afraid of having cancer?»” (Vihla 1999: vii) que lhe foi colocada por um colega, acompanhamos a sua sensibilidade relativamente ao uso adequado da *modalidade* neste tipo de situação e porventura também na vida corrente. Apesar de, conforme profere, as expressões modais já terem sido amplamente tratadas em linguística, o mesmo não se terá passado no discurso médico e nos seus vários géneros (Vihla 1999: 2). Perfilhando o pensamento desta estudiosa, teremos de admitir que as expressões modais merecem com efeito um estudo mais abrangente na medicina.

O tema principal desta obra é por conseguinte o estudo de alguns aspetos da *modalidade* na linguagem médica apoiado num *corpus* composto pelos géneros (textuais) a que a medicina nos habituou. O *corpus* em causa é o *Medicor*², composto por artigos científicos, editoriais, compêndios, manuais profissionais, guias de divulgação e artigos de divulgação (Vihla 1999: 3 e 37-38).

² Trata-se de um *corpus* constituído por textos médicos americanos com cerca de 400 000 palavras, mais precisamente 397 963 (Vihla 1999: 37).

Medical Writing. Modality in Focus começa com as listas das tabelas e figuras (pp. iv e v) e prossegue com as abreviaturas usadas (p. vi). Tem um prefácio (p. vii), a (1.) *Introduction* (p. 1-5), 14 capítulos (2 a 15) – que serão passados brevemente em revista após a sua identificação mediante os respetivos títulos e paginação – e a (16.) *Conclusion* (p. 136-138). Por fim, surgem as *References* (pp. 139- 151, os *Appendices* (N=3) (pp. 152-165), o *Index of authors* (pp. 166- 168) e o *Index of subjects* (pp. 169-170). Não obstante o número de capítulos (2 a 15) ser significativo e o volume só possuir 170 páginas, importa dizer que, apesar de não serem, no geral, muito longos, os capítulos são densos e comportam, sempre que exigido, figuras, tabelas e exemplos adequados de (expressões) modais.

Depois de a autora nos dar uma breve panorâmica da obra na *Introduction* (pp. 1-5), no capítulo 2. *Professional languages and genres* (pp. 6-16) justifica, baseada numa boa fundamentação bibliográfica, a necessidade de estudar as linguagens profissionais em função do contexto de uso e termina com a alusão ao “género” como sendo “a central notion in current analyses of professional languages” (Vihla 1999: 14). Para esta cientista, na sua obra, o “género” refere-se a uma classificação “based on text-external criteria” (ver, a este propósito, Vihla 1999: 14). Finaliza o capítulo anunciando que os mencionados géneros foram estudados por meio de métodos linguísticos que se baseiam num *corpus* e que, neste estudo, o discurso médico é visto como uma coleção de textos que representam variados géneros, desde artigos científicos a artigos de jornais e de revistas não dirigidos a leitores profissionais. A abordagem adotada é comparativa quanto aos géneros e, para tal, são comparados os géneros do *corpus* em causa entre si e com outros *corpora* através de uma análise quantitativa.

O capítulo 3. *Modality* (pp. 17-35) oferece um enquadramento teórico importante, já que a autora familiariza o leitor com diferentes expressões modais, destacando graus de modalidade que traduzem níveis de comprometimento (desde a impossibilidade à necessidade passando pela possibilidade) e tipos de modalidade (epistémico, dinâmico e deontico). Vihla foca a sua atenção sobretudo nos usos epistémico e deontico, relacionados respetivamente com a pesquisa e a prática, enquanto aspetos da medicina. Por fim, sublinhando o papel deste capítulo em termos do enquadramento teórico do estudo em análise, escreve esta investigadora: “The analytical distinctions presented in this chapter form the basis for the empirical part of

the work" (p. 35).

O capítulo 4. *Materials and methods* (pp. 36-45) integra os aspetos metodológicos. São descritos vários *corpora*; no entanto, o estudo de *corpus* que figura nesta obra centra-se nas diferenças entre grupos de textos que representam diversos géneros na área da medicina. O contexto de uso também deve ser convocado porque, segundo a autora, interessa observar de que forma as expressões modais "reflect the disciplinary context of language" (p. 37).³ Os géneros são classificados em diretivos, argumentativos e expositivos⁴ e são evocados dois aspetos de variação de registo: o genérico e o intratextual. A análise das expressões modais – divididas em expressões de possibilidade, de probabilidade/certeza e prescritivas – inclui uma parte não-semântica e uma parte semântica. As ferramentas estatísticas utilizadas na análise do material e as técnicas de procedimento seguidas são também divulgadas.

No capítulo 5. *Modals* (pp. 46-50), Vihla principia a exposição dos resultados quantitativos e aduz os modais mais frequentes em conformidade com os géneros.

Da sinopse do capítulo 6. *Expressions of possibility* (pp. 51-55), sobressai que as expressões de possibilidade e as expressões de possibilidade epistémicas são mais frequentes nos textos diretivos do *corpus*. Para a autora, "This suggests that directive medical texts aim at covering all possible situations the reader may encounter" (p. 55).

O capítulo 7. *Indicating a higher degree of commitment* (pp. 56-61) trata de um material mais argumentativo: as expressões de probabilidade e certeza são mais comuns nos editoriais e as expressões mais "experimentais" nos artigos científicos.

O capítulo 8. *Obligations and recommendations* (pp. 62-66) coloca-nos diante de expressões prescritivas, especialmente características dos textos profissionais diretivos. Não obstante a amostra ser reduzida, Vihla avança

³ O *Medicor* comporta 179 textos divididos em textos profissionais (artigos científicos e editoriais, amostras de compêndios e de manuais) e textos de divulgação (artigos de jornais e de revistas e amostras de guias). Só figuram textos contemporâneos americanos por causa da sua elevada divulgação, assinados por, pelo menos, um autor de língua inglesa pertencente a uma instituição americana para tornar o *corpus* representativo, no dizer de Vihla, de um "native-level English" (ver Vihla 1999: 38).

⁴ Exemplos de géneros diretivos: amostras de manuais e compêndios clínicos nos textos profissionais e amostras de guias nos de divulgação; exemplos de géneros argumentativos: artigos científicos e editoriais nos textos profissionais; exemplos de géneros expositivos: compêndios científicos nos textos profissionais e artigos de divulgação nos textos de divulgação (ver Vihla 1999: 40).

que o uso de expressões modais nos compêndios clínicos assemelha-se ao seu emprego nas amostras de manuais profissionais. Na escrita não-diretiva, as frequências desses modais são similares. Este capítulo vem documentado com exemplos de linguagem prescritiva e de (semi-)modais deonticos ocorrentes no *Medicor*.

O capítulo 9. *Intratextual variation* (pp. 67-72) visa mostrar a variação entre diferentes secções dos artigos científicos e dos artigos de divulgação e editoriais. Depois da análise que nos é oferecida, fazem todo o sentido as seguintes palavras de Vihla: “Unlike in research articles, significant intratextual variation was not observed in the editorial and popular articles of *Medicor*” (p. 72).

No capítulo 10. *Comparing corpora* (pp. 73-83), a autora compara o que se passa com o uso das expressões modais no *Medicor* e noutros corpora como, por exemplo, o *Lancaster*, o *Brown* e o *British National Corpus* e conclui que, embora os corpora difiram uns dos outros, os modais são utilizados de um modo particular em certos géneros de escrita médica, o que os distingue do que se passa no inglês “não-especializado”, que compreende vários domínios de uso da língua.

O capítulo 11. *Textual dimensions of medical genres* (pp. 84-88) aponta as elevadas frequências de modais típicos de uma escrita que implica envolvimento (por oposição a uma escrita informativa) nos textos médicos diretivos e para o uso de modais típicos de uma escrita persuasiva nos manuais profissionais, nos compêndios clínicos e, numa menor escala, nos editoriais. Explora em seguida o uso de pronomes e de conjunções nos diversos géneros.

O capítulo 12. *Pragmatic aspects of modality* (pp. 89-101) alerta para o estudo da linguagem tendo em conta o contexto de uso. São analisadas expressões modais utilizadas com o objetivo de indicar não comprometimento, fiabilidade e cortesia, funcionando como atenuadores (“hedges”) para mitigar as afirmações. Vihla anota ainda que os termos estatísticos também podem ser usados para aumentar a força argumentativa do texto. O capítulo encerra com uma análise qualitativa dos atenuadores num artigo científico, demonstrando o seu papel para lá do de outras expressões epistémicas já consideradas.

O capítulo 13. *Argumentation in medical texts* (pp. 102-118) evidencia a

relevância das expressões modais no discurso argumentativo. Vihla avança que os editoriais usam estratégias interpretativas e que os artigos científicos devem depender mais de estratégias experimentais em consonância com a sua estrutura textual. No fim do capítulo, é-nos facultada uma análise qualitativa de extratos de um artigo científico e de um editorial.

No capítulo 14. *Modality and the disciplinary context of medicine* (pp. 119-125), ressaltam três partes. Na primeira, os modais deonticos são examinados na qualidade de indicadores de normas profissionais. Na segunda parte, a autora apresenta os contextos científico e clínico e caracteriza a escrita de cada uma dessas vertentes. A terceira parte reporta-se ao que Vihla chama “socialization into the profession” (p. 124).⁵

O capítulo 15. *Medical genres* (pp. 126-135) exhibe uma hierarquia funcional dos géneros médicos e os seus diversos papéis na medicina. Ao género metatextual a que pertencem os editoriais, Vihla acrescenta dois novos géneros de escrita médica: as revisões sistemáticas e os resumos de artigos científicos ou revisões escritos por terceiros (“value-added abstracts”).⁶ O capítulo termina com uma secção intitulada “Medicalization” que diz respeito aos anúncios⁷ (um outro possível ‘género médico’ de acordo com Vihla 1999: 135) que se servem da linguagem médica para persuadir ou, com argumentação baseada em fontes, para assegurar autoridade.

Na (16.) *Conclusion* (pp. 136-138), Vihla sintetiza todo o percurso feito ao longo da obra realçando os aspetos científico e prático da medicina e o que implicam baseados nas expressões modais utilizadas. O aludido espírito pedagógico da autora encontra-se reforçado no seguinte excerto: “Awareness of linguistic features typical of a certain genre or register is one of the skills especially needed in the academic world where written language is the main form of distributing information” (Vihla 1999: 138).

Medical Writing. Modality in Focus, além de nos dar uma análise cuidadosa da *modalidade* na escrita médica, mostra o papel que a sua

⁵ Entendida pela autora como a familiarização do principiante com a experiência da comunidade científica por meio de compêndios científicos que usam as expressões modais numa escala que visa essencialmente uma função formativa profissional (Vihla 1999: 124-125).

⁶ Ver Vihla 1999: 129-130; relativamente aos modais presentes nos comentários dos “value-added abstracts”, consultar a Tabela 15, p. 131.

⁷ Os anúncios estão normalmente relacionados com produtos alimentares, habitações e tipos de vida (Vihla 1999: 132-135).

autora atribui às expressões modais na escrita académica⁸ e nas variadas linguagens específicas. A abordagem de Vihla contribui assim para olharmos a *modalidade* como uma variável que ajuda a reforçar a credibilidade que deve emanar dos textos científicos, para lá da que advém de um recurso rigoroso às fontes (ver Paradis 2006), as quais, tomando por base *Medical Writing. Modality in Focus*, podem ser enquadráveis na cortesia.

A tarefa empreendida por Vihla não foi fácil. A própria autora, embora se justifique, escreve: “It might be argued that the findings of the semantic analyses are biased because only one analyser was used in the present work.” (p. 43). Na verdade, só uma pessoa com muita familiaridade com textos médicos pode discriminar, em passagens menos transparentes, a *modalidade* que o autor de um texto quis conferir a uma certa expressão modal que possa abranger *modalidades* distintas. A formação de Vihla conferiu-lhe porém a capacidade para desvelar o que um leitor menos preparado pode achar opaco.

A densidade de *Medical writing. Modality in focus* compensa a sua (menor) extensão, seja global, seja de cada capítulo. Não interferindo tal facto na qualidade da obra, penso que esta teria beneficiado se Minna Vilha tivesse optado por agrupar em partes os 14 capítulos que a integram obedecendo aos seus conteúdos.⁹

A análise, com base no *Medicor*, da disposição da *modalidade* nos diferentes géneros e no interior de cada género na escrita médica foi muito bem conseguida em *Medical writing. Modality in focus*, fazendo com que esta obra se destine, em minha opinião, a um público especializado não restrito, quer porque o seu conteúdo interessa a linguistas que trabalhem com *corpora*, com a análise de discurso, com a semântica, particularmente no que concerne aos modais, ou com a escrita e suas implicações, quer porque encerra ensinamentos inestimáveis sobre a escrita médica para os (futuros) profissionais da área da medicina.

Enquanto linguista e ex-colaboradora de um laboratório de estudos da linguagem num hospital da cidade do Porto, só posso recomendar a leitura

⁸ Sobre o ensino da leitura académica, ver Figueiredo-Silva (2001).

⁹ Excluindo a *Introduction* e a *Conclusion*, os restantes 14 capítulos da obra (2 a 15) poderiam dividir-se em três partes. A primeira encerraria o enquadramento teórico e iria até ao capítulo 5. A segunda parte seria dedicada à análise quantitativa dos resultados (capítulos 6 a 11). A terceira parte daria respeito a uma análise mais de ordem qualitativa e integraria os capítulos 12, 13, 14 e 15.

de *Medical writing. Modality in focus.*

REFERÊNCIAS

- Figueiredo-Silva, M. I. R. de 2001. Teaching academic reading: some initial findings from a session on hedging. *Proceedings of the Postgraduate Conference 2001 – Department of Theoretical and Applied Linguistics*. The University of Edinburgh, 1-13. Disponível em: <http://www.lel.ed.ac.uk/~pgc/archive/2001/Isabel-Figueiredo-Silva01.pdf>, acessado em 9 de junho de 2012.
- Guimarães, M. S. de A. 2009. *Escrita acadêmica e avaliação: o uso de reforços e atenuadores em artigos científicos publicados em inglês por pesquisadores brasileiros*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Tese para a obtenção do Título de Doutor em Linguística Aplicada. Disponível em: [http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/401ea73efc01934f83256c13006ab709/8d420fab0ff73376832579df0057a750/\\$FILE/MONICA_SOARES_DE_ARAUJO](http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/401ea73efc01934f83256c13006ab709/8d420fab0ff73376832579df0057a750/$FILE/MONICA_SOARES_DE_ARAUJO), acessado em 2 de junho de 2012.
- Paradis, M. 2006. More *belles infidèles* – or why do so many bilingual studies speak with forked tongue? *Journal of Neurolinguistics* 19 (3): 195-208.
- Siemund, R. 2003. Minna Vihla. *Medical writing. Modality in focus* (Language and Computers: Studies in Practical Linguistics 28). Amsterdam – Atlanta, GA.: Rodopi, 1999, xii + 170 pp. ISBN 90-420-0708-7. *ICAME Journal* 27: 82-89. Disponível em: <http://icame.uib.no/ij27/review7.pdf>, acessado em 9 de junho de 2012.
- Vázquez, I. & Giner, D. 2009. Writing with conviction: the use of boosters in modelling persuasion in academic discourses. *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*. 22: 219-237. Disponível em http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/13822/1/RAEI_22_14.pdf, acessado em 9 de junho de 2012.

Varia

Recordando Rosa Virgínia Mattos e Silva

Foi com profunda tristeza que o Centro de Linguística da Universidade do Porto recebeu a notícia do falecimento, a 16 de Julho de 2012, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, professora jubilada, desde 2009, da Universidade da Bahia e ilustre linguista brasileira.

Rosa Virgínia Mattos e Silva era graduada em Línguas Anglo-Germânicas pela Universidade Federal da Bahia (1961). Como Mestrado em Letras realizou, na Universidade de Brasília, em 1965, a edição crítica da *Vida de São Bento*, que constitui o segundo dos quatro livros dos *Diálogos de São Gregório*. Esse contacto de anos com o português anterior ao século XV continuou, acabando por fazer a edição crítica dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* como Doutoramento em Linguística, defendida na Universidade de S. Paulo, em 1971. A partir de 1973 foi docente na Universidade Federal da Bahia ao nível da graduação e a partir de 1976 ao nível da Pós-Graduação, tendo ajudado a formar dezenas de linguistas em Linguística Histórica, História da Língua Portuguesa, História do Português Brasileiro, Português Arcaico e Ensino da Língua Portuguesa.

Mais tarde realizou um Pós-Doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1981 e desse trabalho acabou por resultar o livro que mais a projetou no Brasil e em Portugal, *Estruturas Trecentistas, Elementos para uma gramática do Português Arcaico*, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 1984. Para além dessa obra de referência, foi autora de 16 livros (seus ou organizados por si) e cerca de 70 trabalhos (artigos em revistas, capítulos de livros, textos em atas de congressos). Mais recentemente participou em dois projetos, o PROHPOR, Programa para a história da língua portuguesa, e PHPB, Projeto para a História do Português Brasileiro, este último dirigido por Ataliba Teixeira de Castilho.

Rosa Virgínia esteve no Porto por diversas ocasiões, tendo participado no colóquio internacional *Change and variation in Romance*, que se realizou na FLUP, de 13 a 15 de Dezembro de 2007. A sua conferência “Teorias da mudança e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s)” foi publicada no volume 3 desta Revista.

Nos seus trabalhos as questões metodológicas e teóricas da Linguística Histórica estiveram sempre presentes, defendendo que “uma gramática que pretende estabelecer as regras de organização de enunciados de uma sincronia passada da língua deve partir da análise indutiva da documentação em causa para daí apresentar uma descrição organizada dos factos linguísticos” (1984: 44). Essa “gramática descritiva (...) fornecerá elementos para trabalhos de outra natureza; entre eles destacamos os trabalhos de especulação teórica sobre mudanças linguísticas ocorridas no português quer sejam de orientação estruturalista, gerativista, “tradicional” ou outras.” (idem: p. 44). Estas palavras, escritas em 1984, marcarão a sua visão até final, caracterizada por um ecletismo teórico que lhe permitiu colaborar com linguistas de diferentes formações. A abertura a diversas abordagens esteve sempre ligada à convicção de que a história das línguas é algo muito complexo, que só o cruzamento de várias áreas científicas poderá explicar. Escreve na referida conferência (2008: 51): “Se a mudança das línguas no seu tempo histórico é um fenómeno complexo, uma única teoria não poderá dar conta de todas as mudanças ocorridas.”

Para além dos seus livros e do seu muito saber queremos também aqui recordar a simpatia e a extrema bondade, que marcaram todos os que com ela conviveram.

Ana Maria Brito e Clara Barros

Instructions to authors

Editorial policy

Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto accepts papers on any linguistic topic. Papers from either fundamental or applied research will equally be considered for publication, no matter the theoretical background of the submitted studies.

Submission and acceptance

Prospective authors are encouraged to submit manuscripts within the scope of *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. Submitted papers must be previously unpublished – though revised versions or translations of previously published texts can be exceptionally admitted as candidates for publication – and must not be under consideration for publication elsewhere.

All submissions are transmitted to at least two anonymous referees.

For initial submission an email copy should be sent to the Editor, without any authors' identification, accompanied by a separate title page, giving each author's name, affiliation, address (to which proofs and editorial correspondence can be sent), phone, fax and e-mail address. For co-authored papers, first author's contacts will be used in further correspondence.

After a paper is accepted for publication, authors must present a final version as specified below and in full accordance with the instructions provided by this style sheet.

Word processors and other software: MS Word for Windows (DOC, DOCX or RTF file). For papers with specific symbols or figures (phonetic transcription, OT tableaux, syntax trees a.s.o.), a PDF version (in addition to a DOC or RTF version) is required. Moreover, clear indication of the used software must be given to the Editor. For phonetic transcription, please use the IPA-samd Uclphon1 SILDoulos font.

Style

Final versions of accepted papers will observe the following specifications. The Editor reserves the right to return the manuscript to the authors for any corrections when these norms are not respected.

As the style specifications globally corresponds to the MIT Press style sheet, for further information please consult <http://mitpress.mit.edu/journals/LING/li-style.pdf>.

Length

Articles: The preferred length of articles is 20 A4 pages approximately, Times New Roman 12 points, double spacing, 2.5 cm margins on all sides. Full-length articles should deal with original topics or research.

Research notes: The preferred length of research notes is 8 A4 pages approximately, Times New Roman 12 points, double spacing, 2.5 cm margins on all sides. Research notes could include brief accounts of research or report important work in advance of a more comprehensive paper.

Book/Software/Webpage reviews: The preferred length of reviews is 4 A4 pages approximately, Times New Roman 12 points, double spacing, 2.5 cm margins on all sides. Reviews will normally be commissioned by the Editor; nevertheless, offers to review recent books, software or webpages are welcomed. Please get in touch with the Editor if you wish to publish a review. Each book review should specify full bibliographic details of the reviewed book (title, author(s)/editor(s), place and year of publication, publisher, number of pages, edition, hardback/paperback, ISBN). Software reviews should specify full authorial and technical details (commercial designation, authors, copyright owner, version number, required computer operating system). Webpage reviews should give all necessary details regarding the web host, page creators, http address and date of retrieval.

Languages

Papers must be written in English, Portuguese or any widespread language. Contributions in English may use either British or American spelling, provided it is used consistently. Do not hyphenate English words. Contributions in Portuguese may use either Portuguese or Brazilian spelling, provided it is used consistently.

Layout

Margins: 2.5 cm on all sides. Use A4 format for the printed copies.

Font: Times New Roman, 12 pt. For long quotations and captions: 11 pt (see below).

Line-spacing: Double-spacing, except for abstracts and key-words, tables and figures, long quotations and reference list (where single-spacing should be used).

Page numbers: Page numbers at page bottom, centred.

Phonetic symbols: For phonetic transcription, please use the IPA-samd Uclphon1 SILDoulos font.

Title, authors' identification, abstract and key-words:

- ✓ Top of first page: Title of the paper. Times New Roman, 18 pt, bold, centred, normal capitalisation.
- ✓ Empty line (18 pt)
- ✓ Author(s)' name(s) (name(s) and surname(s)). Times New Roman, 16 pt, regular, centred, normal capitalisation. One author per line. Together with each name, in a separate line underneath the author's name, give an e-mail address (Times New Roman, 12 pt, regular, centred). In the following line, indicate author's affiliation (institution, country, with the country's name in brackets). Times New Roman, 14 pt, italics, centred, normal capitalisation.
- ✓ Empty line (14 pt)
- ✓ Abstract in English (if original language different from English). Times New Roman, 11 pt, regular, justified. Up to 500 words approximately. Heading (11 pt, first line of the abstract text): ABSTRACT.
- ✓ Empty line (11 pt)
- ✓ Key-words in English (if original language different from English). Times New Roman, 11 pt, regular, justified. Up to 6 key-words in the paper's language. Heading (11 pt, first line of the abstract text): KEY-WORDS.
- ✓ Abstract in the paper's language. Times New Roman, 11 pt, regular, justified. Up to 500 words approximately. Heading (11 pt, first line of the abstract text): Empty line (11 pt)
- ✓ Key-words. Times New Roman, 11 pt, regular, justified. Up to 6 key-words in the paper's language. Heading (11 pt, first line of the abstract text).

- ✓ Empty line (11 pt)
- ✓ 2 empty lines (12 pt)
- ✓ Text

Notes and acknowledgements: Footnotes in the text should be identified by superscript numbers and listed consecutively at each page bottom. Acknowledgements should be made in a first note, marked with an asterisk (this note should be introduced immediately after the title's last word).

Section headings: All sections and subsections should have a heading. Section headings should be numbered as in the following:

1. Section title
- 1.1 Subsection title level 1
- 1.1.1 Subsection title level 2

Examples, tables, figures, etc.: Examples, tables and figures should be inserted in the text and numbered consecutively with Arabic numerals. Each table and figure should have a title, at its top (Times New Roman, 12 pt, single-spacing, left-aligned) according to the following examples.

TABLE 1 – Title of table

FIGURE 1 – Title of figure.

Captions must occur at the figure or table bottom: Times New Roman, 11 pt, single-spacing.

In the full printed version and in the electronic copy, tables and figures must be included in their intended locations. On separate sheets and separate files (DOC/RTF and PDF), additional copies of tables and figures should be provided (1 figure or table per A4 page). These additional versions may fit camera-ready quality (clear black print, laser or high quality ink-jet printer). Their lettering should be large enough to be legible after reduction. Only black and white tables and figures can be accepted for final publication.

Italicisation: Do not underline examples or emphasised terms; these should be italicised. Bold type or small capitals can also be used.

Examples: All examples included in paragraphs should be given in italics (except when representing phrase/sentence structure).

Numbering of examples: examples which are not included in the text of a paragraph should be numbered, with the number placed in parentheses. Tabs (not spaces) should be used to align the examples. Sets of related items

may be listed together, and numbered with lowercase letters, as in the example below:

- (1) a. a slice of bread, a glass of water
 b. a pile of books, a row of houses
- (2) strawberry, raspberry, blueberry

Examples should be numbered consecutively throughout the whole text. List numbering may be used automatically. This allows adding and updating cross-references to examples. To enable it, choose Format > Bullets and Numbering > Numbered, or right-click and choose Bullets and Numbering > Numbered.

The preceding and the following text should be separated from the example(s) by one blank line.

References to numbered examples should take the following form: “as in (1b) and (2)”.

If the paper includes examples from a language that does not coincide with the one of the paper, glosses and translations must be given in the language of the paper; use SMALL CAPITALS to gloss a grammatical category or grammatical category morpheme in a linguistic example, like in the following:

- (1) Paolo li ha già letti.
 Paolo them (MASC.PL) has already read (MASC.PL)
 ‘Paolo has already read them.’
- (2) Kodomo ga 3-nin waratta.
 kids NOM 3-CL laughed
 ‘Three kids laughed.’

Quotations: Short quotations are included in the text, enclosed in quotation marks (Times New Roman, 12 pt). Longer quotations should begin a new line and be indented, in Times New Roman, 11 pt, single space, without any quotation marks. After each long quotation, its source must be indicated (right-aligned, Times New Roman, 11 pt, single-space), following the bibliographical references style (see below). Inside a quotation, a suppression of any original passage should be marked with [...].

Experimental data: Authors should supply sufficient information to enable replication of investigations. Statistical results must be clearly

indicated, following the norms of the American Psychological Association. Give subjects' chronological ages in years, years:months or years:months.days (when appropriate).

References in the text: Reference in the text should be to author's name and date. When appropriate, indicate relevant chapter/section or, preferably, page numbers (see following examples).

According to Kuhn (1962: 44), ...

The links between emotion, language and behaviour are taken into consideration by several authors (e. g.: Cross, Blake, Turnbridge & Gill 2001: 228 ff.).

For co-authored papers, include '&' before the last author's surname (see example above). For papers with three or more co-authors, indicate all co-authors' names in the first mention; thereafter, indicate first author's name, '*et al.*' (italicised) and date of reference:

Cross *et al.* 2001

All personal communications should be identified as 'p.c.' after the source name and given a date (if possible) (e. g.: Matthews p.c. 2004).

List of references

References should be listed alphabetically by author at the end of the article. Please type REFERENCES (Times New Roman, 12 pt, bold, small capitals, left-aligned) before the first reference. An empty line (12 pt) should be kept immediately above and underneath this heading. All references in Times New Roman 12 pt, single-spacing, indented, as in the following examples. For references with more than one author, use a comma; and '&' to separate the last co-authors' name; or *et al.* (for three or above three authors) in the reference list.

Use the references style proposed at:

<http://mitpress.mit.edu/journals/LING/li-style.pdf>

Here there are some examples: - Books:

Kuhn, T. 1962. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press.

- Papers in journals:

Jusczyk, P. W., Goodman, M. B. & Baumann, A. 1999. Nine-Month-Olds' Attention to Sound Similarities in Syllables. *Journal of Memory and Language*. 40(1): 62-82.

- Chapters in books:

Goodluck, H. 1986. Language acquisition and linguistic theory. In: P. Fletcher; M. Garman (Eds.). *Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 49-68.

Do not include the edited volume as a separate entry of the reference list, unless it is explicitly referred to as such in the text. In this latter case, proceed as follows:

Fletcher, P. & Garman, M. (Eds.). 1986. *Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Documents retrieved from the Internet:

Zeichner, K. M. 1983. Alternative paradigms of teacher education. *Journal of Teacher Education*. 34 (3): 3-13. Retrieved January 25, 1996, from the World Wide Web: <http://www.apa.org/journals/zeichner.html>.

For documents not available as printed publications:

Skehan, P. 2002. *Individual differences in second and foreign language learning*. Retrieved April 19, 2005, from the World Wide Web: <http://www.lang.ltsn.ac.uk/resources/goodpractice.aspx?resourceid=91>.

- Unpublished material and other sources:

Give as many details as you can. For unpublished manuscripts or mimeographs, consider them as books and indicate 'ms' instead of publisher's identification. For submitted or forthcoming papers, treat them as papers and supply information such as 'forthcoming', 'in press' or 'in preparation'.

Appendices

When absolutely essential, a final section of appendices can be included after the reference list. This section may contain experimental items,

corpora or iconic materials relevant for the illustration of the authors' points of view or for the demonstration of experimental results. Appendices are ordered consecutively with capital letters (Appendix A, B, C...). The Editor reserves the right to judge any appendix irrelevant and therefore to suggest its suppression from the final publication. The inclusion of a section of appendices should be regarded as exceptional.

Proofreading

Once a paper is reformulated on the basis of the referees' suggestions and its final version is accepted, no substantial modifications will be allowed. Normally, all proofreading will be carried out by the Editorial Committee. Nonetheless, the Editor can ask the author to review a set of page proofs. No alterations other than of printer's errors will be admitted at this stage.

LINGUÍSTICA

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Artigos

Copular alternation in Spanish and Catalan attributive sentences, *Juan Maria Brucart*

As segmentações não convencionais da escrita inicial: um estudo sobre o troqueu silábico e sua relação com o ritmo linguístico do PB e do PE, *Ana Paula Nobre da Cunha*

Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu, *Fátima Oliveira, António Leal*

Saramaccan, A very mixed language: Systematicity in the distribution of function words?, *Norval Smith*

Apuntes para un análisis etnográfico, crítico y multimodal: sobre algunos géneros discursivos de presentación y oferta, *Lluís Payrató*

"Vou buscar ali, ali acima!" A multimodalidade da deixis no português europeu, *Isabel Galhano*

Everybody knows English? Language use in the world of learning, *Krista Varantola*

Code switching in student-student interaction: functions and reasons!, *Rita Amorim*

Recensões

P. Backley: *An Introduction to Element Theory*, *João Veloso*

K. D. Harrison: *When Languages Die: The Extinction of the World's Languages and the erosion of Human Knowledge*, *Joaquim Barbosa*

B. D. Samuels: *Phonological Architecture: A Biolinguistic Approach*, *Pedro Martins*

P. Sleeman & H. Perridon (Eds.): *The Noun Phrase in Romance and Germanic. Structure, variation and change*, *Ana Maria Brito*

M. Vihla: *Medical Writing. Modality in Focus*, *Maria da Graça Lisboa Castro Pinto*

Varia

Recordando Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Ana Maria Brito e Clara Barros*

VOLUME 7

ANO 2012